

JAMES PATTERSON



UM DESAFIO PARA

CROSS

Tru



James Patterson

UM DESAFIO PARA CROSS

Tradução de ALEXANDRE M. ARTINS

CONTRERA  BROTHERS
2012

JAMES PATTERSON

UM DESAFIO PARA CROSS

Tradução de ALEXANDRE MARTINS

Título original CROSS

Copyright (c) 2006 by James Patterson

Primeira publicação pela Little, Brown Co., Nova York, NY. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico.

Inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Linda Michaels Limited, International Literary Agents.

Os personagens e acontecimentos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência, sem a intenção do autor de fazer alguma alusão.

Printed in Brazil Impresso no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P597d Patterson, James

Um desafio para Cross/tradução de Alexandre Martins;

- Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Cross ISBN: 978-85-325-2397-6

1. Ficção norte-americana. I. Martins, Alexandre. II. Título.

08-4445

CDD-813 CDU-821.111(73)-3

FORMATAÇÃO EPUB



Alex Cross conheceu muitos vilões.

Agora, no entanto, enfrenta um psicopata que parece superá-los.

Está em suas mãos acabar com esse criminoso, provável assassino de sua mulher.

Uma oportunidade de fazer justiça? Ou uma entrega total às suas próprias obsessões?

Alex Cross estava em franca ascensão no departamento de polícia de Washington D.C. quando um atirador desconhecido atinge mortalmente Maria, sua esposa, diante dele. O desejo de vingança de Cross é arrefecido por um enorme desafio que lhe é imediatamente imposto: criar os filhos, sem a presença da mãe.

Anos mais tarde, Cross resolve fazer uma mudança radical em sua vida e abandona o FBI para retomar suas atividades como psicólogo, em uma clínica particular. Sua vida familiar ao lado de Nana Mama (a avó que o acompanha desde que ficou órfão) e dos filhos Damon, Jannie e o pequeno Alex parece, então, assumir um ritmo harmonioso que lhe permite até pensar em um novo amor.

O passado, no entanto, insiste em persegui-lo quando seu ex-parceiro John Sampson lhe pede ajuda numa investigação em que o criminoso é um cruel estuprador, cujo modus operandi inclui ameaçar as vítimas com fotos assustadoras. No momento em que este caso revela uma conexão com a morte de Maria, Cross se vê diante da possibilidade de capturar o assassino de sua mulher e, depois de tantos anos de intenso sofrimento, iniciar a viagem mais aterradora de sua vida.

Dedicado à Palm Beach Day School;
Shirley e diretor Jack Thompson

PRÓLOGO

QUAL O SEU NOME, SENHOR?

THOMPSON: Eu sou o Thompson, do Berkshires Medical Center. Quantos tiros você ouviu?

CROSS: Múltiplos disparos.

THOMPSON: Qual o seu nome, senhor?

CROSS: Alex Cross.

THOMPSON: Você está com dificuldade para respirar? Sente alguma dor?

CROSS: Dor no abdômen. Sinto líquido escorrendo. Respiração curta.

THOMPSON: Sabe que foi atingido?

CROSS: Sim. Duas vezes. Ele está morto? O Açougueiro? Michael Sullivan?

THOMPSON: Não sei. Vários homens estão mortos. Certo, pessoal, me dêem uma máscara. Dois tubos intravenosos largos. Dois litros de soro. Agora! Vamos tentar removê-lo, levá-lo para um hospital imediatamente, Cross. Tente agüentar. Ainda consegue me ouvir? Está consciente?

CROSS: Meus filhos... Diga a eles que os amo.

NINGUÉM NUNCA O AMARÁ COMO EU-1993

1

— ESTOU GRÁVIDA, ALEX.

Tudo naquela noite ainda está muito claro para mim. Continua claro, após esse tempo todo, todos esses anos que se passaram, tudo o que aconteceu, os assassinatos horríveis, os homicídios solucionados e algumas vezes não.

Permaneci de pé na penumbra do quarto com os braços enlaçando suavemente a cintura de Maria, o queixo pousado em seu ombro. Eu tinha 31 anos na época, e nunca tinha sido mais feliz em nenhum momento da vida.

Nada chegava nem perto do que tínhamos juntos, Maria, Damon, Jannie e eu.

Era outono de 1993, o que hoje me parece um milhão de anos atrás.

Também eram mais de duas da manhã, e nosso bebê Jannie estava com uma terrível difteria. A pobre garotinha tinha passado em claro a maior parte da noite, a maioria a das últimas noites, a maioria de sua curta vida. Maria estava embalando Jannie nos braços gentilmente, cantarolando "You Are Só Beautiful", e eu estava com os braços em torno de Maria, embalando-a.

Eu tinha sido o primeiro a levantar, mas não consegui fazer Jannie voltar a dormir, por mais que me esforçasse. Maria tinha se levantado e pegado o bebê depois de mais ou menos uma hora. Ambos tínhamos de trabalhar de manhã cedo. Eu estava com um caso de homicídio.

— Você está grávida? — perguntei junto ao ombro de Maria.

— Hora errada, não é, Alex? Você consegue ver muito mais difteria no futuro? Chupetas? Mais fraldas sujas? Noites como esta?

— Eu não gosto muito desta parte. Estar de pé tarde, ou cedo, seja lá o que for. Mas eu adoro nossa vida, Maria. E eu adoro saber que teremos outro filho.

Eu me abracei a Maria e acionei a música no mobile que balançava acima do berço de Janelle. Nós dançamos juntinhos ao som de "Someone To Watch Over Me".

Ela então me deu aquele seu sorriso meio envergonhado, meio palhaço, aquele pelo qual eu tinha me apaixonado, talvez na primeira noite em que a vi. Nós nos conhecemos no pronto-socorro do St. Anthony, durante uma emergência. Maria tinha levado um bandidinho, um cliente dela, baleado. Ela era uma assistente social dedicada, e estava sendo protetora, especialmente, já que eu era um maldito detetive de homicídios e ela não exatamente confiava na polícia. Eu também não.

Eu apertei Maria um pouco mais.

— Estou feliz. Você sabe disso. Fico contente que esteja grávida. Vamos comemorar. vou pegar champanhe.

— Você gosta de ser o papaizão, hein?

— Gosto. Não sei exatamente por quê. Apenas gosto.

— Você gosta de bebês chorando no meio da noite?

— Isso também vai passar. Não é verdade Janelle? Menininha, estou falando com você.

Maria desviou a cabeça do bebê que uivava e me beijou docemente nos lábios. Sua boca era macia, sempre convidativa, sempre sensual. Eu adorava seus beijos, a qualquer momento, em qualquer lugar.

Ela finalmente escapuliu dos meus braços.

— Volte para cama, Alex. Não há por que ambos estarmos de pé. Durma um pouco por mim também.

Só então eu percebi uma outra coisa no quarto, e comecei a rir, sem conseguir me controlar.

— O que é tão engraçado? — perguntou Maria, sorrindo.

Eu apontei, e ela também viu. Três maçãs — cada uma delas com uma única mordida, como que de criança. As maçãs estavam encaixadas nas pernas de três brinquedos de pelúcia, dinossauros Barney de cores diferentes. A brincadeira de Damon se revelara. Nosso garotinho tinha passado algum tempo no quarto da irmã Jannie.

Enquanto eu me encaminhava para a porta, Maria novamente deu aquele seu sorriso maroto. E piscou. Ela murmurou, e eu nunca esquecerei o que ela disse:

— Eu o amo, Alex. Ninguém nunca o amará como eu.

2

A 65 QUILÔMETROS AO NORTE de Washington, em Baltimore, dois pistoleiros superconfiantes, de vinte e tantos anos e cabelos compridos, ignoraram o cartaz de SÓ PARA SÓCIOS e caminharam, displicentes, para dentro do St. Francis Social Club na South High Street, perto do porto. Os dois homens estavam fortemente armados e sorrindo como uma dupla de comediantes.

Havia 27 capi e soldados no salão do clube naquela noite, jogando cartas, bebendo grappa e café expresso, assistindo na TV à derrota dos Bullets para os Knicks. De repente, o salão ficou em silêncio e tenso.

Ninguém entrava assim no St. Francis of Assisi, especialmente sem ser convidado, e armado.

Um dos invasores que estava na passagem, um homem chamado Michael Sullivan, cumprimentou o grupo calmamente. Er a uma merda engraçada, pensava Sullivan consigo mesmo.

Todos aqueles tipos durões sentados mascando fumo. Seu companheiro, ou compare, Jimmy "Hats" Galati, olhou ao redor do salão por sob a aba de um chapéu de feltro preto surrado, como aquele usado por Squiggy no seriado Laverne ó" Shirley. O clube social era bastante típico — cadeiras retas, mesas de carteado, um bar improvisado, guinéus se projetando do revestimento de madeira.

— Não há um comitê de recepção para nós? Bandas de música?

— perguntou Sullivan, que adorava qualquer tipo de confronto, verbal ou físico. Sempre fora ele e Jimmy Hats contra todo o resto, desde que eles tinham quinze anos de idade e fugiram de suas casas no Brooklyn.

— Quem afinal são vocês? — perguntou um soldado que se ergueu como vapor de uma das mesas bambas de carteado. Ele tinha, talvez, um e oitenta e cinco, cabelo retinto e pesava uns 100 quilos, obviamente conseguidos levantando pesos.

— Ele é o Açougueiro de Sligo. Já ouviu falar dele? — perguntou Jimmy Hats. — Somos de Nova York. Já ouviu falar de Nova York?

3

O SOLDADO DA MÁFIA MAROMBEIRO não reagiu, mas um homem mais velho vestindo terno preto e camisa branca abotoada até o

colarinho levantou a mão, como o papa ou algo assim, e falou lenta e cuidadosamente em um inglês com forte sotaque.

— A que devemos a honra? — perguntou ele. — Claro que ouvimos falar do Açougueiro. O que você está fazendo aqui em Baltimore? O que podemos fazer por você?

— Estamos apenas de passagem — disse Michael Sullivan ao velho. — vou fazer um servicinho para o Maggione, em Washington. Os cavalheiros ouviram falar no Maggione?

Cabeças anuíram por todo o salão. O tom da conversa até aquele momento indicava que aquele definitivamente era um negócio sério. Dominic Maggione controlava a Família em Nova York, que dominava a maior parte da costa Leste, pelo menos até Atlanta.

Todos na sala sabiam quem era Dominic Maggione e que o Açougueiro era seu assassino mais frio. Acreditava-se que ele usava facas de açougueiro, bisturis e martelos em suas vítimas. Um 16

repórter do Newsday dissera de um de seus assassinatos: "Nenhum ser humano poderia ter feito isso." O Açougueiro era temido na máfia e na polícia. Assim, era uma surpresa para as pessoas naquela sala que aquele assassino fosse tão jovem e que parecesse um ator de cinema, com o cabelo louro comprido e olhos azuis brilhantes.

— Então, onde está o respeito? Eu ouço muito essa palavra, mas não vejo nenhum neste clube — disse Jimmy Hats, que, como o Açougueiro, era famoso por amputar mãos e pés.

O soldado que tinha se levantado de repente se mexeu, e o braço do Açougueiro disparou para frente em grande velocidade. Ele arrancou a ponta do nariz do homem, depois o lóbulo de uma orelha. O soldado colocou as mãos no rosto nos dois pontos e recuou tão rapidamente que perdeu o equilíbrio e caiu no piso de tábuas.

O Açougueiro era rápido e, obviamente, tão bom com uma faca quanto se dizia. Ele era como os antigos assassinos da Sicília, e tinha sido assim que aprendera sobre facas, com um dos velhos soldados do sul do Brooklyn. Amputação e quebra de ossos eram práticas fáceis para ele. Ele as considerava sua marca registrada, símbolos de sua frieza.

Jimmy Hats apontava uma arma, uma semi-automática calibre .45. Hats também era conhecido como "Jimmy, o Protetor", e ele cuidava da retaguarda do Açougueiro. Sempre.

Então Michael Sullivan caminhou lentamente pela sala. Ele chutou duas mesas de carteador, desligou a TV e tirou da tomada a máquina de café. Todos suspeitavam que alguém fosse morrer. Mas quem? Por que Dominic Maggione tinha soltado aquele louco em cima deles?

— Vejo que alguns de vocês estão esperando um pequeno espetáculo — disse ele. — Vejo nos seus olhos. Eu sinto o cheiro. Bem, maldição, eu não quero desapontar ninguém.

De repente, Sullivan se ajoelhou em uma das pernas e esfaqueou o soldado da máfia ferido que estava caído no chão. Ele acertou o homem na garganta, depois no rosto e no peito, até o corpo parar de se mover. Era difícil contar os golpes, mas deveria ter sido uma dúzia, provavelmente mais.

Então, aconteceu algo muito estranho. Sullivan se levantou e fez uma reverência acima do corpo do homem morto. Como se, para ele, aquilo fosse apenas um grande espetáculo, em um único ato.

Finalmente, o Açougueiro deu as costas para a sala e caminhou despreocupadamente na direção da porta. Sem temer nada nem ninguém. Ele falou por sobre o ombro:

— Prazer em conhecê-los, cavalheiros. Da próxima vez, demonstrem algum respeito. Pelo Maggione, se não por mim mesmo e pelo Jimmy Hats.

Jimmy Hats sorriu para a sala e cumprimentou com seu chapéu.

— E, ele é bom mesmo — disse. — Sabem, ele é ainda melhor com uma serra elétrica.

4

O AÇOUGUEIRO E JIMMY HATS RIRAM a valer da visita ao St. Francis of Assisi Social Club durante a maior parte da viagem pela interestadual 95 até Washington, onde tinham um trabalho difícil a fazer em um dia ou dois. O Maggione tinha ordenado que eles parassem em Baltimore e causassem uma impressão. O chefão suspeitava que dois dos capi locais o estavam passando para trás. O Açougueiro achava que tinha feito seu trabalho.

Aquilo fazia parte de sua reputação crescente: não apenas que ele fosse bom em matar, mas que era confiável como um ataque cardíaco em um homem gordo comendo ovos com bacon.

Eles estavam entrando em Washington pelo roteiro turístico que passava pelo monumento a Washington e outros importantes prédios sofisticados.

— My country 'tis ofV— cantou Jimmy Hats com uma voz inteiramente desafinada.

Sullivan deu uma gargalhada.

— Você é demais, James, meu garoto. Onde foi que aprendeu isso? My country 'tis of?

— Na escola paroquial de St. Patrick, Brooklyn, Nova York, onde aprendi tudo o que sei sobre ler, escrever e contar, e onde conheci esse desgraçado maluco chamado Michael Sean Sullivan.

Vinte minutos depois eles estacionaram o Grand Am e se juntaram ao desfile de jovens tarde da noite pela M Street em Georgetown. Bandos de punks de faculdade entediados, além dele e de Jimmy, uma dupla de brilhantes assassinos profissionais, pensou Sullivan. Quem estava se saindo melhor na vida? Quem estava se dando bem, e quem não estava?

— Já pensou que poderia ter ido para a universidade? — perguntou Hats.

— Não poderia perder a fonte de renda. Aos dezoito, eu já estava ganhando 75 mil. Além disso, eu adoro meu trabalho!

Eles pararam no Charlie Malone, um ponto de encontro local que era popular entre os universitários de Washington por alguma razão que Sullivan não conseguia descobrir.

Nem o Açougueiro nem Jimmy Hats tinham passado do nível médio mas, dentro do bar, Sullivan logo começou a bater papo com duas estudantes, que não tinham mais de vinte anos, provavelmente menos que isso. Sullivan leu muito, e se lembrava da maior parte, portanto podia conversar com praticamente qualquer um. Naquela noite seu repertório incluiu as mortes recentes de soldados americanos na Somália, dois grandes lançamentos do cinema e até mesmo um pouco de poesia romântica — Blake e Keats, que pareciam atraentes para as damas universitárias.

Mas, além de seu encanto, Michael Sullivan era bonito, e sabia disso — magro, mas forte, 1,84m, cabelos louros compridos, um sorriso que perturbava qualquer um.

Então não foi surpresa quando Marianne Riley, 20 anos de idade, de Burkittsville, Maryland, começou a lançar olhares não tão sutis e a tocá-lo do modo como garotas ousadas às vezes fazem.

Sullivan se inclinou na direção da garota, que cheirava a flores-do-campo.

-Marianne, Marianne... Havia uma música. Um calipso? Você conhece? "Marianne, Marianne"?

— Anterior a minha época — disse a garota, mas então piscou para ele. Tinha olhos verdes fantásticos, lábios vermelhos carnudos e um lindo arco liso nos cabelos. Sullivan tinha acabado de decidir algo em relação a ela; Marianne era uma provocadora, e, para ele, estava tudo bem. Ele também gostava de jogos.

— Sei. E o Keats, o Blake, o Byron também não são anteriores à sua época? — provocou ele, dando seu enorme sorriso cativante. Então pegou a mão de Marianne e a beijou de leve. Ele a afastou do bar e deu um seco volteio ao som da música dos Stones que saía da jukebox.

— Para onde vamos? — perguntou ela. — Aonde você pensa que estamos indo, senhor?

— Aqui perto, senhorita — disse Michael Sullivan.

— Aqui perto? — perguntou Marianne. — O que significa isso?

— Você vai ver. Não se preocupe. Confie em mim. Ela riu, o beijou no rosto e riu um pouco mais.

— Como eu posso resistir a esses seus olhos fatais?

5

MARIANNE ESTAVA PENSANDO QUE, na verdade, não queria resistir àquele cara bonito de Nova York. Além disso, ela estava em segurança dentro do bar na M Street. O que e poderia dar errado ali? O que alguém poderia fazer? Colocar uma música do New Kids on the Block na jukebox?

— Não gosto muito dos holofotes — dizia ele, conduzindo-a para os fundos do bar.

— Você acha que é um novo Tom Cruise, não é? Esse seu grande sorriso funciona sempre? Dá a você o que quer? — perguntou ela.

Mas ela também estava sorrindo, estimulando-o a dar o melhor de si.

— Não sei, M.M. Algumas vezes dá certo, acho.

Então, ele a beijou no beco mal iluminado nos fundos do bar, e o beijo foi bom como Marianne esperava, na verdade ainda mais doce. Definitivamente mais romântico do que ela previra. Ele não tinha tentado uma carícia junto com o beijo, com o que ela concordaria, mas aquilo era melhor.

— Uauuu — disse ela, soltando o fôlego e abanando a mão na frente do rosto como um leque. Era brincadeira, e não totalmente brincadeira.

— Está um pouco quente aqui, não? — perguntou Sullivan, e o sorriso da estudante brotou novamente. — Um pouco apertado, não acha?

— Lamento, eu não vou sair com você. Isto não é sequer um encontro.

— Entendo — disse. — Nunca pensei que você sairia comigo. Isso nunca passou pela minha cabeça.

— Claro que não. Você é um verdadeiro cavalheiro.

Ele a beijou novamente, e o beijo foi mais profundo. Marianne gostou que ele não tivesse desistido facilmente. Mas não importava, ela não iria a lugar algum com ele. Ela não fazia isso, nunc a — bem, pelo menos não até então.

— Você beija muito bem — disse ela. — Tenho de admitir.

— Você está fazendo sua parte — respondeu ele, brincando. — Você realmente beija muito bem. Foi o melhor beijo da minha vida.

Sullivan jogou seu peso contra uma porta, e de repente eles estavam se lançando para dentro do banheiro masculino. Então Jimmy Hats apareceu para vigiar a porta pelo lado de fora. Ele sempre vigiava a retaguarda do Açougueiro.

— Não, não, não — disse Marianne, mas sem conseguir deixar de rir do que tinha acontecido. O banheiro masculino? Aquilo era muito engraçado. Uma maluquice. Mas uma maluquice engraçada. O tipo de coisa que universitários fazem.

— Você realmente acha que pode conseguir tudo, não é? — perguntou ela.

— A resposta é sim. Eu faço o que quero, Marianne.

E de repente ele puxou um bisturi, a brilhante lâmina afiada perto da garganta dela, e tudo mudou de um instante para o outro.

— E você está certa. Isto não é um encontro. Não diga uma palavra, Marianne, ou será a sua última, eu juro pelos olhos de minha mãe.

— JÁ HÁ SANGUE NESTE BiSTURi — disse o Açougueiro com um murmúrio gutural para deixá-la apavorada. — Está vendo?

Então, ele tocou seu jeans no gancho.

— Esta lâmina não vai machucar muito — disse, brandindo o bisturi na frente dos olhos dela. — Mas esta aqui vai machucar muito. Desfigurar seu rostinho bonito par a o resto da vida. Eu não estou brincando, garotinha de faculdade.

Baixou o zíper e apertou o bisturi na garganta de Marianne Riley, mas não a cortou. Levantou a saia e puxou sua calcinha azul.

— Não quero cortar você. Você entende isso, não?

Ela mal conseguiu falar.

— Não sei.

— Você tem minha palavra, Marianne.

Então penetrou a universitária lentamente, para não machucá-la com uma estocada. Sabia que não deveria passar muito tempo ali, mas não queria abrir mão de seu interior apertado. Maldição, ele nunca veria Marianne novamente depois daquela noite.

Ela pelo menos foi esperta o bastante para não gritar ou tentar atacá-lo com os joelhos ou as unhas. Quando terminou, mostrou a ela duas fotografias que carregava sempre. Apenas para ter certeza de que ela compreendia sua situação, se compreendia perfeitamente.

— Eu mesmo tirei estas fotos. Olhe para as fotos, Marianne. Você nunca poderá falar sobre esta noite. com ninguém, mas especialmente com a polícia. Você entende?

Ela anuiu, sem olhar para ele.

— Preciso que você diga as palavras, garotinha. Preciso que você olhe para mim, por mais doloroso que possa ser.

— Entendo — disse ela. — Eu nunca vou contar a ninguém.

— Olhe para mim.

Seus olhos encontraram os dele, e a mudança nela foi impressionante. Ele viu medo e ódio, e isso era algo de que ele gostava. O porquê era uma longa história, uma história de infância no Brooklyn, uma história de pai e filho que ele preferia guardar para si.

— Boa menina. Estranho dizer, mas eu gosto de você. Isso significa que eu tenho afeto por você. Adeus, Marianne, Marianne.

Antes de sair do banheiro, vasculhou a bolsa dela e levou sua carteira.

— Apenas por garantia — disse ele. — Não fale com ninguém. Então o Açougueiro abriu a porta e saiu. Marianne Riley se jogou no chão do banheiro, tremendo inteiramente. Ela nunca esqueceria o que tinha acabado de acontecer — especialmente aquelas fotografias horríveis.

7

— QUEM ESTÁ ACORDADO DE MANHÃ tão cedo? Meu Deus, vejam só quem é. Eu estou vendo Damon Cross? Eu identifico Janelle Cross?

Nana Mama chegou precisamente às 6:30h para cuidar das crianças, como fazia todas as manhãs da semana. Quando ela irrompeu pela porta da cozinha, eu estava dando colheradas de cereal para Damon, enquanto Maria fazia Jannie arrotar. Jannie estava chorando novamente, pobre garotinha doente.

— As mesmas crianças que acordaram no meio da noite — disse eu à minha avó, apontando uma colher cheia de papinha na direção da boca retorcida de Damon.

— Damon pode fazer isso sozinho — disse Nana, bufando enquanto pousava suas coisas no balcão da cozinha.

Parecia que ela havia trazido biscoitos quentes e — como era possível?

— geléia caseira de pêssago. Além de sua habitual seleção de livros para o dia. Blueberries for Sal, The Gift of the Magi, Goodnight Moon.

Eu disse a Damon:

— Nana diz que você pode se alimentar sozinho, parceiro. Você está escondendo isso de mim?

— Damon, pegue sua colher — disse ela.

E, claro, ele a pegou. Ninguém contraria Nana Mama.

— Maldita seja — disse a ela, e peguei um biscoito. Por Deus, um biscoito quente! Então lentamente surgiu o gosto delicioso do paraíso na Terra. — Abençoada seja, velha. Abençoada seja.

Maria disse:

— Alex não está escutando muito bem nos últimos dias, Nana. Ele está muito ocupado com suas investigações de assassinato. Eu disse que

Damon está comendo sozinho. Pelo menos a maior parte do tempo. Quando não está alimentando as paredes e o teto.

Nana anuiu.

— Se alimentando o tempo todo. A não ser que o garoto queira passar fome. Você quer passar fome, Damon? Não, claro que não, criança.

Maria começou a juntar sua papelada do dia. Na noite anterior, ela ficara trabalhando na cozinha até depois de meia-noite. Ela é assistente social do município, tem um volume de trabalho infernal. Ela pegou uma echarpe violeta do gancho da porta dos fundos, junto com seu chapéu preferido, para combinar com o resto das roupas, que eram predominantemente pretas e azuis.

— Eu te amo, Damon Cross — disse ela, deslizando e beijando o garoto. — Eu te amo, Jannie Cross. Mesmo depois da noite passada.

Ela beijou Jannie duas vezes nas bochechas. Então agarrou Nana e a beijou.

— E eu amo você também.

Nana brilhou como se tivesse acabado de ser apresentada ao próprio Jesus, ou talvez a Maria.

— Eu também a amo, Maria. Você é um milagre.

— Eu não estou aqui — disse eu de meu posto de escuta junto à porta da cozinha.

— Ah, nós já sabemos disso — falou Nana.

Antes de sair para trabalhar, eu também tinha de beijar e abraçar todo mundo e dizer vários "eu te amo". Podia ser meloso, mas de certa forma bom, e que se danem aqueles que acham que famílias ocupadas e assustadoramente exaustas não podem amar e se divertir. Nós certamente tínhamos muito disso.

— Tchau, nós amamos vocês, tchau, amamos vocês — dissemos eu e Maria em coro, recuando juntos para a porta.

8

COMO TODAS AS MANHÃS, eu levei Maria de carro para seu emprego no conjunto habitacional Potomac Gardens. De qualquer maneira, ficava apenas a quinze ou vinte minutos da Fourth Street, e isso nos dava algum tempo a sós.

Nós íamos no Porsche preto, o último sinal do dinheiro que eu tinha ganhado nos três anos de consultório particular como psicólogo, antes de me transferir em tempo integral para o departamento de polícia de Washington. Maria tinha um Toyota Corolla branco do qual eu não gostava muito, mas ela sim.

Naquela manhã parecia que ela estava em algum outro lugar enquanto seguíamos pela G Street.

— Você está bem? — perguntei.

Ela riu, e me deu uma das suas piscadelas.

— Um pouco cansada. Estou me sentindo muito bem, considerando-se isso. Estava apenas pensando em um caso que recebi ontem, um favor para Maria Pugatch. Envolve uma universitária da Universidade George Washington. Ela foi violentada em um banheiro masculino de um bar na M Street.

Eu franzi o cenho e balancei a cabeça.

— Outro estudante envolvido?

— Ela diz que não, mas não fala muito além disso. Eu ergui as sobrancelhas.

— Então ela provavelmente conhecia o estuprador? Talvez um professor?

— A garota diz que definitivamente não, Alex. Ela jura que não é ninguém que conhece.

— Acredita nela?

— Acho que sim. Claro que, de qualquer modo, eu sou crédula e fácil de enganar. Ela parece ser uma menina doce.

Eu não queria me meter demais nos negócios de Maria. Nós não fazíamos isso um com o outro — pelo menos nos esforçávamos para não fazer.

— Quer que eu faça alguma coisa? — perguntei. Maria sacudiu a cabeça.

— Você está ocupado. vou falar com a garota, Marianne, hoje de novo. Espero conseguir que ela se abra um pouco.

Alguns minutos depois, encostei em frente ao conjunto habitacional Potomac Gardens, na G, entre Thirteenth e Penn. Maria se oferecera como voluntária para lá, deixando um emprego muito mais confortável

e seguro em Georgetown. Eu achava que ela se oferecera por ter vivido no Gardens até os 18 anos de idade, quando se mudou para Villanova.

— Um beijo — disse Maria. — Eu preciso de um beijo. Um dos bons. Não na bochecha. Nos lábios.

Eu me inclinei e a beijei, e depois beijei de novo. Nós ficamos algum tempo no banco da frente, e eu não conseguia deixar de pensar em como eu a amava e na sorte de tê-la. E o que tornava tudo ainda melhor: eu sabia que Maria sentia o mesmo em relação a mim.

— Tenho de ir — disse ela finalmente, e se esgueirou do carro. Mas então se curvou novamente para dentro.

— Pode não parecer, mas estou feliz. Muito feliz.

Então novamente aquela piscadela.

Acompanhei Maria caminhar até a alta escadaria de pedra do prédio onde ela trabalhava. Eu odiava vê-la partir, e quase toda a manhã era a mesma coisa, i 26

Fiquei pensando se ela iria se virar para ver se eu já tinha partido. Então ela fez — me viu ainda ali, sorriu e acenou como uma louca, ou pelo menos alguém louco de amor. Então desapareceu dentro do prédio.

Fazíamos a mesma coisa quase toda manhã. Mas eu não me cansava. Especialmente daquela piscadela de Maria. Ninguém nunca o amará como eu.

Nunca duvidei por um só instante.

9

Eu ERA UM DETETIVE BASTANTE bom naquela época — cheio de trabalho, subindo, bem informado. Então, já estava começando a receber mais do que minha cota dos casos de prestígio mais difíceis. Infelizmente, o último não era um deles.

Pelo que o departamento de polícia de Washington sabia, a máfia italiana nunca tinha atuado seriamente na área da capital, provavelmente em função de acordos feitos com certos órgãos como o FBI e a CIA. Pouco antes, porém, as cinco Famílias tinham se reunido em Nova York e concordado em fazer negócios em Washington, Baltimore e regiões da Virgínia. Não surpreende que os chefes criminosos locais não tivessem ficado excitados com isso,

principalmente os asiáticos que controlavam o tráfico de cocaína e heroína.

Um chefe do tráfico chinês chamado Jiang An-Lo tinha executado dois emissários da máfia italiana uma semana antes. Não foi uma boa jogada. E foi dito que a máfia de Nova York tinha enviado um assassino de primeira categoria, ou talvez uma equipe de assassinos para lidar com Jiang.

Soube disso durante uma longa reunião matinal de uma hora no quartel-general da polícia. Naquele momento, John Sampson e eu estávamos indo de carro para o escritório de Jiang An-Lo, 27

uma casa geminada de dois andares na esquina das ruas Eighteenth e M, em Northeast. Éramos uma das duas equipes de detetives responsáveis pela vigilância naquela manhã, que nós tínhamos apelidado de "Operação de Olho na Ralé".

Tínhamos estacionado entre Nineteenth e Twentieth, e começamos a vigiar. A casa de Jiang An-Lo era de um amarelo desbotado, descascado e parecia decrépita pelo lado de fora. O jardim sujo estava coberto de lixo que parecia caído de uma pinata quebrada. A maioria das janelas estava coberta com placas de compensado ou folhas de zinco. Mas Jiang An-Lo era um dos grandes do tráfico de drogas.

O dia já estava ficando quente, e havia muitas pessoas da vizinhança caminhando ou reunidas nas varandas.

— A turma de Jiang está metida em quê? Ecstasy, heroína? perguntou Sampson.

— Metida em PCP. Na distribuição pela costa Leste: Washington, Philly, Atlanta, Nova York. Tem sido um negócio lucrativo, e por isso os italianos querem entrar. O que você acha da nomeação de Louis French para o Departamento?

— Não conheço o cara. Mas ele foi nomeado, portanto deve ser o car a certo; o cargo.

Eu ria da maldade que havia na piada de Sampson; então nos acomodamos e esperamos que uma equipe de assassinos da máfia aparecesse para tentar acabar com Jiang

An-Lo. Isso se nossa informação fosse correta.

— Sabemos alguma coisa sobre o assassino? — perguntou Sampson.

— Supostamente é um irlandês — disse, olhando para John para ver sua reação.

Sampson levantou as sobrancelhas e depois se virou para mim.

— Trabalhando para a máfia? Como pode ser?

— Parece que o camarada é bom. E também maluco. Eles o, chamam de Açougueiro.

Enquanto isso, um velho curvado tinha começado a atravessar a M Street olhando intencionalmente para a esquerda e a direita. Ele fumava um cigarro lentamente. Cruzou com um sujeito branco 28 magro que levava uma bengala de alumínio presa no cotovelo. Os dois vagabundos trocaram cumprimentos solenes no meio da rua.

— Uma senhora dupla aquela — disse Sampson, e sorriu. — Vamos acabar assim um dia.

— Talvez. Se tivermos sorte.

Então Jiang An-Lo escolheu fazer sua primeira aparição do dia.

10

JIANG ERA ALTO E PARECIA quase descarnado. Tinha um cavanhaque preto descuidado que descia bons quinze centímetros abaixo do queixo.

O chefe das drogas tinha fama de ser esperto, competitivo e maldoso, desnecessariamente, na maioria das vezes, como se para ele aquilo fosse um grande jogo perigoso.

Ele fora criado nas ruas de Xangai, depois se mudara para Hong Kong, em seguida Bagdá, e finalmente Washington, onde governava vários bairros como um senhor da guerra chinês do novo mundo.

Meu olhar percorreu a M Street à procura de problemas. Os dois guarda-costas de Jiang pareciam estar alertas, e eu fiquei pensando se ele tinha sido prevenido — e, caso tivesse sido assim, por quem. Alguém do departamento de polícia em sua folha de pagamento? Isso certamente era possível.

Eu também estava pensando em quão bom aquele assassino irlandês era.

— Os guarda-costas já nos viram? — perguntou Sampson.

— Espero que sim, John. Nós estamos aqui mais como contenção do que qualquer outra coisa.

— O pistoleiro também nos viu?

— Caso esteja aqui. Se ele for realmente bom. Se houver um assassino profissional, ele provavelmente também nos viu.

Quando Jiang An-Lo estava mais ou menos a meio caminho de um reluzente Mercedes preto estacionado na rua, outro carro, 29

um Buick LeSabre, entrou na M. Ele acelerou, o motor rugindo, os pneus cantando e fritando no calçamento.

Os guarda-costas de Jiang se viraram na direção do carro que acelerava. Ambos tinham sacado as armas. Sampson e eu escancaramos as portas laterais do nosso carro.

— Contenção o cacete — resmungou ele. Jiang hesitou. Mas só por um instante. A seguir, deu longas passadas desajeitadas, quase como se estivesse tentando correr usando um vestido longo, retornando na direção da casa de onde tinha acabado de sair. Ele provavelmente tinha imaginado corretamente que continuaria em perigo caso seguisse em frente e chegasse à Mercedes.

Mas todo mundo tinha pensado errado. Jiang, os guarda-costas, Sampson e eu.

Os tiros vieram por trás do traficante, da direção oposta da rua. Três disparos altos de uma arma longa. Jiang caiu e ficou ali na calçada, absolutamente imóvel. Sangue escorria do lado da sua cabeça, como se ali houvesse uma torneira. Duvidei que ele estivesse vivo.

Eu me virei e olhei na direção do telhado de uma casa de arenito, ligado a outros telhados que ocupavam o lado oposto da M.

Vi um homem louro, e ele fez uma coisa muito estranha: Ele se curvou em nossa direção. Eu não conseguia acreditar no que ele acabara de fazer. Uma reverência?

Depois se agachou atrás de um parapeito de tijolos e desapareceu de vista, completamente.

Sampson e eu atravessamos a M correndo e entramos no prédio. Subimos as escadas correndo, quatro lances de uma só vez. Quando chegamos ao telhado, o atirador tinha desaparecido. Não havia ninguém em lugar algum.

Teria sido o assassino irlandês? O Açogueiro? O assassino enviado de Nova York?

Que outro maldito poderia ter sido?

Eu ainda não conseguia acreditar no que tinha acabado de ver. Não apenas que ele tinha apanhado Jiang An-Lo tão facilmente. Mas que fizera uma reverência após sua apresentação.

11

O AÇOUGUEIRO ACHOU FÁCIL se confundir com os universitários marrentos no campus, na Universidade George Washington. Ele usava jeans e uma camiseta cinza puída que dizia "Departamento de Atletismo", e carregava um romance gasto de Isaac Asimov. Passou a manhã lendo Fundação em vários bancos, verificando as estudantes, mas basicament e rastreando Marianne, Marianne. Tudo bem, ele era um pouco obsessivo. O menor dos seus problemas.

Ele realmente gostara da garota, e já a estava observando havi a 24 horas, e foi assim que ela partira seu coração. Ela havia saído e aberto a boca. Tinha certeza disso porque a ouvira falando com sua melhor amiga, Cindi, sobre uma "conselheira" com quem conversara alguns dias antes. Então tinha ido a uma segunda sessão de "aconselhamento", contra sua ordem direta e seu aviso.

Erro, Marianne.

Após sua aula de meio-dia sobre literatura britânica do século XVIII, Marianne, Marianne deixou o campus, e ele a seguiu em um grupo de pelo menos vinte estudantes. Podia afirmar que ela estava seguindo para seu apartamento. Muito bom.

Talvez o dia dela tivesse terminado, ou talvez tivesse um longo intervalo entre as aulas. Não fazia diferença. Ela quebrara as regras, e teria de lidar com isso.

Assim que soube para onde ela ia, decidiu pegar a garota lá. Como veterana, Marianne tinha o direito de morar fora do camPUS, e dividia um pequeno dois-quartos na Thirty-ninth Street, em Davis, com a jovem Cindi. O lugar ficava no quarto andar, e ele não teve dificuldades para entrar. A porta da frente tinha uma fechadura comum. Que piada.

Ele decidiu ficar à vontade enquanto esperava, portanto tirou os sapatos e toda a roupa. A verdade era que não queria sangue em suas roupas.

Então esperou pela garota, leu um pouco mais do seu livro, caminhou. Assim que Marianne entrou no seu quarto, o Açougueiro a prendeu com os braços e colocou-lhe o bisturi sob o queixo.

— Olá, Marianne, Marianne — sussurrou. — Eu não disse a você para não falar?

— Eu não contei a ninguém — disse ela. — Por favor.

— Está mentindo. Eu disse a você o que aconteceria. Maldição, eu cheguei mesmo a mostrar a você.

— Eu não contei. Juro.

— Eu também jurei, Marianne. Jurei pelos olhos da minha mãe. De repente ele cortou a garganta da universitária da esquerda para a direita. Depois cortou novamente, no sentido contrário.

Enquanto ela se contorcia no chão, tremendo até a morte, ele fez algumas fotos.

Dignas de um prêmio, sem dúvida. Ele não queria esquecer Marianne, Marianne.

12

NA NOITE SEGUINTE, o Açougueiro ainda estava em Washington. Sabia exatamente o que Jimmy Hats estava pensando, mas Jimmy era covarde demais e interessado demais em sobreviver para perguntar. Você tem alguma maldita idéia do que vai fazer agora? Ou por que ainda estamos em Washington?

Bem, na verdade ele tinha. Estava dirigindo um Chevy Caprice roubado, com vidros escuros, por uma região de Washington conhecida como Southeast, procurando uma casa específica, se preparando para matar novamente, e tudo aquilo por culpa de Marianne, Marianne e sua boca grande.

Ele tinha o endereço na cabeça, e percebeu que estava chegando perto. Tinha mais uma vítima da qual dar conta, e depois ele e Jimmy poderiam finalmente desaparecer de Washington. Caso encerrado.

— As ruas aqui me fazem lembrar de casa — disse Jimmy Hats no banco do carona. Ele estava tentando parecer natural e despreocupado por eles continuarem na capital tanto tempo depois do tiro no chinês.

— Por que isso? — perguntou o Açougueiro, a língua fincada na bochecha. Ele sabia o que Jimmy iria dizer. Ele quase sempre sabia.

Para dizer a verdade, a previsibilidade de Jimmy era um conforto para ele a maior parte do tempo.

— Tudo está virando merda, sabe, bem diante dos nossos olhos. Exatamente como no Brooklyn. E ali está a razão. Está vendo os crioulos em todas as esquinas? Quem mais vai morar aqui, maldição? Viver assim?

Michael Sullivan sorriu, mas não foi um sorriso de alegria. Hats às vezes podia ser estúpido e irritante.

— Se os políticos quisessem, poderiam dar um jeito em toda a bagunça. Não seria tão difícil, Jimmy.

— Ah, Mikey, você tem um bom coração. Talvez devesse se candidatar a um cargo público — disse Jimmy Hats balançando a cabeça e se virando para olhar pela janela. Ele sabia como não forçar a barra.

— E você não está pensando na merda que estamos fazendo aqui, está? Você não está pensando que eu sou mais maluco que o último dos ratos de privada de Coney Island, está? Talvez você queira saltar do carro. Seguir para a Union Station, pegar um trem de volta para Nova York, Jimmy, meu garoto.

O Açougueiro estava sorrindo quando disse isso, então Hats sabia que provavelmente estaria tudo bem se ele também sorrisse. Provavelmente. No passado, entretanto, ele tinha visto Sullivan matar dois de seus "amigos", um com um bastão de beisebol, um com uma chave de grifo. Era preciso ser cuidadoso o tempo todo.

— Então, o que nós estamos fazendo aqui? — perguntou Hats.

— Já que deveríamos estar de volta a Nova York.

O Açougueiro deu de ombros.

— Estou procurando a casa de um tira. Hats fechou os olhos.

— Ai, meu Deus. Não um tira. Por que um tira? — disse, puxando seu chapéu de feltro sobre o rosto. — Não vejo o mal — gaguejou.

O Açougueiro deu de ombros, mas estava se divertindo. — Confie em mim. Eu alguma vez o deixei na mão? Eu alguma vez fui longe demais?

Ambos começaram a rir ao mesmo tempo. Alguma vez Michael Sullivan tinha ido longe demais? Alguma vez ele não tinha ido longe demais seria uma pergunta melhor.

Foram necessários mais vinte minutos para encontrar a casa que ele estava procurando. Era uma velha casa triangular de dois andares que parecia ter sido pintada recentemente, com flores nas janelas.

— O tira vive aqui? Na verdade, não é um lugar tão ruim. Ele deu uma boa ajeitada.

— É, Jimmy, mas eu estou tentado a entrar dançando e criar alguma confusão. Talvez usar minha serra. Tirar algumas fotografias.

Hats estremeceu.

— Será que é uma boa idéia? Eu realmente estou falando sério. O Açougueiro deu de ombros.

— Sei que está. Posso ver isso, James. Sinto o calor de seu cérebro fazendo hora extra.

— O tira tem um nome? — perguntou Hats. — Não que faça diferença.

— Não faz diferença. O nome do tira é Alex Cross.

13

O AÇOUGUEIRO ESTACIONOU cerca de um quarteirão acima, na Fourth Street; então saiu do carro e caminhou rapidamente de volta até a casa aconchegante em que o tira morava. Conseguir o endereço certo fora bem fácil para ele. A máfia tinha ligações com PBI, afinal. Ele contornou a lateral, tentando não ser visto, mas não preocupado em ser. As pessoas em vizinhanças como aquela não falavam sobre o que viam.

Aquele trabalho seria rápido. Entrar e sair da casa em poucos segundos. Depois, de volta para o Brooklyn para festejar sua última morte e receber o pagamento.

Ele atravessou uma densa touceira de pachysandra que cercava a varanda dos fundos, então se ergueu. Passou diretamente pela porta da cozinha, que gemeu como um animal ferido.

Sem problemas até aquele ponto. Tinha entrado no lugar muito facilmente. Imaginava que o resto também seria moleza.

Ninguém na cozinha.

Ninguém em casa?

Então ouviu um bebê chorando. Bebês em casa tornam todas as pessoas descuidadas. Ele tinha matado caras como aquele antes, no Brooklyn e no Queens. Um cagüete da máfia que ele tinha picado em

pedacinhos em sua própria cozinha e depois guardado na geladeira da família para mandar um recado.

Ele passou por um hall pequeno, se movendo como uma sombra. Não fez um ruído sequer.

Então espiou na pequena sala de estar, sala de visitas, o que quer que fosse a porcaria.

Não era exatamente o que tinha esperado ver. Um homem alto e de boa aparência trocando as fraldas de duas crianças pequenas. O cara também parecia ser muito bom naquilo. Sullivan sabia, porque anos antes ele tinha sido responsável por seus três irmãos remelentos no Brooklyn. Tinha trocado muitas fraldas fedorentas na sua época.

— Você é a dona da casa? — perguntou.

O cara olhou para cima — detetive Alex Cross — e não pareceu ter medo dele. Nem mesmo pareceu surpreso de que o Açougueiro estivesse na casa, embora devesse estar chocado, e provavelmente com medo. Então, o tira pelo visto tinha colhões. Desarmado, trocando fraldas de crianças, mas mostrando atitude, alguma personalidade.

— Quem é você? — perguntou o detetive Cross, como se estivesse no controle da situação.

O Açougueiro cruzou os braços, mantendo a pistola escondida das crianças. Maldição, ele gostava de crianças. Era com os adultos que tinha problemas. Como o seu velho, para dar um exemplo claro.

— Você não sabe por que eu estou aqui? Nenhuma idéia?

— Talvez tenha. Acho que você é o pistoleiro do outro dia. Mas por que está aqui! Em minha casa? Isso não é certo.

Sullivan deu de ombros.

— Certo? Errado? Quem decide? Parece que eu sou meio maluco. Pelo menos, é o que as pessoas me dizem. Pode ser isso. Você acha? Eles me chamam de Açougueiro.

Cross anuiu.

— Foi o que eu ouvi. Não machuque meus filhos. Não há ninguém aqui além de mim. A mãe deles não está em casa.

— E por que eu faria isso? Machucar seus filhos? Machucar você na frente dos seus filhos? Não é o meu estilo. vou dizer uma coisa. vou embora. Como eu disse, maluco. Você tem sorte. Tchauzinho, crianças.

Então o pistoleiro fez outra reverência, como tinha feito depois de matar Jiang An-Lo.

O Açougueiro se virou e saiu do apartamento do mesmo modo como tinha entrado. O detetive fodão que tentasse entender. Mas havia um método em sua loucura, sempre havia um método para todas as suas ações. Ele sabia o que estava fazendo, por que e quando.

AQUELA NOITE com o AÇOUGUEIRO me abalou mais do que qualquer coisa que tinha me acontecido antes como policial. Um assassino dentro da minha casa. Bem na sala com meus filhos.

E o que eu deveria entender com aquilo? Que eu tinha sido avisado? Que eu tinha sorte de estar vivo? Ah, que sorte a minha?

O matador tinha poupado minha família. Mas, para começar, por que ele tinha ido atrás de mim?

O dia seguinte foi um dos meus piores na polícia. Enquanto um carro da força vigiava a casa, eu fui convocado para três diferentes reuniões sobre a besteira no caso Jiang An-Lo. Havia um papo sobre uma investigação interna, a primeira em que eu estari envolvido.

Por conta de todas as reuniões imprevistas, mais a papelada extra e minha carga de trabalho habitual, naquela noite eu me atrasei para pegar Maria no Potomac Gardens. Eu me sentia culpado por isso. Não estava acostumado que ela passasse muito tempo dentro de um conjunto como o Potomac Gardens, principalmente depois de escurecer. Estava escuro àquela hora. E Maria estava grávida de novo. Passava um pouco de sete e quinze quando eu cheguei ao conjunto naquela noite. Maria não estava esperando do lado de fora, como de hábito.

Eu estacionei e saí do carro. Comecei a caminhar na direção do escritório dela, que ficava perto da manutenção, no térreo. No final, comecei a correr.

Então vi Maria sair pela porta da frente, e de repente tudo ficou certo na noite. Sua sacola estava tão cheia de papéis que ela não conseguira fechá-la. E ainda carregava um punhado de pastas que não cabiam na bolsa.

Ainda assim, ela tentou acenar e sorrir quando me viu caminhando em sua direção. Ela nunca sentia raiva dos erros que eu cometia — como estar mais de meia hora atrasado para pegá-la.

Não me importa quão meloso e antiquado fosse isso, mas eu estava excitado de vê-la, e sempre era assim conosco. Minhas prioridades

tinham passado a ser Maria e nossa família, em primeiro lugar, e depois meu trabalho. Isso me soava bem, o equilíbrio certo.

Maria tinha um jeito excitado de me chamar. Ela gritou "Alex! Alex!" e acenou com a mão enquanto eu corria para encontrá-la na frente do prédio. Dois desocupados da vizinhança que estavam apoiados na cerca da frente se viraram na nossa direção e riram do nosso escândalo.

— Oi, bela — gritei. — Desculpe o atraso.

— Tudo bem. Eu também estava trabalhando. Ei, Reuben! Está com ciúmes, chico! — gritou ela para um dos desocupados apoiados na cerca.

Ele riu e gritou de volta:

— Você preferia, Maria. Você preferia ter a mim em vez dele.

— É, claro. Nos seus sonhos.

Nós nos beijamos — não foi um grande espetáculo, porque estávamos em frente ao lugar onde ela trabalhava e os vagabundos estavam olhando, mas um beijo suficiente para mostrar o que sentíamos. Então peguei suas pastas de trabalho e começamos a ir para o carro.

— Carregando meus livros — debochou Maria. — Tão bonitinho, Alex.

— Eu carrego você, se quiser.

— Senti sua falta o dia inteiro. Mais ainda que de costume disse ela, rindo novamente. Então enfiou o rosto no meu ombro.

— Eu te amo muito.

Primeiro, Maria desmontou em meus braços, e depois eu ouvi os tiros. Dois barulhos distantes que não pareciam nada. Não cheguei a ver o atirador, nenhum sinal dele. Eu não tinha idéia sequer da direção de onde tinham vindo os tiros. Maria sussurrou:

— Ah, Alex. — Então ficou em silêncio e imóvel. Eu não sabia se ela estava respirando.

Antes de me dar conta do que estava acontecendo, ela escapuliu de mim e caiu na calçada. Eu podia ver que fora atingida no peito, ou na boca do estômago. Estava escuro e confuso demais para ter certeza de mais alguma coisa.

Tentei protegê-la, mas vi muito sangue ser bombeado para fora do ferimento, então a peguei nos braços e comecei a correr.

Eu também estava coberto de sangue. Acho que estava gritando, mas não tenho muita certeza do que realmente aconteceu depois de ter me

dado conta de que Maria tinha sido baleada e de como parecia sério. < Bem atrás de mim, dois dos vagabundos estavam já bem perto. Um deles era Reuben. Talvez eles quisessem ajudar. Mas eu não sabia se havia alguma coisa que pudesse ajudar Maria àquela altura. Eu tinha medo de que ela estivesse morta nos meus braços.

15

O HOSPITAL ST. ANTHONY não ficava longe, e eu estava correndo o mais rápido possível com Maria enrolada e flácida pesando em meus braços. Meu coração e o sangue correndo produziam um rugido alto em meus ouvidos, como se eu estivesse abaixo, ou talvez dentro de uma onda do mar prestes a se quebrar sobre nós e nos afogar nas ruas da cidade.

Eu tinha medo de tropeçar e cair, porque minhas pernas estavam fracas e tremendo. Mas também sabia que não podia cair, não podia parar de correr até chegar à emergência.

Maria não tinha soltado um som desde que sussurrara meu nome. Eu estava com medo, talvez em choque, e decididamente afetado pela visão de túnel. Tudo ao redor de mim era uma mancha confusa que fazia o momento parecer ainda mais irreal.

Mas decididamente eu estava correndo.

Cheguei à Independence Avenue e finalmente vi a brilhante placa vermelha de EMERGÊNCIA do St. Anthony a menos de um quarteirão.

Tive de parar por causa do tráfego, que era pesado e rápido. Comecei a gritar, pedindo ajuda. De onde eu estava, podia ver um grupo de funcionários do hospital reunidos, conversando, mas eles ainda não tinham me visto e não podiam me ouvir acima do barulho do trânsito.

Não havia opção, então abri caminho pela rua cheia.

Carros desviavam e passavam raspando por mim, e uma caminhonete prateada parou completamente. Um pai exasperado 39

estava ao volante, crianças no banco detrás sendo jogadas para a frente. Ninguém buzinou, talvez porque pudessem ver Maria em meus braços. Ou talvez fosse a minha cara.

Pânico, desespero, o que quer que fosse.

Mais carros frearam para me deixar passar.

Eu estava pensando comigo mesmo. Nós vamos conseguir. Eu disse a Maria:

— Estamos no St. Anthony. Você vai ficar bem, meu amor. Estamos quase lá. Se segure, estamos quase no hospital. Eu te amo. Eu cheguei ao outro lado da rua, e os olhos de Maria de repente se arregalaram. Ela olhou para mim, cravou os olhos nos meus. No começo, parecia confusa, mas então se concentrou no meu rosto.

— Ah, eu te amo, Alex — disse Maria, e me deu aquela piscada. Então os olhos da minha garota se fecharam pela última vez, e ela partiu para sempre. Enquanto eu ficava ali de pé, me aferrando a ela pela vida.

16

MARIA SIMPSON CROSS MORREU em meus braços — e isso foi algo que eu não contei a quase ninguém, a não ser a Sampson e Nana Mama.

Eu não quis falar sobre nossos breves últimos momentos juntos; não queria a piedade de ninguém, ou a curiosidade. Não queria satisfazer a necessidade que algumas pessoas têm de fofocas mesquinhas. Ao longo da investigação de vários meses do homicídio, eu nunca discuti o que tinha acontecido em frente ao St. Anthony. Aquilo era entre mim e Maria. Sampson e eu falamos com centenas de pessoas, mas ninguém deu uma pista do seu assassino. A trilha esfriou rapidamente, e assim ficou. Nós verificamos o assassino maluco da máfia, mas descobrimos que ele tinha a

40
voltado de avião para Nova York na noite anterior — aparentemente deixara a cidade pouco depois de sair da minha cozinha. O FBI nos ajudou porque a mulher de um tira tinha sido baleada. O assassino não era o Açougueiro.

As duas horas da manhã seguinte à sua morte, eu estava no nosso apartamento, ainda usando coldre e arma, caminhando pela sala com uma Janelle gritando em meus braços. Eu não conseguia tirar da cabeça a idéia de que nosso bebê estava chorando por sua mãe, que tinha morrido naquela noite bem do lado de fora do St. Anthony, onde Jannie nascera seis meses antes.

De repente, lágrimas estavam correndo dos meus olhos, e eu me senti esmagado pelo que tinha acontecido, tanto pela realidade quanto pela

irrealidade de tudo. Eu não estava dando conta de nada daquilo, mas principalmente do bebê que estava carregando, e que não conseguia fazer parar de chorar.

— Está tudo bem, criança. Está tudo bem — murmurei para minha pobre garotinha, que estava sendo torturada pela difteria e que provavelmente queria estar nos braços da mãe em vez de nos meus. — Está tudo bem, Jannie, está tudo bem — repeti, embora eu soubesse que era mentira. Eu estava pensando: Não está tudo certo! Sua mãe partiu. Você nunca a verá novamente. Nem eu. Minha querida e doce Maria, que nunca tinha ferido ninguém, que eu pudesse lembrar, e que eu amava mais do que a minha própria vida. Ela havia sido tirada de nós tão repentinamente e sem qualquer justificativa que alguém, nem sequer Deus, pudesse me apresentar.

Ah, Maria, falei com ela enquanto andava para frente e para trás carregando nosso bebê, como pode ter acontecido isso? Como eu posso fazer o que tenho de fazer a partir de agora? Como posso fazer isso sem você? Eu não lamento por mim mesmo. Eu só estou perdido agora. Eu vou dar um jeito. Eu vou dar um jeito, prometo. Mas não hoje.

Eu sabia que ela não iria responder, mas era estranhamente reconfortante imaginar que Maria poderia responder, que, talvez, ela pelo menos pudesse me ouvir. Eu continuei a ouvir sua voz, o exato som dela e as palavras. Você vai ficar bem, Alex, porque você ama muito nossos filhos.

— Ah, Jannie, pobre criança, eu te amo — sussurrei junto ao alto da cabeça fervente e encharcada de nosso bebê. E então eu vi Nana Mama.

17

MINHA AVÓ ESTAVA DE PÉ NA PASSAGEM do corredor que levava aos dois pequenos quartos do apartamento. Braços cruzados, ela havia permanecido todo aquele tempo olhando para mim. Eu tinha falado sozinho? Falado em voz alta? Eu não tinha idéia do que tinha feito.

— Eu a acordei, não? — disse em um sussurro que mal era necessário dado o bebê em prantos.

Nana estava calma, e parecia se controlar. Tinha ficado no apartamento para ajudar com as crianças pela manhã, mas estava de pé, e era culpa minha e da pequena Jannie.

— Eu estava acordada — disse. — Estava aqui pensando que você e as crianças devem ir para minha casa na Fifth Street. É uma casa suficientemente grande, Alex. Bastante grande. É a melhor forma de isso funcionar a partir de agora.

— Do quê funcionar? — perguntei, um pouco confuso com o que ela estava dizendo, especialmente porque Jannie estava berrando alto no meu outro ouvido.

Nana esticou as costas.

— Você precisa que eu o ajude com essas crianças, Alex. É tão óbvio quanto o nariz em seu rosto, aceito isso. Eu quero fazer isso, e farei.

— Nana, nós vamos ficar bem. Nós mesmos vamos dar um jeito. Só me dê algum tempo para eu aprender.

Nana me ignorou e continuou a expor seu raciocínio.

— Estou aqui por sua causa, Alex, estou aqui pelas crianças. E como tem de ser agora. Não quero mais ouvir nada sobre isso. Então simplesmente pare, por favor.

Então, ela veio em minha direção e colocou os braços finos ao redor de mim, me abraçando mais forte do que eu achei que foss e capaz.

— Eu te amo mais do que amo minha própria vida — disse, e acrescentou. — Eu amei Maria. Também sinto a falta dela. E amo essas crianças, Alex. Agora mais que nunca.

Nós dois estávamos chorando — todos os três estavam chorando na apertada e abarrotada sala do apartamento. Nana estava certa quanto a uma coisa: aquele lugar não podia mais ser nosso lar. Havia lembranças demais de Maria ali.

— Agora me dê Jannie. Entregue — disse ela, e não era exatamente um pedido. Suspirei e entreguei o bebê àquela mulher guerreira de um metro e meio de altura que tinha me criado desde o momento em que eu tinha dez anos de idade e era órfão.

Nana começou a dar tapinhas nas costas de Jannie e a esfregar seu pescoço, e então o bebê deu um sonoro arroto. Nana e eu rimos, apesar de nós mesmos.

— Não combina com uma dama — sussurrou Nana. — Agora, Janelle, pare com esse choro terrível. Está me escutando? Pare imediatamente. E Jannie fez o que Nana Mama mandou, e esse foi o começo de nossa nova vida.

CASO FRIO — 2005

18

UMA CARTA DAQUELE PSICOPATA Kyle Craig chegou para mim hoje, e isso me perturbou. Como ele podia mandar uma carta para mim? Ela chegou à casa na Fifth Street. Pelo que eu sabia, Kyle ainda estava trancado na penitenciária de segurança máxima em Florence, Colorado. Ainda assim, receber uma mensagem dele era perturbador. De fato, ela me deixou enjoado.

Alex, Tenho sentido muito a sua falta ultimamente — nossas conversas regulares e tudo mais -, e foi isso que motivou esta pequena missiva. Para ser honesto com você, o que eu ainda acho perturbador é como você está abaixo de mim, tanto em termos intelectuais quanto em imaginação. Ainda assim, foi você quem me pegou e me colocou aqui, não? As circunstâncias e o resultado final poderiam me levar a acreditar em intervenção divina, mas é claro que eu ainda não estou tão incapacitado.

Seja como for, sei que você é um garoto ocupado (nenhuma crítica), portanto não vou tomar seu tempo, só queria que você soubesse que penso sempre em você e que espero vê-lo em breve. Na verdade, você pode contar com isso. Eu planejo matar Nana e as crianças antes, enquanto você assiste. Mal posso esperar para vê-los todos novamente. Vou fazer com que aconteça. Prometo.

K.

Eu li o bilhete duas vezes, então o picotei e tentei fazer o contrário do que Kyle obviamente esperava de mim. Eu o tirei da cabeça.

Quase.

Após ter telefonado para a penitenciária de segurança máxima no Colorado e contado a eles sobre a carta — e me assegurado de que Kyle Craig ainda estava lá em sua cela acolchoada.

19

DE QUALQUER FORMA, era sábado. Eu estava de folga. Sem crime e castigo hoje. Sem psicopatas no horizonte, pelo menos nenhum de que eu tivesse conhecimento.

O "carro da família" Cross naquela época era um velho Toyota Corolla que tinha sido de Maria. Exceto pelo óbvio valor sentimental, e sua longevidade, eu não pensava muito no veículo. Não em termos de forma ou função — nem a pintura acinzentada, nem as várias mossas no capô e na mala. Os garotos me deram dois adesivos no meu último aniversário — POSSO SER LENTO, MAS AINDA ESTOU À SUA FRENTE e OUÇA MINHA PRECE, ROUBE ESTE CARRO. Eles também não gostavam do Corolla.

Assim, naquele sábado claro e ensolarado, eu levei Jannie, Damon e o pequeno Alex para fazer compras.

Enquanto seguíamos, o CD player tocava Twista, "Overnight Celebrity", seguida por "Ali Falls Down", com Kanye West. Ao mesmo tempo, as crianças não paravam de fazer sugestões absurdas e malucas sobre o novo carro que precisávamos comprar.

Jannie estava interessada em um Range Rover — mas isso não iria acontecer por uma longa série de bons motivos. Damon tentava me vender uma motocicleta, que, claro, ele passaria a usar quando fizesse 18, em quatro anos, o que era tão absurdo que não 48

mereceu sequer resposta. A não ser que um resmungo hoje possa ser classificado de comunicação.

O pequeno Alex, ou Ali, estava aberto a qualquer modelo de carro, desde que fosse vermelho ou azul brilhante. Garoto inteligente, e esse poderia ser um bom plano, a não ser pela parte do "vermelho" e "brilhante".

Então paramos na loja da Mercedes de Arlington, Virgínia, que não ficava longe de casa. Jannie e Damon comeram com os olhos um CLK500 Cabriolet conversível prata, enquanto Ali e eu testamos o espaçoso banco dianteiro de um R350. Eu estava pensando em carro de família — segurança, beleza, valor de revenda. Intelecto e emoção.

— Eu gosto deste — disse Ali. — É azul. É bonito. Perfeito.

— Você tem um ótimo gosto para automóveis, parceiro. Este tem bancos para seis, e que bancos. Olhe para o teto solar. Deve ter um metro e meio.

— Bonito — repetiu Ali.

— Estique-se. Veja todo esse espaço para as pernas, rapazinho. Este é um automóvel.

Uma vendedora chamada Laurie Berger permaneceu o tempo todo ao nosso lado, sem ser insistente ou inconveniente. Eu gostei daquilo. Deus abençoe a Mercedes.

— Dúvidas? — perguntou ela. — Algo que queira saber?

— Na verdade não, Laurie. Você senta neste R350 e quer comprá-lo.

— Isso facilita muito o meu trabalho, também temos um em preto obsidiana, estofamento cinza. Eles chamam o R350 de um veículo crossover, Cross. O momento em que a perua se encontra com o sport-utility.

— E combina o melhor de ambos — disse, e sorri, simpático. Meu pager então tocou, e eu grunhi alto o bastante para atrair olhares.

Não no sábado! Não enquanto eu estou comprando um carro. Não enquanto eu estou sentado neste belo Mercedes R350.

— Oh-oh — disse Ali, arregalando os olhos. — O pager do papai. O pager do papai tocou — falou ele em voz alta no meio do salão para Damon e Jannie.

— Você me dedurou. Você é um dedo-duro sujo — disse, beijando-o no alto da cabeça. Isso é algo que eu faço pelo menos doze vezes por dia, todos os dias.

Ele deu um risinho, bateu no meu braço e riu um pouco mais. Ele sempre entendia minhas brincadeiras. Não surpreende que nós dois nos demos tão bem.

Só que aquela mensagem no pager provavelmente não era engraçada. Decididamente não. Eu reconheci o número imediatamente, e não achava que seriam boas notícias.

NedMahoney, do Resgate de Reféns? Talvez me convidando para churrasco e dança em Quantico? Provavelmente não churrasco. Eu liguei para Ned do meu celular.

— Aqui é Alex Cross. Recebi sua mensagem, Ned. Por que você ligou? Ned foi direto ao ponto.

— Alex, você conhece a Kentucky Avenue, perto da Fifteenth, em Southeast?

— Claro que conheço. Não é longe da minha casa. Mas eu estou em Arlington agora. Estou com as crianças. Estamos tentando comprar um novo carro para a família. Você consegue dizer família, Ned?

— Encontre comigo lá, Kentucky e Fifteenth. Preciso de sua ajuda. Seu conhecimento local. Não quero dizer muito mais pelo celular.

Ned me contou mais alguns detalhes, mas não todos. Por que aquilo? O que ele estava guardando? Ah, cara, cara, cara.

— Em quanto tempo? Eu estou com meus filhos, Ned.

— Lamento isso. Minha equipe estará lá em cerca de dez, quinze minutos, no máximo. Não estou brincando, aquilo está um inferno, Alex.

Claro que está. Por que mais a equipe de Resgate de Reféns do FBI seria acionada dentro dos limites da cidade de Washington? E por que mais Ned Mahoney me ligaria na tarde de um sábado?

— Qual o problema? — perguntou Ali, olhando para mim.

— Tenho de ir a um churrasco.

Acho que eu sou o prato principal, rapazinho.

20

Eu PROMETI A LAURIE BERGER que voltaria logo para resolver o veículo crawler; então levei os garotos para casa, e eles ficaram em silêncio e emburrados no trajeto. Assim como eu. A maior parte do tempo eu permaneci atrás de uma caminhonete com um plástico dizendo PRIMEIRO O IRAQUE, DEPOIS A FRANÇA. Eu estava vendo esse plástico por toda Washington ultimamente. Hoobastank estava gritando irritantemente no CD player, então isso mantinha tudo perto do caos, e em perspectiva. Eles eram as crianças; eu era o pai; eu os estava abandonando para ir trabalhar. Não importava para eles que eu precisasse ganhar a vida ou que pudesse ter de cumprir uma missão séria. Que maldição estava acontecendo na Kentucky com a Fifteenth? Por que tinha de acontecer hoje — fosse lá o que fosse? Não era algo bom.

— Obrigada pelo ótimo sábado, papai — disse Jannie, saindo do carro na Fifteenth. — Realmente bom. Marcante.

Seu tom de voz petulante e sarcástico me impediu de pedir desculpas, o que eu estava planejando fazer durante a maior parte do trajeto. Em

vez disso, eu disse:

— Vejo vocês mais tarde — e acrescentei: — Amo vocês. O que era verdade, intensamente.

— E papai, mais tarde. Quem sabe, talvez semana que vem, se tivermos sorte — continuou Jannie, e deu um aceno raivoso na minha direção. Foi como uma lança perfurando meu coração.

— Desculpem — disse, finalmente. — Desculpem. Desculpe, pessoal. Então segui para a Kentucky Avenue, onde deveria me encontrar com Ned Mahoney e sua equipe do Resgate de Reféns e descobrir mais sobre qual emergência havia ali.

Mas no final eu não consegui sequer chegar perto da Kentucky com a Fifteenth. A polícia da capital tinha bloqueado todas as ruas em dez quarteirões. Certamente parecia sério.

Então finalmente saltei e andei.

— O que está acontecendo? Ouviu alguma coisa? — perguntei a um homem que caminhava pela rua, um cara que eu reconheci de uma padaria da região onde ele era balconista e onde eu às vezes comprava rosquinhas de geléia para os garotos. Não para mim, claro.

— Festa dos porcos — disse ele. — Tiras por todo lado. Basta olhar ao redor, irmão.

Ocorreu-me que ele não sabia que eu tinha sido detetive da Homicídios e que estava então no FBI. Eu anuí para o que ele tinha dito, mas nunca me acostumei com aquele tipo de ressentimento e raiva, mesmo que algumas vezes fosse justificado. "Porcos", "bacon", como quer que algumas pessoas escolhessem nos chamar, nós arriscávamos nossas vidas. Muita gente, na verdade, não entende o que é isso. Você não é nem de longe perfeito, e não diz ser, mas é perigoso nas ruas.

Tente ser baleado em seu trabalho, padeiro, eu quis dizer ao cara, mas não disse. Simplesmente saí andando, engoli mais uma vez, fingi novamente ser o Guerreiro Feliz.

Pelo menos eu estava ligado quando finalmente identifiquei Ned Mahoney. Exibi minhas credenciais do FBI para poder me aproximar. Eu ainda não sabia que inferno era aquele, apenas que reféns não identificados estavam sendo mantidos dentro do laboratório de um traficante, onde drogas estavam sendo produzidas e embaladas. Não

era tão ruim quanto parecia. Então qual era a armadilha? Tinha de haver uma.

— Você é um alívio para olhos cansados — disse Mahoney quando me viu indo em sua direção. — Alex você não vai acreditar nesta merda. Tenho certeza, não vai.

— Quer apostar? — perguntei.

— Dez dólares como você nunca viu isto antes. Mostre o dinheiro.

Nós apertamos as mãos. Eu realmente não queria perder aquela aposta.

21

NED coçou E ESFREGOU sua barba loura de um ou dois dias enquanto falava de sua habitual forma animada sem interrupções em que ninguém tinha direito a uma palavra.

Eu não conseguia deixar de olhar para seu queixo. Ned é glabro, e acho que ele se impressiona muito com o fato de que consegue um simulacro de barba agora que está na casa dos quarenta. Eu gosto de Ned Mahoney, por mais irritante que ele possa ser algumas vezes. Eu gosto muito do homem.

— Alguns caras, talvez meia dúzia, bem armados, vieram aqui para roubar o laboratório do traficante — disse. — Eles tiveram alguns problemas sérios e ficaram presos lá dentro. Também há algumas pessoas da vizinhança que trabalham no laboratório, cerca de uma dúzia, pelo que pudemos descobrir. Eles também estão presos lá. Esse é outro problema com o qual teremos de lidar. E depois...

Eu levantei a mão para interromper o falatório superexcitado de Ned.

— As pessoas que você disse que trabalham no laboratório? Pessoas que embalam as drogas? Elas devem ser principalmente mulheres, mães, avós, não? É esse o caso? Traficantes gostam de operários a quem possam confiar o produto.

— Está vendo por que eu queria você aqui? — disse Mahoney, e sorriu, ou pelo menos mostrou os dentes da frente. Seu tom me lembrou o da queixa de Jannie mais cedo. Um pouco de pretensão disfarçando sua vulnerabilidade quanto a ser um "homem de verdade".

— Então os ladrões de drogas e os traficantes estão presos do lado de dentro? Por que simplesmente não deixamos eles matarem uns aos outros?

— Isso já foi sugerido — disse Mahoney com a maior cara-de-pau. — Mas agora chegamos à parte boa, Alex. Eis por que você está aqui. Os caras bem armados que vieram roubar o laboratório são da SWAT de Washington. Seus antigos compadres são os outros caras maus no episódio de hoje de "Qualquer coisa pode acontecer, e provavelmente acontecerá!". Você me deve dez paus.

Eu fiquei enjoado de novo. Eu conhecia muitos caras da SWAT.

— Você tem certeza disso?

— Ah, sim. Dois patrulheiros ouviram tiros no prédio. Eles foram investigar. Um fardado foi baleado. Eles reconheceram os caras da SWAT.

Eu girei a cabeça em círculos. De repente meu pescoço pareceu um pouco duro.

— Então a equipe de Resgate de Reféns do FBI está aqui para lutar contra a SWAT de Washington?

— Parece que sim, meu caro. Bem-vindo à grande merda. Você tem alguma idéia brilhante?

É, pensei: Dar o fora daqui imediatamente. Voltar para as crianças. É sábado. Estou de folga.

Eu dei a Ned os dez dólares de nossa aposta.

22

Eu CERTAMENTE NÃO VIA uma saída para aquela grande confusão, nem ninguém mais. Por isso Mahoney tinha me chamado, esperando que eu tivesse uma idéia para tirá-lo de lá.

E, claro, a desgraça adora companhia, especialmente em uma tarde ensolarada quando todo mundo quer estar em qualquer lugar, exceto no meio de um tiroteio potencial em que pessoas provavelmente morreriam.

A primeira reunião sobre a situação aconteceu no auditório de uma escola próxima. Estava lotado de policiais de Washington, 54 mas também agentes do FBI, incluindo importantes membros da equipe de Resgate de Reféns. O departamento estava pronto para assumir, se fosse o caso, e parecia que isso iria acontecer em breve. Quase no final da reunião, o capitão Tim Moran, chefe da SWAT da polícia metropolitana, repassou os fatos do modo como sabia. Ele

deveria estar emocionalmente muito perturbado, por motivos óbvios, mas parecia calmo e controlado. Eu conhecia Moran de meus anos na polícia, e respeitava sua coragem. Mais que isso, respeitava sua integridade, ainda mais naquela tarde, em que ele poderia ser obrigado a agir contra seus próprios homens.

— Resumindo a situação, o alvo é um prédio de quatro andares, onde pasta de heroína estava sendo transformada em pó e muito dinheiro. Temos pelo menos doze funcionários do laboratório presos lá dentro, a maioria mulheres. Temos os guardas do laboratório, bem armados e em pelo menos três andares. Aparentemente também são cerca de doze. E temos seis integrantes da SWAT que tentaram fazer um roubo e ficaram presos lá dentro. Eles aparentemente estão de posse de uma parte da heroína e do dinheiro. Estão encurralados entre traficantes e outras pessoas nos andares de cima e cerca de mais meia dúzia de guardas que apareceram quando o roubo estava acontecendo. Neste momento estamos em um impasse. Fizemos o contato inicial com os dois lados. Ninguém quer desistir. Acho que eles imaginam que não têm nada a perder nem a ganhar. Então, estão irreduzíveis.

Tim Moran continuou, com uma voz calma:

— Como há membros da SWAT lá dentro, dadas as complicações, a equipe de Resgate de Reféns está no comando. A polícia metropolitana dará todo o apoio ao FBI.

O resumo do capitão Moran foi claro e conciso, e era necessário ter estômago para entregar a operação ao FBI. Mas era a coisa certa a fazer caso alguém tivesse de entrar e possivelmente atirar nos caras da SWAT. Mesmo que eles fossem tiras maus, ainda eram tiras. Não ficaria bem para nenhum de nós ter de atirar em nossos irmãos.

Ned Mahoney se inclinou na minha direção.

— Agora, o que nós fazemos, Einstein? A equipe de resgate está no meio de um sanduíche de merda. Entende por que eu queria você aqui?

— E, bem, me desculpe se eu não me ajoelho de gratidão a você. -Ah, você é bem-vindo mesmo assim — disse Mahoney, e socou meu braço em um gesto idiota de camaradagem que nos fez rir.

ESTAVA NO SEU SANGUE.

O Açougueiro estava seguindo sua rotina de monitorar as comunicações da polícia metropolitana na capital, e era impossível perder aquela delícia. Que verdadeira zona, ele não conseguia deixar de pensar. SWAT contra Resgate de Reféns. Ele estava adorando.

Nos últimos anos ele tinha reduzido o número de trabalhos que fazia, "trabalhando menos, cobrando mais". Três ou quatro grandes eliminações por ano, mais alguns poucos favores para os chefes. Isso era mais do que suficiente para pagar as contas. Além disso, o novo chefe, Maggione Jr., não era exatamente um admirador seu. O único verdadeiro problema era que ele sentia falta da excitação, da descarga de adrenalina, da ação constante. Então estava ali, no Baile dos Policiais!

Ele estava rindo enquanto estacionava seu Range Rover a doze quarteirões do possível tiroteio. Sim, de fato, a vizinhança certamente estava excitada. Nem mesmo a pé ele conseguiu chegar mais perto que vários quarteirões de distância da Kentucky Avenue. Em sua caminhada rumo à cena do crime, ele já tinha contado mais de doze ônibus do departamento de polícia de Washington estacionados na rua. Mais doze outros carros de patrulha.

Então ele viu jaquetas azuis do FBI — provavelmente os garotos do Resgate de Reféns vindos de Quantico. Maldição! Eles supostamente eram fodies, comparáveis aos melhores do mundo.

Assim como ele. Aquilo era coisa boa, e ele não iria perder por nada, mesmo que fosse um pouco perigoso estar ali. Ele identificou vários veículos de base de comando nas proximidades. E na "zona congelada", ou perímetro interno, ele achou identificar o "comandante do incidente".

Então Michael Sullivan viu algo que o fez parar e acelerou um pouco seu coração. Um camarada usando roupa comum falando com um dos agentes do FBI.

Sullivan conhecia aquele cara, em trajes civis. Seu nome era Alex Cross, e, bem, ele e Sullivan tinham uma espécie de história. Então se lembrou de outra coisa — Marianne, Marianne. Uma de suas mortes e fotografias prediletas.

Estava ficando melhor a cada minuto.

DEFINITIVAMENTE ENTENDI por que Ned Mahoney me queria ali.

Uma fábrica de heroína com mais de 150 quilos de veneno, valendo nas ruas sete milhões. Tiras versus tiras. Parecia uma situação sem vencedores para todos os envolvidos. Eu ouvi o capitão Moran dizer: "Eu diria a vocês para irem para o inferno, mas trabalho lá e não quero vê-los todos os dias." Esse tipo de coisa resumia tudo.

Ninguém do lado de dentro dava sinais de que pretendia se render — nem os traficantes nem os caras da SWAT. Eles também não estavam permitindo que nenhum dos trabalhadores encurralados no quarto andar saísse. Nós tínhamos os nomes e as idades aproximadas dos funcionários do laboratório, e a maioria era de mulheres, entre 15 e 81 anos. Eram pessoas da vizinhança que não conseguiam outros trabalhos, normalmente por causa das barreiras da língua e da educação, mas que precisavam e queriam trabalhar.

Eu não estava me saindo nem um pouco melhor que qualquer um para imaginar uma possível solução ou um plano alternativo. Talvez por isso tenha decidido dar uma volta do lado de fora da barricada por volta das dez. Tentar desanuviar a cabeça. Talvez eu pudesse ter uma idéia se eu fisicamente extrapolasse os limites.

Naquele momento havia centenas de espectadores, incluindo dezenas de repórteres e equipes de televisão. Eu caminhei alguns quarteirões ao longo da M Street, as mãos enfiadas bem no fundo dos bolsos.

Cheguei a uma esquina lotada em que pessoas da vizinhança estavam sendo entrevistadas para a TV. Estava começando a seguir em frente, perdido em meus pensamentos, quando ouvi uma das mulheres falando entre grandes soluços:

— São meu sangue e minha carne presos lá dentro. Ninguém liga. Ninguém se importa!

Eu parei para escutar a entrevista. A mulher não podia ter mais de 20 anos de idade, e estava grávida. Pela aparência, poderia dar à luz a qualquer momento. Talvez naquela noite.

— Minha avó tem 75 anos. Ela lá dentro para ganhar dinheiro para que meus filhos possam ir para a escola católica. Seu nome é Rosário. Ela uma bela dama. Minha vó não merece morrer.

Ouvi mais algumas entrevistas emocionadas, a maioria com parentes dos funcionários do laboratório — mas também duas com esposas e filhos do bando de traficantes preso lá dentro. Um dos que estavam lá tinha apenas 12 anos de idade.

Eu finalmente voltei para o interior da barricada, o perímetro interno, e comecei a procurar por Ned Mahoney. Eu o encontrei com uns caras da administração, de terno, e o capitão Moran, do lado de fora das vans de posto de comando. Eles estavam planejando cortar a energia do prédio.

— Tive uma idéia — disse a ele.

— Já estava na hora.

25

O AÇOUGUEIRO AINDA ESTAVA circulando ao redor das barreiras policiais de Washington, e sabia que não deveria estar ali. Deveria estar em casa, em Maryland, havi a várias horas. Mas aquilo valia a pena. A maluquice de tudo aquilo. Ele perambulou em meio à multidão de curiosos, e estava se sentindo como um garoto à vontade em uma feira estadual, ou pelo menos como ele achava que um garoto em uma feira estadual se sentiria.

Cara, havia até vendedores de sorvete e cachorro-quente no local. Os olhos das pessoas brilhavam de excitação; elas queriam ver alguma ação de verdade. Bem, maldição, ele também, ele também.

Ele definitivamente era um viciado em cenas de crime, e achava que isso era fruto dos dias passados com seu velho no Brooklyn. Quando era pequeno, seu pai costumava levá-lo para chamadas de bombeiros ou da polícia que interceptava em seu rádio. Era praticamente a única coisa boa que tinha feito com o velho, e achava que era porque seu pai pensava que pareceria menos esquisitão se arrastasse uma criança consigo.

Mas seu pai era esquisitão. Ele gostava de ver corpos mortos, de qualquer tipo — na calçada, dentro de um carro acidentado, sendo retirados de um prédio enfumaçado. Seu velho louco era o Açougueiro de Sligo original— e muito, muito pior. Claro que agora ele era o Açougueiro, um dos mais temidos e procurados assassinos do mundo.

Ele era o Cara, não era? Ele podia fazer o que quisesse, e era o que estava acontecendo agora.

Michael Sullivan foi tirado dos seus devaneios por alguém falando em um microfone na cena com os reféns. Ele ergueu os olhos, e era novamente o detetive Alex Cross. Para ele, parecia quase destino, como fantasmas do passado chamando o Açougueiro.

26

TINHA CONSCIÊNCIA de que minha idéia era uma jogada arriscada, e definitivamente difícil, mas valia a pena tentar se pudesse salvar algumas vidas. Ademais, ninguém tinha aparecido com algo melhor. Assim, à meia-noite nós colocamos microfones atrás de uma sólida linha de carros de polícia e ônibus de transporte estacionados no lado mais distante da Fifteendi. Parecia no mínimo impressionante, e as câmeras de TV estavam todas voltadas para ela, claro.

Ao longo da hora seguinte, eu deixei parentes contarem suas histórias nos microfones, argumentar e implorar que os homens do lado de dentro largassem as armas e saíssem do prédio ou, no mínimo, que permitissem a saída dos funcionários do laboratório. Os que falavam insistiam em que era inútil não se render, e muitos dos que estavam lá dentro morreriam se não o fizessem. Algumas das histórias contadas ao microfone eram de cortar o coração, e eu vi espectadores chorando enquanto ouviam.

Os melhores momentos eram os pequenos casos — uma partida de futebol no domingo que um pai deveria apitar; um casamento em menos de uma semana; uma garota grávida que deveria estar de repouso, mas que foi implorar para seu namorado traficante. Ambos tinham 18 anos.

Então recebemos uma resposta lá de dentro. Ela foi dada enquanto uma garota de 12 anos de idade falava sobre seu pai, um dos traficantes. Tiros foram disparados no prédio! O tiroteio durou cerca de cinco minutos, então parou. Não tínhamos como dizer o que aconteceu. Sabíamos apenas uma coisa: as palavras de seus entes queridos não tinham conseguido tocar os homens do lado de dentro.

Ninguém saiu; ninguém se rendeu.

— Está tudo bem, Alex — disse Ned, me puxando de lado. Talvez isso tenha nos dado algum tempo.

Mas esse não era o resultado que nós queríamos. Nem de longe.

A uma e meia, o capitão Moran desligou os microfones externos. Parecia que ninguém iria sair. Eles tinham tomado sua decisão.

Um pouco depois das duas horas, os chefões decidiram que a equipe de Resgate de Reféns do FBI iria entrar no prédio primeiro. Seria seguida por uma onda de policiais de Washington, mas nenhum da SWAT. Era uma decisão dura, mas naqueles dias as coisas eram assim em Washington — talvez por causa das atividades terroristas nos anos anteriores. As pessoas já não pareciam querer tentar negociar uma saída para situações de crise. Eu não estava certo a respeito de qual lado da discussão eu estava, mas compreendia os dois.

Ned Mahoney e eu faríamos parte da primeira equipe de assalto a entrar. Nós nos reunimos na Fourteenth Street, exatamente atrás do prédio cercado.

A maioria dos nossos homens estava andando de um lado para o outro, inquieto, conversando entre si, tentando se concentrar.

— Não é uma boa — disse Ned. — Os caras da SWAT sabem como pensamos. Talvez até mesmo que vamos entrar esta noite.

— Você conhece algum deles? A turma da SWAT lá dentro? Ned balançou a cabeça.

— Normalmente nós não somos convidados para as mesmas festas.

27

Nós VESTIMOS MACACÕES ESCUROS com blindagem completa, e Ned e eu tínhamos submetralhadoras MP5. Nunca era possível fazer previsões sobre um ataque noturno, muito menos naquele caso, com sujeitos da SWAT do lado de dentro e a unidade de Resgate de Reféns sendo a força que iria pegá-los.

Ned recebeu uma mensagem em seu comunicador, e se voltou para mim:

— Lá vamos nós, Alex. Mantenha a cabeça abaixada, parceiro. Esses caras são tão bons quanto nós.

— Faça o mesmo.

Mas então aconteceu o inesperado. E dessa vez não foi uma coisa ruim.

A porta da frente do prédio se abriu. Por alguns segundos não houve movimentação junto à porta. O que estava acontecendo lá? Então uma senhora idosa usando um avental de laboratório saiu para as luzes brilhantes voltadas para o prédio. Ela estava com as mãos bem levantadas, e ficava repetindo: "Não atirem em mim."

Ela foi seguida por outras mulheres com casacos de laboratório, jovens e velhas, assim como por dois garotos que pareciam ter no máximo doze ou treze anos.

As pessoas do outro lado das barricadas estavam gritando nomes. Elas choravam de alegria, aplaudindo com força. Então a porta da frente foi batida novamente. O êxodo tinha terminado.

28

A LIBERTAÇÃO DE ONZE REFÊNS suspendeu o ataque maciço da equipe de Resgate de Reféns e reabriu as negociações. O comissário de polícia e o chefe dos detetives apareceram no local e conversaram com o capitão Moran. Da mesma forma, alguns ministros religiosos da comunidade. Embora fosse tarde, as equipes de TV continuavam gravando tudo.

Por volta das três horas, recebemos a informação de que iríamos entrar. Então houve outro adiamento. Corra e espere, corra e espere.

Meia hora depois, recebemos a autorização. Disseram que era definitiva.

Alguns minutos depois das três e meia, Ned Mahoney e eu estávamos de pé, correndo para uma entrada lateral do prédio; da mesma forma doze outros caras da equipe.

A coisa boa do equipamento de proteção é que ele pode deter uma bala fatal ou incapacitante; a coisa ruim é que ele o atrasa, torna mais difícil correr tão rápido quanto você precisa ou gostaria, e o obriga a respirar de forma entrecortada.

Atiradores de elite estavam cuidando das janelas, tentando reduzir a resistência interna ao mínimo.

Mahoney gostava de chamar aquilo de "cinco minutos de pânico e excitação", mas eu sempre detestei isso. Para mim, era mais como "cinco minutos mais perto do céu ou do inferno" Eu não precisava estar

ali, mas Ned e eu tínhamos feito alguns ataques juntos, e eu não podia ficar de fora.

Uma explosão ensurdecadora arrancou a porta dos fundos. De repente, havia nuvens de fumaça em espiral e detritos por todo lado; depois estávamos ambos correndo através dela. Eu esperava não receber uma bala na cabeça ou em alguma outra parte exposta do corpo nos dois minutos seguintes. Esperava que ninguém precisasse morrer naquela noite.

Ned e eu recebemos fogo imediatamente, e não podíamos sequer dizer quem eram os malditos que estavam atirando em nós os traficantes ou os caras da SWAT. Talvez ambos.

O som de submetralhadoras e depois granadas era ensurdecador nos corredores e à medida que nos arrastávamos por uma série de escadas em ziguezague. Havia muito poder de fogo dentro do prédio àquela altura; talvez poder demais. O barulho tornava difícil pensar direito ou manter a concentração.

— Ei, bundões! — gritou alguém acima de nós. Seguiu-se uma rajada de balas. Flashes de luz ofuscante na escuridão.

Então Ned grunhiu e caiu pesado na escada.

Inicialmente não pude dizer onde ele tinha sido atingido; depois vi um ferimento perto da clavícula. Não sabia se ele tinha sido baleado ou ferido por estilhaços.

Mas havia muito sangue saindo 63

Fiquei ali com ele e pedi ajuda pelo rádio. Ouvi mais disparos, berros, gritos masculinos e femininos vindo de cima de nós. Um caos.

As mãos de Ned estavam tremendo, e eu nunca o tinha visto demonstrar medo. O tiroteio no interior do prédio apenas aumentava o terror e a confusão. O rosto de Ned tinha perdido a cor; ele não parecia bem.

— Eles estão vindo pegá-lo — eu disse a ele. — Fique comigo, Ned. Está me escutando?

— Idiotas — disse ele finalmente, gemendo. — Fomos direto para eles.

— Ainda está sentindo?

— Podia ser pior. Também podia ser melhor. Por falar nisso — disse ele -, você também foi atingido.

— vou SOBREVIVER — disse a Ned enquanto me agachava acima dele, na escadaria.

— E, eu também. Provavelmente, pelo menos.

Dois minutos depois, os paramédicos estavam conosco no espaço lotado. No momento em que eles tiraram Ned de lá, o tiroteio parecia ter terminado. Exatamente como ele sempre dizi a — cinco minutos ãepânico e excitação.

Começaram a chegar relatórios. O capitão Tim Moran me entregou o último pessoalmente. O ataque à fábrica de heroína parecia ter tido resultados contraditórios. A maioria de nós achava que não deveríamos ter entrado tão cedo, mas a decisão não era nossa. Do nosso lado, dois oficiais da polícia de Washington e dois da equipe de Resgate de Reféns ficaram feridos. Ned foi levado para a cirurgia.

Houve seis baixas entre aqueles dentro do prédio, incluindo dois homens da SWAT. Uma jovem de 17 anos de idade, mã e de duas crianças, era uma das mortas. Por algum motivo, tinha permanecido do lado de dentro quando os funcionários do laboratório saíram. O marido da garota também tinha morrido. El e tinha 16 anos.

Finalmente cheguei em casa um pouco depois das seis da manhã. Estava me arrastando, arrasado, cansado até os ossos, e algo em chegar tão tarde, ou cedo, pareci a surreal.

Só iria piorar. Nana estava me esperando na cozinha.

ELA ESTAVA SENTADA com uma torrada e uma xícara de chá, parecendo frágil, mas eu sabia muito bem.

A bebida quente fumegava, bem como ela. Ainda não tinha acordado os garotos. Sua pequena televisão estava sintonizada no noticiário local sobre a ação policial d a noite anterior na Kentucky com Fifteenth. Parecia irreal ver as imagens bem ali na nossa cozinha.

Os olhos de Nana se fixaram no arranhão na lateral da minha testa — no curativo que havia ali.

— E um arranhão — disse. — Nada demais. Está tudo certo, estou bem.

— Não me dê essa ridícula resposta absurda, Alex. Não ouse ser paternalista comigo como se eu fosse uma idiota. Estou vendo a trajetória percorrida por uma bala que passou a dois centímetros de esmagar seu cérebro e deixar órfãos seus três pobres filhos. Sem mãe nem pai. Estou errada quanto a isso? Não, claro que não! Estou cansada dessa idéia, Alex. Tenho vivido com esse tipo de maldição terrível todos os dias, por mais de dez anos. Desta vez foi demais para mim. Estou até aqui. Eu realmente já agüentei demais. Parei com isto. Estou fora! vou embora! Sim, você ouviu perfeitamente. Estou largando você e as crianças! vou embora.

Eu ergui as duas mãos para me defender.

— Nana, eu estava na rua com as crianças quando recebi um chamado de emergência. Não tinha idéia de que iriam me chamar. Como poderia? E não havia nada que pudess e fazer para impedir o que aconteceu.

— Você atendeu o chamado, Alex. Depois você aceitou a missão. Você sempre aceita. Você chama isso de dedicação, dever. Eu chamo de insanidade completa, loucura.

— Eu. Não. Tive. Escolha.

— Você tem uma escolha, Alex. É exatamente o que eu estou dizendo. Você poderia ter dito não, dito que estava na rua com seus filhos. O que você acha que eles iriam fazer, Alex? Demitir você por ter uma vida? Por ser pai? E se, por um golpe de sorte, eles o demitissem, que fosse.

— Eu não sei o que eles poderiam fazer, Nana. Imagino que no fim eles iriam me demitir.

— E isso é uma coisa tão ruim? É? Ah, deixe para lá! — disse ela, e bateu a caneca com força no tampo da mesa. — Estou indo embora!

— Ah, pelo amor de Deus, isso é ridículo, Nana. Estou absolutamente exausto. Eu fui baleado. Vamos falar sobre isso mais tarde. Eu preciso dormir imediatamente.

De repente, Nana se levantou e se encaminhou na minha direção. Seu rosto estava tomado de ultraje, seus olhos eram pequenas bolas pretas. Fazia muitos anos que eu não a via assim, talvez desde quando eu estava crescendo e um pouco do lado errado.

— Ridículo? Você chama isto de ridículo? Como você ousa me dizer isto?

Nana me acertou no peito com a base das duas mãos. Os golpes não doeram, mas a intenção sim, a verdade de suas palavras sim.

— Me desculpe. Eu só estou cansado.

— Contrate uma arrumadeira, uma babá, o que conseguir para si mesmo. Você está exausto? Eu estou exausta. Estou cheia, exausta, e mortalmente cansada de me preocupar com você!

— Nana, me desculpe. O que mais você quer que eu diga?

— Nada, Alex. Não diga nada. Seja como for, estou cansada de ouvir você.

Ela saiu pisando duro na direção do seu quarto sem mais uma palavra. Bem, pelo menos tinha terminado, pensei enquanto me sentava à mesa da sala, malditamente cansado e deprimido.

Mas não tinha terminado.

Minutos depois, Nana reapareceu na cozinha, e estava carregando uma antiga mala de couro e uma bolsa de viagem menor com rodas. Ela passou por mim, atravessou a sala de jantar e seguiu pela porta da frente sem mais um pio.

— Nana! — chamei, me levantando apressado da cadeira e começando a correr atrás dela. — Pare. Por favor, pare e fale comigo. Vamos conversar.

— Cansei de conversar!

Fui até a porta e vi um táxi azul-claro amassado e esburacado da DC Cab soltando vapor e fumaça pelo escapamento na rua em frente à casa. Um de seus muitos primos, Abraham, era motorista da DC Cab. Da varanda, eu podia ver a parte de trás de seu penteado Afro retro.

Nana entrou no feio táxi azul e ele se afastou imediatamente da casa.

Então ouvi uma vozinha.

— Para onde Nana foi?

Eu me virei e levantei Ali, que tinha chegado por trás de mim na varanda.

— Não sei, rapazinho. Acho que ela apenas nos deixou. Ele pareceu horrorizado.

— Nana abandonou nossa família?

MICHAEL SULLIVAN ACORDOU com um tremor terrível e um sobressalto, e imediatamente soube que não conseguiria dormir novamente. Mais uma vez sonhara com o pai, o desgraçado assustador, o bicho-papão de todos os seus pesadelos.

Quando ele era um garotinho, o velho o tinha levado para trabalhar em seu açougue duas ou três vezes por semana no verão. Isso durou de quando ele tinha seis anos até os onze, quando acabou. A loja ocupava o térreo de um prédio de tijolos vermelhos de dois andares na esquina de Quentin Road e East Thirty-sixth Street. KEVIN SULLIVAN, AÇOUGUEIRO era conhecido por ter a melhor carne de toda a região de Flatlands do Brooldyn, mas também por sua habilidade em agradar não apenas os irlandeses, mas também ao paladar italiano e alemão.

A serragem no chão era sempre grossa e limpa todos os dias. Os vidros das vitrines brilhavam. E Kevin Sullivan tinha uma marca registrada — após apresentar a carne para inspeção do cliente, ele sorria e fazia uma reverência educada. Sua reverência sempre os conquistava.

Mas Michael, sua mãe e seus três irmãos conheciam o outro lado do pai. Kevin Sullivan tinha braços enormes e as mãos mais poderosas que se podia imaginar, especialmente aos olhos de um garoto. Certa vez ele pegou um rato na cozinha e esmagou a praga com as mãos nuas. Ele dizia aos filhos que poderia fazer o mesmo com eles, transformar seus ossos em serragem, e dificilmente sua mãe passava uma semana sem uma contusão roxa em algum ponto de seu corpo magro e frágil.

Mas isso não era o pior de tudo, e não tinha sido isso que despertara Sullivan naquela noite e em tantas outras oportunidades ao longo da vida. A verdadeira história de terror tinha começado quando ele tinha seis anos de idade e estava fazendo a faxina certa noite, após fechar a loja. Seu pai o chamou no pequeno escritório da loja, onde havia uma mesa, um arquivo e uma cama de armar. Kevin Sullivan estava sentado na cama e disse a Michael para se sentar ao seu lado.

— Bem aqui, garoto. Ao meu lado.

— Lamento, pai — disse Michael imediatamente, sabendo que deveria ter a ver com algum erro idiota que ele cometera durante o trabalho. — Eu vou consertar. vou fazer certo.

— Apenas sente! — disse o pai. — Você tem muito pelo que lamentar, mas não é isso. Agora preste atenção. Preste bem atenção.

Seu pai colocou a mão no joelho do garoto. — Você sabe como eu posso machucar você, Michael — disse.

— Sabe disso, certo?

— Sim, senhor, eu sei.

— E eu farei — continuou o pai — se você contar a uma só pessoa. Contar o quê? Era o que Michael queria perguntar, mas sabi a muito bem que não devia dizer uma palavra, interromper o pai depois que ele tinha começado a falar.

— A uma só pessoa — disse-lhe o pai, apertando-lhe a perna até lágrimas brotarem dos olhos de Michael.

E então seu pai se inclinou para frente e o beijou na boca, e fez outras coisas que nenhum pai deveria fazer com seu filho.

32

SEU PAI JÁ ESTAVA MORTO havia muito tempo, mas o desgraçado horripilante nunca ficava muito distante dos pensamentos de Sullivan, e na verdade ele tinha desenvolvido meios incomuns de "fugir" de seus demônios infantis.

Por volta de quatro da tarde, ele foi às compras na Tysons Galleria em McLean, Virgínia. Estava à procura de algo muito especial: a garota certa. Queria jogar um jogo chamado Luz Vermelha, Luz Verde.

Ao longo da meia hora seguinte na Galleria, ele abordou algumas possíveis jogadoras em frente à Saks Fifth Avenue, depois Neiman Marcus e Lillie Rubin.

Seu papo era direto e não variava. Um grande sorriso, e depois: Oi. Meu nome é Jeff Carter. Posso fazer duas perguntas a você? Se importa? Serei rápido, prometo."

A quinta ou sexta mulher que ele abordou tinha um rosto inocente muito bonito — um rosto de Madonna — e escutou o que ele tinha a dizer. Quatro das mulheres que tinha encontrado antes 68

eram bastante agradáveis. Uma delas era até provocante, mas todas tinham ido embora. Ele não se incomodava com isso. Ele gostava de gente brilhante, e as mulheres estavam apenas sendo cautelosas com o

jogo de seleção. Como era o velho ditado? Não pegue aquilo. Você não sabe por onde aquilo passou.

— Bem, não são exatamente perguntas — continuou ele com seu papo para a Madonna da Galleria. — Vamos colocar de outro modo. Se eu disser algo que a incomode, paro e vou embora. Parece justo? Como Luz Vermelha, Luz Verde.

— É um pouco estranho — disse a garota de cabelos escuros, que tinha um rosto realmente fantástico e, pelo que ele podia dizer, um belo corpo. Sua voz era um tanto monótona, mas, afinal, ninguém é perfeito. Além, talvez, dele mesmo.

— Mas é inocente — continuou ele. — Por falar nisso, gosto de suas botas.

— Obrigada. Não me incomoda ouvir que você gosta delas. Eu também gosto.

— Você também tem um belo sorriso. Você sabe disso, certo? Certamente sabe.

— Cuidado. Não força a barra.

Os dois riram, se dando bem, pensou Sullivan consigo mesmo. O jogo tinha começado. Ele só tinha de evitar receber uma luz vermelha.

— Tudo bem se eu continuar? — perguntou ele. Sempre peça permissão. Era uma regra que ele seguia sempre que jogava. Sempre seja educado.

Ela deu de ombros, revirou os olhos castanho-claros, mudou o pé de apoio.

— Acho que sim. Já chegamos até aqui, não é?

— Mil dólares — disse Sullivan. Esse era o momento em que normalmente você ganha ou perde o jogo. — Bem... agora.

O sorriso da Madonna desapareceu — mas ela não foi embora. O coração de Sullivan acelerou. Ele a tinha fisgado. Agora só precisava fechar a venda.

— Nada demais. Eu prometo — disse Sullivan rapidamente, jogando charme sem ser explícito demais.

A Madonna franziu o cenho.

— Você promete, hein?

— Uma hora — disse Sullivan. O segredo era como você dizia. Tinha de soar como se não fosse nada demais, nada ameaçador, nada

incomum. Apenas uma hora. Apenas mil dólares. Por que não?
Qual é o mal?

— Luz vermelha — disse ela, e se afastou dele rapidamente, sem sequer olhar para trás. Ficou claro que ela estava furiosa.

Sullivan estava enlouquecido, seu coração ainda acelerado, e havia mais alguma coisa quente. Ele queria agarrar a Madonna e estrangulá-la no meio do shopping. Realmente acabar com ela. Mas ele adorava o joguinho que tinha inventado. Luz Vermelha, Luz Verde.

Meia hora depois, ele estava tentando a sorte em frente à Victoria's Secret no vizinho Tysons Comer Mall — ele mandou um "uma hora" para uma loura fantástica vestindo uma camiseta "Jersey Girl" e shorts curtos. Mas não teve sorte, e estava realmente ficando excitado e aborrecido. Ele precisava ganhar uma, precisava trepar, precisava de uma descarga de adrenalina.

A garota que ele abordou em seguida tinha um belo cabelo ruivo brilhante. Um grande corpo. Pernas compridas e peitos pequenos e espertos que se mexiam ritmadamente enquanto ela falava. No momento do "uma hora" ela cruzou os braços esguios sobre o peito. Isso sim é linguagem corporal. Mas Ruiva não se afastou dele. Insegura? Certamente. Ele adorava isso numa mulher.

— Você estará no comando o tempo todo. Você escolhe o hotel ou sua casa. O que você quiser, o que parecer melhor. É com você.

Ela olhou para ele por um momento, em silêncio, e ele soube que o estava avaliando — elas olhavam diretamente nos seus olhos nesse momento. Ele podia dizer que aquela seguia os seus instintos. E com você. Ademais, ela queria ou precisava dos mil dólares. E, claro, ele era bonito.

Finalmente, Ruiva falou em uma voz baixa, porque mais ninguém deveria ouvir aquilo, certo?

— Você está com o dinheiro?

Ele mostrou a ela um bolo de notas de cem.

— Todas de cem? — perguntou ela.

Ele mostrou a ela que eram de cem.

— Você se importa se eu perguntar seu nome? — perguntou ele.

— Sherry.

— É seu nome de verdade?

— Não importa, Jeff. Vamos lá. O taxímetro está correndo. Sua hora já começou.

E eles foram.

Quando essa hora com Sherry tinha terminado, na verdade quase uma hora e meia, Michael Sullivan não teve de dar a ela dinheiro nenhum. Não mil, nem um centavo. Ele só precisou mostrar a Sherry sua coleção de fotografias — e o bisturi que tinha levado. Luz Vermelha, Luz Verde. Grande jogo.

33

Dois DIAS DEPOIS DE TER nos deixado, Nana estava de volta à casa, graças a Deus e ao coro celestial, que tinha de estar velando por nós. Toda a família, mas especialmente eu, tinha aprendido uma lição sobre o quanto amávamos Nana e precisávamos dela; quantas pequenas coisas, freqüentemente não percebidas ou reconhecidas, ela fazia por nós todos os dias, como ela era absolutamente indispensável e os sacrifícios que fazia.

Não que Nana realmente permitisse que nós esquecêssemos sua contribuição em circunstâncias normais. E que ela era ainda melhor do que achava ser.

Quando ela passou deslizando pela porta da cozinha naquela manhã, flagrou Jannie comendo Cocoa Puffs, e mandou com seu estilo inimitável: "Meu nome é Janelle Cross. Eu abuso de substâncias", disse Nana.

Jannie ergueu os dois braços, se rendendo; então se levantou e jogou o cereal de chocolate na lixeira. Ela olhou Nana nos olhos e disse: "Se você está em um veículo viajando à velocidade da luz, o que acontece quando liga os faróis?" Depois abraçou Nana antes que ela pudesse tentar responder o irrespondível.

Eu me aproximei e também abracei Nana, e fui esperto o bastante para manter minha boca fechada, mas me preparei para o que viria depois.

Quando eu voltei para casa à noite depois do trabalho, minha avó estava esperando por mim na cozinha. Oh-oh, pensei, mas, no segundo em que me viu, Nana estendeu os braços para um abraço, o que me surpreendeu.

— Venha — disse ela.

Quando eu estava em seus braços, ela continuou:

— Me desculpe, Alex. Eu não tinha o direito de ir embora e abandonar vocês daquele jeito. Estava errada. Senti a falta de vocês assim que entrei no táxi com Abraham.

— Você tinha todo o direito... — comecei a dizer, mas Nana me cortou.

— Não discuta comigo, Alex. Uma vez na vida, desista enquanto está em vantagem.

Fiz o que ela mandou e me calei.

34

COISA GRANDE. VAMOS LA. Na manhã de sexta-feira daquela semana, um pouco depois das nove, eu me vi sozinho na ante-sala do escritório do diretor Ron Burns, no nono andar do edifício Hoover, quartel-general do FBI.

O assistente do diretor, Tony Woods, colocou seu enganador rosto redondo de querubim fora do escritório de Burns.

— Oi, Alex, você está aí. Por que não entra? Grande trabalho outro dia na Kentucky Avenue. Especialmente considerando-se as circunstâncias. O diretor está querendo falar com você sobre isso 72

e mais algumas coisas que ele tem em mente. Eu ouvi dizer que Ned Mahoney vai se recuperar plenamente.

Grande trabalho — eu quase fui morto, pensei enquanto seguia Woods para o escritório. Ned Mahoney foi baleado no pescoço. Ele também poderia ter morrido.

O diretor estava esperando por mim em seu sanctum sanctorum. Ron Burns tinha uma coisa engraçada. Ele é um cara exigente, mas aprendeu a jogar um pouco de conversa fora e sorrir muito antes de passar para o trabalho. Isso é quase uma necessidade em Washington, especialmente se você tem de lidar com tantos políticos dissimulados como ele. Mas, como muitos homens voltados exclusivamente para os negócios, Burns é péssimo no papo furado. Ainda assim, falamos sobre esporte e o tempo por uns bons noventa segundos antes de chegarmos à verdadeira razão da minha visita.

— Então, no que você tem pensado estes dias? — perguntou Burns. — Tony disse que você queria me ver, então eu acho que este não é um encontro meramente social. Eu também tenho algumas coisas que

quero ver com você. Uma nova missão, para começar: um serial em Maine e Vermont, nada menos.

Eu assenti e deixei Burns continuar. Mas de repente comecei a ficar tenso e um pouco inseguro. Finalmente, fui obrigado a interrompê-lo:

— Não há como amenizar isso, diretor, então serei direto. Estou aqui para dizer que vou deixar o departamento. Isto é muito difícil, e é constrangedor. Eu aprecio tudo o que fez por mim, mas tomei uma decisão por causa de minha família. É definitiva. Não vou mudar de idéia.

— Merda — disse Burns, e bateu na mesa com força com a palma da mão. — Maldição, Alex. Por que você quer nos deixar agora? Isso não faz sentido para mim. Você está subindo rápido no departamento. Você sabe disto, não? Quer saber? Eu não vou deixar você sair.

— Não há nada que você possa fazer para me impedir — disse a ele.

— Lamento, mas tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa. Pensei nisso cem vezes nos últimos dias.

74

Burns olhou nos meus olhos e deve ter visto decisão neles, porque se levantou de detrás da mesa. Então se aproximou com a mão estendida.

-Você está cometendo um enorme erro, e uma péssima jogada profissional, mas sei que não adianta discutir com você. Foi um verdadeiro prazer, Alex, e um aprendizado — disse ele enquanto apertávamos as mãos. Tivemos um desconfortável papo sobre amenidades durante os dois minutos seguintes. Então eu me levantei para deixar seu escritório.

Ao chegar à porta, Burns chamou:

— Alex, espero que ainda possa ligar para você de vez em quando. Eu posso, não?

Eu ri, mesmo contra a vontade, porque a observação era muito típica da postura de Burns de nunca desistir.

— Você pode me ligar eventualmente. Mas por que não esperar alguns meses?

Ambos rimos, e de repente eu me dei conta — minha breve e, de algum modo, ilustre carreira no FBI tinha chegado ao fim.

E eu também estava desempregado.

Eu NÃO COSTUMO OLHAR PARA TRÁS, para as fases de minha vida, com alguma espécie de arrependimento e, de qualquer modo, meu período no FBI tinha sido basicamente muito bom e provavelmente até mesmo valioso a longo prazo. Eu tinha aprendido coisas, realizado um bom trabalho — como deter um psicopata da mafia russa chamado Wolf. E eu tinha feito alguns bons amigos — o chefe do Resgate de Reféns, talvez até mesmo o diretor — que não poderiam me prejudicar e talvez até pudessem me ajudar algum dia.

Ainda assim, eu não estava preparado para a inacreditável sensação de alívio que tive quando, naquela manhã, tirei do prédio 75

do FBI a caixa de papelão com as minhas coisas. Era como se pelo menos cem quilos de peso morto tivessem sido retirados dos meus ombros, um fardo que eu nem sequer sabia que estava ali. Não estava absolutamente certo de que tinha tomado uma boa decisão, mas certamente sentia isso.

Chega de monstros, humanos ou não, era o que eu estava pensando comigo mesmo.

Chega de monstros para sempre.

Eu fui para casa pouco antes do meio-dia. Finalmente livre. As janelas do carro estavam abertas e eu estava escutando "No Woman, No Cry", de Bob Marley, com as palavras "everything's gonna be ali right" no máximo do rádio. Eu cantava junto. Eu não tinha planejado o que fazer no resto do dia — isso parecia ótimo. Na verdade, eu gostava da idéia de não fazer nada durante algum tempo, e estava começando a achar que também poderia ser muito bom nisso.

Havia algo que eu tinha de fazer imediatamente, enquanto estava no clima. Eu dirigi até a loja da Mercedes e encontrei a vendedora Laurie Berger. Fiz um testdrive no R350, e todo aquele espaço para as pernas era ainda mais legal na auto-estrada do que no salão de vendas. Gostei do jeito do carro e também do controle duplo de refrigeração, que deixaria todo mundo feliz, até mesmo Nana Mama.

Mas, ainda mais importante, era hora da família e eu mesmo nos mudarmos do velho carro de Maria. Estava na hora, eu tinha poupado dinheiro, então comprei o R350 e me senti ótimo com isso.

Quando voltei para casa, encontrei um bilhete de Nana na mesa da cozinha. Era para Jannie e Damon, mas ainda assim eu o li.

Saiam e respirem um pouco de ar puro, os dois. Há coq au vin no aquecedor. Delicioso! Arrumem a mesa para mim, por favor. E comecem os deveres de casa antes do jantar. Damon tem coro esta noite. Lembre-se de "controlar a respiração", rapazinho. Tia e eu levamos Ali ao zoológico, e ESTAMOS ADORANDO.

Sua Nana não está aqui, mas eu os estou vigiando assim mesmo!

Não pude deixar de sorrir. Aquela mulher tinha me salvado muito tempo antes, e agora estava salvando meus filhos.

Eu previra ficar um pouco com Ali, mas haveria muito tempo para isso num futuro próximo. Então preparei para mim um sanduíche de sobras de porco e salada de repolho cru e depois, por alguma estranha razão, fiz pipoca para um.

Por quê? Porque não? Eu nem sequer gosto tanto assim de pipoca, mas de repente estava no clima de um pouco de junkfood quente e gordurosa. Livre para ser eu mesmo; livre para ser idiota se quisesse.

Comi a pipoca fresca e toquei piano por duas horas naquela tarde — Duke Ellington, Jelly Roll Morton, Al Green. Li vários capítulos de um livro chamado *The Shadow of the Wind*. E então fiz o realmente inimaginável: tirei uma soneca no meio da tarde. Antes de adormecer, pensei novamente em Maria, a melhor das épocas, nossa lua-de-mel em Sandy Lane, Barbados. Como tinha sido ótimo. Como ainda sentia falta dela e queria que ela estivesse aqui para ouvir a novidade.

Durante o resto da tarde, o telefone não tocou uma só vez. Eu não tinha mais um pager e, nas palavras de Nana Mama — eu estava adorando.

Nana e Ali chegaram em casa juntos, depois veio Jannie e finalmente Damon. As chegadas escalonadas me deram a chance de mostrar nosso novo carro três vezes, e receber seus elogios e aplausos três vezes. Que grande dia aquele estava sendo.

No jantar daquela noite, nós nos lançamos sobre o delicioso frango francês de Nana, e eu guardei a grande notícia até o final da refeição, sorvete de abóbora e café au lait.

Jannie e Damon queriam comer e correr, mas eu mantive todos sentados à mesa. Jannie queria voltar para seu livro. Ela estava

mergulhada em Eragon, o que eu acho bom, mas não entendia por que aqueles garotos tinham de ler o mesmo livro seis vezes.

— E agora? — perguntou ela revirando os olhos, como se já soubesse a resposta.

— Tenho algumas novidades — disse a ela e a todos os outros.

Os garotos olharam uns para os outros, e Jannie e Damon compartilharam um franzir de cenho e um balançar de cabeça. Todos achavam que sabiam o que viria a seguir — que eu iria sair da cidade em uma nova investigação de assassinato, provavelmente um assassino em série. Talvez naquela mesma noite, como quase sempre fazia.

— Não vou a lugar nenhum — disse, e dei um grande sorriso. De fato, exatamente o contrário. Na verdade, vou à apresentação de Damon no coro esta noite. Quero ouvir aquele alegre barulho. Quero ver como ele está controlando a respiração atualmente.

— Você vai ao coro? — exclamou Damon. — O que está acontecendo, há algum assassino em nosso grupo?

Eu estava intencionalmente segurando um pouco, meus olhos indo metodicamente de um rosto a outro. Sabia que nenhum deles tinha qualquer idéia do que iria acontecer. Nem mesmo nossa habilidosa e sabe-tudo Nana tinha descoberto ainda.

Jannie finalmente olhou para Ali.

— Mande ele contar o que vai acontecer, Ali. Mande ele falar.

— Bora, papai — disse o rapazinho, que já era um manipulador habilidoso. — Conta. Antes que a Janelle enlouqueça.

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem. Vamos lá. Lamento ter de dizer que agora estou desempregado e que estamos praticamente na miséria. Bem, não realmente. Seja como for, esta manhã eu pedi demissão do FBI. Não fiz nada durante o resto do dia. Hoje, para mim é o ensaio de "Cantante Domino".

Nana Mama e as crianças aplaudiram entusiasmadamente. As crianças começaram a cantar "Mi-sé-ria! Mi-sé-ria!". E quer saber? Aquilo me soou bem. Assim como chega de monstros.

O CAPÍTULO SEGUINTE DA HISTÓRIA foi assim: John Sampson era uma estrela no departamento de polícia de Washington na época.

Desde que Alex deixara o departamento e se transferira para o FBI, a reputação de Sampson tinha crescido; não que ela já não fosse grande antes, não que Sampson não fosse muito respeitado por várias razões. O curioso, porém, era que Sampson não estava nem aí. A aprovação dos colegas não significava quase nada para o Grande Homem. A não ser que fosse a de Alex, e, mesmo assim, nem sempre.

Seu último caso tinha sido um verdadeiro desafio. Talvez porque ele odiasse o mau ator que ele estava tentando pegar. O lixo em questão, Gino "Greaseball" Giametti, tinha boates de striptease e casas de massagem até Fort Lauderdale e Miami. Sua "fonte paralela" era servir pervertidos que precisavam de garotas adolescentes, às vezes impúberes. O próprio Giametti era obcecado com o chamado complexo de Lolita.

"Capo", resmungou Sampson enquanto dirigia pela rua de Giametti na sofisticada região de Washington chamada Kalorama. O termo importante se referia a capitano, um capitão da máfia. Gino Giametti tinha ganhado muito durante anos. Tinha sido um dos primeiros mafiosos a perceber que era possível ganhar muito dinheiro trazendo lindas garotinhas do antigo bloco soviético, especialmente Rússia, Polônia e Tchecoslováquia. Era a sua especialidade, e a razão pela qual Sampson estava naquele momento no carro. Ele só lamentava que Alex não pudesse estar com ele naquele caso. Seria um flagra delicioso.

Um pouco depois de meia-noite, Sampson estacionou em frente à casa de Giametti. O mafioso não vivia de forma extravagante, mas todas as suas necessidades eram atendidas. Era assim que a máfia cuidava do seu pessoal.

Sampson olhou pelo retrovisor e viu mais dois carros parando junto ao meio-fio bem atrás dele. Ele falou em um microfone preso no colarinho da camisa.

— Boa-noite, cavalheiros. Acho que esta será uma noite agradável. Sinto nos ossos. Vamos acordar o Greaseball.

37

O PARCEIRO DE SAMPSON era um detetive de 28 anos de idade chamado Marion Handler, quase tão grande quanto Sampson. Mas Handler certamente não era um Alex Cross.

Ele estava então vivendo com uma chefe de torcida do Washington Redskins, de seios grandes e cérebro pequeno, e tentava fazer seu nome na Homicídios. "Sou um velocista, parceiro", ele costumava dizer a Sampson, sem nenhum sinal de humor ou modéstia.

Só ficar perto do detetive metido já era exaustivo, e também deprimente. O homem era completamente idiota; pior, era arrogante, ostentando suas freqüentes falhas de raciocínio.

— Eu cuido deste — anunciou Handler quando eles chegaram à varanda da frente da casa de Giametti. Quatro outros detetives, um deles com um aríete, já estavam esperando junto à porta. Eles olharam para Sampson em busca de orientação.

— Vai na frente? Sem problema, Marion. Faça o favor — disse ele a Handler. Depois acrescentou: — Primeiro a entrar, primeiro no necrotério.

Então disse ao detetive que levava o aríete:

— Derrube! O detetive Handler vai na frente.

A porta da frente caiu com dois golpes fortes do aríete. O alarme da casa disparou e os detetives entraram correndo.

Os olhos de Sampson vasculharam a cozinha escura. Ninguém ali. Aparelhos novos por toda parte. Um iPod e CDs espalhados pelo chão. Crianças na casa.

— Ele está lá em baixo — disse Sampson aos outros. — Giametti não dorme mais com a esposa.

Os detetives desceram correndo uma escada de madeira íngreme no canto oposto da cozinha. Eles estavam lá havia menos de vinte segundos. No porão, entraram pela primeira porta que encontraram.

— Polícia metropolitana! Mãos ao alto. Agora, Giametti — ri-bombou a voz de Marion Handler.

Greaseball se levantou rápido. Ele ficou agachado de forma defensiva na extremidade oposta da cama king-size. Era um homem baixo, barrigudo e hirsuto de quarenta e tantos anos. Parecia grogue e confuso, talvez drogado. John Sampson, entretanto, não se deixou enganar por sua aparência física — aquele homem era um assassino frio. E muito pior.

Uma bela mulher nua com cabelos louros longos e pele muito branca ainda estava na cama. Ela tentou cobrir seus seios pequenos e sua

região genital depilada. Sampson sabia seu nome, Paulina Sroka, e que ela viera da Polônia. Sampson sabia que ela estaria ali e que se comentava que Giametti estava loucamente apaixonado pela beleza loura que importara da Europa seis meses antes. Segundo suas fontes, Greaseball tinha matado a melhor amiga da garota porque se recusara a fazer sexo anal com ele.

— Não precisa ter medo — disse Sampson a Paulina. — Somos da polícia de Washington. Você não está em apuros. Ele está.

— Cala a boca! — gritou Giametti para a garota, que parecia ao mesmo tempo confusa e assustada. — Não diga uma só palavra a eles! Nenhuma palavra, Paulie! Estou avisando!

Sampson se moveu mais rapidamente do que parecia ser capaz. Ele jogou Giametti no chão, então o algemou como um novilho em um rodeio.

— Não diga uma palavra! — continuou a gritar Giametti, mesmo com o rosto apertado contra o tapete felpudo. — Não fale com eles, Paulie! Estou avisando! Está me ouvindo?

A garota parecia patética e perdida sentada em meio a lençóis amarfanhados, tentando se cobrir com uma camisa masculina dada a ela pelos detetives.

Ela finalmente falou em um sussurro suave:

— Ele me obriga a fazer tudo o que manda. Ele faz tudo de ruim comigo. Sabe o que eu estou dizendo, tudo o que puder imaginar. Eu mal consigo andar... Eu tenho 14 anos de idade.

Sampson se virou para Handler:

— Pode continuar daqui, Marion. Tire esse bosta daqui. Eu não quero tocar no lodo.

38

UMA HORA DEPOIS, GIAMETTI foi temperado, depois grelhado, até estar bem passado sob luzes brilhantes na Sala de Investigação n.º 1 do Primeiro Distrito. Sampson não tirava os olhos do gangster cruel, que tinha o hábito irritante de coçar o couro cabeludo compulsivamente, com força suficiente para fazê-lo sangrar. O próprio Giametti parecia não perceber.

Marion Handler comandara o espetáculo até então, fizera a maioria das perguntas preliminares, mas Giametti não tinha muito a dizer. Sampson ficou sentado, observando, avaliando os dois homens.

Até então Giametti estava se saindo melhor. Ele era muito mais esperto do que aparentava.

— Eu acordei e Paulie estava dormindo em minha cama. Dormindo, exatamente quando vocês invadiram. O que eu posso dizer? Ela tem seu próprio quarto lá em cima. Ela é uma garotinha assustada. Algumas vezes maluca, também. Paulie cuida da casa e faz esse tipo de merda para minha esposa. Nós queríamos colocá-la nas escolas da região. As melhores escolas. Estávamos deixando que ela antes melhorasse o inglês. Ei, estávamos tentando fazer a coisa certa pela garota, então por que vocês estão apertando meu saco?

Sampson finalmente se ajeitou na cadeira. Ele já tinha ouvido besteiras demais por uma noite.

— Alguém alguma vez disse que você poderia ser comediante?

— perguntou. E, Marion, você poderia servir de escada para ele.

— Na verdade, sim — disse Giametti, e deu um sorrisinho. Umas duas pessoas me disseram a mesma coisa. Quer saber? Acho que eles também eram tiras.

— Paulina já nos disse que viu você matar sua amiga Alexa. Alexa tinha 16 anos quando morreu. A garota foi garroteada!

Giametti bateu com o punho na mesa em frente a ele.

— A putinha maluca. Paulie está mentindo. O que você fez, ameaçou mandá-la de volta? Deportá-la para a Polônia? É o maior medo dela.

Sampson sacudiu a cabeça.

— Não, eu disse que ajudaríamos a mantê-la nos Estados Unidos se pudermos. Colocá-la na escola. A melhor. A coisa certa por ela.

— Ela está mentindo, e ela é doida. Estou dizendo a vocês, aquela garotinha bonita é maluca.

Sampson anuiu lentamente.

— Ela está mentindo? Tudo bem, então, e quanto a Roberto Gallo? Ele também está mentindo? Ele o viu matar Alexa e colocar o corpo no porta-malas do seu Lincoln. Ele inventou isso?

— Claro que ele inventou. Isso é uma besteira completa, lixo total. Você sabe disso. Bobby Gallo sabe disso. Alexa? Quem afinal é Alexa?

A amiga imaginária de Paulie?

Sampson encolheu seus ombros largos.

— Como eu saberia que a história de Gallo é besteira?

— Porque nunca aconteceu, assim! Porque Bobby Gallo provavelmente fez um acordo com vocês.

— Você está querendo dizer que não aconteceu assim? Gallo não presenciou? Mas Paulina, sim. É o que você está dizendo?

Giametti franziu o cenho e balançou a cabeça.

— Você acha que eu sou idiota, detetive Sampson? Eu não sou idiota.

Sampson abriu as mãos para indicar a pequena sala de interrogatório muito iluminada.

— Mas aqui está você.

Giametti pensou nisso alguns segundos. Então gesticulou para a Handler.

— Diga ao Júnior aqui para dar um longo passeio. Eu quero conversar com você. Só eu e você, grandalhão.

Sampson olhou para Marion Handler. Ele deu de ombros e revirou os olhos.

— Por que você não faz um intervalo, Marion?

Handler não gostou, mas se levantou e saiu da sala de interrogatório. Ele fez muito barulho na saída, como um colegial petulante que acabou de levar uma suspensão.

Sampson não falou nada assim que ele e Giametti ficaram a sós. Ele ainda estava observando o mafioso, tentando entrar na pele do marginal. O cara era um assassino — isso ele sabia. E Giametti também tinha de saber que estava na merda. Paulina Sroka tinha 14 anos de idade.

— O tipo forte, silencioso? — perguntou Giametti, dando outro risinho.

— É o seu papel, garotão?

Sampson permaneceu mudo. As coisas continuaram assim vários minutos.

Giametti finalmente se inclinou para a frente e falou com uma voz serena e séria.

— Veja, você sabe que isso é besteira, certo? Não há arma do crime. Não há corpo. Eu não fatiei nenhuma polaquinha chamada Alexa. E

Paulie é maluca. Acredite nisso. Ela tem pouca idade, mas ela não é uma garotinha. Ela fazia programas no país dela. Você sabia disso?

Sampson finalmente falou.

— Eis o que eu sei, e o que posso provar. Você estava fazendo sexo com uma garota de 14 anos de idade em sua própria casa.

Giametti sacudiu a cabeça.

— Ela não tem 14 anos. Ela é uma putinha. Seja como for, eu tenho algo para você, algo para trocar. É sobre um amigo seu, Alex Cross. Está prestando atenção, detetive? Ouça isto. Eu sei quem matou a esposa dele. Eu também sei onde o sujeito está agora.

39

JOHN SAMPSON SAIU do seu carro lentamente, e seguiu pela familiar calçada de pedras, até os degraus da frente da casa dos Cross na Fifth Street.

Junto à porta ele hesitou, tentando organizar seus pensamentos, se acalmar um pouco, caso fosse possível. Aquilo não iria ser fácil, e ninguém sabia disso melhor do que ele. Ele sabia coisas sobre o assassinato de Maria Cross que até mesmo Alex ignorava.

Ele finalmente se esticou e tocou a campainha. Devia ter feito aquilo milhares de vezes na vida, mas nunca tinha sido como agora.

Nada de bom sairia daquela visita. Absolutamente nada de bom. Ela poderia até mesmo encerrar uma longa amizade.

Um instante depois Sampson ficou surpreso por ter sido Nana Mama quem atendeu a porta. A velha senhora vestia um robe azul florido e parecia ainda menor que normalmente, como um pássaro antigo que merecesse ser cultuado. E naquela casa ela certamente era, até mesmo por ele.

— John, qual é o problema agora? O que é isto? Estou quase com medo de perguntar? Bem, entre. Você vai assustar toda a vizinhança.

— Ela já está assustada Nana — disse Sampson com voz arrastada e tentando sorrir. — Aqui é Southeast, lembra-se?

— Não tente fazer piada com isto, John. Não ouse. Por que você está aqui?

Sampson de repente se sentiu como se tivesse voltado a ser um adolescente, apanhado por um dos terríveis olhares de Nana. Havia

algo horrivelmente familiar naquela cena. Lembrou o tempo em que ele e Alex foram apanhados roubando discos no Grady, quando estavam no ginásio. Ou quando estavam fumando maconha atrás da John Carroll High School, foram flagrados pelo vice-diretor e Nana teve de ir libertá-los.

— Tenho de falar com Alex — disse Sampson. — É importante, Nana. Precisamos acordá-lo.

— E por quê? — perguntou ela, batendo um pé esticado. — Três e quinze da manhã. Alex não trabalha mais para a cidade de Washington. Por que as pessoas não podem simplesmente deixá-lo em paz? Quanto mais você, John Sampson. Você não tinha nada que vir aqui no meio da noite pedir a ajuda dele novamente.

Sampson normalmente não discutia com Nana Mama, mas daquela vez sim.

— Temo que não possa esperar, Nana. E desta vez eu não preciso da ajuda de Alex. Ele precisa da minha.

Então Sampson passou direto por Nana e entrou na casa dos Cross — sem ser convidado.

ERAM QUASE 4 HORAS DA MANHÃ e Sampson e eu estávamos retornando ao Primeiro Distrito no carro dele. Eu estava completamente acordado, e ligado. Meu sistema nervoso parecia estar vibrando.

O assassino de Maria? Depois de todos aqueles anos? Havia a mínima possibilidade de que o assassino pudesse ser apanhado mais de dez anos depois de minha esposa ter sido morta? A coisa toda me parecia irreal. Na época, eu tinha cuidado do caso durante um ano, e nunca desistira inteiramente da caçada. E agora, de repente, pegaríamos o assassino? Seria possível?

Chegamos ao distrito na Fourth Street e corremos para dentro do prédio sem dizer nada. Uma delegacia no turno da noite pode ser muito parecida com a emergência de um hospital: você nunca sabe o que esperar quando entra. Dessa vez eu não tinha nenhuma pista, mas não podia esperar para falar com Giametti.

Pareceu atipicamente silencioso quando atravessamos a porta da frente, mas tudo mudou de repente. Ficou óbvio tanto para Sampson quanto para mim que havia algo de errado quando descemos 86 para as celas de custódia. Meia dúzia de detetives e policiais uniformizados estava ali. Eles pareciam alertas e ansiosos demais para aquela hora da madrugada.

Definitivamente estava acontecendo algo.

O novo parceiro de Sampson, Marion Handler, nos viu e se dirigiu apressadamente na direção de John. Handler me ignorou e eu também fiz o máximo para não percebê-lo. Eu tinha falado com ele umas duas vezes e achava o detetive um lixo exibicionista. Fiquei pensando na razão por que John tinha se entendido com ele daquela forma.

Talvez ele tivesse visto em Handler algo que eu não via, ou talvez Sampson estivesse finalmente amolecendo um pouco.

— Você não vai acreditar na merda. E inédito — disse ele a Sampson.
— Alguém pegou Giametti. Não estou de sacanagem, Sampson. Ele está ali, morto em sua cela. Alguém o pegou lá.

Eu estava me sentindo inteiramente perdido enquanto Handler nos levava até a última cela de custódia da ala. Eu não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Primeiro, nós tínhamos uma pista do paradeiro do assassino de Maria, e então o homem que nos deu a pista era assassinado? Ali?

— Ele tinha até um quarto particular — disse Handler a Sampson. — Como puderam pegá-lo ali? Bem debaixo do nosso nariz?

Sampson e eu ignoramos a pergunta enquanto entrávamos na última cela à direita. Havia dois peritos trabalhando ao redor do corpo, mas eu pude ver o que precisava. Um furador de gelo tinha sido enfiado no nariz de Gino Giametti. Parecia que antes o furador tinha sido usado para arrancar seus olhos.

— Não veja o mal — disse Sampson com sua voz profunda e serena. — Tem de ser a máfia.

41

QUANDO CHEGUEI EM CASA mais tarde naquela manhã, eu sabia que não iria conseguir dormir bem. E qual era a novidade? As crianças estavam na escola, Nana tinha saído; a casa estava silenciosa como uma tumba.

Nana tinha colocado outra de suas brincalhonas manchetes de jornal "erradas" na geladeira: CORTE JUVENIL VAI JULGAR VÍTIMA DE TIROTEIO. Muito engraçado, mas eu não estava com disposição para sorrisos, mesmo à custa de jornalistas. Toquei piano na varanda ensolarada e bebi uma taça de vinho tinto, mas nada pareceu ajudar.

Eu podia ver o rosto de Maria e ouvir sua voz na minha cabeça. Fiquei pensando: por que nós começamos a esquecer e depois, algumas vezes, nos lembramos com tanta clareza de pessoas que perdemos? Tudo em relação a Maria, sobre nosso tempo juntos, parecia ter sido revolvido dentro de mim novamente.

Finalmente, por volta de dez e meia, eu subi para o meu quarto. Tinha havido muitos dias e noites como esta. Eu subiria para a minha cama e dormiria ali sozinho. O que era aquilo tudo?

Eu me deitei na cama e fechei os olhos, mas na verdade não esperava dormir, apenas descansar. Estava pensando em Maria desde que saíra do prédio do distrito na Fourth Street. Algumas das imagens eram de

Maria e de mim, quando as crianças eram pequenas — as partes boas e também as partes ruins, não apenas lembranças sentimentais seletivas. Fiquei tenso na cama pensando nela, e finalmente compreendi algo útil em relação ao presente — que eu queria que a minha vida voltasse a fazer sentido. Bastante simples, certo? Mas será que isso ainda poderia acontecer? Será que eu poderia seguir em frente?

Bem, talvez. Havia alguém. Alguém de quem eu gostava o suficiente para fazer algumas mudanças. Ou será que estava apenas me enganando novamente? Eu finalmente mergulhei em um sono sem sonhos e nada reparador, que era o máximo que conseguia naquela época. 42

Só o QUE EU TINHA A FAZER era seguir em frente, certo? Fazer algumas mudanças inteligentes na minha vida. Eu tinha me livrado da velha carroça de Maria e avançado e evoluído para nosso crossveículo. Por que seria tão difícil fazer algumas outras mudanças? E por que continuava fracassando nisso?

Alex tem um grande encontro, disse a mim mesmo repetidamente na sexta-feira seguinte. Por isso eu tinha escolhido o restaurante New Heights, na Calvert Street, voltado para o Woodley Park. New Heights era o tipo de lugar para grandes encontros. A dra. Kayla Coles iria se encontrar comigo lá após parar de trabalhar cedo — para os seus padrões — às nove.

Eu sentei logo em nossa mesa, em parte porque temi que eles a liberassem a alguém caso Kayla chegasse tarde — o que ela fez, cerca de quinze minutos depois.

O atraso dela não me importava. Eu estava feliz de vê-la. Kayla é uma bela mulher, tem um sorriso radiante. Mais importante, no entanto, é que eu gostava de passar tempo com ela. Parecia que sempre tínhamos algo sobre o que conversar. Exatamente o contrário de muitos casais que conheço.

— Uau — disse, e pisquei, quando a vi deslizar pelo salão. Ela estava de sapatos baixos, possivelmente porque tem 1,75 de altura, talvez apenas porque é uma pessoa sã e não suporta o desconforto de saltos.

— Uau, você! Você também está bem, Alex. E esta vista. Adoro este lugar.

Eu pedi para ficar junto às janelas que davam para o Rock Creek Park e era espetacular, tinha de admitir. O mesmo podia ser dito de Kayla, que usava um paletó de seda branca com uma camisa bege, calças compridas pretas e uma bela faixa dourada na cintura, caindo delicadamente para o lado.

Pedimos uma garrafa de Pinot Noir e depois uma refeição fantástica, com destaque para um patê de feijão preto e queijo de cabra, que dividimos, seu salmão do ártico, meu contrafilé aipoivre e chocolate meio amargo com amêndoas para dois. Tudo no restaurante New Heights estava ótimo: as cerejeiras em frente, floridas no outono, algumas obras de arte locais bastante interessantes nas paredes, cheiros deliciosos de comida — funcho, alho torrado — percorrendo o salão, luzes de velas em todo ponto onde os olhos paravam. Mas meu olhar se fixava principalmente em Kayla, normalmente em seus olhos, que eram castanho-escuros, bonitos e inteligentes.

Depois do jantar, eu e ela atravessamos a pé a ponte Duke Ellington na direção de Adams Morgan e Columbia Road. Paramos em uma de minhas lojas preferidas em Washington, a Crooked Beat Records, e comprei Alex Chilton e Coltrane para ela, com Neil Becton, um dos donos e um velho amigo que tinha escrito para o Post. Depois Kayla e eu entramos no Kabani Village, a alguns passos da rua. Tomamos mojitos e assistimos a uma peça de teatro durante uma hora.

Na caminhada de volta para meu carro, nós nos demos as mãos e continuamos a falar sem parar. Então Kayla me beijou — no rosto.

Eu não sabia o que pensar daquilo.

— Obrigada pela noite — ela disse. — Foi perfeita, Alex. Assim como você.

— Foi bom, não? — disse, ainda perturbado com o beijo fraternal. Ela sorriu.

— Nunca o vi tão relaxado.

Acho que essa foi a melhor coisa que ela poderia ter dito e quase compensou o beijo no rosto. Quase.

Então Kayla me beijou na boca, e eu a beijei de volta. Aquilo foi muito melhor, assim como o restante da noite em seu apartamento em Capitol Hill. Pelo menos por algumas horas, era como se minha vida estivesse começando a fazer sentido novamente.

O AÇOUGUEIRO SEMPRE ACHARA que Veneza, Itália, era um pouco superestimada, para ser honesto.

Atualmente, porém, com o fluxo interminável de turistas, especialmente a invasão dos americanos arrogantes e lamentavelmente ingênuos, qualquer um com um quarto de cérebro teria concordado com ele. Talvez não, considerando-se que a maioria das pessoas que ele conhecia era de idiotas completos, quando você observava com cuidado. Ele aprendera isso quando tinha quinze anos e vivia nas ruas do Brooklyn, após ter fugido de casa pela terceira ou quarta vez quando adolescente, um jovem com problemas, uma vítima das circunstâncias, ou talvez apenas um psicopata inato.

Ele tinha chegado à periferia de Veneza de carro e estacionado na Piazzale Roma. Então, enquanto se apressava para pegar um táxi aquático até seu destino, pôde ver a excitação, ou talvez mesmo a reverência por Veneza em todos os rostos que passavam. Idiotas e ovelhas. Nenhum deles nunca tivera uma idéia original ou chegara a alguma conclusão sem a ajuda de um guia idiota. Mas mesmo ele tinha de admitir que o punhado de antigas villas lentamente afundando no pântano podia ser visualmente cativante visto à luz certa, especialmente a distância.

Assim que estava a bordo do táxi aquático, porém, não pensou em nada a não ser no trabalho que esperava por ele — Martin e Mareia Harris.

Era o que acreditavam seus ingênuos vizinhos e amigos em Madison, Wisconsin. Não importava quem o casal realmente era embora Sullivan conhecesse sua identidade. Mais importante que isso, ele representava cem mil dólares já depositados em sua conta na Suíça, mais despesas, por apenas dois dias de trabalho. Ele era considerado um dos mais bem-sucedidos assassinos do mundo, e você tem aquilo pelo que paga, a não ser, talvez, nos restaurantes de L.A. Ele tinha ficado um pouco surpreso ao ser contratado por John Maggione, mas era bom estar trabalhando.

O táxi aquático atracou no rio di San Moisé, fora do Grand Canal, e Sullivan pegou seu caminho passando por lojas estreitas e museus até

chegar à praça São Marcos. Ele estava em contato por rádio com um olheiro e tinha sido informado de que os Harris estavam caminhando pela praça, olhando a paisagem de forma relaxada. Já eram quase onze da noite e ele ficou pensando o que eles fariam a seguir. Uma boate? Uma ceia no Cipriani? Drinques no Harry's Bar?

Então viu o casal — ele de sobretudo Burberry; ela, com um xale de cachemira e carregando City of Falling Angels, de John Berendt.

Ele os seguiu, escondido em meio à multidão festiva e barulhenta. Sullivan tinha achado melhor se vestir como um Joe qualquer — calças caqui, suéter, chapéu de chuva mole. As calças, a camisa e o chapéu podiam ser descartados em segundos. Por baixo, usava um terno de tweed marrom, camisa e gravata, e tinha uma boina. Assim se transformaria no professor. Um de seus disfarces preferidos quando ia à Europa para qualquer serviço.

Os Harris não se afastaram muito da praça São Marcos, acabando por entrar na rua 13 Martiri. Sullivan já sabia que eles estavam no Bauer Hotel, portanto estavam voltando para o quarto.

— Vocês quase estão tornando isso fácil demais — murmurou para si mesmo.

Então ele pensou. Erro.

44

SEGUIU MARTIN e Mareia Harris enquanto caminhavam de braços dados por um beco escuro, estreito e tipicamente veneziano. Eles pegaram uma passagem para o Bauer Hotel. Ficou pensando por que John Maggione os queria mortos, mas, na verdade, isso não importava.

92

Momentos depois, estava sentado em frente a eles do outro lado do bar no terraço do hotel. Um belo lugarzinho, aconchegante como! um sofá para dois, ele se debruçava sobre o canal e a Chiesa delia Salute. O Açougueiro pediu um Bushmills, mas não deu mais de um gole ou dois, apenas para suavizar as coisas. Tinha um bisturi no bolso da calça, e o segurou enquanto olhava para os Harris.

Dois pombinhos, ele não conseguia deixar de pensar enquanto davam um beijo demorado no bar. Por que vocês não vão para um quarto?

Como se estivesse lendo os pensamentos do Açougueiro, Martin Harris pagou a conta, e o casal deixou o terraço lotado. Sullivan os seguiu. O Bauer era um típico palazzo veneziano, mais parecido com uma mansão que com um hotel, suntuoso e opulento em todos os cantos. Sua própria esposa, Caitlin, iria adorar, mas ele nunca poderia levá-la lá, ou sequer retornar ele mesmo.

Não depois desta noite e da tragédia indizível que iria se dar ali em questão de minutos. Porque era essa a especialidade do Açougueiro — tragédias, do tipo indizível.

Ele sabia que havia 97 quartos de hóspedes e 18 suítes no Bauer, e que os Harris estavam em uma das suítes do terceiro andar. Ele os seguiu pela escadaria atapetada, e imediatamente pensou. Erro.

Mas de quem — meu ou deles? Uma pergunta importante na qual pensar e estar pronto para responder.

Saiu da escadaria — e tudo deu errado rapidamente! Os Harris estavam esperando, ambos com armas sacadas, e Martin tinha no rosto um sorriso desagradável. Eles provavelmente iriam levá-lo para seu quarto e matá-lo lá. Era uma jogada óbvia... De profissionais.

Também não era um trabalho tão vagabundo. Um oito em dez. Mas quem tinha feito aquilo com ele? Quem o tinha mandado para morrer em Veneza? E ainda mais curioso — por que ele era o alvo? Por que ele? E por que naquele momento?

Não que estivesse pensando em nada daquilo no momento, no corredor mal iluminado do Bauer, com duas armas apontadas para ele. Felizmente, os Harris tinham cometido vários erros no processo. Eles tinham tornado fácil demais segui-los; tinham sido descuidados e despreocupados; românticos demais, pelo menos em sua cansada opinião, para um casal com vinte anos de casamento, mesmo estando de férias em Veneza.

Então o Açougueiro subira as escadas com sua própria pistola sacada — e, no instante em que os viu com armas, disparou. Sem hesitar, nem meio segundo.

Como era um porco chauvinista, atirou primeiramente no homem, em sua avaliação o oponente mais perigoso. Acertou Martin Harris no rosto, estraçalhando o nariz e o lábio superior. Definitivamente um tiro

mortal. A cabeça do homem tombou para trás e sua peruca loura saiu voando.

Então Sullivan se agachou, rolou para a esquerda, e o tiro de Mareia Harris passou a trinta centímetros ou mais dele.

Disparou novamente e acertou Mareia na lateral da garganta; depois fez um segundo disparo em seu peito arfante. E um terceiro no coração.

O Açougueiro sabia que os Harris estavam mortos no corredor, deitados ali como peças de carne, mas não saiu correndo do Bauer.

Em vez disso, puxou seu bisturi e começou a trabalhar nos rostos e nas gargantas. Se tivesse tempo, teria costurado os olhos e as bocas — para mandar um recado. Depois tirou uma dúzia de fotografias das vítimas, os pretensos assassinos, para sua estimada coleção.

Um dia, em breve, o Açougueiro iria mostrar aquelas fotos à pessoa que tinha pagado para que ele fosse morto e. fracassara, e que agora estava praticamente morta.

Esse homem era John Maggione, o próprio chefão.

45

EM SUA PERSONA, MICHAEL SULLIVAN tinha o hábito de pensar muitas vezes nas coisas, e não apenas em seus trabalhos de eliminação. O hábito de toda uma vida incluí a coisas sobre sua família, pequenos detalhes do tipo como e onde tinham vivido, e quem sabia disso. Também imagens do açougue do seu pai em Flatlands estavam sempre e com ele: um toldo de faixas largas com as cores laranja, branco e verde da bandeira irlandesa, a brancura brilhante do interior da loja, o barulhento moedor de carne elétrico que parecia sacudir todo o prédio sempre que era ligado.

Para a sua nova vida, bem distante do Brooklyn, tinha escolhido o rico e basicamente branco Montgomery County, em Maryland.

Tinha escolhido especificamente a cidade de Potomac.

Por volta das três da tarde em que retornou da Europa, dirigiu a exatamente 40 quilômetros por hora através de Potomac Village, parando, como todos os outros bons cidadãos, no sinal irritantemente demorado no cruzamento de River Road e Falls Road.

Mais tempo para pensar, ou se obcecar, do que costumava ter.

Então, quem tinha mandado um pistoleiro atrás dele? Teria sido Maggione? E o que isso significava para ele e sua família? Estaria seguro voltando para casa agora?

Uma das "aparências" ou "disfarces" gerais que ele cuidadosamente escolhera para a sua família era a de boêmio burguês. As ironias da escolha de estilo de vida sempre eram uma diversão: manteiga light, por exemplo, e sempre NPR no rádio do elegante SUV de sua esposa; e comidas bizarras, como muffins de clorofila. Era completamente absurdo e hilariante para o Açougueiro: os prazeres da vidnyuppie que nunca terminavam.

Seus três garotos estudavam na Landor School, particular, onde eram íntimos dos filhos basicamente bem-educados, mas frequentemente bastante desonestos dos medianamente e ricos. Havia muitos médicos ricos em Montgomery County, trabalhando para o 95

Instituto Nacional de Saúde, a Food and Drug Administration e o Comando Médico Naval de Bethesda. Estava então se dirigindo para Hunt County, o bairro chique em que morava, cujo slogan particular era: "Hunt County, o lar do caçador."

E finalmente estava no seu lar, doce lar, comprado em 2002 por 1,5 milhão de dólares. Seis grandes quartos, quatro banheiros, piscina aquecida, sauna, porão decorado com sala de som e vídeo. O rádio por satélite Sirius era a última diversão de Caitlin e dos garotos. Doce Caitlin, amor de sua vida correta, que, naqueles dias, cuidava-se com terapia e medicina alternativa — tudo pago por seus trabalhos suspeitos na caça.

Sullivan tinha telefonado antes de seu celular, e lá estavam no jardim da frente para recebê-lo e saudá-lo — acenando como a família feliz que eles acreditavam ser. Não tinham idéia, nenhuma pista de que eram parte de seu disfarce, que eram sua proteção. Era só o que eram, certo?

Saltou do Cadillac, sorrindo como se estivesse em um comercial de fast-food, e cantou sua música-tema, o velho clássico de Shep and the Limelites "Daddy's Home". "Daddy's home, your daddy's home to stay." E Caitlin e os garotos fizeram o coro: "He's not a thousand miles away."

Sua vida era o máximo, não era? Exceto que agora alguém estava tentando matá-lo. E, claro, sempre havia o passado, o modo que tinha crescido no Brooklyn, seu pai maluco, o maldito quarto nos fundos da loja. Mas o Açougueiro tentou não pensar em nada disso naquele momento.

Estava novamente em casa; ele tinha conseguido — e fez uma grande e bela reverência em frente à sua família que, claro, aplaudiu seu herói que voltava.

Era isso o que era, sim, um herói.

TERAPIA

46

-AiEx! Ei, VOCÊ! Como tem passado? Não o vejo há muito tempo, garotão. Você está com boa aparência..

Eu acenei para uma mulherzinha pequena chamada Malina Freeman e continuei correndo. Malina -era patrimônio da vizinhança, um pouco como eu. Tinha mais Ou menos a mesma idade que eu e era dona da loja de jornais e revistas em que ambos costumávamos gastar nossos trocados em doces e refrigerantes quando crianças. Diziam que ela gostava de mim. Ei, eu também gostava de Malina, sempre gostei.

Meus pés em movimento me mantiveram rumo ao norte; pela Fifth como se soubessem o caminho, e a vizinhança foi ficando para trás. Chegando à Seward Square, virei à direita e peguei o caminho mais longo. Não havia lógica em seguir aquele caminho, mas eu não o fazia por motivos lógicos.

A notícia sobre o assassinato de Maria era a única coisa que me detinha naquela época. Estava evitando o quarteirão onde tinha acontecido e, ao mesmo tempo, fazendo um grande esforço para me lembrar de Maria como a conhecera, não como a tinha perdido. Também estava usando uma parte de todos os dias tentando rastrear seu assassino — agora que suspeitava que ele ainda estivesse por aí, em algum lugar.

Virei à direita na Seventh, então segui na direção do National Mall, acelerando um pouco. Quando cheguei ao meu prédio na Indiana Avenue, tomei fôlego suficiente para subir os quatro lances de escadas, dois degraus de cada vez.

Meu novo consultório era um quarto-e-sala modificado com um pequeno banheiro e uma cozinha embutida na lateral. Muita luz natural penetrava por um semicírculo de janelas no canto em torre. Era onde eu tinha colocado duas cadeiras confortáveis e um pequeno sofá para as sessões de terapia.

O simples fato de estar ali me deixava bastante excitado. Eu tinha colocado minha tabuleta e estava pronto para receber meu primeiro

paciente.

Três pilhas de pastas com casos esperavam na minha mesa, duas delas do FBI e uma outra enviada pela polícia de Washington. A maioria dos arquivos representava possíveis trabalhos de consultoria. Alguns crimes a resolver? Eventualmente um corpo? Achava que isso era realista.

O primeiro arquivo que examinei era um caso de assassinatos em série na Geórgia, que a imprensa tinha apelidado de "Chamado da meia-noite". Três homens negros já

tinham sido mortos, com um intervalo paulatinamente menor entre cada homicídio. Era um caso decente para mim, não fossem os quase mil quilômetros entre Washington

e Atlanta. Coloquei o arquivo de lado.

O caso seguinte era mais perto de casa. Dois professores de história da Universidade de Maryland, talvez intimamente ligados, tinham sido encontrados mortos na sala de aula. Os corpos tinham sido pendurados das vigas do teto. A polícia local tinha um suspeito, mas queria produzir um perfil antes de seguir em frente. Coloquei o arquivo de volta na mesa com um marcador. Amarelo, para talvez.

Bateram na porta.

— Está aberta — respondi, e imediatamente fiquei desconfiado, paranóico, seja lá o que eu tenho sentido o tempo todo.

O que Nana tinha dito quando eu saíra de casa mais cedo? Tente não ser baleado.

47

É DIFÍCIL MUDAR VELHOS HÁBITOS. Mas não era Kyle Craig ou qualquer outro doido psicótico do meu passado que vinha para uma visita.

Era meu primeiro paciente.

A visitante ocupou a maior parte do umbral, onde tinha parado, como se tivesse medo de entrar. Os cantos da boca estavam caídos e sua mão agarrava o batente enquanto tentava recuperar o fôlego, ao mesmo tempo preservando alguma dignidade.

— Você pretende colocar um elevador em breve? — perguntou ela entre arquejos.

— Lamento pela escada — disse. — Você deve ser Kim Stafford. Sou Alex Cross. Entre, por favor. Há café, ou posso lhe dar água.

A primeira paciente de meu novo consultório finalmente entrou no escritório. Era uma mulher atarracada, com pouco menos de 30 anos, supus, embora parecesse ter 40. Estava vestida muito formalmente, com uma saia escura e blusa branca que parecia antiga, mas muito bem-feita. Uma echarpe de seda azul e lavanda estava amarrada cuidadosamente sob o queixo.

— Em seu recado na secretária você disse que foi encaminhada por Robert Hatfield. Eu trabalhei com ele na polícia. E seu amigo?

— Na verdade, não.

Certo, não é amiga de Hatfield. Eu esperei que ela falasse mais, mas nada aconteceu. Ela se limitou a ficar de pé no meio da sala, parecendo avaliar silenciosamente tudo ao redor.

— Podemos nos sentar aqui — comecei. Ela queria que eu me sentasse primeiro, então o fiz.

Kim finalmente se sentou, se equilibrando reticentemente na ponta da cadeira. Uma das mãos brincava nervosamente com o nó da echarpe. A outra estava com o punho cerrado.

— Eu só preciso de alguma ajuda para tentar entender uma pessoa — começou. — Uma pessoa que às vezes fica com raiva.

— E alguém próximo a você? Ela ficou rígida.

— Não vou dizer o nome dele.

— Não, o nome não é importante. Mas é um membro da família?

— Noivo. Eu assenti.

— Há quanto tempo vocês estão juntos? Tudo bem perguntar?

— Quatro anos — disse ela. — Ele quer que eu perca um pouco de peso antes de nos casarmos.

Talvez fosse força do hábito, mas eu já estava produzindo um perfil do noivo. Tudo no relacionamento era culpa dela; ele não assumia responsabilidade por seus atos; o peso dela era sua válvula de escape.

— Kim, quando você diz que ele fica com raiva... Você pode me falar um pouco mais sobre isso?

— Bem é só...

Ela parou para pensar, embora eu estivesse certo de que era constrangimento e não falta de clareza, que a detinha. Então lágrimas

correram dos cantos dos olhos.

— Ele foi violento com você? — perguntei.

— Não — disse, um pouco rápido demais. — Não violento. É só... Bem, sim. Acho que sim.

Tomando fôlego com um tremor, ela pareceu desistir das palavras. Em vez disso, desamarrou a echarpe ao redor do pescoço e a deixou cair no colo.

Eu odiei o que vi. Os vergões eram bem claros. Eles se estendiam como listras borradas ao redor da garganta.

Eu já tinha visto aquelas estrias antes. Normalmente em pessoas mortas.

48

Eu TIVE DE LEMBRAR A MIM MESMO — os assassinatos agora ficaram para trás, esta é apenas uma sessão de terapia.

— Kim, como você conseguiu essas marcas no pescoço? Conte aquilo que puder.

Ela estremeceu enquanto amarrava a echarpe novamente.

— Se meu celular tocar, eu terei de atender. Ele pensa que estou na casa da minha mãe — disse.

Uma expressão terrível surgiu no seu rosto, e me dei conta de que era cedo demais para perguntar sobre agressões específicas.

Ainda sem olhar para mim, ela desabotoou a manga da blusa. Eu não estava certo do que ela fazia até ver a ferida vermelha inflamada acima do pulso, no antebraço. Estava começando a cicatrizar.

— E uma queimadura? — perguntei.

— Ele fuma charuto — disse.

Eu respirei fundo. Ela respondera como se as coisas simplesmente fossem assim.

— Você chamou a polícia?

Ela riu amargamente.

— Não, não chamei.

Sua mão subiu até a boca, e ela exibiu um olhar perdido. Aquele homem obviamente a assustara a ponto de ela protegê-lo, apesar de tudo.

Um telefone celular tocou dentro da bolsa.

Sem uma palavra, ela pegou o telefone, olhou o número e atendeu:

— Oi, querido. O que foi?

Sua voz era macia e descontraída, e completamente convincente.

— Não. Mamãe saiu para comprar leite. Claro, tenho certeza. Direi a ela que você mandou um oi.

Era fascinante ver o rosto de Kim enquanto falava. Ela não estava interpretando apenas para ele. Estava desempenhando seu papel para si mesma. Era como estava conseguindo levar, não é?

Quando finalmente desligou, olhou para mim com um sorriso incongruente, como se não tivesse havido absolutamente nenhuma conversa. Durou apenas alguns segundos. Então ela desmoronou, de uma vez. Um gemido baixo se transformou em um soluço que sacudiu seu corpo; ela se balançou para frente, abraçando a própria cintura.

— É-é difícil demais — disse, com voz embargada. — Lamento, não posso fazer isso. Não posso... estar aqui.

Quando o telefone tocou a segunda vez ela deu um salto na cadeira. Aqueles telefonemas de vigilância eram o que tornava mais difícil estar ali, tentando administrar consciência e negação ao mesmo tempo.

Enxugou o rosto como se sua aparência fizesse alguma diferença, e então respondeu com a mesma voz suave de antes.

— Oi, querido. Não, eu estava lavando as mãos. Lamento, querido. Levei um segundo para chegar ao telefone.

Eu o ouvi gritar alguma coisa, enquanto Kim anuíu pacientemente e escutava.

No final, levantou um dedo na minha direção e saiu para o corredor.

Usei o tempo para olhar alguns diretórios do meu computador e acalmar minha raiva. Quando Kim voltou, tentei dar nomes de alguns abrigos na região, mas ela recusou.

— Tenho de ir — disse, de repente. O segundo telefonema a deixara muda. — Quanto devo a você?

— Vamos chamar esta de consulta inicial. Deixe para pagar pela segunda sessão.

— Não quero caridade. De qualquer modo, não acho que possa voltar. Quanto?

Respondi com relutância.

— São cem por hora em uma escala variável. Cinquenta estaria bem.

Ela contou para mim, principalmente notas de cinco e um dólar que, provavelmente, tinha poupado ao longo do tempo. Então saiu do consultório. Minha primeira sessão tinha terminado.

49

ERRO. GRANDE.

Um chefe da máfia de Nova Jersey e ex-assassino de aluguel chamado Benny "Goodman" Fontana estava assoviando uma canção dançante de Sinatra enquanto dava a volta em seu Lincoln azul-escuro até o lado do carona; então abriu a porta com um floreio e um sorriso de cem quilowatts que teria deixado o Velhos Olhos Azuis orgulhoso.

Uma loura de seios fartos saltou do seda, esticando as pernas compridas como se estivesse em um teste para as Rockettes. Era uma ex-candidata a Miss Universo de 26 anos de idade, com alguns dos melhores acessórios que o dinheiro podia comprar. Era também um pouco sofisticada e sensual demais para o mafioso ter conseguido sem que algum dinheiro trocasse de mãos. Benny era um espertinho durão, mas não exatamente um astro do cinema, a não ser que você considere assim o cara que interpretou Tony Soprano.

O Açougueiro observava, se divertindo um pouco, em seu próprio carro, estacionado a meio quarteirão. Imaginou que a loura estivesse custando a Benny uns quinhentos por hora, talvez dois mil pela noite caso a Fontana estivesse fora da cidade visitando a filha, que estudava no internato Marymout Manhattan.

Michael Sullivan verificou o relógio.

Sete e cinquenta e dois. Era a vingança por Veneza; ou pelo menos o começo da vingança. O primeiro de vários recados que ele pretendia mandar.

Às oito e quinze, pegou a valise do banco detrás, saiu e atravessou a rua, permanecendo na sombra fresca de bordos e olmos. Não demorou muito para que uma mulher de cabelos azuis em um casaco de peles saísse do prédio. Sullivan segurou a porta para ela com um sorriso amigável e então entrou.

Tudo estava mais ou menos do modo como ele lembrava. O apartamento 4C era da Família havia anos, desde que tinham 105

começado a surgir oportunidades para a máfia em Washington. O lugar era uma mordomia para qualquer um na cidade que precisasse de um pouco mais de privacidade, qualquer que fosse a razão. O próprio Açougueiro o tinha utilizado uma ou duas vezes quando estava fazendo serviços para Benny Fontana. Mas isso foi antes de John Maggion e assumir o lugar do pai e começar a fechar as portas para o Açougueiro.

Até mesmo a fechadura coreana barata na porta da frente era a mesma, ou muito parecida. Outro erro. Sullivan a abriu com uma ferramenta de três dólares de sua oficina portátil. Ele colocou a ferramenta de volta na maleta, pegou sua arma e uma lâmina cirúrgica, uma muito especial.

A sala de estar estava praticamente às escuras. Feixes de luz vinham de duas direções — a cozinha à esquerda, um quarto à direita. Os insistentes grunhidos de Benny disseram a Sullivan que eles estavam no segundo tempo. Deslizou rapidamente pelo tapete da sala até a porta do quarto e olhou para dentro. A Miss Universo estava por cima — o que não era surpresa — com as costas magras voltadas para ele.

— É isso, gata. É assim que eu gosto — disse Benny, e depois — Eu vou colocar meu dedo...

O silenciador de Sullivan produziu um som abafado, e apenas um. Acertou a ex-candidata a Miss Universo atrás de seu penteado, e o sangue e os miolos da mulher se espalharam pelo peito e rosto de Benny Fontana. O mafioso gritou como se ele mesmo tivesse sido baleado.

Conseguiu sair de baixo da garota morta, e depois da cama, para longe da mesinha-de-cabeceira, e também de sua própria arma. O Açougueiro começou a rir. Não queria desrespeitar o chefe da máfia, ou desrespeitar a morta, mas Fontana tinha feito praticamente tudo errado naquela noite. Ele estava ficando frouxo, e por isso Sullivan tinha ido atrás dele primeiro.

— Oi, Benny. Como tem passado? — disse o Açougueiro, acendendo a lâmpada do teto. — Precisamos falar sobre Veneza.

Ele puxou um bisturi que tinha uma lâmina especial para cortar músculos.

— Na verdade, preciso que você mande um recado meu para o Maggione. Você poderia fazer isso, Benny? Ser um garoto de recados?

Por falar nisso, você já ouviu falar na operação Syme, Ben? É uma amputação do pé.

50

MICHAEL SULLIVAN NÃO PODIA VOLTAR direto para sua família em Maryland, não depois do que tinha acabado de fazer com Benny Fontana e sua namorada. Ele estava nervoso demais, o sangue fervendo. Estava de novo vendo, em sequência, cenas da loja do seu velho no Brooklyn — serragem guardada em um grande barril de papelão, o piso de ladrilhos de terraço tá com massa branca, serras de mão, facas de magarefe, ganchos de carne no refrigerador.

Assim, ele passeou um pouco por Georgetown, procurando confusão se conseguisse encontrar do tipo certo. A questão era que ele gostava de suas damas um pouco recatadas. Gostava principalmente de advogadas, mestres, tipos professora-bibliotecária — adorava seus óculos, as roupas inteiramente abotoadas, os penteados conservadores. Sempre no controle de si mesmas.

Gostava de ajudá-las a perder um pouco desse controle, ao mesmo tempo aliviando um pouco sua própria pressão, diminuindo o estresse, quebrando todas as regras desta sociedade idiota.

Georgetown era um bom campo de colheita. Todas as vagabundas que via nas ruas eram um pouco exibidas demais. Não que houvesse muita escolha, não àquela hora da noite. Mas ele não precisava de muitas escolhas, apenas uma boa, e talvez já a tivesse identificado. Pelo menos pensava assim.

Ela poderia ser uma advogada de tribunal, vestida para impressionar naquele seu elegante traje de tweed. Os saltos faziam tiquetaque na calçada em um ritmo constante — aqui, ali, aqui, ali.

Os Nikes de Sullivan, por outro lado, não faziam barulho algum. com um suéter com capuz, ele não passava de mais um corredor idiota em uma corrida noturna pela vizinhança. Se alguém olhasse pela janela, era o que veria.

Mas ninguém estava olhando, muito menos a srta. Tweedy. Tweedy Birã, pensou ele, sorrindo. Erro. Dela.

Ela mantinha o acelerado ritmo urbano, a bolsa de couro e a maleta enfiadas debaixo do braço como a chave para o Código Da Vinci, e

permanecia do lado de fora da calçada — todas decisões espertas para uma mulher sozinha na rua tarde da noite. Seu único erro era que não estava olhando ao redor o suficiente, não vigiava o entorno. Não via o corredor que estava caminhando atrás dela. E os erros podem matá-lo, não?

Sullivan se manteve nas sombras quando Tweedy passou sob a luz de um poste. Belas pernas e uma grande bunda, observou ele. Sem aliança na mão esquerda.

Os saltos altos sustentaram o ritmo na calçada por mais meio quarteirão; então ela reduziu a velocidade em frente a uma casa de tijolos vermelhos. Belo lugar. Século XIX. Pela aparência, porém, um daqueles prédios que por dentro tinham sido retalhados em apartamentos.

Ela tirou um chaveiro da bolsa antes mesmo de ter chegado à porta da frente, e Sullivan começou a calcular o momento da abordagem. Enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de papel. Um recibo de lavagem a seco? Na verdade, não importava o que era.

Enquanto ela enfiava sua chave na porta, e antes de abri-la, ele chamou com uma voz amistosa:

— com licença, senhorita? com licença? A senhora deixou cair isto?

51

NÃO ERA TOLO AQUELE PASSARINHO — sua mãe não tinha criado filhas bobas. Ela soube imediatamente que tinha problemas, mas não havia muito que pudesse fazer nos segundos seguintes.

Ele chegou ao patamar rapidamente, antes que ela pudesse trancar a porta de vidro entre eles e garantir sua segurança.

Uma falsa luminária a gás na parede do saguão mostrou o pânico em seus olhos azuis bem bonitos.

Ela também iluminou a lâmina do bisturi na mão dele, esticada na direção do seu rosto.

O Açougueiro queria que ela visse a lâmina afiada, para que ficasse pensando nisso, mais do que nele. Era assim que funcionava, e ele sabia disso. Quase 90% das pessoas que eram atacadas se lembravam mais de detalhes da arma que da pessoa que a segurava.

Um tropeço desajeitado foi tudo de que Tweedy foi capaz antes que estivesse dentro do saguão com ela. Michael Sullivan ficou de costas para a rua, a escondendo de vista caso alguém por acaso passasse caminhando. Ele manteve o bisturi visível em uma das mãos e arrancou as chaves dela com a outra.

— Nem uma palavra — disse ele, com a lâmina perto dos lábios.

— E tente se lembrar, eu não aplico anestesia com isso. Não uso sequer Betadine tópica. Eu apenas corto.

Ela se ergueu nas pontas dos pés enquanto recuava de costas na direção de um pilar de escada esculpido.

— Aqui — disse ela, empurrando sua pequena bolsa de grife na direção dele. — Por favor. É sua. Agora vá.

— Isso não vai acontecer. Eu não quero seu dinheiro. Agora, preste atenção. Está prestando atenção?

— Sim.

— Você mora sozinha? — perguntou ele, e isso produziu o efeito que queria. A pausa dela foi a resposta.

— Não — disse ela, tentando disfarçar tarde demais.

Havia três caixas de correio na parede. Apenas a número dois tinha um só nome: L. Brandt.

— Vamos subir, srta. Brandt.

— Não estou...

— Sim, você está. Não há por que mentir. Agora mexa-se, antes que perca tudo.

Em menos de vinte segundos eles estavam em seu apartamento do segundo andar. A sala de estar, como a própria L. Brandt, era elegante e organizada. Fotos em preto e branco de cenas de beijo nas paredes. Cartazes de cinema — *Sleepless in Seattle*, *An Officer and a Gentleman*. A garota era romântica. Mas de certo modo, também Sullivan — pelo menos ele pensava assim.

O corpo dela ficou rígido como uma perna de três quando a pegou. Ela era uma coisinha; foi preciso um braço inteiro para levá-la para o quarto e depois deitá-la em sua cama, onde permaneceu imóvel.

— Você é uma garota muito bonita. Adorável. Como uma boneca refinada. Agora, caso não se importe, eu gostaria de ver o resto do pacote.

Ele usou o bisturi para cortar os botões do caro terninho de tweed dela. L. Brandt se desfez juntamente com suas roupas; passou de paralisada a flácida, mas pelo menos ele não precisou lembrá-la para ficar quieta. Ele usou as mãos no sutiã e na calcinha, que eram pretos e rendados. Também em um dia de semana. Ela não usava meia-calça, e suas pernas eram fantásticas, esguias e levemente bronzeadas. Unhas dos pés pintadas de vermelho vivo. Quando ela tentou fechar os olhos, ele deu um tapa apenas para conseguir toda a sua atenção.

— Fique comigo, L. Brandt.

Algo na penteadeira dela chamou sua atenção. Batom.

— Quer saber, coloque um pouco disso. E um bom perfume. Você escolhe.

L. Brandt fez o que ele ordenou. Sabia que não tinha escolha. Segurou o pau com uma das mãos, o bisturi com a outra — uma imagem que ela nunca iria esquecer. Então a penetrou.

— Quero que você se divirta. Finja se for preciso. Tenho certeza de que você já fez isso antes.

Ela deu o máximo de si, erguendo a pelve, gemendo uma ou duas vezes, apenas não olhando para ele.

— Olhe para mim — ordenou. — Olhe para mim. Olhe para mim. Olhe para mim. Melhor assim.

Então tinha terminado. Para ambos.

— Vamos bater um papinho antes de eu ir — disse ele. — E, acredite ou não, estou planejando partir. Não vou machucá-la. Não mais do que já machuquei.

Ele achou sua bolsa no chão. Dentro dela estava o que procurava — uma carteira de motorista e uma caderneta de endereços preta. Ele segurou a carteira sob o abajur de cabeceira.

— Então é Lisa. Fotografia muito boa para o governo. Claro que você é ainda mais bonita na vida real. Agora deixe-me mostrar a você algumas fotos minhas.

Não tinha levado muitas, apenas quatro delas, mas algumas de suas preferidas. Ele as abriu em leque na palma de uma das mãos. Lisa congelou novamente. Era quase engraçado como, caso ela estivesse suficientemente imóvel, ele poderia não notá-la ali.

Ele segurou as fotos para que ela visse, uma de cada vez.

— Todas essas são pessoas que eu encontrei duas vezes. Eu e você, claro, só nos encontramos uma. Se nós iremos nos encontrar novamente depende exclusivamente de você. Está entendendo? Eu estou sendo claro?

— Sim.

Ele se levantou e fez a volta até o lado dela da cama, dando alguns segundos para que ela processasse o que estava dizendo. Ela se cobriu com um lençol.

— Você me entende, Lisa? Mesmo? Sei que pode ser um pouco difícil se concentrar agora. Imagino que seja.

— Não direi... nada — sussurrou ela. — Prometo.

— bom. Eu acredito em você. Mas, só por garantia, também vou levar isto.

Ergueu o caderno de endereços. Folheou até o B.

— Aqui está. torn e Lois Brandt. São papai e mamãe? Vero Beach, Flórida. Imagino que seja muito bonito lá embaixo. A Costa do Tesouro.

— Ah, meu Deus, por favor — disse ela.

— Depende exclusivamente de você. Claro que, se você me perguntar, seria lamentável, depois de tudo isto, você terminar como aquelas outras nas fotografias. Sabe, em pedaços, serradas. O que quer que eu esteja a fim de fazer.

Ergueu o lençol e olhou para ela mais uma vez.

— Seriam belas partes, no seu caso, mas ainda assim, partes. E com essas últimas palavras, deixou Lisa Brandt só com suas lembranças dele.

— É POR isso QUE EU NÃO USO GRAVATA.

John Sampson puxou o nó apertado ao redor do pescoço e arrancou a maldita coisa. Ele a jogou, e o que restava de seu café, na lata de lixo. Imediatamente quis não ter jogado o café fora. Ele e Billie tinham passado metade da noite com a pequena Djakata e sua gripe. Uma dose de cafeína era exatamente do que estava precisando naquele momento.

Quando o telefone de sua mesa tocou, ele não estava com disposição de falar com ninguém sobre nada.

— É, o quê? Ouviu uma voz de mulher do outro lado.

— É o ramal do detetive Sampson?

— Aqui é Sampson. O que é?

— Aqui é a detetive Angela Susan Anton. Sou da Unidade de Crimes Sexuais, trabalhando no Segundo Distrito.

— Certo — disse, e esperou que ela falasse mais.

— Eu estava pensando em pegá-lo para um caso perturbador, detetive. Estamos chegando a alguns becos sem saída muito ruins aqui.

Sampson procurou na lata de lixo em busca do copo de café. Isso! Ele tinha caído de cabeça para cima.

— Qual é o caso?

— Um estupro. Aconteceu noite passada em Georgetown. A mulher foi atendida no Hospital da Universidade de Georgetown, mas só diz que foi atacada. Ela não identificou o cara. Não o descreve de modo algum. Passei a manhã toda com ela e não cheguei a lugar algum. Nunca tinha visto nada assim, detetive. O grau de medo da mulher é impressionante.

Sampson enganchou o telefone na orelha e rabiscou anotações em um bloco que no alto dizia "Bloco do Pai", uma bugiganga de Dia dos Pais, de Billie.

— Até aqui tudo bem. Mas estou curioso sobre por que você está me telefonando, detetive.

Tomou outro gole do café ruim e de repente não pareceu tão ruim.

Anton esperou um pouco antes de responder:

— Pelo que soube, Alex Cross é amigo seu. Sampson baixou sua caneta e recostou-se na cadeira.

— Agora entendo.

— Eu esperava que você pudesse...

— Estou ouvindo alto e claro, detetive Anton. Você quer que eu faça a ponte para você.

— Não — disse ela rapidamente. — Rakeem Powell diz que vocês são muito bons quando trabalham juntos em assassinatos em série. E gostaria de ter os dois nisto. Olha, estou apenas sendo honesta.

Sampson permaneceu em silêncio, esperando para ver se ela parava por aí ou se continuava um pouco mais.

— Nós deixamos recados para o Cross noite passada e esta manhã, mas imagino que todo mundo queira um pouco do tempo dele. Agora que é free lancer.

— Bem, você está certa quanto a isso, todo mundo quer um pedaço dele — disse. — Mas Alex é um homenzinho. Pode cuidar de si mesmo e tomar suas próprias decisões.

Por que você não continua tentando o telefone?

— Detetive Sampson. Este criminoso é um desgraçado particularmente doentio. Eu não posso me dar o luxo de desperdiçar o tempo de ninguém neste caso, incluindo o meu. Portanto, se eu 112

pisei nos seus calos de algum modo, talvez você possa superar isso, esquecer as besteiras e me dizer se irá me ajudar ou não. Sampson reconheceu o tom de voz e isso o fez sorrir.

— Bem, já que você coloca assim, é, tudo bem. Não posso me comprometer por Alex. Mas verei o que posso fazer.

— Ótimo. vou mandar as pastas agora. A não ser que você queira pegá-las aqui.

— Espere um pouco. Pastas? Plural?

— Estou sendo rápida demais para você, detetive Sampson? A razão por eu estar telefonando é a sua experiência e do Cross com casos em série.

Sampson esfregou o fone contra a têmpora.

— É, acho que você está sendo rápida demais para mim. Também estamos falando sobre homicídio?

— Não são assassinatos em série — disse Anton secamente. — São estupros em série.

53

— ISTO NÃO É UMA CONSULTA — disse eu a Sampson. — É um favor. A você, pessoalmente, John.

Sampson ergueu as sobrancelhas espertamente.

— Em outras palavras, você prometeu a Nana e as crianças não fazer mais trabalho de campo.

Eu gesticulei para interrompê-lo.

— Não prometi nada a ninguém. Apenas dirija e tente não atropelar ninguém no caminho. Pelo menos não alguém de quem gostemos.

Estávamos em McLean, Virgínia, para entrevistar Lisa Brandt, que deixara seu apartamento em Georgetown para ficar com uma amiga no interior. Estava com a pasta do caso no colo, juntamente com três outras, mulheres que tinham sido estupradas, mas não 114

diziam nada para ajudar na investigação e possivelmente deter o estuprador. O estuprador em série.

Era a minha primeira oportunidade de dar uma olhada nos papéis, mas não precisei de muito tempo para concordar com as conclusões originais dos detetives. Todos aqueles ataques tinham sido obra de um só homem, e o criminoso definitivamente era um psicopata. As sobreviventes conhecidas eram do mesmo tipo: mulheres brancas na faixa dos vinte ou trinta e poucos anos de idade, solteiras, vivendo sozinhas na região de Georgetown. Todas eram profissionais bem-sucedidas em alguma área — uma advogada, uma executiva financeira. Lisa Brandt era arquiteta. Todas mulheres inteligentes e ambiciosas.

E nenhuma delas estava disposta a dizer uma palavra contra ou sobre o homem que as tinha atacado.

Nosso criminoso claramente era um animal perspicaz e com autocontrole que sabia como instilar o medo de Deus em suas vítimas e depois fixá-lo. Não apenas uma, mas quatro vezes. Ou talvez mais de quatro. Porque havia boas chances de que ele tivesse outras vítimas, mulheres com medo demais para até mesmo contar que tinham sido atacadas.

— Aqui estamos — disse Sampson. — É onde Lisa Brandt está se escondendo.

54

ERGUEI os OLHOS DA PILHA de pastas de detetives no meu colo enquanto cruzávamos uma enorme cerca viva e chegávamos a um caminho em forma de lua crescente feito de conchas partidas. A casa era uma imponente construção em estilo grego, tendo na frente colunas brancas de dois andares de altura, e parecia uma fortaleza suburbana. Dava para entender por que Lisa Brandt tinha ido para lá em busca de proteção e segurança.

Sua amiga Nancy Goodes atendeu a porta e saiu da casa para falar conosco em particular. Era uma loura franzina e parecia ter aproximadamente a idade da srta. Brandt, que, conforme o arquivo, era de 29 anos.

— Não preciso dizer a vocês que Lisa está vivendo um inferno — disse ela em um sussurro que realmente não era necessário ali na varanda.

— Vocês poderiam, por favor, tornar a entrevista o mais breve possível? Preferiria que simplesmente fossem embora. Não entendo por que ela tem de falar com mais policiais. Um dos dois poderia explicar isso para mim?

A amiga de Lisa cruzou os braços na frente do peito, obviamente desconfortável, mas ainda assim se obrigando a ser uma boa defensora. Sampson e eu respeitávamos isso, mas havia outras considerações.

— Será o mais breve possível — disse ele. — Mas este estuprador ainda está à solta.

— Não ousem fazê-la se sentir culpada. Não ousem.

Nós seguimos a Goodes para dentro, atravessando um saguão de piso de mármore. Uma escada em curva à nossa direita repetia as curvas do candelabro pendurado acima. Quando ouvimos vozes de criança à esquerda, elas pareciam um tanto deslocadas no formalismo da casa. Comecei a pensar onde aquelas pessoas guardavam suas bagunças.

A Goodes suspirou e depois nos conduziu a uma sala lateral onde Lisa Brandt estava sozinha. Ela era pequena, mas bonita, até mesmo naquele momento, naquelas circunstâncias infelizes. Tive a sensação de que estava vestida normalmente, de jeans e uma camiseta puída,

mas era sua postura curvada — e seus olhos — que contavam a história. Ela obviamente não sabia se a dor que sentia iria um dia desaparecer.

Sampson e eu nos apresentamos e fomos convidados a sentar. Lisa chegou mesmo a forçar um sorriso educado antes de novamente olhar para longe.

— São bonitas — disse eu, apontando para um vaso de azaléias recém-colhidas na mesinha de café entre nós. Era bastante fácil dizer isso, porque era verdade, e eu honestamente não sabia como começar.

— Ah — disse ela, olhando de modo ausente. — Nancy é ótima em tudo isso. Ela agora é realmente uma garota do interior, um a mãe. Ela sempre quis ser mãe.

Sampson começou suavemente:

— Lisa, quero que saiba como lamentamos o que aconteceu com você. Sei que já falou com muita gente. Tentaremos não repetir demais os detalhes. Tudo bem por enquanto?

Lisa manteve os olhos fixos no canto da sala.

— Sim. Obrigada.

— Entendemos que você fez a profilaxia necessária, mas preferiu não fornecer nenhuma evidência física em seu exame no hospital. E também que por ora está escolhendo não fornecer qualquer descrição do homem que cometeu o crime contra você. É isto?

— Não por ora, é nunca — disse ela. Sua cabeça balançou levemente para frente e para trás, como um pequeno não repetido o tempo todo.

— Você não tem qualquer obrigação de falar — garanti a ela.

— E não estamos aqui para arrancar qualquer informação que não queira dar.

— com tudo isso em mente — continuou Sampson -, temos algumas suposições com as quais estamos trabalhando. Para começar, que seu agressor não era alguém que você

conhecesse. Depois, que a ameaçou de alguma forma para impedi-la de identificá-lo ou de falar sobre ele. Lisa, você se sente à vontade para nos dizer se isso é correto ou não?

Ela ficou rígida. Tentei interpretar seu rosto e a linguagem corporal, mas não vi nada. Ela não respondeu a pergunta de Sampson, então eu tentei um outro ângulo:

— Há algo em que você tenha pensado desde que falou com os outros detetives? Algo que queira acrescentar?

— Mesmo um pequeno detalhe poderia ajudar na investigação e levar à prisão do estuprador — disse Sampson.

— Eu não quero nenhuma investigação sobre o que aconteceu comigo — ela deixou escapar. — Não é escolha minha?

— Temo que não — disse Sampson com a voz mais suave que eu já tinha ouvido nele.

— Por que não?

Isso saiu de Lisa mais como um apelo desesperado que como uma pergunta.

Tentei escolher minhas palavras com cuidado.

— Estamos quase certos de que o que aconteceu com você não foi um incidente isolado, Lisa. Que houve outras mulheres...

com isso, ela desmoronou. Deixou escapar um soluço sufocado, e com ele tudo o mais. Então Lisa Brandt se curvou sobre o colo, soluçando com as mãos apertadas com força sobre a boca.

— Lamento — disse, em um gemido. — Não posso fazer isso. Não posso. Lamento. Lamento.

A Goodes voltou para a sala. Ela deveria estar escutando do lado de fora da porta. Ajoelhou-se em frente a Lisa e colocou os braços ao redor da amiga, sussurrando palavras para tranquilizá-la.

— Lamento — disse Lisa Brandt novamente.

— Não há o que lamentar, querida. Absolutamente nada. Apenas deixe para lá, é só — disse Nancy Goodes.

Sampson colocou um cartão na mesinha de café.

— Nós encontramos a saída — disse ele.

A Goodes respondeu sem afastar os olhos da amiga soluçante:

— Apenas vão. Por favor, não voltem aqui. Deixem Lisa sozinha. Vão.

O AÇOUGUEIRO TINHA UM TRABALHO — uma morte, uma de seis dígitos. Entre outras coisas, estava tentando manter longe da sua cabeça John Maggione e a dor que queri a provocar nele. Estava observando um homem mais velho e bem vestido com uma jovem

agarrada a seu braço. Um "passarinho", como elas um dia foram chamadas ali em Londres.

Ele tinha provavelmente sessenta anos; ela poderia ter no máximo vinte e cinco. Casal curioso. Chamava atenção, o que poderia ser um problema para ele.

O Açougueiro os observava em frente ao elegante hotel Claridges, enquanto eles esperavam o carro particular do homem. Ele surgiu, como tinha sido na noite anterior, e depois novamente às dez daquela manhã.

Até agora, nenhum grande erro do casal. Nada de que pudess e se valer.

O motorista do carro particular era um guarda-costas, e estava armado. Também era bastante decente no que fazia.

O guarda-costas só tinha um problema — a garota obviamente não o queria por perto. Ela, sem sucesso, tentara fazer o homem mais velho dispensar o motorista na noite anterior, quando eles tinham ido a algo formal na Saatchi Gallery.

Bem, precisava ver o que iria acontecer hoje. O Açougueiro saiu alguns carros depois da brilhante Mercedes preta CL65— O carro era rápido, mais de 600 cavalos, mas isso não adiantava nada nas ruas engarrafadas de Londres.

Estava um pouco paranóico por voltar a trabalhar, e por bons motivos, mas tinha recebido o trabalho de um contato confiável na região de Boston. Confiava no cara, pelo menos na medida em que podia acabar com ele. E precisava do pagamento de seis dígitos. Finalmente surgiu uma possível brecha em Long Acre, perto da estação do metrô de Covent Garden. A garota saltou do carro em um sinal de trânsito, começou a caminhar — e o homem mais velho também saiu.

Michael Sullivan parou junto ao meio-fio imediatamente, e simplesmente abandonou o carro. De qualquer modo, o veículo alugado nunca poderia levar a ele. A jogada era um clássico no sentido em que ninguém nunca pensaria nela, mas não poderia se preocupar menos por simplesmente deixar o carro no centro de Londres. O carro não tinha importância alguma.

Calculou que o motorista-guarda-costas não faria o mesmo com o Mercedes de 200 mil dólares, e que teria vários minutos antes que o

camarada os alcançasse novamente.

As ruas em torno da praça Covent Garden estavam repletas de pedestres, e podia ver o casal, as cabeças balançando, rindo, provavelmente de sua "fuga" do segurança. Ele os seguiu pela James Street. Continuaram a rir e a conversar, completamente despreocupados.

Grande, grande erro.

À frente, podia ver um mercado com teto de vidro. E uma multidão reunida ao redor de artistas de rua vestidos como estátuas de mármore branco que só se mexiam quando alguém lhes jogava uma moeda.

Então, de repente, estava em cima do casal, e parecia tudo bem, portanto disparou a Beretta com silenciador — dois tiros no coração.

A garota caiu como se um tapete tivesse sido arrancado de sob seus pés.

Não tinha idéia de quem era, quem a queria morta ou por quê, e não se importava nem com uma coisa nem com outra.

— Ataque cardíaco! Alguém teve um ataque cardíaco! — gritou, enquanto deixava a arma escorregar da mão, se virava e desaparecia na multidão que aumentava. Seguiu pela Neal Street, passando por dois pubs com exterior vitoriano, e achou seu carro abandonado exatamente onde o deixara. Que bela surpresa.

Era mais seguro passar a noite em Londres, mas pela manhã ele estava em um vôo de volta a Washington.

Dinheiro fácil' — como sempre, ou pelo menos como tinha sido antes da confusão em Veneza, com a qual ainda tinha de lidar.

56

JOHN E EU NOS ENCONTRAMOS naquela noite para boxear um pouco no Roxy Gym depois de minha última sessão de terapia. O consultório estava se consolidando, e meus dias lá me deixavam feliz e satisfeito pela primeira vez em alguns anos.

A idéia exótica de normalidade estava freqüentando muito a minha cabeça, embora eu não tivesse muita certeza do que a palavra realmente queria dizer.

— Erga os cotovelos — disse Sampson — antes que eu arranque sua maldita cabeça.

Ergui. Mas não adiantou muito.

O grandalhão me acertou com um bom jabe de direita que machucou como só um punch sólido é capaz. Girei e acertei solidamente o seu lado desprotegido, o que pareceu machucar mais a minha mão do que ele.

Continuou assim mais algum tempo, mas minha cabeça, na verdade, nunca subiu ao ringue. Após menos de vinte minutos, baixei as luvas, sentindo dores nos dois ombros.

— Nocaute técnico — disse, por entre o protetor. — Vamos tomar um drinque.

O "drinque" acabou sendo garrafas de Gatorade vermelho na calçada em frente ao Roxy. Não era o que tinha em mente, mas tudo bem.

— Então — disse Sampson -, ou eu estou ficando muito melhor nisso ou você não entrou no jogo hoje. Qual das opções?

— Você não está ficando melhor — disse, na maior cara-de-pau.

— Ainda pensando em ontem? O quê? Me diga.

Ambos ficamos péssimos com a difícil entrevista com Lisa Brandt. Uma coisa é forçar a barra com uma testemunha como aquela e conseguir algo; outra é pegar pesado e não arrancar nada.

Eu assenti.

— Ontem, é.

Sampson deslizou pela parede para se sentar ao meu lado na calçada.

— Alex, você tem de saltar do trem das preocupações.

— Belo adesivo de carro — disse.

— Eu achei que as coisas estavam bem legais com você — disse ele. — Ultimamente, pelo menos.

— Estão — confirmei. — O trabalho é bom, ainda melhor do que eu achei que seria.

— Então, qual é o problema? Coisas boas demais? O que o faz sofrer, cara?

Na minha cabeça, havia a resposta longa e a resposta curta. Eu escolhi a curta.

— Maria.

Ele sabia o que eu queria dizer, também sabia por quê.

— Ontem o fez se lembrar dela?

— É. De uma forma estranha, fez — respondi. — Estava pensando. Você se lembra da época em que ela foi morta. Também havia estupros em série sendo praticados. Lembra-se disso?

Sampson olhou para o ar.

— Certo. Agora que você falou. Esfreguei os nós dos dedos doloridos.

— Seja como for, é o que eu quero dizer. É como se houvesse dois níveis de separação naqueles dias. Tudo no que eu penso me faz lembrar de Maria. Tudo o que faço me leva de volta ao caso do seu assassinato. É como se estivesse vivendo no purgatório, e não sei o que deveria fazer com isso.

Sampson esperou que eu terminasse. Ele normalmente sabe quando tem de falar e quando tem de se calar. Ele não tinha mais nada a dizer por ora. Finalmente, respirei fundo, levantamos e começamos a caminhar pela calçada.

— O que você soube sobre o assassino de Maria? Alguma novidade? — perguntei. — Ou Giametti só estava brincando conosco?

— Alex, por que você não segue em frente?

— John, se eu pudesse o faria. Certo? Talvez esta seja a forma de fazer isso.

Ficou olhando para seus sapatos durante meio quarteirão.

— Se eu descobrir algo sobre o assassino dela você será o primeiro a saber.

57

MICHAEL SULLIVAN TINHA PARADO de aturar as merdas dos outros quando tinha 14 ou 15 anos de idade. Todos na família sabiam que seu avô James tinha uma arma e que a guardava na gaveta de baixo do armário do quarto. Certa tarde de junho na semana em que a escola acabou para ele, Sullivan invadiu o apartamento e roubou a arma do avô.

Durante o resto do dia ele vagabundeou pelo bairro com a pistola enfiada nas calças, escondida sob uma camisa larga. Não sentiu necessidade de mostrar a arma para ninguém, mas descobriu que gostava de estar com ela, gostava muito. A arma mudou tudo. Ele se transformou de garoto durão em um invencível.

Sullivan perambulou por ali até por volta das oito da noite; então seguiu pela Quentin Road até a loja do pai. Chegou lá quando sabia que o velho estaria fechando.

Uma música que ele odiava, "Crocodile Rock", de Elton John, estava tocando no rádio do carro de alguém no quarteirão, se sentiu tentado a atirar em quem estivesse tocando aquela merda.

A porta da frente do açougue estava aberta, e, quando ele deslizou para dentro, seu pai não ergueu sequer os olhos — mas deveria ter visto o filho passar pela vitrine na rua. A habitual pilha de jornais Irish Echo estava junto à porta. Tudo sempre no seu maldito lugar. Limpo, arrumado, e completamente bagunçado.

— Quê o quê? — grunhiu o pai. O esfregão que estava usando tinha uma lâmina para arrancar gordura do piso. Era o tipo de trabalho nojento que Sullivan detestava.

— Falar com você — disse ao pai.

— Vai se foder. Estou ocupado ganhando a vida.

— Ah. É isso? Ocupado limpando o chão? Então seu braço se moveu rapidamente.

E aquela foi a primeira vez em que Sullivan acertou o pai — com a arma — na têmpora, acima do olho direito. Ele o acertou novamente no nariz, e o grandalhão caiu em meio à serragem 123

e aos restos de carne. Começou a gemer e a cuspir serragem e cartilagem.

— Você sabe como eu posso te machucar? — perguntou Michael Sullivan ao pai, se curvando até o chão. — Lembra dessa frase, Kevin? Eu lembro. Nunca vou esquecer enquanto viver.

— Não me chame de Kevin, marginal.

Acertou o pai novamente com o punho da arma. Depois o chutou nos testículos, e seu pai gemeu de dor.

Sullivan olhou ao redor da loja com absoluto desprezo. Chutou uma estante de pão irlandês McNamara, só para chutar alguma coisa. Então colocou a arma na cabeça do velho e engatilhou.

— Por favor — disse o pai, engasgado, e seus olhos se arregalaram de choque e medo, e uma bizarra descoberta de quem seu filho era. — Não. Não faça isso. Não, Michael.

Sullivan puxou o gatilho — e houve o barulho alto de metal contra metal.

Mas não uma explosão ensurdecadora. Não um tiro de espalhar miolos. Houve apenas um silêncio poderoso, como em uma igreja.

— Um dia — disse ao pai. — Não hoje, mas quando você menos esperar. Um dia, quando você não quiser morrer, eu vou matar você. E você vai ter uma morte feia, Kevin. E não com uma arma de brinquedo como esta.

Então saiu do açougue, e ele se tornou o Açougueiro de Sligo. Três dias antes do Natal de seu décimo oitavo ano de vida, voltou e matou o pai. Como tinha prometido, não com uma arma. Usou uma das facas de desossar do velho, e tirou diversas fotos polaróide como lembrança.

58

EM MARYLAND, ONDE vivia, Michael Sullivan levava nos ombros um taco de beisebol. Mas não um taco qualquer, e sim um Louisville Slugger vintage, um taco de jogo dos Yankees de 1986, para ser preciso. Mas dane-se a peça de colecionador, aquele pedaço sólido de freixo era para ser usado.

— Tudo bem — gritou Sullivan para o monte do arremessador.

— Vamos ver do que você é capaz, rapazinho. Estou tremendo aqui. Vamos ver o que você consegue.

Difícil acreditar que Mike Júnior era velho o bastante para ter um arremesso tão escorregadio e bom, mas era. E seu efeito era uma pequena obra-prima. Sullivan só identificava porque ele mesmo tinha ensinado o efeito ao garoto.

Mas não estava fazendo nenhuma caridade com seu filho mais velho. Isso seria um insulto ao garoto. Deu ao arremesso a fração de segundo extra necessária e girou com força e atingiu a bola com o taco fazendo um barulho prazeroso. Fingiu que a bola era a cabeça de John Maggione.

— E ela partiu! — gritou. Ele correu as bases dando um show enquanto Seamus, o caçula, pulava por cima da cerca de tela do campo para recuperar a bola que garantiria um home-run.

— Boa bola, pai! — gritou ele, erguendo a bola gasta no lugar onde tinha caído.

— Papai, temos de ir — disse seu filho do meio, já sem a máscara e a luva de pegador. — Temos de sair de casa às seis e meia. Lembra, pai? Depois do próprio Sullivan, Jimmy era o mais excitado com aquela noite. Sullivan tinha comprado para eles ingressos para ver a turnê Vertigo do U2 na 1st Mariner Arena, em Baltimore. Ia ser uma bela noite, o tipo de programa familiar que ele conseguia suportar.

No caminho para o show, Sullivan cantou junto com o som do carro até seus filhos começarem a resmungar e a fazer piadas no banco de trás.

— Estão vendo, garotos — disse Caitlin -, seu pai acha que é outro Bono. Mas soa mais como... Ringo Starr.

— Sua mãe só está com inveja — disse Sullivan, rindo. — Vocês e eu temos um rico sangue irlandês correndo nas nossas veias. Ela não passa de uma siciliana.

— Ah, tudo bem. Uma pergunta: o que você prefere comer, italiano ou irlandês? Caso encerrado.

Os garotos uivaram e cumprimentaram a mãe com as palmas das mãos estendidas.

— Ei, o que é isto, mamãe? — perguntou Seamus.

Caitlin olhou; depois pegou um pequeno telefone de flip de sob o banco da frente. Sullivan o viu e sentiu um nó no estômago.

Era o celular de Benny Fontana. Sullivan o tinha levado na noite em que visitara Benny, e desde então estava procurando por ele. Fale sobre erros.

E os erros acabam com você.

Manteve o rosto impassível.

— Aposto que é o telefone de Steve Bowen — mentiu.

— Quem? — perguntou Caitlin.

— Steve Bowen. Meu cliente. Dei-lhe uma carona até o aeroporto quando ele estava na cidade.

Caitlin parecia confusa.

— Por que ele não tentou recuperá-lo? Porque ele não existe.

— Provavelmente porque está em Londres — continuou a improvisar Sullivan. — Coloque no porta-luvas.

Mas agora que estava com o celular, ele sabia o que queria fazer. Na verdade, mal podia esperar. Ele levou a família até o mais perto da arena que podia, então parou junto ao meio-fio.

— Aí estão vocês. Serviço porta-a-porta. Não poderia ser melhor. vou estacionar esta carroça e encontro vocês lá dentro.

Não demorou a achar um estacionamento com vagas. Subiu até o último andar para ter privacidade e um bom sinal. O número que queria estava bem ali na agenda. Teclou.

Isso vai ser booom. Tomara que o desgraçado esteja lá.

Que importa o identificador de chamadas.

John Maggione atendeu:

— Quem fala? — perguntou já bastante irritado.

Bingo! O próprio. Eles se odiavam desde que o pai de Maggione tinha deixado Sullivan fazer alguns trabalhos.

— Adivinhe, Júnior.

— Não tenho idéia, porra. Como você conseguiu este número? Seja lá quem for, você está morto.

— Então eu acho que temos algo em comum.

A adrenalina corria pelo corpo de Sullivan. Sentia que não podia ser detido. Era o melhor naquele tipo de coisa: escolher um alvo, jogar com ele.

— É isso aí, Júnior. O caçador se transforma em caça. É Michael Sullivan. Lembra de mim? E, quer saber? Você é o próximo.

— O Açougueiro? É você, vagabundo? Eu vou matar você de qualquer maneira, mas agora vou fazer você pagar pelo que fez ao Benny. Monte de merda, vou machucar você de verdade.

— O que eu fiz ao Benny não é nada comparado ao que vou fazer com você. vou cortar você em dois com uma serra de açougueiro e mandar metade para sua mãe e a outra metade para sua mulher. vou deixar Connie ver isso bem antes de comê-la na frente dos seus filhos. O que você acha disso?

Maggione explodiu.

— Você está morto. Completamente morto. Tudo de que você já gostou está... morto. Estou indo atrás de você, Sullivan.

— E, bem, pegue uma senha.

Ele desligou o telefone e olhou para o seu relógio. Aquilo era bom, falar com Maggione daquele jeito. Sete e cinquenta. Ele não ia nem perder o primeiro número do U2.

Eu TINHA ACABADO DE ENCERRAR a última sessão do dia e estava dando mais uma olhada nos antigos arquivos do caso de Maria quando ouvi uma batida forte e inesperada na porta do consultório. E agora?

Abri e encontrei Sampson de pé no corredor.

Ele tinha uma caixa com doze Coronas debaixo do braço, e a embalagem de cerveja parecia ridiculamente pequena em relação ao seu corpo. Algo estava acontecendo.

— Lamento — disse. — Não permito bebidas durante as sessões.

— Tudo bem. Entendi. Acho que eu e meus amigos imaginários vamos seguir nosso caminho.

— Mas, vendo como você obviamente precisa muito de terapia, farei uma exceção só esta vez.

Ele me deu uma cerveja gelada e o deixei entrar. Definitivamente, alguma coisa estava acontecendo.

— Já está ficando bonito aqui — disse. — Eu ainda devo a você uma samambaia ou alguma coisa assim.

— Não me consiga nenhuma obra de arte. Me poupe disso. Trinta segundos depois, o CD player estava tocando Commodores — escolha de Sampson — e ele estava escarrapachado em meu divã. Parecia um brinquedinho debaixo dele.

Mas antes mesmo que eu comesse, ele me pegou desprevenido.

— Você conhece Kim Stafford?

Eu tomei um gole de cerveja para disfarçar minha reação. Kim tinha sido minha última paciente do dia. Parecia lógico que Sampson a tivesse visto saindo, mas eu não tinha idéia de como ele sabia quem era.

— Por que está perguntando?

— Ahn, eu sou um detetive de polícia... Eu apenas a vi lá fora. A dama chama atenção. Ela é namorada de Jason Stemple.

— Jason Stemple?

Sampson tinha falado como se eu devesse saber quem era. E, de uma forma estranha, eu sabia, só que não pelo nome.

Eu estava satisfeito que Kim tivesse voltado para outras sessões, mas ela estava decidida a não identificar seu noivo, embora as agressões em

casa parecessem ter piorado.

— Ele trabalha no Sexto Distrito — disse Sampson. — Acho que ele entrou para a Força depois que você saiu.

— Sexto Distrito? Ele é tira?

— É. Mas não o invejo. As coisas estão difíceis lá atualmente. Minha cabeça estava girando, e eu me senti um pouco nauseado. Jason Stemple era um tira!

— Como está indo o caso de Georgetown? — perguntei, provavelmente para desviar Sampson do caminho que estava seguindo.

— Nada de novo — disse, mergulhando completamente no novo assunto. — Eu investiguei três das quatro vítimas conhecidas, e ainda não furei a barreira.

— Então ninguém fala nada? Depois do que aconteceu com elas? Difícil de acreditar. Não acha, John?

— Acho. Uma mulher com quem conversei hoje, capitã do exército, admitiu que o estuprador fez alguma ameaça séria contra sua família. Mas mesmo isso era mais do que ela queria dizer.

Terminamos nossas cervejas em silêncio. Minha cabeça oscilava entre o caso de Sampson e Kim Stafford e seu noivo policial.

Sampson engoliu o resto da sua Corona; então se sentou e me deu outra.

— Vamos lá — disse. — Eu tenho mais uma entrevista, uma advogada que foi estuprada. Mais uma chance de talvez resolver isso.

Oh-oh, lá vem coisa.

— Segunda à tarde?

Eu me virei em minha cadeira para conferir a agenda na mesa. Totalmente livre.

— Maldição, estou lotado.

Abri minha segunda cerveja. Um comprido facho de luz entrou pelas venezianas e eu o acompanhei com os olhos até onde Sampson estava sentado, olhando para mim com seu olhar pesado. O Homem Montanha era um dos nomes que eu tinha dado a ele. Two-John era outro.

— Segunda, a que hora? — perguntei finalmente.

— Três horas. Eu pego você, amorzinho — disse, se esticando e brindando comigo. — Sabe, você me custou sete pratas.

— Como é que é?

— A embalagem de doze — disse. — Eu teria comprado uma de seis se soubesse que seria tão fácil.

SEGUNDA-FEIRA, TRÊS DA TARDE. Eu não deveria estar lá, mas lá estava. Pelo que podia dizer até então, a especialidade legal do escritório de Smith, Curtis & Brennan

era dinheiro antigo. A recepção revestida de madeira de aparência cara, com seus exemplares de *GolfDigest*, *Town & Country* e *Forbes* nas mesinhas laterais, pareci a falar por si: os clientes do escritório certamente não vinham do meu bairro.

Mena Sunderland era sócia júnior e também nossa terceira vítima de estupro conhecida, cronologicamente falando. Ela parecia se fundir ao escritório, com um terninho profissional cinza de grife e o tipo de reserva graciosa que a formação sulista costuma produzir. Ela nos levou a uma pequena sala de reunião e fechou as persianas verticais da parede de vidro antes de começar a conversa.

— Temo que isso seja perda de tempo — nos disse. — Não tenho nada de novo a dizer. Eu disse isso ao outro detetive. Várias vezes.

Sampson deslizou um pedaço de papel na direção dela.

— Estávamos pensando se isto ajudaria.

— O que é isto?

— Um esboço de um comunicado à imprensa. Se alguma informação for levada a público, será esta.

Ela examinou a declaração enquanto ele explicava:

— Isto coloca a investigação em uma trilha agressiva e diz que nenhuma das vítimas conhecidas tem aceitado identificar o agressor ou testemunhar contra ele.

— Isto realmente é verdade? — perguntou ela, levantando os olhos do papel.

Sampson começou a responder, mas eu tive uma súbita reação instintiva e o interrompi. Comecei a tossir. Era algo muito desajeitado, mas funcionou bem.

— Eu poderia pedir um copo de água? — perguntei a Mena a Sunderland. — Desculpe-me.

Quando ela deixou a sala, eu me virei para Sampson.

— Não acho que ela deva saber que tudo depende dela.

— Certo, acho que concordo — disse Sampson, anuindo. — Mas se ela perguntar...

— Deixe que eu lido com isso. Tenho uma sensação em relação a ela. Minhas famosas "sensações" eram parte da minha reputação, mas isso não significava que Sampson tivesse de concordar. Se houvesse mais tempo para discutir, eu teria me preocupado com isso, mas Mena Sunderland voltou um segundo depois. Ela trazia duas garrafas de água Fiji e dois copos. Chegou mesmo a forçar um sorriso.

Enquanto eu tomava a água, percebi Sampson se recostar na cadeira. Era minha dica para assumir.

— Mena — disse -, gostaríamos de chegar a um meio-termo com você. Entre aquilo sobre o que você se sente à vontade para falar e aquilo que precisamos saber.

— Isso significa o quê? — perguntou.

— Significa que não necessariamente precisamos de uma descrição desse homem para pegá-lo.

Eu considerei seu silêncio uma luz verde, embora incerta.

— Gostaria de fazer algumas perguntas. São todas de sim ou não. Você pode responder com uma palavra ou simplesmente balançar a cabeça, caso prefira. Se alguma pergunta for desconfortável demais para você, pode ignorá-la.

Um sorriso ameaçou surgir nos cantos da sua boca. Minha técnica era superficial, e ela sabia disso. Mas eu queria manter aquilo o menos ameaçador possível.

Ela prendeu um longo cacho de cabelo louro atrás da orelha.

— Vá em frente. Por enquanto.

— Na noite do ataque, este homem fez a você ameaças específicas para impedi-la de falar após sua partida?

Ela primeiramente anuiu, depois verbalizou a resposta.

— Sim.

De repente, eu passei a ter esperanças.

— Ele fez ameaças contra outras pessoas que você conhece? Parentes, amigos, esse tipo de coisas?

— Sim.

— Ele entrou em contato com você desde aquela noite? Ou deixou sua presença clara de alguma outra forma?

— Não. Eu achei tê-lo visto novamente em minha rua certa noite. Provavelmente não era ele.

— Suas ameaças foram mais que verbais? Houve mais alguma coisa que ele tenha feito para garantir que você não iria falar?

— Sim.

Eu tinha achado algo, eu sabia. Mena Sunderland baixou os olhos para o colo por alguns segundos, depois voltou a olhar para mim. A tensão em seu rosto tinha sido substituída por algo mais parecido com decisão.

— Por favor, Mena. Isto é importante.

— Ele levou meu BlackBerry — disse ela. Ela parou por alguns segundos e depois continuou: — Ele tinha todas as minhas informações pessoais. Endereços, tudo. Meus amigos, minha família em Westchester.

— Entendo.

E eu entendia. Isso se ajustava perfeitamente a meu perfil inicial daquele monstro.

Eu comecei a contar até dez em silêncio. Quando eu cheguei a oito, Mena falou novamente:

— Havia retratos — disse ela.

— Desculpe? Retratos?

— Fotografias. De pessoas que ele matou. Ou pelo menos de pessoas que ele disse ter matado. E — ela fez uma pausa para reunir forças para a parte seguinte — mutilado. Ele falou sobre usar serras de açougueiro, bisturis cirúrgicos.

— Mena, você pode me dizer mais alguma coisa sobre as fotos que ele mostrou a você?

— Ele me obrigou a olhar para várias, mas eu realmente só me lembro da primeira. Era a pior coisa que eu já tinha visto na vida.

A lembrança súbita dela surgiu em seus olhos, e eu vi a força disso. Seus olhos saíram de foco.

Após vários segundos, ela recuperou o equilíbrio e falou novamente:

— As mãos dela — disse, e então se interrompeu.

— O que havia nas mãos dela, Mena?

— Ele tinha cortado as duas mãos dela. E no retrato; ela ainda estava viva. Ela obviamente estava gritando — disse, e sua voz diminuiu para

pouco mais que um sussurro. Estávamos na linha de perigo; eu senti isso imediatamente. — Ele a chamou de Beverly. Como se fossem velhos amigos.

— Certo — disse eu gentilmente. — Podemos parar por aqui se você quiser.

— Eu quero parar — disse ela. — Mas...

— Continue, Mena.

— Naquela noite... Ele tinha um bisturi. E já havia o sangue dele alguém nele.

61

ERA UMA GRANDE NOTÍCIA, mas também uma notícia ruim. Pelo menos poderia ser.

Se a descrição de Mena Sunderland fosse precisa — e por que não seria — já não estávamos falando apenas sobre estupros em série. Era um caso de assassinato em série. De repente, minha cabeça retornou ao assassinato de Maria, o caso de estupros em série da época. Eu tentei tirar Maria da minha cabeça por ora. Um caso de cada vez.

Eu escrevi o máximo de que pude me lembrar imediatamente depois da reunião com Mena, enquanto Sampson me dava uma carona para casa. Ele tinha feito suas próprias anotações durante a entrevista, mas passar essas coisas da cabeça para o papel costuma me ajudar a juntar as peças de um caso.

Meu perfil preliminar do estuprador fazia cada vez mais sentido. Não era sobre confiar nas primeiras impressões o best-seller Blink As fotos que Mena tinha descrito — lembranças de algum tipo — eram bastante comuns em casos em série, claro. As fotografias ajudariam a sustentá-lo nos intervalos. E em uma novidade pavorosa, ele tinha usado os suvenires para manter suas vítimas vivas exatamente do modo como ele as queria — paralisadas de medo.

Enquanto rodávamos por Southeast, Sampson finalmente rompeu o silêncio no carro:

— Alex, eu quero você neste caso. Oficialmente — disse. — Trabalhe conosco. Trabalhe comigo neste. Consultoria. Seja lá como você quiser chamar isso.

Olhei para ele.

— Achei que você poderia ter ficado ofendido por eu ter tomado à frente lá.

Ele deu de ombros.

— De jeito algum. Eu não discuto com resultados. Além disso, você já está nisso, não é? Você pode muito bem ser pago por isso. Você não conseguiria sair do caso agora se tentasse.

Eu balancei a cabeça e franzi o cenho, mas só porque ele estava certo. Podia sentir um zumbido conhecido surgindo em minha cabeça — meus pensamentos involuntariamente se fechando no caso. E uma das coisas que me torna bom no trabalho, mas também a razão pela qual acho impossível estar meio envolvido em uma investigação.

— O que eu direi a Nana? — perguntei, acho que era meu jeito de dizer sim.

— Diga a ela que o caso precisa de você. Diga que seu Sampson precisa de você — disse, virando à direita na Fifth Street, e minha casa entrando na linha de visão. — Mas é melhor pensar em algo rapidamente. Ela certamente vai sentir o cheiro disso. Ela verá em seus olhos.

— Você quer entrar?

Roa tentativa.

Ele deixou o carro ligado quando parou junto ao meio-fio.

Então eu vou — disse. — Me deseje boa sorte com Nana. I Ei cara, ninguém disse que o trabalho policial não era perigoso.

62

TRABALHEI NO CASO NAQUELA NOITE no escritório do sótão. Já era tarde quando decidi que era o bastante.

Desci e agarrei minhas chaves — tinha adquirido o hábito de na maioria das noites dar uma volta no novo Mercedes, meu carro crossover. Ele rodava como um sonho fantástico, e os bancos eram tão confortáveis quanto qualquer coisa na nossa sala de estar. Bastava ligar o CD player, recostar e relaxar. Aquilo era bom.

Quando finalmente fui para cama naquela noite, meus pensamentos me levaram de volta a um lugar que sempre precisava visitar. Um santuário. Minha lua-de-mel com Maria. Talvez os melhores dez dias da minha vida. Tudo ainda era vivo na minha memória.

O sol se põe bem atrás das palmeiras enquanto mergulha na direção da linha horizontal de azul além da varanda do nosso hotel. O lugar vazio na cama ao meu lado ainda permanece quente onde Maria estava até um minuto atrás.

Agora ela está de pé em frente ao espelho.

Bonita.

Ela está usando apenas uma das minhas camisas sociais, aberta na frente, se aprontando para o jantar.

Ela sempre diz que suas pernas são magras demais, mas eu as acho longas e adoráveis, e fico ligado apenas de olhar para elas -para ela no espelho.

Eu vejo Maria prender seu cabelo preto brilhante atrás com um grampo. Isso revela a longa linha do seu pescoço. Deus do céu, eu a adoro. ♡.-.-♡

— Faça isso de novo — digo.

Ela me atende sem uma palavra.

Quando ela curva a cabeça para colocar um brinco, seu olho percebe o meu no espelho.

— Eu te amo, Alex-diz ela se virando para olhar para mim.

— Ninguém nunca o amará como eu.

Ela fixa os olhos no meu, e eu acredito poder ver o que ela sente por dentro. O modo como pensamos é inacreditavelmente parecido. Da cama, eu estico a mão em sua direção e digo...

63

ALGO com MUITO SENTIMENTO.

Mas não conseguia lembrar o que era.

Eu me sentei — completamente só em minha cama — arrancado do ponto semidesperto, semi-adormecido onde tinha acabado de estar. Minhas lembranças tropeçaram em um ponto vazio, como um buraco no chão que não estava lá antes.

Os detalhes de nossa lua-de-mel em Barbados sempre estiveram muito vívidos em minha cabeça. Por que eu não conseguia me lembrar do que tinha dito a Maria?

O relógio perto de mim brilhava: 2:15h.

Mas eu estava completamente desperto.

Por favor, Deus, pensei, essas são as lembranças que me restaram. Tudo o que eu tenho. Não as leve embora também.

Acendi a luz.

Permanecer na cama já não era uma opção. Perambulei pelo hall, pensando se talvez devesse descer e tocar piano.

No alto das escadas, parei com a mão no corrimão. O som baixo e rascante da respiração de Ali me manteve onde estava.

Entrei no quarto dele e, da porta, fiquei olhando meu garotinho.

Era apenas um pequeno montinho sob as cobertas, com um pé nu de fora; sua respiração soava como um ronco em miniatura.

A luminária na parede era suficiente apenas para mostrar seu rosto. As sobrancelhas do pequeno Alex estavam bem juntas, como se ele estivesse pensando profundamente, da mesma forma como algumas vezes eu costumo fazer.

Quando me enfiei embaixo das cobertas, ele se aninhou em meu peito e apertou a cabeça no meu braço.

— Oi, papai — disse, meio acordado.

— Oi, garoto — sussurrei. — Volte a dormir.

— Você teve um sonho ruim?

Sorri. Essa era uma pergunta que eu tinha feito a ele um semnúmero de vezes no passado. Agora as palavras voltaram como um pedaço de mim que tinha perdido.

Ele tinha me dado minhas palavras. Eu dei a ele as de Maria.

— Eu te amo, Ali. Ninguém nunca o amará como eu. O garoto estava absolutamente imóvel, provavelmente já dormindo. Fiquei lá com minha mão em seu ombro até sua respiração voltar ao mesmo ritmo de antes. E então, em algum momento, voltei a estar com Maria.

64

As LEMBRANÇAS DO SEU PAI sempre eram mais fortes quando Michael Sullivan estava com os filhos. O açougue branco brilhante, o freezer no fundo, o Homem dos Ossos que aparecia uma vez por semana para pegar carcaças de carne, os cheiros de queijo irlandês carrigaline e de pudim preto-e-branco.

— Ei batedor, batedor, batedor — ouviu Sullivan, e isso o trouxe de volta ao presente, ao campo de jogo perto de onde ele morava em

Maryland.

Então ouviu:

— Esse cara não acerta nada! Esse cara não é de nada! Você vai pegar o idiota!

Seamus e Jimmy eram os falastrões dos jogos de beisebol da família. Michael Jr. estava concentrado como sempre. Sullivan viu isso nos olhos azuis brilhantes do filho mais velho — uma necessidade de acabar com o velho de uma vez por todas.

Seu filho virou e arremessou. Uma bola curva fechada, ou talvez uma com efeito. Sullivan soltou o ar enquanto girava, então ouviu o barulho da bola acertando a luva de pegador de Jimmy atrás dele. O filho-da-puta tinha conseguido.

Uma espécie de pandemônio se instalou no campo deserto exceto por isso — da American Legion onde eles treinavam. Jimmy, o pegador, correu ao redor do pai, segurando a bola no alto.

Apenas Michael Jr. permaneceu calmo e sereno. Ele se permitiu um ligeiro sorriso, mas não saiu do monte do arremessador, não festejou com os irmãos.

Apenas olhou feio para seu velho, que ele nunca tinha batido antes.

Baixou o queixo, se preparando para arremessar, mas então parou.

— O que é aquilo? — perguntou, olhando para o pai.

Sullivan olhou para baixo e viu algo se mover em seu peito. O ponto vermelho de uma mira laser.

Ele se jogou na terra ao lado da base.

65

O TACO LOUISVILLE VINTAGE, ainda na sua mão, se rompeu antes de tocar o solo. Um alto ping metálico soou quando uma bala ricocheteou na cerca. Alguém estava atirando nele. O pessoal de Maggione? Quem mais?

— Garotos! Agachados, agora! Corram! Corram! — gritou. Os garotos não precisaram ouvir duas vezes. Michael Jr. agarrou o braço do irmão caçula. Os três correram em busca de proteção, pequenos canalhas rápidos, correndo como se tivessem acabado de roubar a carteira de alguém.

O Açougueiro correu o mais rápido que pôde na direção oposta; queria desviar o fogo dos seus garotos. E precisava da arma no seu carro!

O Humvee estava estacionado a pelo menos 50 metros de distância, correu o mais reto que ousou para chegar lá. Outro tiro passou tão perto que ele ouviu o zumbido junto ao queixo.

Os tiros vinham do bosque à esquerda do campo, afastado da estrada. Isso ele sabia. Mas não se preocupou em olhar ao redor. Ainda não.

Quando chegou ao Humvee, abriu a porta do carona e se jogou dentro. A seguir houve uma explosão de vidro.

O Açougueiro permaneceu agachado, o rosto apertado contra o tapete do chão, e se esticou para baixo do banco do motorista.

A Beretta presa ali era uma promessa quebrada a Caitlin. Solto a arma carregada e finalmente deu uma olhada por cima.

Havia dois deles, agora saindo do bosque — com certeza dois espertinhos de Maggione. Estavam lá para acabar com ele, não estavam? E talvez também com seus filhos.

Abriu a porta do motorista e depois se jogou no cascalho e na terra. Dando uma olhada sob o carro, viu um par de pernas indo na sua direção em uma corrida em ziguezague.

Não havia tempo para pensar muito nem para qualquer planejamento. Ele disparou duas vezes por baixo do chassi. O homem 139

de Maggione gritou quando uma mancha vermelha brotou acima do tornozelo.

Ele caiu pesadamente, e o Açougueiro disparou novamente, diretamente no rosto chocado do gângster. O desgraçado não conseguiu outro tiro, palavra ou pensamento, mas essa agora era a última das suas preocupações.

— Pai! Pai! Pai, socorro!

Era a voz de Mike, vindo do outro lado do parque, e estava tomada de pânico.

Sullivan deu um salto e viu o outro assassino se encaminhando para o abrigo, talvez a 70 metros de distância. Ele ergueu sua arma, mas sabia que também estaria disparando na direção dos filhos.

Ele saltou para dentro e colocou o Humvee em movimento.

Pisou FUNDO, como se as vidas de seus filhos dependessem disso. Provavelmente dependiam. Maggione era o tipo de covarde que mataria sua família inteira. Então colocou a Beretta para fora da janela, procurando uma posição de tiro. Seria perto, não havia como dizer qual o resultado. Suspense na cidade.

O assassino estava disparando pelo campo, realmente se mexendo. Sullivan imaginou que o sujeito tinha sido um bom atleta quando jovem. E não muito tempo antes.

Michael Jr. observava dos degraus da encosta. O garoto era frio, mas, no momento, isso não ajudava muito. Sullivan gritou para ele:

— Abaixese! Michael, abaixe! Imediatamente!

O assassino sabia que Sullivan estava indo atrás dele. Finalmente parou e se virou para disparar seu tiro.

Erro!

Possivelmente fatal!

Os olhos dele arregalaram imediatamente antes da grade do Humvee acertá-lo no peito, se movendo a 80 quilômetros por hora. O veículo não diminuiu antes de dar um a bela carona ao assassino, então o prendeu na grade do final do campo.

— Vocês estão bem? — gritou, Sullivan, mantendo os olhos no assassino, que não se mexia e parecia que teria de ser arrancado da cerca.

— Estamos bem — disse Michael Jr., parecendo perturbado, mas ainda controlando suas emoções.

Sullivan deu a volta para olhar o bandido, ou pelo menos o que restara dele. A única coisa que o mantinha de pé era o sanduíche de aço em que estava preso. A cabeça estava caída frouxamente para um lado. Ele parecia estar olhando ao redor com o único olho ainda não totalmente coberto de sangue.

Sullivan avançou e pegou os restos do taco Louisville da terra. Ele girou uma, duas, várias vezes, pontuando cada golpe com um grito:

— Não. "Sacaneie. "Minha. "Família! "Nunca! "Nunca! "Nunca!"

O último giro errou o alvo; Sullivan fez uma enorme moossa no seu capo. Mas isso o ajudou a se lembrar de onde estava.

Entrou no carro e voltou para o lugar de onde seus filhos estavam assistindo, como um bando de zumbis no funeral de alguém. Quando

eles entraram, ninguém falou, mas também ninguém chorou.

— Está tudo bem agora — disse a eles. — Acabou, garotos. Eu vou cuidar disso. Estão ouvindo? Eu prometo. Prometo a vocês pelos olhos da minha mãe morta!

Manteria sua palavra. Tinham ido atrás dele e de sua família, e o Açougueiro iria atrás deles. 3

A máfia.

John Maggione. -

67

Eu TIVE OUTRA SESSÃO com Kim Stafford, e quando ela entrou estava usando óculos escuros e parecia alguém em fuga. Imediatamente senti meu estômago despencar até

o primeiro andar do prédio. Fiquei chocado que meus mundos profissionais estivessem se chocando naquele caso.

Agora que sabia quem era o noivo de Kim, era mais difícil para mim respeitar seu desejo de mantê-lo fora daquilo. Queria confrontar aquele bosta da pior forma possível.

— Kim — disse eu em dado momento, ainda no início da sessão.

— Sam guarda armas no apartamento?

Sam era o nome que tínhamos combinado usar nas sessões. Sam também era o nome de um buldogue que tinha mordido Kim quando era uma garotinha.

— Uma pistola na mesinha-de-cabeceira — disse ela.

Eu tentei não demonstrar a preocupação que estava sentindo, o alarme tocando alto dentro da minha cabeça.

— Ele alguma vez apontou a arma para você? Ameaçou usá-la?

— Apenas uma vez — disse ela, brincando com o tecido de sua saia. — Foi há pouco tempo. Se eu tivesse achado que era sério, eu o teria deixado.

— Kim, eu gostaria de falar com você sobre um plano de segurança.

— O que você quer dizer?

— Identificar algumas medidas de precaução — disse. — Guardar algum dinheiro; manter uma mala feita em algum lugar; encontrar um lugar para onde poderia ir, caso tenha de sair apressadamente.

Não sei bem por que ela tirou os óculos escuros naquele momento, mas foi quando escolheu me mostrar o seu olho roxo.

— Não posso Cross — disse ela. — Se eu tiver um plano, eu o usarei. Então acho que ele realmente me matará.

Depois de minha última sessão naquele dia, eu ouvi meu correio de voz antes de sair. Só havia uma mensagem. Era de Kayla.

— Oi, sou eu. Bem, segure o queixo, porque Nana vai me deixar preparar o jantar para todos nós esta noite. Na cozinha dela! Se eu não estivesse em pânico, diri a que mal posso esperar. Assim, tenho dois telefonemas para dar e depois vou parar na loja. Depois poderei me matar no estacionamento. Caso contrário, o verei em cas a por volta das seis. Quero dizer, na sua casa.

Já eram quase seis horas quando eu recebi a mensagem. Eu tentei tirar da cabeça a perturbadora sessão com Kim, mas não fui inteiramente bem-sucedido. Esperava qu e ela ficasse bem, e até então não estava certo se deveria interferir. No momento em que cheguei à Fifth Street e corri para dentro, Kayla estava refestelada na cozinha.

Ela vestia o avental preferido de Nana e deslizava uma costela assada para dentro do forno.

Nana estava sentada empertigada à mesa da cozinha, com uma taça de vinho branco intocada na sua frente. Aquilo era uma cois a interessante.

Os garotos também estavam zanzando pela cozinha, provavelmente para ver quanto tempo Nana conseguiria ficar imóvel.

— Como foi seu dia, papai? — perguntou Jannie. — Qual foi a melhor coisa que aconteceu?

Aquilo produziu um grande sorriso em nós dois. Era uma pergunta que de vez em quando gostávamos de fazer à mesa do jantar. Fazíamos isso havia anos.

Eu pensei em Kim Stafford, depois pensei no caso de estupro em Georgetown e na reação de Nana à minha decisão de trabalhar naquilo. Pensar em Nana me trouxe de volt a ao presente, à minha resposta à pergunta de Jannie:

— Até agora? — disse. — E isto. Estar aqui com vocês é a melhor coisa.

As COISAS ESTAVAM ESQUENTANDO.

O Açougueiro detestava praia; ele detestava a areia, o cheiro de água salgada, o trânsito engarrafado, tudo que dizia respeito a uma viagem ao litoral. Caitlin e os garotos, com suas viagens de verão a Cape May — podiam ter, manter, gostar.

Então, tinham sido os negócios, e apenas negócios, que o levaram ao litoral, ainda mais a South Jersey. Era a vingança contra John Maggione. Os dois se odiavam desde que o pai de Maggione tinha permitido que aquele "irlandês maluco" se tornasse seu assassino predileto. Então Sullivan tinha recebido uma ordem de se livrar de um dos parceiros de Júnior, e o Açougueiro fizera o trabalho com seu entusiasmo habitual. Ele tinha cortado Rico Marinacci em pedaços.

John Maggione tinha desaparecido nos últimos tempos — o que não era uma surpresa -, de modo que o plano do Açougueiro fora levemente alterado. Se ele ainda não podia cortar a cabeça, iria começar por alguma outra parte do corpo.

A parte, no caso, atendia pelo nome de Dante Ricci. Dante era o homem mais jovem do grupo de Maggione, o favorito do chefão. Como um filho para ele. A piada interna era que John Maggione não deixava um parceiro limpar sua bunda sem conferir com Dante.

Sullivan chegou à cidade litorânea de Mantoloking, Nova Jersey, pouco antes do anoitecer. Enquanto ele dirigia pela baía Barnegat, o oceano parecia quase púrpura — bonito, caso você gostasse desse tipo de cartão-postal, esse momento Kodak. Sullivan fechou as janelas para o ar salgado. Ele mal podia esperar para fazer o serviço e se mandar dali.

A cidade propriamente dita era uma faixa de terra cara com um 1,5 quilômetro de largura. A casa de Ricci na Ocean

Avenue não era muito difícil de achar. Passou pelo portão principal, estacionou na estrada e retornou a pé uns trezentos metros.

Aparentemente Ricci estava se saindo muito bem. A casa principal era uma colonial enorme, três andares, telhas de cedro marrom, perfeitamente conservada e junto ao mar. Garagem para quatro carros, casa de hóspedes, piscina aquecida na duna. Seis milhões, fácil. O tipo de objeto brilhante que mafiosos modernos sacodem na frente de suas esposas para distraí-las dos roubos e assassinatos cotidianos que eles praticam para ganhar a vida.

E Dante Ricci era um matador; era o que ele fazia melhor. Cara, ele era o Açougueiro novo e melhorado.

Da frente, Sullivan não podia ver muito da disposição. Imaginava que a maior parte da casa desse vista para o mar, nos fundos. Mas a praia não oferecia uma boa proteção.

Tinha de ficar onde estava, e esperar a hora.

Isso não era problema. Tinha tudo o que era necessário para o serviço, incluindo paciência. Um trecho de gaélico passou pela sua cabeça. Algo que seu avô James costumava dizer. Coimhéalá feargfhear nafoighne, ou uma merda assim. Cuidado com a raiva de um homem paciente.

Exatamente, pensou Michael Sullivan enquanto esperava, absolutamente imóvel na escuridão que aumentava. Exatamente.

69

DEMOROU UM POUCO PARA ter uma noção da casa de praia e sua vizinhança. Não havia muito movimento no interior, mas o bastante para ver que a família estava em casa;

Dante, duas crianças pequenas e — pelo menos a distância — o que parecia ser a jovem esposa sensual, uma bela loura italiana.

Mas não havia visitantes nem seguranças à vista. Especificamente, não havia /"maiúsculo: Família, Isso significava que o poder de fogo na casa se limitaria ao que Dante Ricci tivesse na mão. O que quer que fosse, provavelmente não poderia rivalizar com a metralhadora 9mm que Sullivan levava. Ou seu bisturi.

Apesar do frio no ar, estava transpirando debaixo do casaco, e uma mancha de suor tinha encharcado a camiseta no ponto em que ela apertava seu corpo. A brisa do oceano também não ajudava a acalmá-lo. Apenas sua paciência o mantinha a postos. Seu profissionalismo, como gostava de pensar. Traços que ele sem dúvida tinha herdado do pai, o Açougueiro original, que no mínimo tinha sido um desgraçado paciente.

Finalmente se moveu na direção da casa de praia. Passou por um brilhante Jaguar preto estacionado na vaga de tijolos amarelos e entrou em uma das garagens abertas, onde um Jaguar branco fazia companhia ao preto.

Uau, Dante, quanta ostentação.

Não demorou muito para que encontrasse algo útil na garagem. O Açougueiro pegou uma marreta de cabo curto na bancada dos fundos. Ele a empunhou e sentiu seu peso.

Quase perfeito. Bastante bom. É, gostava de ferramentas. Exatamente como seu velho.

Teria de acertar com a esquerda se quisesse manter a arma pronta, mas a área a acertar era grande como, bem, um pára-brisa de Jaguar.

Ergueu a marreta, ajeitou os pés e foi como um rebatedor de beisebol no vidro.

Um alarme de carro estridente começou a tocar ao primeiro impacto, exatamente como ele queria.

Sullivan imediatamente disparou para o jardim da frente, a meio caminho de volta para a estrada. Escondeu-se detrás de um velho carvalho vermelho que parecia deslocado ali — assim como ele. Seu dedo estava no gatilho da arma, mas não. Nada de tiros ainda. Deixe Dante pensar que era um ladrãozinho de merda do litoral de Jersey.

Isso poderia atraí-lo correndo e xingando.

A porta de tela da frente se abriu segundos depois, batendo forte contra a parede da casa. Dois holofotes se acenderam.

Sullivan apertou os olhos com a luz. Mas ele podia ver o velho Dante na varanda — com uma pistola na mão. De short de banho. E chinelos. Musculoso e em boa forma, mas e daí? Que desgraçado vaidoso era aquele cara?

Erro.

— Quem está aí, porra? — gritou o durão no escuro. — Eu perguntei, quem está aí? Melhor começar a correr!

Sullivan riu. Esse era o homem de Júnior? O novo Açougueiro? Esse vagabundo ridículo em sua casa de praia? Em roupa de banho e calçados de plástico?

— Ei, é só Mike Sullivan! — gritou ele de volta.

O Açougueiro saiu para onde podia ser visto, fez uma pequena mesura, então varreu a varanda da frente antes que Dante percebesse o que iria acontecer. Na verdade, por que ele o faria? Quem teria colhões para ir atrás de um mafioso em sua casa? Quem seria tão louco?

— Isso é só para começar! — rosnou o Açougueiro enquanto meia dúzia de tiros acertava Dante Ricci no estômago e no peito. O mafioso caiu de joelhos, olhou para Sullivan e depois despencou de cara no chão.

Sullivan continuou com o dedo no gatilho e acertou os dois carros na garagem e na calçada. Linhas de buracos perfeitas cortaram os chassis caros. Aquilo foi muito bom.

Quando parou de atirar, ouviu gritos vindo de dentro da casa de praia. Mulheres, crianças. Apagou os holofotes da varanda com duas rajadas rápidas e controladas.

Então se aproximou da casa, segurando o bisturi. Assim que chegou junto ao corpo soube que Dante Ricci estava morto como um peixe inchado jogado na praia. Mas virou o corpo e rasgou o rosto do morto umas doze vezes com a lâmina afiada.

— Nada pessoal, Dante, mas você não é o novo eu.

Então se virou para partir. Dante Ricci tinha recebido o recado, e logo, logo, Júnior Maggione também receberia.

Então, ele ouviu uma voz vindo do lado de fora da casa. Feminina.

— Você o matou! Desgraçado! Você matou meu Dante!

Sullivan se virou e viu a mulher de Dante de pé com uma arma na mão. A mulher era pequena, uma bela loura descolorada com no máximo um metro e meio de altura.

A esposa disparou às cegas na escuridão. Ela não sabia atirar, não conseguia sequer segurar a arma direito. Mas tinha um pouco do sangue quente dos Maggione.

— Volte para casa, Cecília! — gritou Sullivan. — Ou eu explodo a sua cabeça!

— Você o matou! Seu bosta! Seu filho-da-puta! — gritou ela, saindo da varanda e indo para o jardim.

A mulher estava chorando, soluçando, mas indo pegá-lo, a idiota.

— vou matar você, seu merda!

O tiro seguinte explodiu uma fonte para passarinhos de concreto a cerca de um metro à direita de Sullivan.

Seu choro tinha se transformado em um uivo agudo. Soava mais como um animal ferido que como algo humano.

Então aconteceu algo dentro dela, e ela investiu, atravessando a calçada. Ela disparou mais uma vez antes de Sullivan acertar dois tiros em seu peito. Ela caiu como se tivesse se chocado contra uma parede, então ficou ali em convulsões patéticas. Ele também a cortou.

Assim que entrou em seu carro, ele se sentiu melhor, satisfeito consigo mesmo. Chegou mesmo a apreciar a longa viagem de volta. Seguindo pela auto-estrada, abriu as janelas e aumentou a música, cantando as palavras de Bono a plenos pulmões como se fossem as suas próprias.

O DIA SEGUINTE SERIA ARQUIVADO sob o título O que afinal eu estava pensando?. Eu apareci no Sexto Distrito, onde Jason Stempl e
148

estava lotado, e comecei a perguntar por ele. Não sabia bem o que faria caso o encontrasse, mas estava tão nervoso por Kim Staffbrd que precisava tentar algo, ou achava que precisava.

Não tinha credenciais ou distintivo, mas muitos tiras de Washington sabiam quem eu era, quem eu sou. Mas, aparentemente, não o sargento da recepção.

Ele me manteve esperando do lado civil do vidro por mais tempo que eu gostaria. Tudo bem, achei, sem problema. Fiquei em pé, olhando para os prêmios anuais de redução de crime nas paredes até ele finalmente me informar que tinha verificado com seu capitão; então me deixou entrar.

Outro policial uniformizado estava esperando por mim.

— Pulaski, leve o senhor — disse o sargento, olhando para a folha de visitantes — Cross para o vestiário, por favor. Ele está procurando por Stemple. Acho que ele deve estar saindo agora.

Eu o segui por um corredor movimentado, captando fragmentos de conversas de tira pelo caminho. Pulaski empurrou uma pesada porta de vaivém no vestiário. O cheiro era familiar, suor e vários anti-sépticos.

— Stemple! Visita para você!

Um cara jovem, vinte e tantos, da minha altura, porém mais pesado, olhou para nós. Ele estava sozinho em uma fila de armários verde-oliva gastos e vestia uma camiseta do Washington Nationals. Mais uma meia dúzia de tiras saindo do turno estava por perto, reclamando e rindo do estado do sistema judiciário, que definitivamente era uma piada na época.

Caminhei até onde Stemple estava colocando seu relógio e basicamente me ignorando.

— Poderia falar com você um minuto? — perguntei. Estava tentando ser educado, mas isso era um esforço com aquele cara que gostava de

bater na sua namorada.

— Sobre? — perguntou Stemple, mal olhando para mim. Baixei a voz.

— Eu gostaria de falar com você... sobre Kim Stafford. Imediatamente a recepção menos que amistosa se transformou em pura animosidade. Stemple se virou nos calcanhares e olhou 149

para mim de cima a baixo como se eu fosse um sem-teto que tivesse invadido sua casa.

— E o que você está fazendo aqui? Você é tira?

— Eu fui tira, mas hoje sou terapeuta. Trabalho com Kim.

Os olhos de Stemple se apertaram e pegaram fogo. Agora estava entendendo, e não estava gostando nada. Nem eu, porque estava olhando para um macho forte que bat e em mulheres e às vezes as queima com objetos acesos.

— E, bem, eu acabei um plantão e estou saindo. Você fique longe de Kim se sabe o que é bom para você. Entendeu?

Agora que tínhamos nos conhecido, eu tinha uma opinião profissional sobre Stemple. Ele era um merda. Enquanto ele saía, eu disse:

— Você está batendo nela, Stemple. Você a queimou com um charuto. O vestiário ficou imóvel, mas eu percebi que ninguém se apressou a me encarar em defesa de Stemple. Os outros ficaram apenas olhando. Dois deles anuíram, como se talvez já soubessem sobre Stemple e Kim. Ele se virou lentamente para mim e cresceu.

— O que você está tentando arrumar, babaca? Quem é você? Ela está trepando com você?

— Não é nada disso. Eu disse. Eu só vim aqui conversar. Se você sabe o que é bom para você, deveria escutar.

Foi quando Stemple deu o primeiro golpe. Eu recuei e ele errou, mas por pouco. Definitivamente era esquentado, e forte.

Mas era tudo de que eu precisava, talvez tudo o que eu queria. Eu dei uma finta para a esquerda, depois acertei um uppercut na barriga. Ele bufou.

Então seus braços fortes me pegaram pela cintura. Stemple me jogou com força contra uma fila de armários. O metal ribombou com o impacto. A dor se espalhou pelas minhas costas. Eu torci para que não houvesse nada quebrado.

Assim que pude ficar de pé novamente, eu o empurrei para trás e ele tropeçou e me soltou. Deu outro golpe. Dessa vez, acertou meu maxilar com força.

Eu devolvi a gentileza; uma direita forte no queixo, seguida por um gancho de esquerda que acertou logo acima da sobrancelha. Um por mim, um por Kim Stafford. Então o acertei com a direita no malar.

Stemple deu meia-volta; depois me surpreendeu e caiu no chão do vestiário. Seu olho direito já estava começando a fechar.

Meus braços palpitavam. Estava pronto para mais, com aquele vagabundo, aquele covarde. A briga nunca deveria ter começado, mas tinha, e fiquei desapontado quando ele não se levantou novamente.

— É assim com Kim? Ela o irrita e você dá um soco?

Ele resmungou, mas não falou nada para mim. Eu disse:

— Ouça, Stemple. Quer que eu guarde isso para mim, não denuncie você? Então faça com que não aconteça novamente. Nunca mais. Mantenha suas mãos longe dela. E seus charutos. Estamos entendidos?

Ficou onde estava, e isso me disse o que eu precisava saber. Eu estava a meio caminho da porta quando um dos outros tiras interceptou meu olhar.

— Bastante bom — disse ele.

71

SE NANA ESTIVESSE TRABALHANDO no caso de Georgetown, teria dito, em seu estilo inimitável, que no momento ele estava "em ponto de fervura". Sampson e eu tínhamos colocado na mistura um punhado de ingredientes interessantes, e tínhamos aumentado o fogo. Aquela era hora de alguns resultados.

Olhei para o grandalhão do outro lado de uma mesa coberta de relatórios de crimes.

— Nunca vi tanta informação significar tão pouco — disse, ranzinza.

— Agora você sabe com o que eu tenho lidado — disse e soltou a bola de borracha que estava apertando no punho. Eu fiquei surpreso que a coisa não tivesse explodido em milhões de pedaços.

— Esse cara é cuidadoso, parece bastante inteligente, e é cruel. Também tem um artifício poderoso; usar seus suvenires para ameaçar aquelas mulheres. Tornando aquilo pessoal. Caso você ainda não tenha

percebido — disse. Estava apenas pensando em voz alta. Às vezes isso ajuda.

Ultimamente meu negócio, meu hábito, era andar. Eu provavelmente tinha percorrido nove quilômetros de tapete nas catorze horas anteriores, todos na mesma sala de reunião do Segundo Distrito em que estávamos enfiados. Meus pés doíam um pouco, mas assim eu mantinha o cérebro funcionando. Isso e Altoids de maçã ácida.

Nós tínhamos começado naquela manhã cruzando informações dos últimos quatro anos de relatórios de crimes do FBI, procurando possíveis casos relacionados — vasculhando qualquer coisa que pudesse começar a juntar aquilo. Em função do que já sabíamos sobre nosso criminoso, tínhamos procurado mulheres desaparecidas, casos de estupro e especialmente assassinatos que envolvessem mutilações. Primeiramente em Georgetown e depois em toda a região metropolitana de Washington.

Para nos mantermos o mais relaxados possível, escutamos o programa Elliot in the Morning no rádio, mas nem mesmo Elliot e Diane podiam melhorar nossa disposição naquela manhã, por melhores que fossem nisso.

De modo a cobrir todas as bases, fizemos uma segunda conferência, verificando assassinatos não solucionados em geral. O resultado foi uma série de casos potenciais que era tão grande quanto pouco animadora.

Uma coisa boa tinha acontecido. Mena Sunderland tinha nos concedido outra entrevista, na qual chegou a dar alguns detalhes descritivos de seu estuprador. Era um homem branco na faixa dos quarenta anos, achava. E pelo que pudemos intuir a partir de Mena, tinha boa aparência, o que, para ela, era difícil admitir.

— Sabem, do modo como Kevin Costner é bonito para um cara mais velho — ela nos disse.

Para nós, entretanto, essa era uma parte importante do perfil. Agressores atraentes têm uma vantagem que os torna ainda mais perigosos. Minha esperança era que, com algum tempo e a promessa de muita proteção, Mena estaria disposta a continuar falando conosco. O que tínhamos até então não era suficiente para um retrato falado.

Assim que tivéssemos uma aparência que não fosse a de cerca de doze mil outros rostos nas ruas de Georgetown, Sampson e eu queríamos circular com isso.

Sampson empurrou a cadeira para trás e esticou as pernas compridas.

— O que você acha de dormir um pouco e continuar de manhã? Estou morto.

E naquele momento Betsey Hall entrou em disparada, parecendo muito mais acordada que qualquer um de nós. Betsey era uma detetive nova, ansiosa, mas do tipo que sabi a ser útil sem atrapalhar.

— Vocês só procuraram vítimas do sexo feminino em seu cruzamento de informações? — perguntou ela. — Foi isso, não?

— Por quê? — perguntou Sampson.

— Já ouviram falar em Benny Fontana? Não tínhamos ouvido.

— Soldado da máfia de nível intermediário, subchefe, acho que é o termo. Ou pelo menos era — disse Betsey. — Foi morto há duas semanas. Em um apartamento em Kaloram a Park. Na verdade, na noite em que Lisa Brandt foi estuprada em Georgetown, — E? — perguntou Sampson. Eu podia sentir na voz dele a mesma impaciência que sentia. — Então?

— E então, isto.

Betsey abriu uma pasta e espalhou na mesa meia dúzia de fotografias em preto e branco. Elas mostravam um homem branco, de, talvez, 50 anos de idade, morto, de costas, em uma sala de estar em algum lugar. Os dois pés tinham sido completa — e recentemente — cortados no tornozelo.

De repente, eu não estava mais cansado. Adrenalina corri a pelo meu corpo.

— Deus do céu — murmurou Sampson.

Estávamos os dois de pé, olhando de uma foto para a outra, repetindo o processo diversas vezes.

— O relatório do legista diz que os cortes no Fontana foram feitos antes da morte — acrescentou Betsey. — Provavelmente com instrumentos cirúrgicos. Talvez bisturi e serra.

A expressão dela era esperançosa, meio que docemente ingênua.

— Então, acham que é o mesmo criminoso? Eu respondi:

— Acho que quero saber mais. Podemos conseguir as chaves do apartamento?

Ela tirou um chaveiro do bolso e o agitou orgulhosamente.

— Achei que vocês poderiam me pedir isso.

72

— MERDA, ALEX. MÚLTIPLOS ESTUPROS, múltiplos assassinatos. Agora uma ligação com a máfia? — disse Sampson, socando o teto do carro. — Isso não pode ser coincidência.

Não pode! Não!

— Definitivamente pode ser algo; se for o mesmo cara — lembrei a ele.

— Vamos ver o que acontece lá. Tente não se adiantar muito.

Não que John estivesse muito distante. Nosso suspeito cada vez mais parecia ser um monstro sádico com um hábito muito ruim, muito particular. Não que estivéssemos procurando por ele nos lugares errados, apenas não estávamos procurando em lugares suficientes.

— Mas se for assim — continuou Sampson -, nada de telefonemas para seus velhos parceiros esta noite. Tudo bem? Eu queria um tempinho com isso antes dos federais subirem a bordo.

O FBI já saberia do assassinato de Fontana, supondo que estava relacionado à máfia. Mas os estupros ainda eram do departamento de polícia de Washington. Problem a local.

— Você não sabe se eles necessariamente assumirão o caso — eu disse.

— Ah, claro — disse Sampson estalando os dedos e apontando para mim. — Eu esqueci. Sua memória foi apagada quando você deixou o departamento, como eles fazem em Homens de preto. Bem, eu vou ajudar: eles vão assumir o caso. Eles adoram casos como este. Nós fazemos todo o trabalho e os federais recebem todo o crédito.

Dei uma olhada para ele.

— Quando eu estava lá você ficou ressentido comigo por algum caso? Eu fiz isso?

— Se aconteceu, não se preocupe — disse ele. — Se valesse falar sobre isso na época, eu teria puxado o assunto. Não, maldição, você nunca se meteu em um dos meus casos!

Estacionei em frente a um prédio de apartamentos de tijolos castanhos em frente ao Kalorama Park. Era uma bela localização; tenho certeza de que o assassinato de Fontana tinha abalado aquele prédio, se não a vizinhança. Também ficava a menos de 3 quilômetros de onde Lisa Brandt tinha sido atacada pouco depois da morte de Benny Fontana. Passamos a hora seguinte do lado de dentro, usando fotos da cena do crime e as manchas de sangue ainda no tapete para reconstruir o que poderia ter acontecido. Isso não nos deu nenhuma ligação concreta com os outros ataques, mas era um começo.

Quando saímos, seguimos rumo sudoeste para Georgetown, pegando o caminho mais lógico para a vizinhança de Lisa Brandt. Já era quase meia-noite. Nenhum de nós pensava em parar, então revisamos o caso inteiramente, passando por cada um dos locais sabidos de estupro em ordem cronológica. Eles não eram muito distantes.

Às 2:30h estávamos em um reservado em uma lanchonete 24 horas. Havia pastas de crimes espalhadas sobre a mesa e as estávamos lendo, excitados demais para parar, cansados demais para ir para casa.

Era minha primeira oportunidade de realmente mergulhar no arquivo de Benny Fontana. Eu tinha lido os relatórios da polícia e do legista diversas vezes. E estava olhando a lista de itens tirados do 155

apartamento. Na quarta ou quinta vez, meus olhos pararam em um item em particular: um canto rasgado de um envelope branco com revestimento metálico. Ele tinha sido encontrado sob o sofá, a poucos pés do corpo de Fontana. Por falar em pés, ou na falta deles.

Eu me sentei. São esses os momentos pelos quais você espera em um caso não resolvido.

— Precisamos ir a um lugar.

— Você está certo. Precisamos ir para casa — disse Sampson. Eu chamei a garçonete, que estava semi-adormecida no balcão.

— Há alguma farmácia 24 horas por aqui por perto? É importante.

Sampson estava cansado demais para discutir. Ele me seguiu para fora da lanchonete, virando a esquina e seguindo alguns quarteirões até uma Walgreens bem iluminada.

Uma olhadela nas prateleiras do lado de dentro e eu encontrei o que estava procurando.

— Mena Sunderland disse que as fotos que ela viu eram Polaróides — disse eu, abrindo uma caixa de filme.

— Você tem de pagar por isso — disse um balconista na frente. Eu o ignorei.

Sampson estava balançando a cabeça.

— Alex, que porra é essa que você está fazendo?

— A lista de evidências de cena de crime de Fontana — eu disse.

— Havia um envelope com revestimento metálico. Ou pelo menos um pedaço.

Eu tirei o novo envelope de dentro da caixa, rasguei uma ponta e o segurei.

— Exatamente como este. Sampson começou a sorrir.

— Ele tirou fotos de Benny Fontana depois de cortá-lo. E o mesmo cara., John.

73

TRABALHEI DURANTE UM DIA muito, muito longo, mas na noite seguinte fiquei em casa.

Nana dava uma aula de leitura semanal no abrigo administrado pela Primeira Igreja Batista na Fourth Street, e eu fiquei em casa com as crianças. Quando estou com eles, não há lugar que prefira mais. Às vezes o problema é apenas chegar lá.

Eu brinquei de chef naquela noite. Preparei a sopa de feijão branco que é a minha preferida e também das crianças, junto com uma salada Cobb picada, e levei um belo pão de cheddar fresco da padaria perto do meu consultório. A sopa tinha um gosto quase tão bom quanto a de Nana. Algumas vezes eu penso que ela tem duas versões de todas as receitas — aquela na sua cabeça e aquela que ela partilha comigo, menos algum ingrediente fundamental. Faz parte da sua mística, e eu duvido que tenha mudado muito no último meio século.

Depois, as crianças e eu tivemos uma muito adiada sessão com o saco de areia no porão. Jennie e Damon se revezaram martelando couro, enquanto Ali corria com seus caminhões pelo chão do porão, que ele declarou ser a Interestadual 95!

Em seguida, nos transferimos para cima, para uma aula de natação com o irmãozinho. Sim, natação. Era invenção de Jannie, inspirada pela

relutância de Ali em entrar na banheira. Não importa que fosse ainda mais difícil tirá-lo do banho depois que ele começava. Essa questão escapava a ele, que sempre fazia um escândalo, como se fosse alérgico à limpeza. Eu tinha dúvidas sobre a idéia de Jannie até ver como funcionava.

— Respire Ali! — orientava ela da lateral. — Vamos ver você respirar, garoto!

Damon mantinha as mãos sob a barriga de Ali enquanto ele ficava na água com o rosto para baixo, basicamente fazendo borbulhas e espalhando água ao redor. Era hilariante, mas eu não ousei rir, por Jannie. Sentei-me a uma distância segura — significando seca -, observando do sanitário.

— Segure ele um segundo — disse Jannie. Damon colocou o garotão em pé na banheira.

Ali piscou e esguichou um bocado de água, os olhos brilhando com a brincadeira.

— Eu estou nadando! — declarou.

— Não, ainda não — disse Jannie, toda séria. — Mas definitivamente está chegando lá, irmãozinho.

Ela e Damon estavam praticamente tão encharcados quanto Ali, mas ninguém parecia se importar. Era uma festa. Jannie estava ajoelhada em uma poça, enquanto Damon, de pé, me dava um olhar conspiratório de filho mais velho que dizia: Eles não são malucos?

Quando o telefone tocou, ambos correram para a porta.

— Eu atendo! — disseram em coro.

— Eu atendo — disse eu, bloqueando a passagem. — Vocês estão encharcados. Sem natação até eu voltar.

— Venha, Ali — eu ouvi enquanto saía do banheiro. — Vamos lavar seu cabelo.

A garota era genial.

Eu corri até o hall para pegar o telefone antes que a secretária eletrônica fosse ativada.

— ACM da família Cross — disse eu, alto o bastante para que as crianças ouvissem.

— É ALEX CROSS?

— Sim — disse. Mas não reconheci a voz do outro lado da linha. Só notei que era de uma mulher.

— Eu sou Annie Falk.

— Annie — disse, constrangido. — Oi, como vai?

Nós éramos conhecidos, não exatamente amigos. O filho dela estava um ou dois anos à frente de Damon. Annie era médica de emergência no St. Anthony.

— Alex, eu estou no hospital...

De repente estabeleci uma ligação, e meu coração pulou um batimento.

-Nana está aí?

— Não é Nana — disse ela. — Eu não sabia para quem mais ligar. Kayla Coles acabou de chegar ao St. Anthony. Está na emergência.

— Kayla? — perguntei, elevando a voz. — O que está acontecendo? Ela está bem? " "

— Não sei Alex. Ainda não sabemos. Mas a situação não é boa.

Não era a resposta que eu esperava, ou a que eu queria ouvir.

— Annie, o que aconteceu? Pode me dizer alguma coisa?

— Difícil saber exatamente. O certo é que alguém atacou Kayla.

— Quem? — disse eu, praticamente gritando ao telefone, me sentindo péssimo, como se já tivesse a resposta à minha própria pergunta.

Damon chegou ao hall e olhou para mim, assustado, os olhos arregalados. Era um olhar que eu tinha visto muitas vezes em nossa casa.

— Só posso dizer que ela foi esfaqueada. Duas vezes, Alex. Ela está viva.

Esfaqueada? Minha cabeça gritou a palavra, mas eu a guardei para mim. Engoli em seco. Mas ela está viva.

— Alex eu não deveria falar sobre isso ao telefone. Você deveria vir para o hospital assim que puder. Pode vir imediatamente?

— Estou a caminho.

NANA AINDA ESTAVA NA SUA AULA, mas eu só precisei de dois minutos para pedir à vizinha, Naomi Harris, para ficar com as crianças.

Pulei no carro e acelerei durante todo o caminho. Uma sirene teria ajudado.

A viagem até o hospital foi rápida; é só disso que eu realmente me lembro, e que Kayla estava em minha cabeça o tempo todo. Quando parei do lado de fora da emergência, o carro dela estava estacionado sob as árvores na entrada.

A porta do motorista estava aberta, e, quando passei correndo e olhei para dentro, vi sangue no banco da frente. Meu Deus, ela mesma dirigiu até lá. De alguma forma, escapou dele.

A sala de espera estava lotada, como sempre no St. Anthony. Havia uma fila de pessoas desamparadas e de aparência maltratada na recepção. Os feridos que andavam e seus amigos e parentes. Maria foi declarada morta aqui.

— Senhor, não pode...

Mas eu já estava deslizando pelas portas para a área de tratamento médico antes que elas se fechassem. Uma vez dentro, vi que era outra noite muito movimentada no St. Tony. Paramédicos empurravam macas, médicos, enfermeiras e pacientes passavam de um lado para o outro ao redor de mim.

Um jovem estava em uma maca com um talho no couro cabeludo, o sangue escorrendo pela testa.

— Eu vou morrer? — perguntava a todos que passavam.

— Não, você vai ficar bem — disse a ele, já que ninguém mais parava para falar. — Você está bem, filho.

Mas onde estava Kayla? Tudo estava acontecendo rápido demais. Não encontrava ninguém para perguntar por ela. Então ouvi uma voz chamando meu nome:

— Alex, aqui!

Annie estava acenando para mim do fundo do saguão. Quando cheguei lá, ela pegou meu braço e me levou para uma sala de 160 traumatismo, um nicho com duas camas separadas por uma cortina de plástico verde.

Várias pessoas formavam um semicírculo ao redor da cama. As mãos estavam se movendo rapidamente, muitas delas usando luvas sujas de sangue.

Outras pessoas do hospital iam e vinham, esbarrando em mim como se eu não estivesse lá.

Isso significava que Kayla estava viva. Imaginei que o objetivo ali era estabilizá-la se possível, e depois levá-la para a sala de cirurgia.

Estiquei o pescoço para tentar ver algo, e então eu a vi. Kayla tinha uma máscara sobre a boca e o nariz. Alguém estava levantando uma compressa inteiramente vermelha de sua barriga, onde eles já tinham cortado a camisa.

A médica-chefe, uma mulher na casa dos trinta anos, disse:

— Ferimento perfurante, abdômen, questionável dano ao baço. Outras vozes na sala se somaram, e eu tentei entender o melhor que pude, mas tudo estava ficando nublado para mim.

— Pressão 70, pulso 120. Respiração 34.

— Sucção aqui, por favor.

— Ela está bem? — perguntei. Era como se fosse um pesadelo em que ninguém me escutava.

— Alex — disse Annie, colocando a mão no meu ombro. — Você precisa deixá-los trabalhar. Ainda não sabemos muito. Quando soubermos, eu lhe direi.

Eu me dei conta de que estava forçando caminho para a frente, para chegar mais perto da cama de Kayla. Meu Deus, sofria por ela e estava com dificuldade para respirar.

— Avise o sétimo andar, diga que estamos prontos — disse a médica que parecia encarregada de todo mundo na sala. — Ela tem barriga cirúrgica.

Annie sussurrou para mim:

— Isso significa que o estômago está rígido, não está ocorrendo digestão.

— Vamos lá. Rápido, pessoal.

Eu estava sendo empurrado por trás, e sem qualquer gentileza.

— Mexa-se, senhor. Você precisa sair do caminho, esta paciente tem problemas. Ela pode morrer.

Saí do caminho para abrir espaço enquanto eles empurravam sua maca para o corredor. Os olhos de Kayla ainda estavam fechados. Será que ela sabia que eu estava lá?

Ou quem tinha feito aquilo com ela? Eu acompanhei a procissão o mais perto que podia. Então, tão rapidamente quanto todo o resto que estava acontecendo, eles a puseram em um elevador e as portas de metal se fecharam entre nós.

Annie estava bem ao meu lado. Apontou para outro elevador.

— Posso levá-lo até a sala de espera lá de cima, se você quiser. Acredite, todo mundo está fazendo o melhor possível. Eles sabem que Kayla é médica. E todos sabem que ela é uma santa.

76

ESTA PACIENTE TEM PROBLEMAS. Ela pode morrer... Todos sabem que ela é uma santa.

Eu passei as três horas seguintes na sala de espera, sozinho e sem nenhuma outra informação sobre Kayla. Minha cabeça estava repleta de ironias perturbadoras: dois de meus filhos tinham nascido no St. Anthony. Maria tinha sido declarada morta ali. E agora Kayla.

Então Annie Falk estava novamente comigo, sobre um dos joelhos, falando em uma voz serena e respeitosa que naquele momento me assustou mais do que qualquer coisa — Venha comigo, Alex. Venha, por favor. Rápido. Eu o levarei até ela. Ela saiu da operação.

Inicialmente pensei que Kayla ainda estivesse adormecida no quarto de recuperação, mas ela se ligou quando eu me aproximei. Seus olhos abriram e ela me viu — me reconheceu um instante depois.

— Alex — sussurrou.

— Oi para você — sussurrei de volta, e delicadamente peguei a mão dela nas minhas.

Pareceu muito confusa e perdida por um momento; depois fechou os olhos com força. Lágrimas rolaram por suas faces e eu quase deixei que o mesmo acontecesse comigo, mas pensei que Kayla poderia ficar assustada se me visse assim.

— Está tudo bem — disse. — Já acabou. Você está na recuperação.

— Eu estava... tão assustada — disse, parecendo uma garotinha, uma faceta terna de Kayla que eu nunca tinha visto.

— Tenho certeza que sim — disse, e puxei uma cadeira sem soltar sua mão. — Você realmente dirigiu até aqui?

Chegou a sorrir, embora seus olhos permanecessem levemente e desfocados.

— Eu sei como pode demorar para se conseguir uma ambulância nesta vizinhança.

— Quem fez isso com você? — perguntei. — Você sabe quem foi, Kayla?

Em resposta à pergunta, ela fechou os olhos novamente. Minha mão livre se fechou. Será que ela sabia quem a tinha atacado e tinha medo de dizer? Será que Kayla tinha sido avisada para não falar?

Nós ficamos em silêncio por um instante... até ela se sentir pronta para falar. Eu não iria forçá-la do modo como tinha forçado a pobre Mena Sunderland.

— Estava em um atendimento domiciliar — disse ela finalmente, os olhos ainda fechados. — A irmã do cara telefonou. Ele é viciado. Estava tentando se desintoxicar em casa. Quando eu cheguei lá, ele estava fora de si. Não sei quem pensou que eu fosse. Ele me esfaqueou...

Sua voz morreu. Alisei seu cabelo e coloquei as costas da mão em sua bochecha. Já tinha visto como a vida pode ser frágil, mas isso não é algo com que você se acostume, e é diferente quando acontece com alguém de quem você gosta, quando chega perto de casa.

— Você fica comigo, Alex? Até eu dormir? Não vá embora.

Era sua voz de garotinha novamente. Kayla nunca tinha me parecido tão vulnerável quanto naquele momento, naquele e 162

momento efêmero no quarto de recuperação. Meu coração se partiu por ela e pelo que acontecera quando ela estava tentando fazer algo de bom.

— Claro — disse. — vou ficar bem aqui. Não vou a lugar algum.

77

— FIQUEI ALGUM TEMPO DEPRIMIDO, como você sabe. Todos vocês sabem disso.

— Mais de dez anos. Acho que isso é algum tempo, Alex. Estava sentado em frente à minha médica preferida, minha própria analista, Adele Finaly. De tempos em tempos, Adele também é minha orientadora. Foi ela quem me encorajou a retomar o consultório, e

chegou até mesmo a enviar dois pacientes. "Cobaias", como gosta de chamá-los.

— Preciso contar a você algumas coisas que estão me incomodando muito, Adele. Isso pode exigir várias horas.

— Sem problema — disse ela, dando de ombros.

Adele tem cabelo castanho-claro e quarenta e poucos anos, mas não parece ter envelhecido desde que nos conhecemos. Não está casada no momento, e, com bastante frequência, eu penso em nós dois juntos, mas tiro isso da cabeça. Idiota demais, maluco demais.

— Desde que você possa encaixar várias horas de sua baboseira em 50 minutos — continuou ela, sempre esperta, que é o tom perfeito a adotar comigo.

— Posso fazer isso. Ela anuiu.

— Então é melhor começar. Eu liguei o relógio e ele está correndo.

Eu comecei contando a ela o que tinha acontecido a Kayla e como me sentia quanto a isso, incluindo o fato de que ela fora para a casa dos pais na Carolina do Norte e para se recuperar.

— Não acho que seja falha minha. Portanto, não estou me sentindo culpado pelo ataque a Kayla... Pelo menos não diretamente.

Adele não conseguiu evitar, por melhor que ela fosse: suas sobrancelhas se ergueram e traíram o que ela estava pensando.

— E indiretamente?

Minha cabeça se moveu para cima e para baixo.

— Eu de fato sinto uma culpa generalizada; como se pudesse ter feito algo para impedir o ataque.

— Por exemplo?

Eu sorri. Depois Adele também.

— Só para dar um exemplo, acabando com todo o crime na região de Washington.

— Você está de novo se escondendo por trás de seu senso de humor.

— Certamente estou, e essa é a parte realmente ruim. Por mais que me esforce para ser racional, estou sentindo alguma culpa pelo fato de que poderia de algum modo ter protegido Kayla. E, sim, eu sei o quanto isso é ridículo, Adele. Pensar. E falar em voz alta. Mas ainda assim, aí está.

— Fale mais sobre essa "proteção" que você de algum modo poderia ter dado a Kayla Coles. Preciso ouvir isso Alex.

— Não force a barra. E eu não acho que tenha usado a palavra proteção.

— Na verdade, usou. Seja como for, me diga, por favor. Você disse que queria me contar tudo. Isso provavelmente é mais importante do que você pensa.

— Eu não poderia ter feito porra nenhuma para ajudar Kayla. Satisfeita?

— vou chegar lá — disse Adele, e esperou que eu falasse mais.

— Tudo tem a ver com aquela noite com Maria, claro. Eu estava lá. Eu a vi morrer em meus braços. Eu não pude fazer nada para salvar a mulher que amava. Não fiz

nada. Eu nem sequer peguei o filho-da-puta que a matou.

Adele continuou sem dizer nada.

— Sabe o que é o pior? Eu sempre fico pensando se aquela bala não era para mim. Maria foi para os meus braços... então foi atingida.

Ficamos sentados em silêncio por um longo tempo, mesmo para nós, e nós somos muito bons em suportar silêncios. Eu nunca tinha admitido essa última parte para Adel e até agora, nunca tinha dito isso em voz alta a ninguém.

— Adele, eu vou mudar minha vida de algum modo.

Ela também não disse nada sobre isso. Esperta e durona, do jeito que eu gosto dos meus analistas, e o que eu quero ser um dia quando finalmente crescer.

— Você não acredita em mim? — perguntei. Ela finalmente falou:

— Quero acreditar em você, Alex. Claro que quero — disse, e acrescentou: — Você acredita em você? Você acha que algum de nós pode realmente mudar? Você pode?

— Sim — disse a Adele. — Acredito que posso mudar. Mas eu me engano muito.

Ela riu. Ambos rimos.

— Não acredito que eu pago por esta merda — disse, finalmente.

— Nem eu — disse Adele. — Mas seu tempo está esgotado.

AINDA NAQUELA TARDE eu me vi na igreja de St. Anthony — a St. Tony, como eu a chamava desde que era um garoto crescendo perto dela, na casa igualmente reverenciada de Nana. A igreja fica a cerca de um quarteirão do hospital em que Maria morreu. Eu tinha transferido meus cuidados espirituais do médico-chefe para o chefe do universo, e esperava que fosse uma melhoria, mas sabia que poderia não ser.

Eu me ajoelhei em frente ao altar e deixei o cheiro doce do incenso e as conhecidas cenas da natividade e da crucifixão caírem sobre mim e fazerem o trabalho sujo.

Para mim, a coisa mais impressionante sobre belas igrejas é que elas basicamente foram

166
projetadas por pessoas inspiradas por uma crença em algo maior e mais importante que elas mesmas, e é assim que eu tento levar minha própria vida. Eu olhei para o altar, e um suspiro escapou de meus lábios. No que diz respeito a Deus, eu acredito. E simples assim, e sempre foi. Imagino que pareça um tanto estranho, ou presunçoso, imaginar que Deus pensa como nós; ou que Deus tem um rosto humano grande e generoso; ou que Deus é branco, marrom, preto, amarelo, verde, sei lá o quê; ou que Deus escuta nossas preces o tempo todo do dia ou da noite, ou em algum momento.

Mas fiz algumas preces por Kayla no primeiro banco da St. Tony, pedindo não apenas que sobrevivesse aos ferimentos, mas que se curasse de outras formas importantes.

As pessoas reagem de forma diferente a ataques que ameaçam suas vidas, as de parentes, ou a seus lares. Sei disso pessoalmente. E agora, infelizmente, também Kayla.

Já que estava em clima de oração, disse algumas palavras particulares por Maria, que estava em meus pensamentos havia muito.

Cheguei mesmo a conversar com Maria, seja lá o que isso signifique. Eu esperava que ela gostasse do modo como estava criando as crianças, que era um tema constante entre nós. Então fiz uma oração por Nana Mama e sua saúde; orações pelas crianças, e até mesmo algumas palavras pela gata Rosie, que estava com uma gripe violenta que eu temia fosse pneumonia. Não permita que nossa gata morra. Não agora. Rosie também é boa gente.

O AÇOUGUEIRO ESTAVA EM GEORGETOWN para aliviar um pouco a pressão — do contrário, as coisas poderiam não ficar muito bem quando ele voltasse para Caitlin e as crianças, para sua vida correta e limitada. De fato, ele tinha aprendido havia muito que gostava de uma vida dupla. Quem não gostaria?

Talvez outro jogo de Luz Vermelha, Luz Verde fosse bom hoje. Por que não? Sua guerra contra Júnior Maggione estava produzindo muito estresse.

O quarteirão 3.000 da Q Street, por onde ele caminhava rapidamente, era agradavelmente arborizado e dominado por casas atraentes e mesmo mansões maiores. Era basicament e uma área residencial de alto nível, e os carros estacionados revelavam a posição social e as preferências de quem vivia ali: várias Mercedes, um Range Rover, um BMW, um Aston Martin, um ou dois Bentleys novos e brilhantes.

Em sua maioria, o trânsito de pedestres se limitava aos que entravam ou saíam de suas casas. Era bom para seus objetivos. Ele estava com fones de ouvido, escutando uma banda escocesa de que gostava, Franz Ferdinand. Mas de repente desligou a música e ficou sério.

Na casa de tijolos vermelhos na esquina de Thirty-first e Q aparentemente estava sendo preparado algum jantar para aquela noite. Diversos produtos caros demais estavam sendo transportados de uma van com a inscrição "Georgetown Valet", e os lampiões de gás falsos da frente da casa estavam sendo testados pelos jardineiros. As luzes pareciam funcionar bem. Pisca. Pisca.

Então o Açougueiro ouviu o clique-clique dos saltos altos de uma mulher. O som convidativo, quase intoxicante, vinha da calçada à frente dele, que era de tijolos, em vez de cimento, e corria pela vizinhança como um colar deixado sobre uma mesa.

Finalmente viu a mulher por trás — uma coisinha bonita e bem torneada, com longos cabelos pretos que desciam a meio caminho de sua cintura. Uma irlandesa como ele?

Um amorzinho? Impossível afirmar de costas. Mas a caçada tinha começado. Ele logo saberia o quanto quisesse sobre ela. Sentiu que já

estava controlando o destino dela, que ela pertencia a ele, ao Açougueiro, seu poderoso alter ego, ou talvez seu verdadeiro eu. Quem poderia dizer?

Estava se aproximando cada vez mais da mulher de cabelos de corvo, conferindo os becos estreitos que ficavam atrás de algumas das casas maiores, os trechos de bosques, procurando um bom local — e então viu uma loja mais acima. O que era aquilo?

O único comércio que ele via em vários quarteirões. Parecia quase deslocado naquele bairro.

SARAH'S MARKET, dizia o letreiro do lado de fora. Então a bela de cabelos escuros entrou.

— Maldição, perdi — sussurrou o Açougueiro, então sorriu e se imaginou retorcendo os bigodes de um vilão. Adorava aquele jogo, aquela espécie de jogo de gato e rato perigoso e provocante no qual ele criava todas as regras. Mas seu sorriso desapareceu instantaneamente — porque ele viu alguma coisa mais naquele Sarah's Market, e não gostou daquela alguma coisa mais.

Havia jornais em exposição — exemplares do Washington Post. E, quer saber? De repente se lembrou de que o próprio Bob Woodward vivia em algum lugar da região — mas não era isso o importante.

Seu rosto era o problema, apenas uma aproximação, um desenho do Açougueiro que não era totalmente ruim. Estava acima da dobra do jornal, bem onde não deveria estar.

— Meu Deus, eu sou famoso.

80

MAS AQUILO NÃO ERA MOTIVO de riso, e Michael Sullivan voltou rapidamente ao lugar onde tinha estacionado, na Q Street. De fato, o que tinha acontecido era quas e exatamente o pior que podia imaginar. As coisas já não seriam mais do seu jeito.

Ele se sentou e refletiu calmamente sobre sua situação desagradável no banco da frente do seu Cadillac.

Pensou nos prováveis "suspeitos", sobre a mulher que deveria ter contado histórias sobre ele. Provavelmente dado uma descrição à polícia. Ele avaliou que estava sendo atacado ao mesmo tempo por

dois ílancos, pela polícia de Washington e pela Máfia. O que fazer, o que fazer?

Quando surgiu uma solução parcial, era satisfatória e até mesmo divertida, porque lhe parecia um novo jogo. Outra reviravolta.

A polícia de Washington achava que sabia como era sua aparência, o que poderia ser um grave problema, mas também poderia deixá-los descuidados e excessivamente confiantes.

Erro.

Deles.

Especialmente se ele tomasse as contramedidas adequadas imediatamente, o que ele decididamente planejava fazer. Mas quais eram exatamente as medidas defensivas que ele precisava tomar? O primeiro passo o levou à Wisconsin Avenue, perto de Blues Alley — bem onde lembrava ficar a lojinha. Um barbeiro chamado Rudy tinha uma cadeira vaga no meio da tarde, então Sullivan se acomodou para barba e cabelo.

Na verdade, era relaxante e levemente agradável imaginar como ele ficaria depois, se iria gostar de seu novo eu.

Após mais dez ou doze minutos estava feito. Tire as ataduras, ar. Frankemtein. O barbeiro baixinho e rotundo parecia satisfeito consigo mesmo.

Se você tiver estragado tudo, está morto. Não estou brincando, Rudy, pensou o Açougueiro consigo mesmo. Eu vou fatiá-lo com sua própria navalha. Veja o que o Washington

Post tem a dizer sobre isso.

Mas, ei! — Não ficou mal. Acho que eu gostei. Acho que fiquei um pouco parecido com o Bono.

— Sonny e Cher, aquele Bono? — perguntou Rudy, o Profundo.

— Não entendo disso, senhor. Acho que o senhor tem uma aparência melhor que Sonny Bono. Ele está morto, sabia?

— Seja como for — disse Sullivan, e pagou a conta, deu uma gorjeta ao barbeiro e se mandou de lá.

A seguir dirigiu até a região de Capitol Hill, em Washington.

Sempre gostara da região, a considerava excitante. A imagem que a maioria das pessoas tinha do Capitólio eram os degraus e terraços

graciosos da fachada oeste. Mas no lado leste, atrás dos prédios do Capitólio, da Suprema Corte e da Biblioteca do 170

Congresso, ficava um agitado bairro residencial que ele conhecia muito bem. Eu já passei por aqui antes.

O Açougueiro atravessou o Lincoln Park, de onde tinha uma visão espetacular da cúpula do Capitólio agora que as folhas estavam caindo. Fumou um cigarro e revisou seu plano em frente ao um tanto bizarro Emancipation Memorial, que apresentava um escravo rompendo as correntes enquanto Lincoln lia a Declaração de Emancipação.

Lincoln, um bom homem, segundo todos os relatos. Eu, um homem muito ruim. Como isso acontece?, pensou.

Alguns minutos mais tarde estava invadindo uma casa na C Street. Ele sabia bem qual tinha sido a puta que falara sobre ele. Sentia nos ossos, no seu sangue. E logo teria certeza.

Ele encontrou Mena Sunderland enfiada em sua pequena e adorável cozinha. Ela usava jeans, uma camisa branca imaculada e tamancos gastos, e preparava macarrão par a um enquanto tomava uma taça de vinho tinto. Mimosa como um botão de flor, pensou consigo.

— Sentiu minha falta, Mena? Eu senti a sua. E, quer saber? Eu quase me esqueci de como você é bonita.

Mas não vou me esquecer de você novamente, queridinha. Desta vez eu trouxe uma câmera para fazer seu retrato. Você afinal estará em minha bela coleção de fotos.

Ah, sim!

E fez o primeiro corte com o bisturi.

81

AINDA ESTAVA dentro da igreja quando meu telefone celular tocou, e eram problemas perto do Capitólio. Eu fiz uma pequena oração por quem quer que estivesse em apuros, e uma oração pedindo que conseguíssemos pegar o estuprador-assassino rapidamente. Então saí da St. Anthony correndo.

Sampson e eu fomos rapidamente para o bairro atrás do Capitólio em seu carro com a sirene ligada, luzes piscando no teto. A fita amarela de cena de crime já estava esticada por toda a área no momento em que chegamos. A cena, entre os importantes prédios do governo, não

poderia ser mais dramática, pensei, enquanto Sampson e eu subíamos correndo os quatro degraus de pedra de uma casa de tijolos.

Está fazendo um espetáculo para nós? Está fazendo de propósito? Ou simplesmente aconteceu?

Ouvi um alarme de carro disparar e olhei para trás na direção da rua. Que visão estranha e curiosa: polícia, repórteres, uma multidão crescente de curiosos.

O medo estava estampado em muitos dos rostos, e não pude deixar de pensar que aquela era uma imagem comum da época, aquele olhar de medo, o terrível estado de medo que parecia ter tomado conta de todo o país — talvez o mundo inteiro estivesse com medo naquele momento.

Infelizmente, era ainda pior na casa. A cena de crime já estava sendo controlada com rigor pelos detetives de homicídios e legistas de rostos sombrios, mas Sampson

pôde entrar. Ele passou por cima das objeções de um sargento e me levou junto. Fomos até a cozinha. Uma cena de crime inimaginável. A oficina do assassino.

Eu vi a pobre Mena Sunderland deitada em um piso de ladrilhos marrom-avermelhados. Seus olhos estavam revirados e pareciam fixos em um ponto do teto. Mas os olhos de Mena não foram a primeira coisa que eu notei. Que desgraçado era aquele assassino.

Uma faca de trincar estava fincada na garganta dela, cravada como uma estaca mortal. Havia múltiplos ferimentos no rosto, profundos cortes violentos desnecessários.

A blusa, uma camiseta branca, tinha sido arrancada. O jeans e a calcinha tinham sido baixados até os tornozelos, mas não foram tirados. Um pé estava calçado, outro não, um tamanco azul-claro jogado de lado no sangue. Sampson olhou para mim.

— Alex, o que você está vendo? Diga.

— Não muito. Não ainda. Acho que ele não se deu o trabalho de estuprá-la — disse.

— Por quê? Ele baixou a calcinha. Eu ajoelhei junto ao corpo de Mena.

— A natureza dos ferimentos. Todo este sangue. A desfiguração. Estava com raiva demais. Disse a ela para não falar conosco, e ela lhe

desobedeceu. Tem a ver com isto. Acho. Talvez tenhamos feito com que ela fosse morta, John.

Sampson reagiu com raiva.

— Alex, nós dissemos para ela não voltar para cá ainda. Oferecemos vigilância, proteção. O que mais poderíamos ter feito?

Eu balancei a cabeça.

— Talvez a deixado em paz. Apanhado o assassino antes que ele a pegasse. Alguma outra coisa, John, qualquer coisa, menos isto.

82

ENTÃO AGORA NÓS TAMBÉM estávamos investigando o caso de Mena Sunderland, por respeito a ela — pelo menos foi o que eu disse a mim mesmo, foi minha racionalização.

Aquilo era por Maria Cross, por Mena Sunderland e por todas as outras. Nos três dias seguintes, eu trabalhei direto com Sampson durante o dia e depois fui para as ruas com ele à noite. Nosso turno da noite normalmente acontecia entre dez e 2 horas. Integrávamos a força-tarefa que patrulhava Georgetown e Foggy Bottom, regiões em que o estuprador tinha atacado antes. As emoções estavam ficando fortes, mas ninguém o queria mais do que eu.

Ainda assim, estava fazendo de tudo para manter aquela investigação muito tensa sob controle e nas devidas proporções. Quase toda noite eu jantava com Nana e as crianças. Eu ligava para Kayla Coles na Carolina do Norte, e ela parecia melhor. Tive também meia dúzia de sessões com meus pacientes, incluindo Kim Staf-

ford, que ia ao consultório duas vezes por semana e fazia progressos. Seu noivo nunca lhe contou sobre nossa "conversa".

Meu ritual matinal incluía pegar um café na Starbucks, que ficava bem no meu prédio, ou no Au Bon Pain, na esquina de Indiana e Sixth. O problema com Au Bon Pain

era que eu gostava muito dos doces, então precisava ficar o mais longe possível do lugar.

Kim era minha paciente predileta. Terapeutas costumam ter favoritos, por mais que eles racionalizem que não têm.

— Lembra que eu disse que Jason não era um cara tão mau?

— disse ela certa manhã, com quinze minutos de sessão.

Eu me lembrava, e também me lembrava de ter acertado a cara dele direitinho na delegacia em que trabalhava.

— Bem, ele era um lixo completo e absoluto, Cross. Eu descobri isso. Demorou muito mais tempo do que deveria.

Assenti e esperei pelo resto. Sabia exatamente o que queria ouvir dela a seguir.

— Eu o abandonei. Esperei ele ir trabalhar, e parti. A verdade? Estou morrendo de medo. Mas fiz o que tinha de fazer.

Ela se levantou e foi até a janela, que dava para a Judiciary Square. Era possível ver o tribunal federal de lá.

— Você é casado há quanto tempo? — perguntou ela, olhando para a aliança que eu ainda usava na mão esquerda.

— Eu fui casado. Não sou mais.

Contei-lhe um pouco sobre Maria, sobre o que tinha acontecido mais de dez anos antes — a versão resumida, a não sentimental.

— Lamento — disse, quando terminei.

Kim tinha lágrimas nos olhos, a última coisa que eu queria. Naquela manhã nós lidamos com algumas coisas duras, fizemos algum progresso. Então aconteceu uma coisa estranha: ela apertou minha mão antes de sair.

— Você é uma boa pessoa — disse ela. — Adeus, Cross. Pensei que talvez tivesse acabado de perder um paciente — meu primeiro — porque tinha feito um bom trabalho.

83

O QUE ACONTECEU NAQUELA NOITE me perturbou. Na verdade, tudo tinha sido muito bom, até ficar ruim. Eu tinha levado Nana e as crianças para um jantar especial no Kinkead's, perto da Casa Branca, na Pennsylvania Avenue, nosso restaurante preferido em Washington. O grande músico de jazz, Hilton Fenton, foi até nossa mesa e nos contou uma história engraçada sobre o ator Morgan Freeman. De volta para casa, eu subi a escada de madeira íngreme até meu escritório no sótão, amaldiçoando os degraus um por um. Coloquei para tocar Sam Cooke, começando com uma muito popular, "You Send Me". Então examinei velhos arquivos da polícia de Washington da época do assassinato de Maria — centenas de páginas.

Estava procurando casos de estupro não solucionados da época, especialmente que tivessem ocorrido em Southeast ou nas vizinhanças. Trabalhei com dedicação e ouvi música, e fiquei surpreso ao olhar para o relógio e ver que eram 3:10h. Tinham surgido algumas coisas interessantes nos arquivos do caso em série que eu me lembrava de estar em andamento mais ou menos na época em que Maria morrera.

De fato, os estupros tinham começado algumas semanas antes de Maria ser baleada, e terminado logo depois do assassinato. Eles nunca recomeçaram. O que significava que o estuprador poderia ser um visitante em Washington?

Para mim, o mais interessante era que o estuprador não havia sido identificado por nenhuma das vítimas. Elas tinham recebido cuidados médicos, mas se recusaram a falar com a polícia sobre o que lhes acontecera. Isso não consubstanciava nada, mas me levou a folhear mais algumas páginas.

Olhei várias outras transcrições, e não encontrei nenhuma identificação feita pelas vítimas.

Poderia ser coincidência? Eu duvidava. Continuei a ler.

Então congelei em uma página de anotações policiais. Um nome e outras informações pularam no meu pescoço.

Maria Cross.

Assistente social em Potomac Gardens.

Um detetive, Alvin Hightower, que eu conhecera vagamente na época — tinha quase certeza de que estava morto — escrevera um relatório sobre o estupro de uma universitária da Universidade George Washington. O ataque acontecera dentro de um bar na M Street.

Eu continuei a ler. Sentia dificuldade para respirar. Estava me lembrando de uma conversa que tivera com Maria dois dias antes de ela morrer. Era sobre um caso no qual ela estava trabalhando, o de uma garota que tinha sido estuprada.

De acordo com o relatório do detetive, a aluna tinha dado alguma descrição do estuprador a uma assistente social — Maria Cross. Era um homem branco, pouco mais de 1,80m, possivelmente de Nova York. Quando terminou com a garota, ele fizera uma pequena reverência.

com os dedos trêmulos, eu virei a página e conferi a data do primeiro relatório. E lá estava — o dia anterior ao que Maria foi assassinada.

E o estuprador?

O Açougueiro. O assassino da máfia que nós estávamos rastreando. Eu me lembrei de sua medida no alto do prédio, sua visita inexplicável à minha casa.

O Açougueiro.

Eu apostaria minha vida nisso.

MATADOR DE DRAGÕES

84

NANA ATENDEU AO TELEFONE na cozinha, onde a família se reunira para preparar o jantar naquela noite. Todos tínhamos uma tarefa naquela refeição, de descascar batatas até preparar uma salada Caesar e arrumar a mesa com a prataria. Eu ficava tenso sempre que o telefone tocava. O que é agora? Será que Sampson descobriu alguma coisa sobre o Açougueiro? Nana falou no fone.

— Olá, querida, como você está? Como está se sentindo? Isso é bom, muito bom ouvir isso. Vou chamá-lo. Alex está bem aqui, picando legumes como se trabalhass e no restaurante Benihana. Ah, sim, ele está bem. Ficarà muito melhor quando ouvir sua voz.

Eu sabia que deveria ser Kayla, então atendi na sala. Enquanto fazia isso, pensei em quando tínhamos nos transformado em uma família com telefone em quase todos os aposentos, para não falar dos celulares que Damon e Jannie levavam para a escola.

— Então, como você está, querida? — disse ao telefone, tentando imitar o tom doce de Nana. — Saquei. Você pode ficar de bobeira na cozinha — acrescentei para a galera que estava lá prestando atenção e dando risadas.

— Oi, Kayla! Tchau, Kayla — disseram os garotos em coro.

— Tchau, Kayla — acrescentou Nana. — Nós te amamos. Melhore logo.

Ela e eu ouvimos um clique, e então Kayla disse:

— Estou bem. A paciente está se saindo bem. Quase curada e pronta para chutar um traseiro novamente.

Sorri e senti uma onda de calor se espalhar por mim apenas por ouvir sua voz, mesmo em um interurbano como aquele.

— Bem, é bom ouvir sua voz de chutadora de traseiros novamente.

— Também a sua, Alex. E as dos garotos e de Nana. Desculpe não ter telefonado semana passada. Meu pai ficou doente, mas agora também está melhorando. E você me conhece.

Eu estou fazendo alguns trabalhos pró bono na vizinhança. Você sabe que eu odeio ser paga, não é?

Houve um breve silêncio, mas então eu preenchi o espaço com perguntas sem importância sobre os parentes de Kayla e a vida na Carolina do Norte, onde ambos tínhamos nascido. Àquela altura, eu tinha me acalmado um pouco do inesperado telefonema de Kayla, e era mais eu mesmo.

— Então como você está?. — perguntei. — Está realmente bem? Quase recuperada?

— Estou. Estou mais segura de certas coisas do que antes. Tive tempo para processar e refletir sobre uma mudança, Alex. Eu estive pensando... Que posso não retornar a Washington. Eu queria falar com você sobre isso antes de contar a mais alguém.

Senti como se meu estômago estivesse descendo em um elevador de alta velocidade em um arranha-céu. Eu tinha suspeitado de que algo como isso pudesse acontecer, mas, ainda assim, fiquei atordoado com o golpe.

Kayla continuou a falar:

— Há muito a fazer aqui. Muita gente doente, claro. E tinha me esquecido de como este lugar é bonito e saudável. Desculpe, não estou colocando isto... Dizendo isto muito bem.

Respondi com uma futilidade:

— Você não é verbal. É o problema de vocês, cientistas. Kayla deu um grande suspiro.

— Alex, você acha que eu estou errada quanto a isso? Você sabe do que eu estou falando? Claro que sabe.

Queria dizer a Kayla que ela estava completamente errada, que poderia voltar correndo para Washington, mas eu não consegui dizer. Por que era assim?

— Tudo bem, eis a única resposta que eu posso dar, Kayla. Você sabe o que é bom para si mesma. E eu jamais tentaria influenciá-la de modo algum. Sei que não conseguiria, mesmo se quisesse. Não tenho certeza se isso saiu corretamente.

— Ah, acho que sim. Você simplesmente foi sincero — disse ela.

— Tenho de descobrir o que é melhor para mim. É a minha natureza, não é? É da nossa natureza.

Continuamos a conversar mais um pouco, mas, quando finalmente desligamos, tinha uma sensação horrível sobre o que acabara de acontecer. Eu a perdi, não é? O que há de errado comigo? Por que não disse a Kayla que precisava dela? Por que não disse a ela para voltar a Washington o mais rápido possível? Por que eu não disse e que a amava?

Depois do jantar subi para o sótão, meu esconderijo, minha válvula de escape, e tentei me perder no restante dos velhos arquivos da época da morte de Maria. Não queria pensar muito em Kayla. Fiquei apenas pensando em Maria, sentindo sua falta mais do que em muitos anos, imaginando como poderia ter sido nossa vida caso ela não tivesse morrido.

Por volta de uma da manhã, eu finalmente me esgueirei para baixo. Entrei no quarto de Ali novamente. Quietamente como um rato de igreja, eu me deitei ao lado do meu querido garoto sonhador.

Segurei a mãozinha de Alex com meu mindinho e disse silenciosamente as palavras: Me ajude, garoto.

85

As COISAS TINHAM COMEÇADO a acontecer rapidamente... Para o bem ou para o mal. Michael Sullivan não estivera tão ligado e tenso em anos, e, na verdade, ele gostava da sensação de aceleração.

Estava de volta, não? Claro, e estava no auge. Nunca estivera com mais raiva ou mais concentrado. O único problema de verdade é que estava descobrindo que precisava de mais ação, de qualquer tipo. Não podia ficar parado naquele motel, não podia assistir a velhos episódios de Law & Order ou jogar mais futebol ou beisebol com os garotos.

Precisava caçar; precisava se manter em movimento; precisava de suas doses de adrenalina.

Erro.

Então, ele se viu novamente em Washington — onde não deveria estar — nem mesmo com seu novo corte de cabelo e vestindo um capuz prata e azul do Georgetown Hoyas que fazia com que ele se parecesse com uma espécie de pretensoso yuppie idiota que merecia ser socado no rosto e chutado na cabeça enquanto estava no chão.

Mas que bosta, gostava das mulheres dali, principalmente os tipos profissionais certinhos. Tinha acabado de ler Villages, de John Updike, e estava imaginando se o velho Updike sentia a metade da excitação de alguns dos seus personagens. Aquele lagarto também não tinha escrito Couples! Além disso, Updike tinha setenta e tal, e ainda escrevia sobre sexo como se fosse um adolescente numa fazenda da Pensilvânia, comendo qualquer coisa com duas, três ou quatro pernas. Mas talvez estivesse entendendo errado o livro. Ou talvez fosse Updike. Seria possível? Que um escritor realmente não entendesse que estava escrevendo sobre si mesmo?

Seja como for, realmente tinha fantasias com as mulheres de calças elegantes de Georgetown. Elas tinham um cheiro ótimo, uma aparência realmente ótima, falavam bem. As mulheres de Georgetown seria um bom livro para alguém escrever, talvez até mesmo Johnny U.

Cara, ele estava se divertindo. Na viagem de carro de Maryland tinha escutado U2, e Bono tinha gritado sobre querer passar algum tempo dentro da cabeça de sua amada, e Sullivan ficou pensando — deixando de lado o romantismo irlandês idiota — se aquela era realmente uma boa idéia. Caitlin precisava estar dentro da cabeça? Definitivamente não. Ele precisava estar dentro da dela? Não. Por que ele realmente não gostava de espaços vazios. Então, onde ele estava, afinal?

Ah, Thirty-first Street. Chegando a Blues Alley, que estava quase deserto àquela hora do dia — ao contrário da noite, quando as boates abriam naquela região de Washington

e as multidões chegavam. Agora estava ouvindo James McMurtry and the Heartless Bastards. Gostava do CD o bastante para permanecer no carro estacionado mais algum tempo.

Finalmente saltou, esticou as pernas e respirou o ar relativamente fedorento da cidade.

Prontos ou não, lá vou eu. Decidiu atravessar a Wisconsin Avenue e conferir as damas de lá, talvez atrair uma delas para o beco de algum modo. E então? O que quer que desse na telha, porra. Era Michael Sullivan, o Açougueiro de Sligo, um desgraçado realmente maluco, de todos os que existiram nesta bola de gás e pedra rodopiante.

Como era aquela velha frase de que ele gostava? Três das quatro vozes na minha cabeça me mandam ir.

A passagem da Thirty-first Street para o beco estava banhada pelo brilho amarelado das luzes em um restaurante de massas chamado Ristorante Piccolo. Muitas das boas casas da M Street, que era paralela ao beco, tinham suas entradas de serviço ali.

Ele passou pela entrada dos fundos de uma casa de carnes, depois por um bistrô francês e uma espécie de lanchonete gordurenta soltando fumaça.

Ele percebeu outro cara entrando no beco — depois dois caras — também vindo na sua direção.

Que merda era aquela? O que estava acontecendo ali?

Mas ele achava que sabia, não? Era o fim do caminho. Alguém finalmente tinha conseguido ficar um passo à frente dele, em vez de o contrário. Sobretudos de couro.

Tipos troncudos, fortes. Decididamente não eram estudantes de Georgetown pegando um atalho para comer um pedaço de vaca no Steak & Brew.

Ele se virou para voltar à Thirty-first — e viu mais dois caras.

Erro.

Grande.

Dele.

Ele tinha subestimado John Maggione.

86

— O SR. MAGGIONE NOS MANDOU — disse um dos durões que ia na direção de Michael Sullivan, caminhando de um modo muito pomposo e empertigado desde a entrada do beco na Wisconsin. Os caras estavam se movendo rapidamente, e o encurralaram. Muito mistério e intriga, para não falar que dois dos capangas já tinham sacado as armas, que estavam penduradas frouxamente do lado, e que o Açougueiro não estava armado, a não ser pelo bisturi na sua bota.

Não tinha como dar conta de quatro deles, não com uma lâmina. Provavelmente nem se ele tivesse uma arma. O que poderia fazer, então? Tirar uma foto deles com sua câmera?

— Ele não falou certo, Açougueiro. O Maggione não quer vê-lo — disse um camarada mais velho. — Ele só quer que você desapareça. Quanto mais cedo, melhor. Hoje, por exemplo. Você acha que poderia

fazer isso pelo Maggione? Aposto que sim. Depois iremos achar sua mulher e seus três filhos e fazê-los desaparecer também.

O cérebro de Michael Sullivan agora estava avaliando todas as permutações e possibilidades.

Talvez ele pudesse pegar aquele camarada, o falastrão; aí não seria uma perda completa. Fechar aquela boca feia de uma vez por todas. Também cortá-lo muito.

Mas e quanto aos outros três?

Talvez conseguisse pegar dois deles, se fosse bom e tivesse sorte. Se pudesse chegar perto o bastante deles para usar sua lâmina, o 184 que não iria acontecer. Provavelmente eram burros, mas não tão burros. Então, como ele poderia fazer alguma coisa? Não queri a ser derrubado sem lutar.

— Você é homem o bastante para me pegar sozinho? — perguntou ele ao falastrão. — Hein, babbó*. Usou a expressão da máfia para idiota, para um subordinado inútil.

Estava tentando provocá-lo, se fosse capaz. Maldição, ele ia tentar algo imediatamente. Estava prestes a morrer no próximo minuto, e simplesmente não estava pronto para isso.

A boca do assassino se abriu em um sorriso sinistro.

— Sem dúvida alguma. Eu posso dar conta de você sozinho. Mas adivinhe quem é o babbo hoje? vou te dar uma pista. Você provavelmente limpou a bunda dele hoje.

O Açougueiro enfiou a mão no bolso do suéter, e a manteve lá. O falastrão imediatamente pensou duas vezes e ergueu a mão livre. Os outros pararam. Todos eles tinham sacado as armas, mas não chegariam mais perto do lendário Açougueiro.

O falastrão gesticulou para os homens atrás de Sullivan se moverem para a direita, enquanto ele e o quarto homem se moveram para a esquerda. Isso dava a todos um a boa linha de tiro. Jogad a inteligente.

— Você é idiota, Mick. Desta vez você se fodeu, não é? Um a pergunta: você pensou que iria acabar assim? Sullivan teve de rir daquilo.

— Quer saber? Eu nunca pensei que iria acabar. Isso nunca m e ocorreu. Na verdade, ainda não.

— Ah, vai acabar. Bem aqui, bem agora. Continue assistindo ao filme até as luzes se apagarem para você!

O que obviamente era verdade, sem dúvida alguma — mas então o Açougueiro ouviu algo em que mal podia acreditar. Vinha de trás dele, portanto teve de se virar para conferir, para ver se era real ou alguma brincadeira cruel. Alguém estava gritando na ponta do beco — tinha de ser alguma espécie de milagre confuso. Ou talvez fosse seu dia de sorte grande. Talvez ambos. A cavalaria tinha chegado! Olhe só quem apareceu para salvar o dia.

87

— POLÍCIA DE WASHINGTON. Larguem as armas vocês todos. Agora! Somos policiais. Juguem as armas no chão. Sullivan viu os tiras, e pareciam detetives, dois negros fortes em trajes civis. Estavam vindo por trás dos capangas da máfia que estavam perto da Thirty-first Street e tentando descobrir o que fazer a seguir, qual a próxima jogada. Assim como ele. Mas que visão os dois tiras ali, e Sullivan se perguntou se eles fariam parte da força-tarefa mandada para Georgetown para prender o estuprador, apanhá-lo. Cara, apostaria uma grana que eram, e, se fosse assim, era o único no beco que tinha percebido isso. Um dos tiras já estava pedindo reforços. Então os dois caras da máfia perto da Wisconsin simplesmente se viraram — e saíram andando. Os dois detetives estavam de armas em punho, mas o que iriam fazer? Realisticamente, o que eles poderiam fazer? Sullivan quase começou a rir enquanto se virava lentamente e também caminhava na direção da Wisconsin. Depois começou a correr, em disparada na direção da rua movimentada. Maluco como era, ele caiu na gargalhada. Ele tinha decidido sair na cara-de-pau. Como antigamente, no Brooklyn, quando era um garoto aprendendo o jogo. Corra, Mikey, corra. Corra para salvar sua pele.

O que poderiam fazer os tiras da polícia de Washington? Atirar nele pelas costas? Por quê? Por correr? Era a vítima potencial de quatro homens armados em um beco?

Os tiras estavam gritando, ameaçando-o, mas só o que eles podiam fazer era vê-lo escapar. A coisa mais engraçada que ele tinha visto em muito tempo. Talvez em toda a vida. A cavalaria tinha ido salvá-lo — ele.

Enorme erro.

Deles.

88

MEIA DÚZIA DE FARDADOS ENTRAVAM e saíam da delegacia na Wisconsin quando Sampson e eu chegamos lá. Um detetive chamado Michael Wright finalmente tinha chegado à conclusão de que ele e seu parceiro poderiam ter desperdiçado a chance de capturar o estuprador de Georgetown, de que poderia ter perdido a melhor coisa de sua carreira.

Mas ainda estavam com dois caras na gaiola que poderiam saber o que estava acontecendo. Precisavam de ajuda.

Sampson e eu passamos para o lado de dentro de uma divisória à prova de balas de três metros de altura e nos encaminhamos para as salas de interrogatório, além da sala dos detetives. O espaço de trabalho parecia conhecido — mesas maltratadas e abarrotadas, velhos computadores e telefones de outra época, caixas no alto transbordando.

Antes de entrarmos na sala de interrogatório, Wright nos contou que os dois homens ali não tinham dito uma palavra até então, mas que estavam com Berettas, e ele tinha certeza de que eram matadores.

— Divirtam-se — disse Wright; então John e eu entramos.

Sampson falou primeiro:

— Eu sou o detetive John Sampson. Este é o Alex Cross. O Cross é um psicólogo forense envolvido na investigação de uma série de estupros na região de Georgetown.

Sou o detetive responsável pelo caso.

Nenhum dos homens disse uma palavra, sequer uma piada para quebrar o gelo. Ambos pareciam ter trinta e poucos anos, camaradas

malhadores, sempre com um sorrisinho no rosto.

Sampson fez mais duas perguntas; depois simplesmente ficamos sentados em silêncio à mesa em frente aos dois homens.

Finalmente uma assistente administrativa bateu na porta e entrou. Entregou a Sampson dois faxes, recém-saídos da máquina.

Ele leu as páginas e depois as passou para mim.

— Não achei que a máfia atuava na área da capital — disse Sampson.

— Acho que estava errado. Vocês dois são soldados da máfia. Algum de vocês tem algo a dizer sobre o que estava acontecendo naquele beco?

Eles não tinham, e eram irritantemente teimosos em não responder a nossas perguntas e mesmo fingir que não estávamos ali.

— Cross, talvez possamos descobrir isso sem a ajuda deles. O que acha? — perguntou Sampson.

— Podemos tentar. Diz aqui que John "Digger" Antonelli e Joseph "Blade" Lanugello trabalham para Maggione, fora de Nova York. Deve ser Maggione Jr. Maggione Sênior foi quem contratou um homem chamado Michael Sullivan, também conhecido como Açougueiro, para fazer um serviço em Washington vários anos atrás. Você se lembra daquilo, John?

— Lembro. Acabar com um traficante de drogas chinês. Sua esposa, Maria, também foi morta mais ou menos na mesma época. O Sullivan agora é um suspeito desse caso.

— Esse mesmo Michael "Açougueiro" Sullivan também é suspeito de uma série de estupros em Georgetown, e de pelo menos um assassinato ligado aos estupros. Era Sullivan o homem que vocês encurralaram em Blues Alley? — perguntei aos pistoleiros da máfia.

Não deram um pio. Absolutamente nada. Caras realmente durões.

Sampson finalmente se levantou, esfregando o queixo.

— Então acho que não precisamos mais de Digger e Blade. Bem, o que devemos fazer com eles? Espera, tive uma idéia. Você vai gostar dela, Alex — disse Sampson, rindo consigo mesmo.

Ele gesticulou para que os soldados da máfia se levantassem.

— Terminamos aqui. Venham comigo, cavalheiros.

— Para onde? — perguntou Lanugello, finalmente quebrando o silêncio. — Você ainda não nos acusou.

— Vamos. Tenho uma surpresa para vocês.

Sampson foi à frente dos dois homens, e seguiu atrás. Eles não pareceram gostar de eu ficar atrás. Talvez achassem que eu ainda poderia estar ressentido pelo qu e tinha acontecido com Maria. Bem, eu talvez estivesse.

Sampson fez um sinal para o guarda no final do corredor, e ele usou suas chaves para abrir a porta de uma cela. A área de detenção já estava lotada com vários prisioneiros esperando indiciamento. Todos eram negros, com exceção de um. John abriu caminho.

— Vocês vão ficar aqui. Se mudarem de idéia e quiserem falar conosco — disse Sampson aos caras da máfia -, gritem. Isto é, se eu e o Cross ainda estivermos no prédio. Caso contrário, voltaremos pela manhã. Se for assim, tenham uma boa noite.

Sampson bateu com seu distintivo algumas vezes nas barras da cela.

— Estes dois homens são suspeitos de uma série de estupros — anunciou ele aos outros prisioneiros. — Estupros de mulheres negras em Southeast. Mas tenham cuidado, eles são durões. D e Nova York. Nós saímos, e o guarda bateu a porta atrás de nós.

89

QUATRO HORAS DE UMA MANHÃ chuvosa e fria e seus dois garotos mais novos estavam chorando no banco de trás do carro. Também Caitlin, no banco do carona. Sullivan culpava Maggione e L a 188

Cosa Nostra por toda a enorme e feia confusão que estava acontecendo. De algum modo, Maggione iria pagar por isto, e ansiava pelo dia da vingança.

Assim como seu bisturi e sua serra de açougueiro.

Às 2:30h ele tinha enfiado sua família no carro e fugido de uma casa a nove quilômetros de Wheeling, Virgínia Ocidental. Era sua segunda mudança em duas semanas, mas ele não tinha escolha. Prometera aos garotos que um dia voltariam a Maryland, mas sabia que não era verdade. Nunca voltariam a Maryland. Sullivan já tinha recebido uma

oferta pela casa de lá. Ele precisava de dinheiro vivo para seu plano de fuga.

Assim, ele e sua família estavam correndo para salvar suas peles. Enquanto deixavam seu "Lar no Oeste Selvagem da Virgínia", como ele o chamava, tinha a sensação de que a máfia iria encontrá-los novamente — que já poderia estar na próxima curva da estrada.

Mas fez a curva seguinte, e outra depois daquela, e saiu da cidade em segurança, rápido e inteiro. Em pouco tempo eles estavam cantando canções dos Rolling Stones e de ZZ Top, incluindo uma versão de vinte minutos de "Legs", até sua esposa fincar pé quanto ao interminável barulho do excesso de testosterona. Eles pararam para o café-da-manhã no Denny, para um segundo intervalo para o banheiro no Micky D, e às três da tarde estavam em um lugar aonde nunca tinham ido antes.

com sorte, Sullivan não tinha deixado nenhuma trilha a ser seguida por um bando de pistoleiros da máfia. Sem migalhas de pão como em João e Maria. O bom era que nem ele nem sua família tinham estado antes naquela região. Era território virgem, sem raízes ou ligações.

Subiu na entrada de uma casa vitoriana com telhado alto de telhas de madeira, dois torreões e até mesmo um vitral.

— Eu adoro esta casa! — gritou Sullivan, todo sorrisos falsos e excesso de entusiasmo. — Bem-vindas a Flórida, crianças.

— Muito engraçado, papai. Não — disse Mike Jr. do banco detrás, onde os três garotos pareciam soturnos e deprimidos.

Eles estavam em Flórida, Massachusetts, e Caitlin e os garotos resmungaram de outra de suas piadas idiotas. Flórida era uma pequena comunidade de menos de mil habitantes localizada no alto de Berkshires. No mínimo, tinha uma vista impressionante das montanhas. E não havia assassinos da máfia esperando na calçada. O que mais eles poderiam pedir?

— Simplesmente perfeito. O que poderia ser melhor que isto?

— continuou Sullivan a dizer às crianças quando começaram a descarregar novamente.

Então por que Caitlin estava chorando enquanto ele lhe mostrava a nova sala de estar com a vista completa da grande e perigosa Montanha Greylocky e do rio Hoosic?

Por que ele estava mentindo quando dizia: "Tudo vai ficar bem, minha rainha, luz da minha vida?"

Talvez porque soubesse que não era verdade e provavelmente ela também. Ele e sua família seriam assassinados um dia, talvez naquela mesma casa.

A não ser que ele conseguisse fazer algo dramático para impedir. E logo. Mas o que poderia ser? Como ele poderia impedir a máfia de ir atrás dele?

Como você mata a máfia?

DUAS NOITES DEPOIS, o Açougueiro estava novamente em movimento. Apenas ele. Um homem.

Tinha um plano e estava indo rumo ao sul, para Nova York. Estava tenso e nervoso, mas cantando juntamente com Springsteen, Dylan, The Band, Pink Floyd. Nada além de Velhos e Grandes para a viagem de quatro horas rumo ao sul. Ele não exatamente queria deixar Caitlin e os garotos na casa de Massachusetts, mas imaginou que estariam bem por hora. Caso contrário, tinha feito 191

o máximo que podia por eles. Mais do que seu próprio pai tinha feito por ele, ou por sua mãe e seus irmãos.

Finalmente saiu da West Side Highway por volta de meia-noite; então seguiu direito para o Morningside Apartments, na 107 West. Já tinha ficado lá antes e sabia qu e era fora de mão o bastante para seus propósitos. Também era conveniente, havia quatro diferentes linhas de metrô passando pelas duas estações próximas.

Lembrava que não havia ar-condicionado nos apartamentos, mas isso não fazia diferença em novembro. Dormiu como um bebê seguro no ventre da mãe. Quando Sullivan acordou às sete, coberto de uma fina camada de seu próprio suor, sua mente estava concentrada em uma única idéia: vingança contra Júnior Maggione. Talvez em uma idéia aind a melhor: sobrevivência ao mais adaptado e do mais forte.

Por volta de nove da manhã, pegou um metrô para verificar dois possíveis locais para assassinatos que pretendia cometer no futuro próximo. Tinha uma "lista de compras"

com vários alvos diferentes e estava pensando se algum daqueles homens, e duas mulheres, tinha idéia de que estava morto, que dependia dele quem vivia e quem morria, quando e onde.

À noite, por volta das nove, dirigiu até o Brooklyn, seu antigo território. Diretamente para a vizinhança de Júnior Maggione, sua propriedade em Carroll Gardens.

Estava pensando em seu velho companheiro Jimmy Hats e sentindo um pouco sua falta, imaginando que o pai de Maggione provavelmente tinha acabado com Jimmy. Alguém tinha feito aquilo e depois

desaparecido com o corpo, como se Jimmy nunca tivesse nascido. Ele sempre suspeitara que tinha sido Maggione Sênior, portanto era mais uma conta que o Açougueiro tinha a acertar.

Aquilo estava fervendo dentro dele. Aquele ódio terrível. Por alguma coisa. Talvez por seu pai — o original Açougueiro de Sligo, aquele monte de merda irlandesa a que tinha destruído sua vida antes de ele ter dez anos de idade.

Ele entrou na rua de Maggione, e não pôde deixar de sorrir. O poderoso chefe ainda vivia como um bombeiro medianamente bem-sucedido ou talvez o eletricitista local, em uma casa de tijolos 1920 amarelos para duas famílias. Ainda mais surpreendente — ele não viu nenhum guarda colocado na rua.

Então, ou Júnior o estava subestimando seriamente, ou seus caras eram muito bons em se esconder dos outros. Maldição, talvez alguém tivesse a mira de um rifle de precisão diretamente na sua nuca naquele momento. Talvez ele tivesse dois segundos de vida.

O suspense o estava matando. Precisava ver o que iria acontecer. Então apertou a buzina do carro uma vez, duas, três, e não aconteceu porcaria nenhuma.

Ninguém meteu uma bala em seu crânio. E pela primeira vez o Açougueiro se permitiu pensar: Posso vencer esta luta no final das contas.

Resolveu o primeiro mistério: Júnior Maggione tinha tirado sua família de casa. Maggione também estava fugindo.

Então, interrompeu aquela linha de raciocínio com apenas uma palavra — erro.

Não poderia cometer nenhum — nenhum passo errado a partir de agora até tudo ter terminado. Se fizesse, estaria morto.

Simples assim.

Fim da história.

ERA TARDE, E DECIDI dar uma volta no R350. Estava adorando o carro. Os garotos também. Até mesmo Nana, graças a Deus. Fiquei pensando novamente em Maria. A longa investigação que tinha feito

sobre seu assassinato e na qual tinha fracassado. Eu estava forçando a cabeça, tentando ver seu rosto, tentando ouvir o som exato de sua voz. Mais tarde naquela noite, já em casa, tentei dormir, mas não consegui. Ficou tão ruim que desci e assisti novamente a *Diary of a Mad Black Woman*. Na verdade, fiquei torcendo como um 193

louco em frente à tela tremeluzente da TV. O filme de Tyler Perry combinava perfeitamente com meu quadro mental.

Telefonei para Tony Woods no escritório do diretor por volta de nove horas da manhã seguinte. Então engoli meu orgulho e pedi a Tony uma ajuda no caso de estupro e assassinato. Eu precisava descobrir se o FBI tinha alguma coisa sobre um assassino de aluguel chamado Açougueiro, algo que pudesse ser útil para mim e Sampson

— talvez algo secreto.

— Soubemos que ligou um dia desses, Alex. O diretor Burns está ansioso para trabalhar com você novamente. Você está aceitando consultoria? Só coisas leves. Bast a dizer o que e quanto, especialmente agora que está assumindo casos novamente.

— Quem disse que estou aceitando casos? Esta é uma situação especial — disse a Tony. — O Açougueiro provavelmente assassinou minha esposa anos atrás. É o único caso que eu não posso deixar sem solução.

— Compreendo. Realmente compreendo. Vamos tentar ajudar no possível. vou conseguir o que você precisa.

Tony acertou para eu usar o escritório de um agente que estava fora da cidade, e disse que estaria bem caso eu quisesse conversar com uma pesquisadora e analista do FBI chamada Monnie Donnelley.

— Eu já falei com Monnie — disse a ele.

— Sabemos que sim. Monnie nos disse. Nós definimos isso. Oficialmente.

Basicamente, passei os dois dias seguintes nos prédios do FBI. Acabou que o FBI tinha muito sobre Michael Sullivan, o Açougueiro. Seu arquivo incluía dezenas de fotografias. Um problema era que as fotos tinham entre cinco e sete anos, e não parecia ter havido nenhum contato com Sullivan recentemente. Onde ele tinha se enfiado?

Descobri que Sullivan cresceu em uma região do Brooklyn conhecida como Flatlands. Seu pai tinha sido açougueiro de verdade lá. Consegui

até mesmo os nomes de alguns antigos contatos e amigos de Sullivan da época de Nova York.

O que eu li do histórico de Sullivan era curioso. Ele tinha ido a escolas religiosas até a segunda série do ensino secundário, 194

e foi bom aluno, embora nunca parecesse ter se esforçado. Depois Sullivan abandonou a escola. Ele se juntou à máfia, sendo um dos poucos não italianos a conseguir entrar. Não era um dos "grandes", mas era bem remunerado. Sullivan ganhava seis dígitos quando estava na casa dos vinte anos de idade, e se tornou o pistoleiro preferido de Dominic Maggione. Seu filho, o atual chefão, nunca tinha aprovado Sullivan.

Então tinha acontecido algo estranho e perturbador para todos os envolvidos. Havia relatórios de Michael Sullivan torturando e mutilando os corpos das vítimas; assassinando um padre e um leigo acusados de comportamento inconveniente com garotos de sua antiga escola; dois outros assassinatos de vingador; o boato de que Sullivan poderi a ter matado seu próprio pai, que certa noite desaparecera de sua loja e cujo corpo não fora encontrado até então.

Depois Sullivan pareceu desaparecer inteiramente da tela de radar do departamento. Monnie Donnelley concordava com minha avaliação: que Sullivan poderia ter s e tornado informante de alguém no departamento. Era possível que o FBI ou a polícia de Nova York o estivesse protegendo. Talvez até que Sullivan estivesse no program a de proteção a testemunhas. Teria sido o que acontecera com o assassino de Maria? Seria ele informante de alguém? Estaria o FBI protegendo o Açougueiro?

92

JOHN MAGGIONE ERA UM HOMEM ORGULHOSO, às vezes exibido, confiante demais, mas não era burro, e, normalmente, tampouco descuidado. Estava consciente da situação qu e envolvia o pistoleiro maluco que seu pai empregara no passado — o Açougueiro, ainda por cima um irlandês. Mas mesmo seu velho maluco tinha tentado eliminar Michael Sullivan ao descobrir como ele era perigoso 195

e imprevisível. Agora o serviço seria feito, e tinha de ser feito imediatamente.

Sullivan ainda estava à solta, Maggione sabia. Como uma forma de proteção extra contra ele, Maggione retirara sua família de casa em South Brooklyn. Ela estava vivendo na residência de Mineola, Long Island. Ele estava lá com ela.

A casa era uma colonial de tijolos, de frente para o mar, em um canto tranqüilo. Tinha seu próprio cais no canal e uma lancha, Cecília Theresa, batizada com o nome de sua primogênita.

Embora a localização da residência fosse bem conhecida, os portões ao redor do lugar eram seguros, e Maggione duplicara o número de seguranças. Sentia-se bem com a segurança de sua família. Afinal, o Açougueiro era apenas um cara. Pensando de forma realista, quanto dano ele poderia causar? Quanto mais dano?

Júnior tinha planejado ir trabalhar pela manhã, depois fazer a parada habitual no clube social no Brooklyn. Era importante para ele manter as aparências. Ademais, estava certo de que tinha tudo sob controle. Tinha sido tranqüilizado por seu pessoal: Sullivan logo estaria morto, assim como sua família.

Às onze da manhã, Maggione estava nadando na piscina coberta da residência. Ele já tinha dado trinta voltas e pretendia dar mais cinquenta.

Seu telefone celular começou a tocar na espreguiçadeira.

Não havia ninguém por perto, portanto ele finalmente saiu da piscina e atendeu.

— Sim? O quê?

— Maggione — disse uma voz masculina.

— Quem é, maldição? — perguntou, embora soubesse quem era.

— Por acaso é Michael Sullivan, chefe. Que ousadia do desgraçado atrevido, hein?

Maggione estava silenciosamente chocado com que o maluco realmente estivesse ligando para ele novamente.

— Acho que temos de conversar — disse ao pistoleiro.

— Nós estamos conversando. Quer saber? Você mandou assassinos atrás de mim. Primeiro, na Itália. Depois, eles foram perto da minha casa em Maryland. Atiraram nos meus filhos. Então 196

eles apareceram em Washington procurando por mim. Por que eu seria um problema? Você é o problema, Júnior! É você que precisava ser

detido!

— Ouça, Sullivan...

— Não, ouça você, seu vagabundo desgraçado de merda. Ouça bem, Júnior! Está chegando um pacote na sua fortaleza agora mesmo. Vá olhar, chefe. Eu estou indo atrás de você! Você não pode me deter. Nada pode me deter; ninguém pode. Eu sou maluco, certo? Lembre-se disso. Eu sou o desgraçado mais maluco que você já conheceu ou ouviu falar. E nós iremos nos encontrar novamente.

Então o Açougueiro bateu o telefone.

Júnior Maggione vestiu um roupão; então foi para a frente da casa. Ele não podia acreditar — A FedEx estava fazendo uma entrega!

Isso significava que o maluco desgraçado do Sullivan devia estar observando a casa naquele instante. Seria possível? Poderia estar acontecendo, como ele disse qu e seria?

— Vincent! Mario! Levantem as bundas daí! — gritou para seus seguranças, que saíram correndo da cozinha com sanduíches.

Mandou um dos seus homens abrir a caixa da entrega... na áre a da piscina.

Após alguns instantes nervosos, o sujeito chamou:

— São fotografias, Maggione. Não exatamente momentos Kodak.

93

— TALVEZ o TENHAMOS ENCONTRADO, DOCINHO.

Uma mulher chamada Emily Corro tinha acabado sua sessão matinal de terapia comigo e ido para seu trabalho de professora, eu esperava que com uma auto-imagem um pouco melhor. E agora Sampson estava no celular. Big John não costumava ficar excitado, portanto aquilo tinha de ser algo bom.

E era.

Naquela tarde o Grandalhão e eu chegamos à região do Brooklyn conhecida como Flatlands. Começamos a procurar uma taberna local chamada Tommy McGoey's.

A espelunca apertada e limpa estava quase vazia quando entramos. Apenas um balconista irlandês de olhar duro e um camarada pequeno e forte, provavelmente com quarenta e pouco, sentado na extremidade de um bar de mogno bem encerado. Seu nome era Anthony Mullino, e

era um artista gráfico de Manhattan que tinha sido um dos melhores companheiros de Michael Sullivan. Nós nos sentamos um de cada lado de Mullino, imprensando-o.

— Confortável — disse ele, sorrindo. — Ei, não vou fugir de vocês, caras. Vim aqui espontaneamente. Tentem não se esquecer disso. Maldição, dois dos meus tios são tiras aqui no Brooklyn. Confirmam se quiser.

— Já fizemos isso — disse Sampson. — Um está aposentado, vivendo em Myrtle Beach; o outro está suspenso.

— Ei, então estou rebatendo quinhentos. Não é tão mal. Você continua na liga principal do beisebol.

Sampson e eu nos apresentamos e inicialmente Mullino tinha certeza de que conhecia John de algum lugar, mas não sabia de onde. Ele disse que acompanhara o caso do chefe da máfia russa chamado Wolf, uma investigação na qual eu tinha trabalhado quando estava no FBI e que acontecera bem ali em Nova York.

— Também li sobre você em alguma revista — disse ele. — Qual foi a revista?

— Eu não li a matéria — disse eu. — Na Esquire.

Mullino entendeu a piada e riu de uma forma que parecia tosse acelerada.

— Como vocês descobriram sobre eu e Sully? É difícil hoje. História antiga.

Sampson contou um pouco do que sabíamos — que o FBI tinha feito escutas em um clube freqüentado por John Maggione. Sabíamos que Maggione tinha ordenado a morte de Sullivan, provavelmente por causa dos métodos heterodoxos do Açougueiro, e que o Açougueiro tinha retaliado.

— O departamento fez perguntas em Bay Parkway. Seu nome foi citado.

Mullino nem sequer esperou que Sampson terminasse. Percebi que quando ele falou, as mãos se moviam o tempo todo.

— Certo, o clube em Bensonhurst. Vocês estiveram lá? Antigo bairro italiano. Basicamente prédios de dois andares, lojas, vocês sabem. Já teve melhores dias, mas ainda é bem agradável. Sully e eu crescemos

perto dali. Então, como eu me encaixo nisso? Estou meio confuso quanto a isso. Não vejo Mike há anos.

— Arquivos do FBI — eu disse. — Você é amigo dele, certo? Mullino balançou a cabeça.

— Quando garotos, éramos muito próximos. Mas isso foi há muito tempo, pessoal.

— Vocês foram amigos até os vinte anos. E ele continua em contato — eu disse. — E a informação que temos.

— Ah, cartões de Natal— disse Mullino, e riu. — Vamos lá. Sully é um cara complicado, absolutamente imprevisível. Ele manda um cartão de festas de vez em quando.

O que está acontecendo? Estou com problemas? Não estou, estou?

— Sabemos que você não está ligado à máfia, Mullino — disse Sampson.

— bom ouvir isso, porque eu não estou, nunca estive. Na verdade, estou um pouco cansado de toda essa baboseira contra nós italianos. O deboche, todo esse lixo.

Certamente alguns caras falam assim. Sabe por quê? Porque aparece na TV.

— Então nos fale sobre Michael Sullivan — disse. — Precisamos ouvir qualquer coisa que você saiba sobre ele. Mesmo coisas do passado.

Anthony Mullino pediu outra bebida — acqua seltzer — ao próprio Tommy McGoey. Então começou a falar conosco, e saiu fácil, pelo menos as palavras.

— vou contar uma coisa engraçada, uma história. Eu costumava ser o protetor de Mikey no ensino fundamental. Era a Imaculada Conceição. Irish Christian Brothers.

No nosso bairro, você tinha de desenvolver um ótimo senso de humor para se manter fora de confusão todos os dias. Sullivan não tinha muito senso d e 199

humor. Ele também sentia um medo mortal de ter os dentes da frente arrancados. Achava que um dia poderia ser um astro do cinema ou algo assim. Juro por Deus qu e é verdade. Verdade, certo? Seu velho e a mãe dormiam com suas dentaduras em um copo d'água junto à cama.

Mullino disse que Sullivan mudou quando estavam no ensino médio.

— Ele ficou durão, e traiçoeiro como uma cobra. Mas desenvolveu um ótimo senso de humor, pelo menos para um irlandês.

Ele se aproximou do bar e baixou a voz.

— Matou um cara quando estava na nona série. Chamado Nick Fratello. Fratello trabalhava na loja de jornais, com os bookmakers. Costumava perturbar Mikey o tempo todo, provocá-lo sem parar. Sem motivo. Então Sully o matou com um estilete! Isso chamou a atenção da máfia, de Maggione em particular. Maggione Sênior, quero dizer.

"Foi quando Sully começou a freqüentar o clube social em Bensonhurst. Ninguém sabia exatamente o que ele estava fazendo. Nem mesmo eu. Mas de repente tinha dinheiro nos bolsos. com 16 ou 17 anos de idade, ele comprou um Grand Am, um Pontiac Grand Am. Um carrão, na época. Maggione Jr. sempre odiou Mike porque tinha conquistado o respeito do velho."

Mullino passou os olhos de Sampson para mim e fez um gesto como que dizendo: O que mais eu posso dizer? Posso ir agora?

— Qual foi a última vez que você viu Michael Sullivan? — perguntou Sampson.

— A última vez? — disse Mullino recostando e fazendo uma grande cena de que estava tentando se lembrar. — Diria que foi no casamento de Kate Gargan em Bay Ridge.

Há seis ou sete anos. Pelo menos é minha última lembrança. Claro que vocês provavelmente têm minha vida em áudio e vídeo, certo?

— É possível, Mullino. E onde está Michael Sullivan agora? Os cartões de Natal? Foram enviados de onde?

Mullino deu de ombros e ergueu as mãos, como se estivesse ficando um pouco cansado da conversa.

— Foram só dois cartões. Acho que mandados de Nova York. Manhattan? Sem remetente, pessoal. Então me digam: onde Sully está hoje?

— Está bem aqui no Brooklyn, Mullino — eu disse. — Você o viu duas noites atrás, no Chesterfield Lounge, na Flatbush Avenue e — acrescentei, e mostrei sua fotografia, com Michael Sullivan.

Mullino deu de ombros e sorriu. Nada de mais, nós o tínhamos apanhado em uma mentira.

— Era meu amigo. Ligou, quis conversar. O que eu poderia fazer, mandá-lo embora? Não seria uma boa idéia. Então, por que vocês não o pegaram lá?

— Azar — eu disse. — Os agentes de vigilância não tinham idéia de qual era sua aparência; a carequinha, a aparência de vagabundo dos anos setenta. Então eu tenho de perguntar novamente: Onde Sully está agora?

94

MICHAEL SULLIVAN ESTAVA QUEBRANDO os antigos costumes e os códigos morais da Família, e sabia disso. Compreendia muito bem as consequências. Mas eles tinham começado aquela besteira, não? Foram atrás dele, e tinham feito isso em frente aos seus filhos.

Agora ia acabar com aquilo, talvez morrer tentando. Como quer que fosse, tinha sido uma maldita jornada para ele, uma maldita jornada.

Dez e meia, numa manhã de sábado e ele estava dirigindo uma caminhonete da UPS que tinha seqüestrado menos de vinte minutos antes. Primeiro FedEx, agora UPS, então ele pelo menos era um seqüestrador que dava oportunidades iguais. O motorista estava na traseira, fazendo de tudo para se recuperar de uma garganta cortada.

Havia uma foto da namorada dele, ou esposa, ou seja lá o que fosse, no painel, e a dama era quase tão feia quanto o motorista agonizante. O Açougueiro não poderi a se importar menos com o assassinato incidental. Não sentia nada pelo estranho, e certamente todos eram estranhos para ele, até mesmo sua própria família a maior parte do tempo.

— Ei, você está bem aí atrás? — gritou acima do barulho chacoalhante da caminhonete.

Nenhuma resposta, nada vindo de trás.

— Foi o que eu pensei, parceiro. Não se preocupe com isso; o correio e tudo o mais precisam seguir em frente. Sob chuva, neve, gelo, morte, tudo.

Parou a grande caminhonete marrom de entregas em frente a uma casa de fazenda de médio porte em Roslyn. Então agarrou duas volumosas caixas na prateleira de metal atrás do banco do motorista. Encaminhou-se para a porta da frente andando apressadamente, rápido como os

Rapazes de Marrom sempre fazem na TV, até mesmo assoviando uma música alegre.

O Açougueiro apertou a campainha. Esperou. Ainda assoviando. Interpretando o papel perfeitamente, pensou.

A voz de um homem saiu pelo interfone.

— O que é? Quem está aí? Quem é?

— UPS. Encomenda.

— Pode deixar aí.

— Precisa assinar, senhor.

— Eu já disse, deixe aí, certo? A assinatura não é problema. Deixe o pacote, tchauzinho.

— Lamento, senhor. Não posso fazer isso. Lamento mesmo. Estou só fazendo meu trabalho.

O interfone ficou mudo. Passaram 30 segundos, 45. Talvez fosse necessário um plano B.

Finalmente, um homem muito grande usando um agasalho da Nike apareceu na porta. Ele era fisicamente impressionante, o que fazia sentido, já que tinha jogado futebol americano nos New York Jets e no Miami Dolphins.

— Você é surdo? — perguntou. — Disse para deixar o pacote na varanda. Capisce?

— Não, senhor. Na verdade, eu sou irlandês-americano. Eu não posso simplesmente deixar estes pacotes valiosos sem uma assinatura.

O Açougueiro entregou a prancheta eletrônica, e, com raiva, o grande ex-jogador de futebol rabiscou um nome com o marcador.

O Açougueiro conferiu — PaulMosconi, que, por acaso, era um soldado da máfia casado com a irmã caçula de John Maggione. Aquilo era totalmente contra as regras, mas, quer saber, será que realmente ainda havia regras? Na máfia, no governo, nas igrejas, em toda a sociedade bagunçada?

— Nada pessoal — disse o Açougueiro. Pop.

Pop. Pop.

— Você está morto, Paul Mosconi. E o chefão realmente vai ficar com raiva de mim. Por falar nisso, costumava torcer pelos Jets. Agora sou torcedor do New England.

Então o Açougueiro se agachou e cortou o rosto do morto várias vezes com seu bisturi. Depois cortou-lhe a garganta de um lado ao outro, bem no pomo-de-adão:

Uma mulher enfiou a cabeça na sala, cabelo escuro ainda preso em rolinhos, e começou a gritar:

— Pauli! Pauli, ai meu Deus! Ai, Pauli, ai, Pauli! Não, não, não! O Açougueiro fez a sua melhor reverência para a viúva enlouquecida.

— Diga olá a seu irmão por mim. Ele fez isso com você. Seu irmãozão matou Pauli, não eu — disse ele, se virando, e então voltando novamente. — Ei, lamento por su a perda.

E fez outra reverência.

95

PODIA SER ELE. O FINAL de uma longa estrada sinuosa depois do assassinato de Maria.

Sampson e eu pegamos a Long Island Expressway para a Northern State, seguindo até a extremidade de Long Island. Seguimos pela Rota 27 e finalmente chegamos à aldeia de Montauk, que até aquele momento era apenas um nome que eu tinha ouvido e às vezes lido sobre. Mas era ali que Michael Sullivan e sua família estavam escondidos, segundo Anthony Mullino. Eles supostamente tinham se mudado para ali naquele dia.

Nós encontramos a casa após procurar por vinte minutos por estradas secundárias desconhecidas. Quando chegamos ao endereço que nos tinha sido dado, dois garotos estavam brincando com uma bola de futebol em uma pequena área do gramado da frente. Garotos de aparência irlandesa. Atletas bastante bons, especialmente o menor.

Mas a presença de crianças podia tornar aquilo muito mais complicado para nós.

— Você acha que ele está aqui? — perguntou Sampson, desligando o motor. Estávamos a pelo menos cem metros da casa, e praticamente fora de vista, em segurança.

— Mullino diz que ele está se mudando bastante. Diz que está aqui agora, com certeza. Os garotos têm a idade certa. Também há um mais velho, Michael Jr.

Eu apertei os olhos para ver melhor.

— O carro estacionado tem placas de Maryland.

— Isso provavelmente não é coincidência. Acreditava-se que Sullivan estava vivendo em algum lugar de Maryland antes de ele e a família fugirem pela última vez. Faz

sentido que ele estivesse tão perto de Washington. Explica os estupros por lá. As peças estão começando a se encaixar.

— Os filhos dele ainda não nos viram. com sorte, Sullivan também não. Vamos deixar assim, John.

Nós nos movemos e Sampson estacionou a duas ruas dali; depois tiramos escopetas e pistolas da mala do carro. Nós 204

caminhamos para o bosque atrás de uma fila de casas modestas, mas ainda com vista para o oceano. O interior do lugar dos Sullivan estava escuro, e até então não tínhamos visto mais ninguém.

Nem Caitlin Sullivan, nem Michael Sullivan, ou, caso eles estivessem em casa, permaneciam longe das janelas. Aquilo fazia sentido. Além de tudo, eu sabia que Sullivan

atirava bem com um rifle. Sentei-me com as costas apoiadas em uma árvore, encolhido para me proteger do frio com uma arma no colo. Comecei a pensar em como pegar Sullivan sem machucar sua família. Para começar, poderia ser feito? Depois de algum tempo, eu comecei a pensar novamente em Maria. Estaria eu finalmente perto de esclarecer seu assassinato? Não tinha certeza, mas sentia que sim. Ou seria apenas pensamento positivo?

Peguei minha carteira e tirei uma velha foto de uma divisória de plástico. Ainda sentia a falta dela todos os dias. Em minha cabeça, Maria sempre teria 30 anos de idade, não é? Que desperdício de uma vida.

Mas ela tinha me levado até lá, não tinha? Por que mais Sampson e eu teríamos ido sozinhos pegar o Açougueiro?

Porque não queríamos que ninguém soubesse o que iríamos fazer com ele.

O AÇOUGUEIRO ESTAVA VENDENDO tudo vermelho, e isso normalmente não era bom para a população mundial. Na verdade, ele estava ficando cada vez mais irritado a cada minuto.

Ou segundo. Maldição, ele odiava John Maggione.

Algumas distrações ajudavam. O velho bairro não estava bem do modo como Sullivan se lembrava. Ele não gostava dele na época, e se importava ainda menos agora. com uma sensação de déjà vu, seguiu pela Avenue P, depois pegou à esquerda na Bay Parkway.

Pelo que sabia, aquela região em geral ainda era o principal centro de comércio de Bensonhurst. Quarteirão após quarteirão de prédios de tijolos com lojas no térreo;

restaurantes vagabundos, padarias, delicatessen, tudo vagabundo. Algumas coisas nunca mudam.

Estava novamente vendo imagens da loja do seu pai — tudo sempre branco reluzente; o refrigerador com sua porta esmaltada branca; dentro do refrigerador, ganchos com quartos de carne; lâmpadas em luminárias de metal no teto; facas, cutelos e serras por toda parte. Seu pai de pé ali com a mão sob o avental — esperando que o filho o chupasse.

Virou à direita na Eighty-first Street. E lá estava. Não o velho açougue — algo ainda melhor. Vingança, um prato melhor servido fumegante, pelando!

Enxergou o Lincoln de Maggione parado no estacionamento nos fundos do clube social. Placa ACF3069. Mas ele estava certo de que era o carro de Júnior.

Erro?

Mas erro de quem, pensou ele enquanto seguia pela Eightyfirst Street. Seria Júnior um desgraçado tão arrogante que podia simplesmente ir e vir quando bem entendesse?

Seria possível que ele não tivesse medo do Açougueiro? Nenhum respeito? Nem mesmo agora? '

Ou tinha preparado uma armadilha?

Talvez um pouco de cada. Arrogância e fingimento. As marcas do mundo em que vivemos.

Sullivan parou em um Dunkin' Donuts no cruzamento de New Utrecht e Eighty-sixth. Comprou café preto e um bagel de gergelim que estava pastoso e leve demais. Talvez

aquele tipo de merda funcionasse em algum lugar do interior da América, mas um bagel vagabundo não tinha lugar no Brooklyn. Ainda

assim, pegou uma mesa, observando as luzes dos carros passando de um lado para o outro da New Utrecht e pensando que queria entrar no clube na Eighty-first Street e começar a atirar. Mas não era uma espécie de plano, apenas uma bela fantasia violenta de momento.

Claro que tinha em mente um plano de verdade.

Júnior Maggione já era um homem morto, e provavelmente pior que isso. Sullivan sorriu com o pensamento, depois conferiu para ter certeza de que ninguém estava olhando, pensando que estava maluco. Eles não estavam. Ele estava. bom negócio.

Tomou outro gole. Na verdade, o café do Dunkin' não era de todo mau. Mas o bagel era péssimo.

97

VINTE MINUTOS DEPOIS, estava em posição. O engraçado era que tinha feito esse mesmo tipo de ataque de comandos quando era apenas um garoto. Ele, Jimmy Hats e Tony

Mullino tinham escalado uma escada de incêndio insegura na Seventy-eighth e depois disparado pelos telhados impermeabilizados até um prédio perto do clube social.

Em plena luz do dia. Sem medo.

Eles estavam "visitando" uma garota que Tony conhecia no prédio colado ao clube social. O nome da gata era Annette Bucci. Annette era uma italianinha gostosa que costumava dar para os namorados quando todos tinham 13 ou 14 anos. Eles assistiam a Happy Days ou Laverne & Shirley, como os idiotas que eram, fumavam cigarro e maconha, bebiam a vodca do pai dela e trepavam. Ninguém precisava usar camisinha porque Annette tinha dito que não podia ter filhos, o que fez dos três garotos os infelizes mais sortudos do bairro naquele verão.

De qualquer modo, a atual aventura era muito mais fácil, já que era de noite e a lua estava quase cheia. Claro que ele não estava ali para comer Annette Bucci.

Não, tinha negócios muito sérios com Júnior Maggione, negócios não concluídos que provavelmente remontavam até Maggione Sênior, que tinha acabado com seu parceiro Jimmy Hats. O que mais poderia ter acontecido com Hats? Então, aquilo tinha a 207

a ver com vingança, que seria tão doce que o Açougueiro quase podia sentir o gosto. Podia ver Júnior Maggione morrendo.

Se o plano funcionasse naquela noite, eles falariam dele na vizinhança durante anos.

E, claro, haveria fotos!

Estava acelerado quando correu pelos velhos tetos, esperando que ninguém nos últimos andares o escutasse e talvez subisse para dar uma olhada, ou chamasse os tiras.

Finalmente chegou ao prédio de tijolos colado ao prédio do clube social.

Ninguém parecia saber que estava ali em cima. Então se agachou no teto e prendeu a respiração. Esperou o coração bater mais devagar, mas não perdeu sua raiva. De e Maggione? De seu pai? Qual era a maldita diferença?

Enquanto ficava sentado ali, Sullivan pensou se talvez àquela altura da vida estivesse com um comportamento suicida. Pelo menos em algum grau. Tinha uma teoria de que pessoas que fumavam se comportavam assim, como também os idiotas que bebiam e dirigiam rápido demais, ou qualquer um que subisse em uma motocicleta. Ou matasse o próprio pai e o desse de comida aos peixes na Sheepshead Bay. Secretamente suicida, certo?

Como John Maggione. Tinha sido um vagabundo a vida toda. Tinha ido atrás do Açougueiro. E agora, veja o que aconteceria com ele.

Se o plano funcionasse.

98

VIGIAR. ESPERAR. Girar os polegares. Era novamente como nos velhos tempos, e desta vez apenas meio fodido.

Enquanto Sampson e eu ficávamos sentados a menos de cem metros da casa em Montauk, ao longo do South Fork de Long Island, eu ficava cada vez mais entusiasmado com a possibilidade de

pegar o Açougueiro logo. Ao mesmo tempo, não conseguia deixar de pensar que havia algo errado.

Talvez até já soubesse o que havia de errado: aquele assassino não tinha sido apanhado antes. Pelo que sabia, ninguém tinha chegado perto. Então, por que pensei que nós poderíamos pegá-lo agora?

Porque eu era o Matador de Dragões e tinha sido bem-sucedido com outros assassinos...? Porque eu costumava ser o Matador de Dragões...? Porque no final a vida era justa, e assassinos devem ser apanhados, especialmente aquele que tinha assassinado minha esposa? Bem, de jeito nenhum, maldição, a vida não era justa. Soube disso no momento em que Maria caiu e depois morreu em meus braços.

— Você acha que ele não vai voltar para cá? — perguntou Sampson. — É nisso que você está pensando, docinho? Você acha que ele fugiu novamente? Partiu há muito tempo?

— Não, não exatamente. Não é sobre Sullivan vir para cá ou não. Acho que talvez venha. Não sei exatamente o que está me incomodando, John. Apenas sinto... É como se estivéssemos de alguma forma sendo enganados.

Sampson contorceu o rosto.

— Enganados por quem? Enganados por quê?

— Infelizmente não sei a resposta. A nenhuma dessas perguntas razoáveis.

Era uma sensação estranha naquele momento. Mas apenas uma sensação. Uma de minhas famosas sensações. Que freqüentemente eram certas, mas nem sempre, não o tempo todo.

À medida que o sol começou a se pôr e foi ficando mais frio, eu vi uma dupla maluca de pescadores de arremesso perto do oceano. Dava para ver a água do bosque. Os pescadores estavam usando roupas de neoprene até o peito, e naquela época do ano provavelmente estavam em busca de robalos. As bolsas de iscas e anzóis estavam presas ao peito, e um deles tinha uma lanterna de mineiro presa no boné do Red Sox. Estava ventando muito, e, quanto mais ventava, melhor a pesca — pelo menos foi o que me disseram.

Eu tinha a idéia de que Sampson e eu também estávamos pescando, sempre pescando algum idiota malvado escondido bem abaixo da superfície. E enquanto eu olhava a atividade e aparentemente inocente na praia, um dos pescadores escorregou sob uma onda e então tropeçou para recuperar um pouco da dignidade. Aquela água devia estar terrivelmente fria.

Eu esperei que aquilo não acontecesse com Sampson e comigo naquela noite.

Não deveríamos estar ali daquele jeito. Mas estávamos.

E estávamos expostos, não?

E aquele assassino era um dos melhores que tínhamos enfrentado.

Talvez o Açougueiro fosse o melhor.

NA VERDADE ERA SIMPLES, os ingredientes básicos de um assassinato profissional, cometido por um profissional; desta vez, um jarro de gasolina de alta octanagem, propano, um bastão de dinamite para a ignição. Nada complicado com a preparação. Mas será que o plano funcionaria? Essa sempre era a pergunta de 64 mil dólares.

De certa forma, para o Açougueiro, parecia uma travessura — uma proeza que ele, Tony Mullino e Jimmy Hats teriam tentado em seu tempo no bairro. Dar algumas gargalhadas com isso. Talvez assustar um idiota com uma bombinha.

Para ele, a maior parte da vida tinha sido isso — travessuras, proezas, vinganças.

Foi o que aconteceu com seu pai, como ele acabou matando o desgraçado doentio. Não gostava de pensar muito nisso, então não o fazia, apenas fechava o compartimento.

Mas certa noite, há muito tempo, no Brooklyn, tinha cortado o Açougueiro de Sligo original em pedacinhos e dado Kevin Sullivan âps peixes da baía. Os boatos eram verdadeiros. Jimmy Hats fora no barco com ele, assim como Tony Mullino. Os caras em quem ele confiava.

Naquela noite não era muito diferente em relação a uma coisa — tudo tinha a ver com vingança. Porra, ele odiou Júnior Maggione por vinte anos.

Pegou uma escada de incêndio para descer do teto do prédio junto ao clube social. Assim que chegou ao nível da rua, pôde ouvir vozes ríspidas de homens vindo de dentro do clube. Estava passando um jogo na TV — Jets e Pittsburgh na ESPN. Talvez fosse por causa do jogo que todos estivessem preocupados naquela fria noite nublada de domingo. Boüinger recua para arremessar! Boüinger pára na proteção'.

Bem, também estava na proteção, pensava consigo mesmo o Açougueiro. Uma proteção perfeita para a jogada, todo o tempo de que precisava para executá-la. E odiava aqueles desgraçados dentro do clube. Sempre tinha odiado. Na verdade, nunca lhe permitiram entrar para sua sociedadezinha, não até hoje. Sempre tinha ficado de fora.

Colocou sua bomba incendiária junto a uma parede de madeira em um beco que dava para a rua. Olhando através do beco, viu dois dos soldados de Maggione de guarda do outro lado. Estavam recostados no capô de um Escalade preto.

Ele podia vê-los, mas eles não o viam no beco escuro.

Recuou para dentro do beco e se protegeu atrás de uma lixeira que fedia como peixe podre.

Um jato da American Airlines passou rugindo, seguindo na direção de La Guardiã, fazendo um barulho de trovão sacudindo o céu. Uma perfeita sincronia com o que veio a seguir.

O rugido do avião não foi nada comparado à explosão de perfurar tímpanos na parede dos fundos do clube social, e depois os gritos e xingamentos dos homens lá dentro.

E fogo! Deus do céu! As chamas dançavam descontroladas.

A porta dos fundos foi aberta com violência, e dois soldados, os seguranças pessoais de Maggione, saíram arrastando o chefe como se fosse o presidente dos Estados Unidos e eles fossem o Serviço Secreto, levando-o para a segurança. Os guarda-costas estavam sangrando, tossindo por causa da fumaça, mas seguiam em 211

frente, na direção do Lincoln do patrão. Tentavam tirar a fumaça dos olhos com as mangas das camisas.

Sullivan saiu de trás da lixeira e disse: . . . , — Ei, babacas! Vocês são uns merdas!

E deu quatro tiros. Os seguranças caíram no chão, um do lado do outro, mortos antes de tocarem no cimento. A jaqueta esportiva xadrez de um deles ainda estava pegando fogo.

Então correu na direção de Júnior Maggione, cujo rosto estava cortado e queimado. Apertou o cano de sua arma na bochecha de Maggione.

— Eu me lembro de você quando era só um garotinho, Júnior. Um merdinha nervoso mimado, na época. Nada mudou, não é? Entre no carro ou eu o mato aqui no beco de trás.

Acerto entre seus olhos, depois os corto e os enfio nas orelhas. Entre no carro antes que eu perca a paciência!

E foi quando mostrou a Júnior Maggione o bisturi.

— Entre, antes que eu use isso!

SULLIVAN LEVOU o CHEFÃO DA MÁFIA pelas ruas conhecidas do Brooklyn — New Utrecht Avenue, depois Eighty-sixth Street — no próprio carro do chefão, adorando cada momento daquilo.

— Viaje nas lembranças por mim — disse em um rápido comentário enquanto avançava. — Quem diz que você não pode voltar para casa de novo? Sabe quem disse isso, Júnior?

Já leu algum livro? Deveria ter lido. Agora é tarde demais.

Ele parou no Dunkin' Donuts da Eighty-sixth e transferiu Maggione para o Ford Taurus alugado, basicamente uma merda, mas pelo menos não chamaria atenção nas ruas.

Ele então algemou Júnior. Bem apertado, coisa de polícia.

— Que porra você pensa que está fazendo? — rosnou Maggione enquanto as algemas apertavam seus pulsos.

Sullivan não sabia bem a que Júnior se referia — à troca de carros, à bomba incendiária, à próxima meia hora, mais ou menos? O quê?

— Você foi atrás de mim, lembra? Você começou a coisa toda. Quer saber, estou aqui para terminar. Deveria ter feito isso quando éramos garotos.

O mafioso ficou vermelho e parecia prestes a ter um grande infarto no carro.

— Você é maluco! Você é lunático! — gritou, enquanto saíam do estacionamento.

Sullivan quase parou o carro no meio da rua. Júnior realmente estava gritando como se fosse um empregado?

— Ei, eu não vou discutir com você a minha saúde mental. Sou um assassino de aluguel, portanto, provavelmente eu sou um pouco maluco. Devo ser maluco, certo? Eu matei 58 pessoas até agora.

— Você pica pessoas em pedacinhos — disse Maggione. — Você é um perigo, um louco. Você matou um amigo meu, se lembra disso?

— Cumpro meus contratos a tempo, sempre. Talvez eu seja um pouco sofisticado demais para certos gostos. Mas fique com essa idéia, de picar corpos em pedacinhos.

— Do que você está falando? Você não é tão louco. Ninguém é tão louco.

Era fascinante ver como a cabeça de Maggione funcionava, ou não funcionava. Mas Júnior era um assassino a sangue-frio, portanto ele precisava ter cuidado. Nada de erros agora.

— Vamos esclarecer isto — disse Michael Sullivan. — Nós estamos indo para um píer que conheço no rio Hudson. Quando chegarmos lá, vou fazer umas fotos artísticas para que todos os seus velhos camaradas vejam. Vou dar a eles um aviso claro, que espero que entendam, sobre esquecer de mim e de minha família.

Então Sullivan colocou o dedo sobre os lábios.

— Não fale mais nada — disse. — Estou quase começando a lamentar um pouco por você, Júnior, e não quero sentir isso.

— Estou me lixando para o que você sente, ahhh — disse Maggione, por conta de Sullivan acertá-lo na barriga com um estilete, enfiar até o fim e então puxar lentamente.

— Só para começar — disse ele em uma medonha voz sussurrante. — Estou apenas me aquecendo.

Então o Açougueiro fez uma pequena meio reverência.

— Eu sou tão louco.

101

SAMPSON E EU VOLTAMOS para dentro do carro para esperar que o Açougueiro retornasse para sua casa em Montauk. Estávamos contando os minutos. Mais cedo ou mais tarde ele teria de voltar, apenas não tinha acontecido ainda, Sampson e eu estávamos cansados, com frio e francamente desapontados.

Um entregador de pizza do Papa John apareceu por volta de sete e meia. Mas nada de Sullivan, nada do Açougueiro, nada de alívio à vista, e também nada de pizza para nós.

— Vamos conversar sobre alguma coisa — disse Sampson. — Esquecer de comida. E de frio.

— Estava pensando em Maria novamente enquanto ficava sentado lá congelando minha bunda — disse, enquanto víamos o entregador de pizza cabeludo chegar e partir. Tinha passado pela minha cabeça a idéia de que Sullivan poderia usar uma entrega como essa para mandar uma mensagem para a esposa. Será que foi? Não poderíamos fazer nada quanto a isso. Mas será que aconteceu?

— Que novidade, docinho.

— O que aconteceu nos últimos dois meses revirou muita coisa do passado. Eu me dei conta de que sofri o bastante. Mas talvez não. A terapeuta parece achar que não.

— Você tinha duas criancinhas de que cuidar. Talvez estivesse ocupado demais para sofrer o necessário. Lembro que costumava a 214 passar pela sua casa algumas noites. Você parecia não dormir nunca. Trabalhando em casos de homicídio. Tentando ser um bom pai. Lembra da paralisia de Bell?

— Agora que você mencionou.

Tive uma constrangedora contração facial durante algum tempo após a morte de Maria. Um neurologista do Johns Hopkins disse que poderia desaparecer ou durar anos.

Durou um pouco mais de duas semanas, e foi uma ferramenta muito útil no trabalho. Assustava muito os criminosos que eu tinha de interrogar na cela.

— Na época, você queria muito pegar o assassino de Maria, Alex. Então começou a ficar obcecado com casos de assassinato. Foi quando se tornou um detetive realment e bom. Em minha opinião, pelo menos. Foi quando você se concentrou. Como se tornou o Matador de Dragões.

Eu me sentia como se estivesse em um confessionário. John Sampson era meu padre. Qual a novidade?

— Na época, não queria pensar nela o tempo todo, então acho que tinha de me jogar em alguma outra coisa. Havia as crianças, e havia o trabalho.

— Então, você sofreu o bastante, Alex? Dessa vez? Acabou? Prestes a acabar?

— Honestamente? Não sei, John. Estou tentando descobrir.

— E se não pegarmos Sullivan desta vez? E se escapar de nós? E se já tiver escapado?

— Acho que ficarei melhor no que diz respeito à Maria. Ela já partiu há muito tempo — disse, e depois me interrompi e respirei fundo. — Não acho que tenha sido culp a minha. Eu não poderia ter feito nada de diferente quando ela foi baleada.

— Ahhh — disse Sampson.

— Ahhh — disse eu.

— Mas você nunca tem certeza, não é? Você ainda não está convencido.

— Não cem por cento — disse, e depois ri. — Talvez se o pegarmos esta noite. Talvez se eu explodir seus miolos. Então decididamente estaremos quites.

— É por isso que estamos aqui, doçura? Para explodir os miolos dele? Houve uma batida na janela lateral do carro e eu puxei minha arma.

— QUE MERDA ELE ESTÁ FAZENDO AQUI? — perguntou Sampson. Ninguém menos que Tony Mullino estava de pé junto ao carro, do meu lado. Que merda ele estava fazendo ali em Montauk?

Baixei lentamente o vidro, esperando descobrir, receber uma resposta, talvez um punhado de respostas.

— Eu poderia ser Sully — disse, com a cabeça enfiada na janela.

— Vocês poderiam estar mortos, se eu fosse.

— Não, você estaria morto — disse Sampson. Deu um sorrisinho para Mullino e mostrou sua Glock. — Eu o vi chegando por trás há dois minutos. Alex também.

Eu não vira, mas era bom saber que Sampson ainda protegia minha retaguarda, porque talvez eu estivesse começando a perder a concentração, e isso faz com que você leve um tiro. ou pior.

Mullino estava esfregando as mãos.

— Está gelado pra cacete hoje. Esperou, e então se repetiu:

— Eu disse que está gélido, congelando aqui fora.

— Entre — disse a ele. — Vem para dentro.

— Você promete não atirar em nós pelas costas? — disse Sampson. Mullino levantou as mãos, e pareceu confuso ou assustado. Às vezes era difícil dizer, no caso dele.

— Eu nem ando armado, caras. Nunca, em toda a minha vida.

— Talvez devesse, com os amigos que tem — disse Sampson.

— Algo em que pensar, irmão.

— Tá certo, irmão — disse Mullino com um risinho malvado que me fez repensar quem ele era.

Abriu a porta do carro e deslizou para o banco detrás. A pergunta continuava no ar: por que ele tinha aparecido ali e o que queria?

— Ele não vai aparecer? — perguntei, assim que ele fechou a porta detrás. — É isso?

— Não, não vai aparecer — disse Mullino. — Nunca iria.

— Você avisou? — perguntei. Estava observando Mullino pelo retrovisor. Seus olhos se apertaram e mostraram um grande nervosismo, algo desconfortável, algo que não estava certo.

— Não precisei avisar. Sully tem grande confiança, cuida de si mesmo muito bem — disse em voz baixa, quase um sussurro.

— Aposto que sim — disse eu.

— Então, o que aconteceu, Anthony? — perguntou Sampson.

— Onde seu garoto está agora? Por que você está aqui?

A voz de Mullino soava como se estivesse vindo de debaixo d'água. Eu não entendi bem o que ele tinha dito. Sampson tampouco.

— Fale alto — disse ele, se virando. — Escutou? Sabe como funciona? Você tem de levantar a voz até um certo volume.

— Ele matou John Maggione esta noite — disse Mullino. — O seqüestrou, então o cortou. Isso demorou muito.

O carro ficou em absoluto silêncio. Eu duvidei que pudesse ter dito algo que me surpreendesse mais. Antes eu tinha sentido que talvez estivéssemos sendo enganados, e fomos.

— Como você soube disso? — perguntei, finalmente.

— Eu moro no bairro. Às vezes o Brooklyn é como uma cidadezinha. Sempre foi assim. Além disso, Sully me ligou quando tinha terminado. Ele queria partilhar.

Sampson se virou inteiramente para encará-lo.

— Então Sullivan não virá pegar sua família. Não teme por ela? Eu ainda estava observando Mullino pelo retrovisor. Achava que talvez soubesse o que ele diria em seguida.

— Esta não é a família dele — disse. — Ele nem sequer sabe quem eles são.

— Então quem está na casa?

— Não sei quem eles são. Atores contratados. Uma família que poderia se parecer com a de Sully.

— Você trabalha para ele? — perguntei a Mullino.

— Não. Mas ele foi um bom amigo. Era eu quem temia ter o rosto arrebitado na escola, não ele. Sully sempre me protegeu. Então eu o

ajudei. Eu faria novamente.

Porra, eu o ajudei a matar seu velho maluco.

— Por que você veio aqui? — perguntei a seguir.

— Essa é fácil. Ele mandou.

— Por quê? — perguntei.

— Você terá de perguntar a ele. Talvez porque goste de fazer uma reverência depois de um trabalho bem-feito. Ele faz isso, sabe. Uma reverência. Vocês não vão querer ver.

— Eu já vi — disse a ele.

Mullino abriu a porta de trás do carro, anuiu para nós e então desapareceu na noite.

E eu sabia que o Açougueiro também.

102

COMO É AQUELE VERSO ANTIGO, ou novo, sei lá — vida é algo que acontece quando você está ocupado fazendo outros planos?

Voltei para Washington naquela noite porque queria ver as crianças, por causa de Nana Mama e porque tinha pacientes que dependiam de mim e estavam marcados para o dia seguinte. Nana sempre me diz que, para mim, é importante ajudar outras pessoas; diz que é minha maldição. Provavelmente está certa.

Podia ver claramente o rosto de Michael Sullivan, sua pequena reverência, e estava me matando saber que ainda andava à solta. Segundo o FBI, a máfia já tinha fixado o preço de um milhão de dólares pela cabeça dele, e outro milhão pela família. Eu ainda a 218 suspeitava que ele pudesse ser informante da polícia ou do FBI, e que um ou outro estivesse ajudando a protegê-lo, mas não tinha certeza, e talvez nunca tivesse.

Em uma das noites depois de Sullivan ter escapado, dedicada às crianças, me sentei na varanda e toquei rock and roll no piano para Jannie e Damon. Toquei até quase 10 horas. Depois eu falei às crianças sobre a mãe delas. Já era hora.

103

NÃO TENHO CERTEZA de por que precisava falar sobre Maria, mas queria que as crianças soubessem um pouco mais da verdade sobre ela.

Talvez quisesse que eles tivessem o encerramento que eu não conseguia para mim mesmo. Nunca tinha mentido às crianças sobre Maria, mas tinha me contido, e... Não.

Menti sobre uma coisa. Eu contara a Damon e Jannie que não estava com Maria quando foi baleada, que tinha ido ao St. Anthony antes que ela morresse e que tínhamos trocado algumas palavras. A razão era que não queria ter de contar a eles detalhes que nunca conseguia tirar da minha própria cabeça: o som dos tiros que derrubaram Maria; a profunda inspiração no instante em que foi atingida; o modo como ela escorregou dos meus braços para a calçada. Depois a visão inesquecível do sangue escorrendo do peito de Maria, e minha compreensão de que os ferimentos eram fatais. Mais de dez anos depois, ainda conseguia me lembrar disso com a clareza de um pesadelo.

— Tenho pensado em sua mãe ultimamente — disse a eles naquela noite na varanda. — Tenho pensado muito nela. Vocês provavelmente já sabem disso.

Os garotos estavam bem perto, suspeitando que aquela não fosse uma de nossas conversas normais.

— Era uma pessoa especial em muitos sentidos. Em muitos sentidos, Damon e Jannie. Os olhos dela eram vivos e sempre honestos. Ela sabia ouvir. E normalmente isso é sinal de uma pessoa boa. Eu pelo menos penso assim. Adorava sorrir e, se pudesse, provocar sorrisos nas outras pessoas. Costumava dizer: "Eis uma taça de tristeza e eis uma taça de alegria, qual você escolhe?" Quase sempre escolhia a taça de alegria.

— Quase sempre? — perguntou Jannie.

— Quase sempre. Pense nisso, Janelle. Você é inteligente. Ela me escolheu, não? De todos os garotos bonitos que ela poderia ter, ela escolheu este cara, esta personalidade e melancólica.

Janelle e Damon sorriram; então Damon disse:

— Isto é porque quem a matou está de volta? Por que estamos falando sobre nossa mãe agora?

— Em parte é isso, Day. Mas eu me dei conta de que tenho coisas a acertar com ela. E com vocês dois. Por isso estamos conversando, certo?

Damon e Janelle ouviram em silêncio, e falei durante muito tempo. Acabei engasgando. Era a primeira vez que permitia que eles me vissem chorando por Maria.

— Eu a amava muito, amava sua mãe como se ela fosse fisicamente parte de mim. Ainda amo, acho. Ainda amo, eu sei.

— Por nossa causa? — perguntou Damon. — Em parte é culpa nossa, não?

— O que você quer dizer, querido? Não entendi bem — disse eu a Damon. — Nós fazemos você se lembrar dela, não é? Nós fazemos você se lembrar da mamãe todo dia; toda manhã quando nos vê, você se lembra de que ela não está aqui. Não é isso?

Sacudi a cabeça.

— Talvez haja alguma verdade nisso. Mas vocês me fazem lembrar de uma forma boa, da melhor forma. Acreditem em mim. É tudo de bom. Esperaram que eu falasse mais, e não tiraram os olhos de mim, como se de repente pudesse fugir correndo deles.

— Estão acontecendo muitas mudanças nas nossas vidas — disse. — Ali está conosco agora. Nana está ficando mais velha. Eu estou com pacientes novamente.

— Você gosta disso? — perguntou Damon. — De ser psicólogo?

— Gosto. Até agora.

— Até agora. É a sua cara, papai — disse Jannie.

Dei uma risada, mas não percebi um elogio no que Jannie tinha dito. Não que fosse totalmente avesso a elogios, mas há um tempo para tudo, e aquele não era o momento.

Lembro que quando li a autobiografia de Bill Clinton, não pude deixar de pensar no momento em que ele confessava o sofrimento que causara à mulher e à filha, não parecia resistir a esperar o perdão, e talvez um abraço, do leitor. Simplesmente não conseguia resistir — talvez porque tivesse uma enorme necessidade de amor. E talvez essa fosse a fonte de sua empatia e compaixão.

Então finalmente fiz a coisa mais difícil — contei a Jannie e Damon o que tinha acontecido com Maria. Contei aos meus filhos a verdade, como a conhecia. Partilhei com eles a maioria dos detalhes da morte de Maria, seu assassinato, e contei a eles que eu tinha visto acontecer, que

estava com ela quando ela morreu, senti seu último suspiro nesta terra, ouvi suas últimas palavras.

Quando terminei, quando não podia falar mais, Jannie sussurrou:

— Veja o rio, como ele corre, papai. O rio é verdade.

Aquele tinha sido meu mantra para as crianças quando elas eram pequenas e Maria não estava ali. Eu passeava com eles junto ao rio Anacostia ou o Potomac e fazi a com que eles olhassem para ele, para a água, e dizia: "Olhem o rio... O rio é verdade."

Seria o mais perto que chegaríamos dela.

104

NAQUELES DIAS EU ESTAVA me sentindo estranhamente emotivo e vulnerável e, acho, talvez, vivo.

Isso era ao mesmo tempo bom e ruim.

Tomava café da manhã com Nana Mama por volta de cinco e meia, praticamente toda manhã. Depois corria para meu consultório, mudava de roupa e começava minhas sessões já às 6:30h.

Kim Stafford era minha primeira paciente às segundas e quintas. Sempre era difícil deixar os sentimentos pessoais fora das sessões, pelo menos para mim, ou talvez

eu apenas estivesse sem prática. Por outro lado, alguns dos meus colegas sempre me chocaram por serem clínicos demais, reservados e distantes demais. O que qualquer paciente, qualquer ser humano, pensaria disso? Ah, tudo bem se eu tiver o afeto de um nabo; sou um terapeuta.

Precisava fazer aquilo do meu jeito, algumas vezes com calor, com muita simpatia e compaixão, mais que empatia; precisava quebrar as regras, ser heterodoxo. Como confrontar Jason Stemple em sua delegacia e tentar apagar aquele bosta. Isso é o que chamo de profissional.

Tinha um intervalo na minha agenda até o meio-dia, então decidi procurar Monnie Donnelley em Quantico. Ela estava pesquisando uma teoria minha sobre o Açougueiro.

Não tinha ido além do alô quando Monnie interrompeu:

— Tenho algo para você, Alex. Acho que vai gostar. Afinal, é sua idéia, sua teoria.

Monnie então me contou que tinha usado minhas anotações e conseguido notícias da esposa de Sullivan com um soldado da máfia que estava no programa de proteção a testemunhas e vivia em Myrtle Beach, Carolina do Sul.

— Eu segui a trilha que você traçou, e era certa. Ela me levou a um cara que esteve no casamento de Sullivan, que foi reservado, como seria de esperar. O camarad a do Brooklyn sobre o qual você me falou, Anthony Mullino, estava lá. Aparentemente, Sullivan não 222

queria que muita gente soubesse da sua vida privada. Sua própria mãe não foi convidada, e seu pai estava morto, como você sabe.

— Sim, morto pelo filho e dois parceiros. O que você descobriu sobre a esposa de Sullivan?

— Bem, é interessante, mas não o que você esperaria. Ela é de Colts Neck, Nova Jersey, e era professora do ensino fundamental antes de conhecer Sullivan. Que tal isso? Salvatore Pistelli, o cara da proteção a testemunhas, disse que era uma moça doce. Disse que Sullivan estava procurando uma boa mãe para os filhos. Comovente, não, Alex? Nosso assassino psicótico tem um lado doce. O nome da esposa era Caitlin Haney. A família dela ainda viv e em Colts Neck.

No mesmo dia, nós colocamos uma escuta nos telefones da casa dos pais de Caitlin Sullivan. E também nos de uma irmã que vivia em Toms River, Nova Jersey, e de um irmão dentista em Ridgewood.

Eu voltei a ter alguma esperança. Talvez nós, afinal, conseguíssemos fechar aquele caso e apanhar o Açougueiro.

Talvez pudesse vê-lo novamente e fazer uma pequena reverência, eu mesmo.

105

MICHAEL SULLIVAN TINHA PASSADO a usar o nome Michael Morrissey quando se mudara para Massachusetts, sendo Morrissey um vagabundo que ele mais ou menos apanhara e esquartejara em seus primeiros dias como matador. Caitlin e os garotos mantiveram os primeiros nomes, mas também tinham passado a usar o sobrenome Morrissey. A história que eles decoraram era a de que tinham vivido nos últimos anos em Dublin, onde o pai era consultor de diversas empresas irlandesas com ligações comerciais com os Estados Unidos.

Ele agora estava fazendo trabalho de "consultoria" em Boston.

A última parte era verdadeira, já que o Açougueiro tinha acabado de conseguir trabalho por intermédio de um velho contato em South Boston. Um trabalho — uma eliminação, um assassinato encomendado.

Naquela manhã ele saiu de sua casa com vista para o rio Hoosic às 9h, um horário muito civilizado. Então seguiu de carro rumo ao oeste; estava indo para a rodovi a Massachusetts em seu novo Lexus. Levava no porta-malas suas ferramentas de trabalho — armas, uma serra de açougueiro, uma arma de agulhas.

Não ouviu música na primeira parte da viagem, preferindo, em vez disso, viajar pelas estradas da lembrança. Estivera pensando muito sobre suas primeiras mortes:

sobre o pai, claro; dois trabalhos para Maggione Sênior, e um padre católico chamado Francis X Conley. Padre Frank X tinha se divertido com garotos da paróqui a durante anos. Os boatos corriam o bairro, histórias repletas de muitos detalhes pervertidos, nojentos. Sullivan não podia acreditar que alguns dos pais soubessem o que estava acontecendo e não tivessem feito algo para acabar com aquilo.

Quando ele tinha 19 anos e já trabalhava para Maggione, flagrara o padre nas docas, onde Conley tinha um pequeno barco com motor de popa para pescarias. Algumas vezes, ele levava um dos coroinhas por uma tarde. Uma recompensa, uma pequena diversão.

Naquele dia específico de primavera, o bom padre tinha ido as docas para preparar seu barco para a temporada. Ele estava trabalhando no motor quando Sullivan e Jimmy Hats subiram a bordo.

— Olá, padre Frankie — disse Jimmy, dando um sorriso malvado. — Que tal darmos um passeiozinho de barco hoje? Fazer uma pescaria?

O padre apertou os olhos para os dois jovens marginais, franzindo o cenho ao reconhecê-los.

— Acho que não, rapazes. O barco ainda não está pronto para a ação. Isso provocou uma risada de Hats, que repetiu:

— Pronto para a ação... é isso aí, saquei. Então Sullivan avançou.

— É, ele está pronto, vigarista. Vamos fazer um cruzeiro marítimo. Conhece aquela música de Frankie Ford? "Sea Cruise"? E para onde vamos. Só nós três.

Partiram das docas e padre Frank X nunca mais foi visto, nem se ouviu falar dele.

— Deus guarde sua alma imortal no inferno — brincou Jimmy Hats no caminho de volta.

E naquela manhã, quando dirigia para seu mais novo trabalho, Sullivan se lembrou da velha música de Frankie Ford — e de como o padre patético tinha implorado por sua vida, e depois por sua morte, antes de ser picado e virar comida de tubarão. Acima de tudo, porém, se lembrou de pensar se ele tinha feito apenas uma boa ação com padre Frank, e se era ou não possível que tivesse.

Será que ele podia fazer alguma coisa boa na vida?

Ou era inteiramente mau?

106

FINALMENTE CHEGOU a Stockbridge, perto da divisa entre os estados de Massachusetts e Nova York, e usou seu GPS para localizar a casa certa. Estava pronto para dar o pior de si, ser novamente o Açougueiro, ganhar o pão daquele dia.

Para o inferno as boas ações e os bons pensamentos, o que quer que eles provassem. Localizou a casa, que era muito "campo" e, pensou, de muito bom gosto. Ficava em um lago tranquilo, em meio a hectares de bordos, olmos e pinheiros. Um Porsche Targa preto estava estacionado como uma escultura moderna na rampa da garagem.

Tinham dito ao Açougueiro que uma mulher de 41 anos de idade chamada Melinda Steiner estava na casa — mas que ela dirigia um vistoso Mercedes conversível vermelho.

Então, a quem pertencia o Porsche preto?

Sullivan estacionou fora da estrada principal, atrás de um conjunto de pinheiros, e observou a casa por cerca de vinte minutos. Uma das coisas que percebeu foi que o portão da garagem estava fechado. E talvez houvesse um belo Mercedes conversível vermelho dentro dela.

Então — mais uma vez — quem era o dono do Porsche preto?

Tomando cuidado para ficar sob a cobertura de galhos grossos, pegou um par de binóculos alemães. Então estudou lentamente as janelas leste e sul da casa, cada um a delas.

Não parecia haver ninguém na cozinha, onde as janelas estavam escuras, sem ninguém se movimentando.

Nem na sala de estar, que também estava escura e parecia deserta.

Mas havia alguém na casa, certo?

Ele finalmente os descobriu em um quarto de esquina no segundo andar. Provavelmente a suíte principal.

Melinda, ou Mel, estava lá em cima.

E um camarada louro. Provavelmente com quarenta e poucos anos, presumivelmente o dono do Porsche.

Erros demais para levar em conta, pensava. Realmente uma porrada de erros.

O que também podia calcular era que seu preço de 75 mil dólares pelo trabalho tinha acabado de dobrar, porque nunca fazia dois pelo preço de um.

O Açougueiro começou a caminhar na direção da casa de campo, arma na mão, caixa de ferramentas na outra, e estava se sentindo muito bem com o trabalho, com a vida que tinha.

107

POUCAS COISAS NA VIDA SUPERAVAM a sensação de confiar em sua capacidade de fazer um bom trabalho. Michael Sullivan pensava na verdade dessa afirmação enquanto se aproximava da casa.

Estava consciente do terreno em torno da casa colonial branca uns 12 ou 15 mil metros quadrados de bosques e campos isolados. Nos fundos, ele viu uma quadra de tênis que parecia saibro verde. Talvez fosse Har-Tru, que os tenistas de Maryland pareciam preferir.

Mas estava principalmente concentrado no seu trabalho, no serviço a ser feito, em suas duas partes.

Matar alguém chamado Melinda Steiner — e seu amante, já que agora ele definitivamente estava no caminho. Não ser morto. Nada de erros.

Abriu lentamente a porta de madeira da frente da casa, que não estava trancada. As pessoas faziam muito isso no interior, não era? Erro. Estava quase certo de que também não iria encontrar resistência quando subisse.

Mas nunca se sabe, então não seja presunçoso, não seja descuidado, não seja espertinho, Mikey.

Lembrou-se do fiasco em Veneza, Itália, no que tinha acontecido lá. A bagunça, e como sua cabeça tinha sido posta a prêmio. A Cosa Nostra agora estaria procurando por ele por toda parte, e um dia iria encontrá-lo.

Então, por que não hoje? Por que não bem aqui? O contato que passara o serviço era um velho amigo, mas a máfia poderia muito bem tê-lo apanhado. E então armado para o Açougueiro.

Ele apenas não achava que fosse isso.

Não hoje.

A porta da frente não estava trancada. Teriam trancado, especialmente, se houvesse uma armadilha e eles quisessem que fosse boa.

O casal que tinha visto no quarto parecera muito natural, muito envolvido, e não acreditava que alguém — com exceção dele mesmo, talvez — fosse astuto o bastante para criar aquele tipo de armadilha ardilosa. Aquele casal estava lá em cima trepando e trocando fluidos vitais; quase não havia dúvidas disso em sua cabeça.

Enquanto ele subia os degraus da frente, podia ouvir os sons de prazer da trepada chegando até ele. Molas de colchão apertando e soltando, a cabeceira batendo na parede do quarto.

Claro que poderia ser uma gravação.

Mas o Açougueiro duvidava, e normalmente seus instintos eram bons, muito bons. Certamente o tinham mantido vivo até aquele momento, e tinham deixado muitas outras pessoas mortas.

108

QUANDO CHEGOU ao segundo andar seu coração estava muito acelerado, os gemidos e os outros barulhos da cama tinham ficado mais altos, e começou a sorrir, apesar de tudo.

Pensamento curioso. Estava se lembrando de uma cena no filme *Sideways* que o tinha deixado fascinado. O personagem mais baixo, basicamente um bêbado, tinha de recuperar a carteira de outro idiota, e, para isso, precisava entrar em um quarto onde um casal de pessoas humildes e gordas estava fodendo como porcos em um cocho. A cena era ótima — hilariante e também absolutamente inesperada. Exatamente como esta seria. Pelo menos para ele.

Então contornou um canto e olhou para dentro do quarto pensando consigo mesmo: Surpresa, vocês estão mortos.

O homem e a mulher estavam em muito boa forma. Fortes e atléticos, belas bundas magras. Bastante sensuais juntos. Sorrisos nos rostos.

Pareciam gostar um do outro, o que fazia com que fosse bom. Talvez estivessem apaixonados. Decididamente pareciam gostar 228

de sexo, que era um bom exercício para suar. O louro estava metendo fundo, e Melinda parecia gostar daquele jeito. A coisa toda era excitante. Melinda estava de meias brancas até os joelhos, que Sullivan achou inapropriadas. Ele ficou pensando se ela tinha feito isso por ele ou por si mesma.

Após um minuto ou dois, assistindo, ele pigarreou. Ana, arrã.

Ordem no puteiro.

O casal enlaçado saltou, cada um para um lado, o que não era coisa fácil considerando a posição enroscada em que eles estavam travados dois milissegundos antes.

— Uau, vocês dois! — disse, e sorriu simpaticamente, como se estivesse fazendo uma pesquisa sobre casos extramaritais ou coisa assim. — Vocês são bons nisso. Estou impressionado.

Na verdade, meio que gostava dos dois, especialmente daquela Mel. Sem dúvida alguma, estava muito bem para a idade. Belo corpo e rosto, um rosto doce, pensou.

Gostou até mesmo do modo como ela não se cobriu e ficou olhando diretamente para ele como se dissesse: Que merda você acha que está fazendo aqui? Esta é minha casa, meu caso, não é da sua conta, porra, seja lá quem você for. Então, suma!

— Você é Melinda Steiner, certo? — perguntou apontando a arma, mas não de forma ameaçadora. Que sentido havia em ameaçar, em deixá-los com mais medo do que já tinham feito? Não precisava disso com aqueles dois. Não eram a máfia; não tinham ido atirando atrás dele ou de sua família.

— Sim. Sou Melinda Steiner. Quem é você? O que você quer aqui?

Ela decididamente era um tanto metida, mas não estava sendo inteiramente antipática quanto àquilo. Maldição, aquela era a casa dela, e era direito dela saber o que ele estava fazendo ali.

Deu alguns passos rápidos para dentro do quarto e...

Pop!

Pop!

Ele acertou o louro na garganta e na testa, e ele caiu da cama sobre o tapete de estilo indiano no chão. Tanto esforço para se manter em boa forma de modo a viver mais.

Melinda levou as duas mãos à boca e engasgou audivelmente.

— Deus do céu!

Mas não gritou, significava que aquilo era basicamente sexo. Eles estavam trepando, mas não estavam apaixonados, nem de longe. Ao observar o rosto dela, então, sequer achou que gostava da loura tanto assim.

— Boa menina, Melinda. Você está com os pés no chão. Ele não sofreu nada. Nenhuma dor, eu juro.

— Ele era meu arquiteto — disse ela, acrescentando rapidamente: — Não sei por que contei isso a você.

— Você só está nervosa. Quem não estaria? Você provavelmente já percebeu que eu estou aqui para matar você, não seu ex-amante.

Ele estava de pé a cerca de um metro da mulher, e a arma estava apontada mais ou menos para o seu coração. Mas ela parecia estar se controlando muito bem; o que muito o impressionou. O tipo de garota de Sullivan. Talvez ela pudesse ser a chefe da máfia. Talvez ele devesse indicar seu nome para o cargo.

Definitivamente gostava dela, então pensou de repente que não gostava muito do marido dela. Ele se sentou na cama com a arma ainda apontada para ela; bem, na verdade, para seu peito esquerdo.

— Mel, a questão é a seguinte. Seu marido me mandou para matar você. Ele pagou 75 mil dólares — disse. — Estou improvisando, mas você tem seu próprio dinheiro? Talvez

possamos fazer alguma espécie de acordo. Alguma chance?

— Sim — disse ela. — Alguma. E foi assim.

Um acordo foi fechado em dois minutos, e sua remuneração quadruplicou. Muita gente maluca no mundo — não podia deixar de pensar que não surpreendia que Desperat e Housewives fizesse tanto sucesso.

SAMPSON E EU Não ÍAMOS a Massachusetts havia alguns anos, desde que tínhamos caçado um assassino louco chamado " Smith", em um caso apelidado de Gato e Rato.

O Smith provavelmente era o mais esperto de todos os psicopatas que eu rastreara até então. Quase me matou. Então, não havia muitas lembranças boas enquanto seguíamos no carro de Sampson de Washington para Berkshires.

No caminho, nós paramos para um jantar excepcional e um bate-papo agradável no restaurante do meu primo Jimmy Parker, o Red Hat, em Irvington, estado de Nova York.

Humm, humm, bom. Exceto por isso, era uma viagem apenas de negócios. Fomos sozinhos, sem apoio. Ainda não sabia o que pretendia fazer se encontrasse o Açougueiro.

Se nós o encontrássemos; se ele já não tivesse fugido.

Ouvimos um pouco de velhas fitas de Lauryn Hill e Erykah Badu na estrada e não falamos muito sobre Michael Sullivan até chegarmos ao fim da Connecticut Turnpik e entrarmos em Massachusetts.

— Então, o que vamos fazer agora, John? — perguntei, finalmente quebrando o silêncio.

— Caçar o cara mau, como sempre — disse ele. — Nada mudou, mudou? O cara é assassino, estuprador. Você é o Matador de Dragões. Eu vou junto.

— Apenas eu e você, né? Sem avisar a polícia local? Sem o FBI nisso? Sabe, acabamos de cruzar a divisa do estado.

Sampson anuiu.

— Imagino que desta vez seja pessoal. Estou errado quanto a isso? Ademais, ele merece morrer, caso chegue a isso, o que é possível. Provavelmente chegará.

— Tudo bem, é pessoal. Nunca foi mais pessoal. Isso está fervendo há muito tempo. Precisa terminar. Mas...

— Sem mas, Alex. Precisamos acabar com ele.

Seguimos mais alguns quilômetros em silêncio. Mas eu tinha de falar um pouco mais com Sampson. Tínhamos de estabelecer algumas

regras.

— Não vou simplesmente atirar nele; se ele estiver lá. Não sou um vingador, John.

— Sei disso — falou Sampson. — Sei quem você é, Alex. Se é que alguém sabe. Vamos ver o que acontece. Talvez ele nem sequer esteja aqui.

Chegamos à cidade de Flórida, Massachusetts, por volta de duas horas da tarde; então começamos a procurar a casa onde esperávamos encontrar Michael Sullivan de um a vez por todas. Podia sentir a tensão aumentando dentro de mim. Nós demoramos mais meia hora para achar o lugar, que era construído na encosta de uma montanha, debruçado sobre um rio. Nós observamos a casa, e não parecia haver ninguém lá. Será que alguém tinha avisado Sullivan novamente?

Caso tivesse acontecido, quem poderia ter feito isso? O FBI? Será que, afinal, ele estaria na proteção a testemunhas? Será que o FBI estava dando cobertura a ele?

Teriam sido eles que disseram que poderíamos estar indo atrás dele?

Fomos para o centro da cidade e almoçamos em um Denny's. Sampson e eu não falamos muito enquanto comíamos nossos ovos com batatas, o que era atípico no nosso caso.

— Você está bem? — perguntou ele finalmente, depois que o café tinha chegado.

— Se o pegarmos, eu ficarei melhor. Mas isto tem de terminar. Você está certo quanto a isso.

— Então vamos acabar com isso.

Voltamos para a casa, e um pouco depois das cinco uma station wagon apareceu e estacionou bem em frente à varanda. Seria ele? Finalmente o Açougueiro? Havia três garotos apertados atrás; depois uma mulher bonita de cabelo escuro saltou do lado do motorista. Era óbvio que ela e os garotos viviam bem. Eles brigaram no gramado da frente; depois entraram na casa correndo.

Tinha comigo uma fotografia de Caitlin Sullivan, mas não precisei olhar para ela.

— Decididamente é ela — disse a Sampson. — Desta vez estamos no lugar certo. São Caitlin e os garotos do Açougueiro.

— Ele nos verá se ficarmos aqui — disse Sampson. — Isto aqui não é Cops, e ele não é um doidão idiota esperando para ser apanhado.
— É, eu estou contando com isso — disse.

110

MICHAEL SULLIVAN NÃO ESTAVA em nenhum lugar perto da casa no oeste de Massachusetts. As 7:30h daquela noite ele entrou em uma casa de dez quartos em Wellesley, um subúrbio rico da periferia de Boston. Estava alguns passos atrás de Melinda Steiner, que tinha pernas compridas e uma bundinha boa de ver. Melinda sabia disso. Ela também tinha noção de como ser sutil e ao mesmo tempo belamente provocante em sua forma de andar.

Havia uma luz acesa em um dos quartos que saíam do largo corredor da frente — que tinha três candelabros em um cortejo solene, sem dúvida, cortesia de Melinda ou de seu decorador.

— Querido, cheguei! — gritou Melinda jogando a bolsa de viagem pesadamente no piso brilhante.

Não havia nenhum sinal de nada de errado na voz dela. Sem alarme, aviso, rispidez, nada além de bonomia de esposa.

Ela é boa pra cacete, pensou Sullivan consigo mesmo. Ainda bem que não sou casado com ela.

Não houve nenhuma saudação do quarto onde a TV estava ligada. Nada.

— Querido? — chamou ela novamente. — Você está aí? Querido? Voltei do interior. Jerry?

Aquilo certamente devia estar sendo uma surpresa para o desgraçado. Querido, cheguei! Querido, ainda estou viva!

Um homem de aparência cansada usando uma amassada camisa social de listras finas, short e chinelo azul berrante finalmente apareceu no umbral.

Agora, ele também era um ator bastante bom. Como se não houvesse nada de errado em todo o mundo.

Até aquele instante, quando ele vê o Açougueiro armado caminhando passo a passo atrás de uma amada esposa, que ele tinha acabado de tentar assassinar em sua casa de campo.

— Oi. Quem é ele, Mel? O que está acontecendo? — perguntou Jerry ao ver Sullivan parado ali no corredor.

O Açougueiro já tinha sacado a arma e ela estava apontada para o cara em roupas de baixo, apontada para seus bagos, mas então Sullivan a ergueu para o coração, s e é que o desgraçado tinha um. Matar a própria esposa? Que tipo de merda era aquela?

— Mudança de planos — disse Sullivan. — Dizer o quê? Acontece. O marido, Jerry, colocou as mãos para cima sem que fosse pedido. Ele também estava despertando — meio que com urgência.

— Do que você está falando? O que é isto, Mel? Por que este homem está na nossa casa? Quem é ele, afinal?

Uma frase clássica e uma resposta poderosa. Agora era a vez de Melinda dizer sua fala, e ela decidiu gritar a sua resposta:

— Ele é o cara que deveria me matar, Jerry! Você pagou para que eu fosse morta, seu merda desgraçado! Você é um lixo inútil, e também um covarde. Então eu paguei mais a ele, para você ser morto. É isto, querido. Acho que você poderia chamá-lo de um vira-casaca — disse, e riu da própria piada.

Mais ninguém riu — nem Jerry nem Sullivan. De fato, era um pouco engraçado, mas não engraçado de rir alto. Ou talvez a resposta dela fosse errada. Um pouco agressiv a demais, com um pouco de verdade demais.

O marido voltou correndo para a sala de TV e tentou bater a porta, mas não havia como competir.

O Açougueiro foi rápido e já tinha um pé, uma bota pesada, enfiada na passagem. Então enfiou o ombro e entrou atrás de Jerry.

Jerry, o contratante inicial, era um camarada alto e barrigudo, do tipo CEO ou CFO, que estava ficando careca no alto da cabeça. O gabinete tinha o cheiro dele e de um charuto que soltava fumaça em um cinzeiro junto ao sofá. Havia um taco de golfe e duas bolas Titleist no tapete. Um grande homem aquele cara que tinha pagado para que sua mulher fosse morta e agora estava treinando suas tacadas para mostrar que não estava nem aí.

— Eu pago a você mais do que ela pode pagar! — guinchou Jerry. — Qualquer coisa que essa puta pague, eu dobro! Juro por Deus! O dinheiro está ali. É seu.

Uau, isso está ficando cada vez melhor, pensou Sullivan. Isso dava novo sentido a um jogo como Jeopardy!— ou Let's make a Deal.

— Você é um merda completo! — rosnou Melinda para o marido do umbral da porta. Então entrou correndo e o acertou no maxilar. Sullivan ainda achava que ela era uma dama legal de muitas formas, mas não em algumas outras.

Olhou novamente para o marido. Então olhou para Melinda. Casal interessante, sem dúvida.

— E concordo com Melinda — disse o Açougueiro. — Mas Jerry mandou bem, Mel. Talvez devêssemos fazer um pequeno leilão. Que tal? Vamos resolver isso como adultos.

Chega de socos e xingamentos.

111

DUAS HORAS DEPOIS o LEILÃO tinha terminado e Michael Sullivan estava dirigindo pela Massachusetts Turnpike em seu Lexus. O carro andava razoavelmente bem, e a condução era suave como uma bunda de bebê, ou talvez ele apenas estivesse se sentindo bem.

Ainda havia alguns detalhes a resolver, mas o serviço tinha sido feito. Let's Make a Deal tinha garantido a ele 350 mil dólares, transferidos para uma conta no Union

Bank na Suíça. Para dizer a 235

verdade, não tinha achado aquilo financeiramente seguro, embora provavelmente tenha queimado o contato de Boston que passara o serviço. Talvez também tivesse de transferir a família novamente. Ou talvez fosse hora de ele se libertar e cuidar da própria vida, algo em que estava pensando bastante.

Provavelmente valia — 350 mil por um dia de trabalho. Jerry Steiner tinha feito o lance vencedor, mas ele ainda assim acabou com o estúpido desgraçado irritante.

Melinda era uma história diferente. Ele gostava dela, não queria machucá-la. Mas que escolha ele tinha? Deixá-la viva para falar? Então ele fez de modo indolor — um na parte de trás da cabeça de Mel. Em seguida, duas fotos para incluir seu rosto bonito em sua coleção.

De qualquer forma, ele estava cantando uma balada dos Stones de que sempre gostara, "Wild Horses", quando fez a curva na estrada. Lá estava

sua casa na montanha, bem onde ele a tinha deixado.

E... que merda era aquela?

Erro?

Mas erro de quem?

Apagou os faróis na curva seguinte da estrada. Então foi para um mirante, de onde tinha uma visão melhor de sua casa e do terreno.

Cara, ele não tinha um descanso. Não conseguia deixar o passado para trás por mais que fosse em frente.

Ele os viu imediatamente, em um carro azul-escuro, talvez um Dodge, com a grade apontada para a casa como uma arma. Dentro, podia ver dois homens. Esperando por ele, sem dúvida alguma.

Erro.

Deles!

Mas quem, afinal, eram aqueles dois caras que ele agora tinha de matar?

112

BEM, isso Não IMPORTAVA MUITO. Eles eram dois homens mortos — mortos por nada, mortos porque eram péssimos no seu trabalho. Homens mortos vigiando sua casa, vindos para matá-lo e à sua família. Sullivan tinha na mala do carro uma Winchester de três anos, que ele mantinha limpa, lubrificada e pronta. Abriu a mala, tirou o rifle. Então o carregou com hollow-points.

Não tinha exatamente habilidade para ser um atirador de elite do exército, mas era bom o bastante para aquele tipo de trabalho de mateiro.

Protegeu-se no bosque entre duas altas coníferas folhosas que garantiam escudo. Então deu uma olhada rápida pelo visor noturno. Tinha um alvo redondo em vez de um a mira elevada, que era como gostava. Fora Jimmy Hats que o ensinara a ser atirador de longa distância. Jimmy tinha sido treinado em Fort Bragg, na Carolina do Norte, antes de ser desligado com desonra.

Deixou a mira pousar bem na cabeça do motorista, e tocou o gatilho levemente com o dedo. Aquilo seria fácil, sem problemas para ele.

Depois voltou a mira para a cabeça do cara no banco do carona. Quem quer que aqueles dois fossem, eles definitivamente estavam mortos.

Assim que tivesse terminado, teria de juntar a família e desaparecer dali. Novamente sem contatos com o passado. Esse era o erro, não? Alguém da história antiga com quem eles tinham entrado em contato? Talvez a família de Caitlin em Nova Jersey. Alguém provavelmente tinha rastreado um telefonema. Apostava que tinha sido algo assim que acontecera.

Erro, erro, erro.

E Caitlin continuaria a cometê-los, não? O que significava que Caitlin tinha de partir. Não queria pensar muito nisso, mas Caitlin também estava fora. A não ser que ele mesmo partisse.

Muitas decisões a tomar. Sem tempo para tomá-las.

Voltou a mira para a cabeça do motorista. Estava pronto para dois tiros, e os dois homens no carro estavam mortos. Eles apenas ainda não sabiam disso.

Soltou um suspiro lentamente até seu corpo se acalmar, ficar imóvel, e pronto para aquilo.

Tinha uma noção de seu próprio coração batendo — lento, firme, confiante; lento, firme, confiante.

Então puxou o gatilho — e ouviu um crack agudo e prazeroso no ar da noite.

Um momento depois puxou o gatilho do rifle mais uma vez.

Depois uma terceira e uma quarta vez.

Isso deve ter resolvido.

Eles tinham sido mortos, e ele precisava desaparecer dali, pronto. com ou sem Caitlin e os garotos.

Primeiro, porém, precisava saber quem tinha acabado de matar e talvez tirar algumas fotos dos falecidos.

113

SAMPSON E EU OBSERVAMOS o Açougueiro se aproximar do carro. Ele estava sendo furtivo, tudo bem, mas talvez não fosse tão bom quanto achava que era. Ele avançava rapidamente, bem agachado, pronto para resistir se fosse necessário.

Ele estava prestes a descobrir que tinha acertado uma pilha de roupas e travesseiros da filial local do Wal-Mart. Sampson e eu estávamos agachados na floresta, menos de trinta metros atrás do carro que ele

tinha acabado de alvejar. Então, quem era melhor naquele jogo? O Açougueiro ou nós? v

— Você resolve, Alex, como vai ser daqui para frente — sussurrou Sampson com o canto da boca.

— Não o mate, John — disse, e toquei o braço de Sampson. — A não ser que precisemos. Apenas o derrube.

— Você manda — repetiu Sampson.

Então tudo ficou meio maluco, para dizer o mínimo.

De repente o Açougueiro se virou — mas não na nossa direção! Para o lado oposto!

Que merda era aquela? O que estava acontecendo agora?

Sullivan estava virado para o bosque denso a leste — que não era de onde Sampson e eu vínhamos. Ele não estava prestando nenhuma atenção em nós.

Ele deu dois tiros rápidos — e eu ouvi alguém gemer a distância.

Um homem vestido de preto apareceu por um instante; depois caiu no chão. Quem era ele? Depois cinco outros homens saíram correndo do bosque ao norte. Eles tinham escopetas, fuzis Buli Pups e uma Uzi, pelo que consegui ver.

Quem eram aqueles caras?

Como se em resposta à minha pergunta, um deles gritou:

— FBI! Largue sua arma! FBI! Não acreditei.

— Máfia — disse a Sampson. !

— Tem certeza?

— Tenho.

Então todo mundo começou a atirar em todo mundo, como se estivéssemos nas ruas de Bagdá e não em algum lugar da região rural de Massachusetts.

114

Os PISTOLEIROS DA MAFIA, caso eles fossem isso, também atiraram em nós. Sampson e eu revidamos. Assim como o Açougueiro.

Acertei um cara com um sobretudo de couro — o com a Uzi, meu primeiro alvo.

O pistoleiro rodopiou e caiu na terra, mas ergueu a Uzi para atirar novamente. Ele foi atingido bem no peito por uma rajada, e a força o

jogou no chão. Mas não tinha sido eu quem atirara. Sampson, talvez? Ou tinha sido Sullivan que o acertara?

A escuridão era um grave problema para todos. Havia balas voando por toda parte, chumbo cravando nas árvores, ricocheteando nas pedras. O que estava acontecendo no escuro era um caos completo e uma loucura confusa, arrepiante de desafiar a morte.

Os capangas da máfia estavam se espalhando, tentando abrir espaço entre eles, o que seria um problema ainda maior para nós.

Sullivan tinha corrido para a esquerda e estava se protegendo nas árvores e nas sombras.

Sampson e eu tentamos nos esconder o melhor possível atrás de coníferas esquálidas.

Estava com medo de morrermos ali; achava que isso podia acontecer. Havia tiros demais disparados em uma área pequena demais. Aquilo era uma zona mortal. Era como estar fortemente armado, mas enfrentando um pelotão de fuzilamento.

Um pistoleiro da máfia descarregou sua Buli Pup na direção do Açougueiro. Não tinha certeza, mas achava que ele não tinha acertado o alvo.

Não tinha, porque Sullivan se ergueu e acertou o cara da máfia enquanto ele corria de volta para a segurança do bosque. O pistoleiro deu um grito, e depois ficou em silêncio. Eu achava que até então três dos soldados da máfia tinham sido atingidos. Sampson e eu não fomos atingidos, mas não éramos os alvos principais.

E agora? De quem seria o próximo movimento? De Sullivan? De John ou meu?

Então, uma coisa estranha — eu ouvi a voz de um garoto. Uma vozinha gritou:

— Papai! Papai! Onde você está, papai?

115

ESTIQUEI o PESCOÇO e olhei na direção da casa na montanha. Vi dois dos garotos Sullivan descendo correndo os degraus da frente. Eles estavam de pijamas e descalços.

— Voltem! — gritou Sullivan. — Fiquem dentro de casa vocês dois! Entrem!

Então Caitlin Sullivan saiu apressadamente da casa usando um roupão de banho, tentando segurar o filho mais novo, tomando-o nos braços. Ela estava gritando loucamente e para os dois outros garotos voltarem para dentro.

Enquanto isso, tiros por toda parte, estampidos altos que ecoavam na noite. Flashes de luz iluminavam árvores, rochas, corpos caídos na grama.

Sullivan continuava gritando:

— Voltem para casa! Voltem! Caitlin, para dentro com eles! Os garotos não ouviam, simplesmente continuavam a cruzar o gramado na direção do pai.

Um dos pistoleiros virou a arma para as figuras correndo, e eu o acertei na lateral do pescoço. Ele girou, caiu e ficou ali. Eu pensei: Eu acabei de salvar as vidas dos filhos de Sullivan. O que isso significava? Que estávamos quites pelo dia em que ele tinha ido à minha casa e não matou ninguém? Agora deveria atirar em Caitlin

Sullivan por conta de Maria?

Nada fazia muito sentido para mim naquele gramado sujo de sangue.

Outro pistoleiro ziguezagueou em uma retirada rápida até chegar ao bosque. Então se jogou de cabeça nos arbustos. Um último homem estava de pé em campo aberto. Ele e Sullivan se encararam e atiraram um no outro. O soldado girou e caiu, sangue correndo de um ferimento no rosto. Sullivan permaneceu de pé.

Ele se virou para Sampson e para mim.

116

IMPASSE — PELO MENOS POR ORA. Dois segundos? Então o que acontece?

Percebi que o carro de Sampson não era um escudo entre Sullivan e eu. Seus filhos finalmente tinham parado de correr na direção dele. Caitlin Sullivan tinha os dois menores nos braços. O garoto mais velho estava ao lado, parecendo protetor, muito parecido com o pai. Rezei para que o garoto não se metesse naquilo também.

— Sou Alex Cross — disse a Sullivan. — Você foi à minha casa uma vez. Depois você matou minha esposa. Mil novecentos e noventa e três, Washington.

— Sei quem você é — respondeu Sullivan. — Não matei sua esposa. Sei quem a matou.

Então o Açougueiro saiu em disparada na direção do bosque. Eu aponte para as costas dele — era isso — mas não puxei o gatilho. Não consegui.

Não pelas costas. Não com sua esposa e seus filhos ali, não em circunstância alguma.

— Papai — gritou novamente um dos garotos enquanto Sampson e eu partíamos atrás do pai dele. — Continue correndo! Continue correndo!

— Ele é um assassino, Alex — disse Sampson enquanto corríamos por um terreno acidentado com grama alta, pedras soltas, raízes de árvores. — Precisamos pegá-lo.

Você sabe que sim. Não tenha misericórdia do diabo.

Não precisava que me lembrassem. Não seria descuidado.

Mas não atirei quando pude. Eu não tinha derrubado Michael Sullivan quando tive uma chance.

O bosque era escuro, mas havia luar suficiente para perceber formas e alguns detalhes. Talvez conseguíssemos ver Sullivan, mas ele também nos veria.

O impasse continuava. Mas um de nós iria morrer naquela noite. Sabia disso, e esperava que não fosse eu. Mas aquilo tinha de terminar. Já tinha durado tempo demais.

Fiquei pensando em para onde ele estaria correndo — se tinha um plano de fuga ou se haveria uma emboscada.

Nós não tínhamos visto Sullivan desde que ele chegara à linha das árvores. Talvez fosse rápido, ou talvez tenha feito uma curva fechada em outra direção. Quão bem ele conhecia o bosque?

Será que estaria nos observando naquele instante? Preparandose para disparar? Para surgir de trás de uma árvore?

Eu finalmente vi movimento — alguém à frente correndo muito. Tinha de ser Sullivan. A não ser que fosse o cara da máfia que sobrara.

Quem quer que fosse, eu não tinha como atirar. Troncos de árvore demais, galhos e ramos no caminho.

Minha respiração estava entrecortada. Não estava fora de forma, portanto tinha de ser o estresse de tudo o que estava acontecendo. Estava caçando o filho-da-puta que tinha matado Maria. Eu o tinha

odiado por mais de dez anos, e desejei que este dia chegasse. Tinha até rezado por isso.

Mas não tinha disparado o tiro quando pude.

— Onde está ele? — perguntou Sampson ao meu lado. Nenhum de nós conseguia ver o Açougueiro. E nós agora também não conseguíamos ouvi-lo correndo.

Então eu ouvi um rugido de motor — no bosque! Um motor? Que tipo de motor?

De repente, faróis brilharam — dois olhos brilhantes apontados diretamente para nós.

Um carro estava vindo rápido, com Sullivan ou mais alguém encolhido ao volante, seguindo uma trilha que o motorista conhecia bem.

— Atire! — gritou Sampson. — Alex, atire!

117

SULLIVAN TINHA ESCONDIDO um carro no bosque, provavelmente para uma fuga de emergência como aquela. Eu me mantive firme, e dei um, dois, três tiros no pára-bris a do lado do motorista.

Mas o Açougueiro continuou na nossa direção!

O carro era um seda de cor escura. De repente ele diminuiu a velocidade. Tinha acertado?

Corri para frente, tropecei em uma pedra, xinguei em voz alta. Não estava pensando no que fazer, no que não fazer, apenas em como aquilo precisava terminar.

Então vi Sullivan se ajeitar no carro, e ele me viu indo pegá-lo. Tive a impressão de ter visto sua boca se curvar em um sorriso enquanto ele erguia a arma. Eu me agachei no momento em que ele disparou. Ele atirou novamente, mas eu estava fora de sua visão por poucos centímetros.

O carro começou a se mover novamente, o motor em um rugido alto. Guardei a arma rapidamente e o deixei deslizar por mim; então pulei na mala do carro. Agarrei na lateral e fiquei firme, o rosto grudado no metal frio.

— Alex! — ouvi Sampson gritar atrás de mim. — Salte!

Eu não ia fazer isso — não podia.

Sullivan acelerou, mas havia árvores e rochas demais para ele ir muito rápido. Ele acertou uma pedra e o carro deu um pulo; os dois pneus da frente saíram do chão.

Eu quase fui jogado da traseira, mas de algum modo consegui me segurar.

Então Sullivan freou. com força! Eu ergui os olhos.

Ele se virou no banco da frente. Por uma fração de segundos ficamos olhando um para o outro, a um metro e meio de distância, não mais que isso. Podia ver sangue e no lado do seu rosto. Ele tinha sido atingido, talvez um dos meus tiros através do pára-brisa.

Sua arma subiu novamente e ele atirou enquanto eu saltava da traseira do carro. Aterrissei no chão e rolei.

Consegui ficar de joelhos. Saquei a arma e aponte para o carro.

Atirei duas vezes através do vidro lateral. Estava gritando com Sullivan — com o Açougueiro — quem quer que ele fosse. Eu o queria morto. Queria ser o cara a fazer isso.

Isto tem de terminar.

Bem aqui, agora mesmo.

Alguém morre.

Alguém vive. -

118

ATIREI NOVAMENTE NO MONSTRO que tinha matado minha esposa e tantos outros, normalmente de formas inimagináveis, com cutelos, serras, facas de magarefe. Michael "o Açougueiro" Sullivan, morra. Apenas morra, desgraçado. Se alguém na Terra merece morrer é você. Ele agora estava saindo do carro.

O que estava acontecendo? O que ele estava fazendo?

Ele começou a mancar na direção da esposa e dos três filhos. Havia sangue escorrendo por sua camisa, encharcando-a, pingando nas calças e nos sapatos. Então Sullivan

despencou no gramado ao lado da sua família. Ele os abraçou de lado.

Sampson e eu avançamos em uma corrida leve, confusos com o que estava acontecendo, inseguros sobre o que fazer a seguir.

Podia ver manchas de sangue nos garotos, e sobre Caitlin Sullivan. Era o sangue do pai, do Açougueiro. Quando me aproximei, vi que ele

parecia atordoado, como se pudesse apagar ou mesmo morrer. Ele então falou comigo:

— Ela é uma pessoa boa. Não sabia o que eu faço, ainda não sabe. Estes são bons meninos. Afaste-os daqui, da máfia.

Ainda queria matá-lo, e tinha medo de que ele vivesse, mas baixeí minha arma. Não poderia apontá-la para sua mulher e seus filhos.

Sullivan riu, então de repente ergueu a arma para a cabeça da esposa. Ele a arrancou do chão.

— Larguem as armas, ou eu a mato, Cross. Faço isso num piscar de olhos. Eu a mato. Talvez até os garotos. Isso não é um problema para mim. E o que sou.

O olhar no rosto de Caitlin Sullivan não era tanto de surpresa ou choque, mas de uma terrível tristeza e desapontamento com aquele homem que ela provavelmente amava, ou pelo menos tinha amado em algum momento. O garoto mais novo estava gritando com o pai, e era de partir o coração:

— Não, papai, não! Não machuque a mamãe! Papai, porfavor!

— Baixem as armas! — gritou Sullivan.

O que eu podia fazer? Não tinha escolha. Não na minha cabeça, não no meu universo ético. Larguei minha Glock.

E Sullivan fez uma reverência.

Então um tiro saiu de sua arma.

Senti um golpe forte no peito e fui arrancado do chão. Durante talvez um segundo eu fiquei na ponta dos pés. Dançando? Levitando? Morrendo?

Ouvi uma segunda explosão — e então não entendi mais nada. Sabia que iria morrer, que nunca veria minha família novamente, e que só podia culpar a mim mesmo.

Fui avisado muitas vezes. Eu simplesmente não tinha escutado.

Chega de Matador de Dragões.

Eu ESTAVA ERRADO. Não morri naquela noite do lado de fora da casa do Açougueiro, embora não possa dizer que tenha me esquivado de outra bala.

Fui baleado gravemente, e passei o mês seguinte no Massachusetts General Hospital de Boston. Michael Sullivan fez sua reverência, mas então Sampson o acertou duas vezes no peito. Ele morreu ali, na casa.

Não lamento isso. Não tenho simpatia pelo Açougueiro. E isso provavelmente significa que não mudei tanto quanto eu queria, que pelo menos ainda sou o Matador de Dragões.

Atualmente, quase todos os dias, depois de ver os pacientes, eu tenho uma sessão com Adele Finaly. Ela cuida de mim tão bem quanto qualquer um conseguiria. Certo dia, contei a ela sobre o tiroteio final na casa de Sullivan e de como queria a satisfação da vingança e da justiça, mas não a consegui. Adele diz que compreende, mas ela não tem nenhuma simpatia, nem por Sullivan nem por mim. Ambos vemos as ligações óbvias entre mim e Sullivan. Então um de nós morre em frente à sua família.

— Ele me disse que não matou Maria — conto a Adele durante a sessão.

— E daí, Alex? Você sabe que ele era um mentiroso. Um psicopata. Assassino. Sádico. Um monte de merda.

— Sim, tudo isso e ainda mais. Mas acho que acredito nele. Acredito. Eu simplesmente ainda não entendo o que isso significa. É outro mistério a resolver.

Em outra sessão falamos sobre uma viagem de carro que fiz até Wake Forest, Carolina do Norte, que fica ao norte de Raleigh. Fui no R350, o carro da família, o veículo crossover. Fui até lá para visitar Kayla Coles, falar com ela, olhar nos seus olhos enquanto ela falava comigo.

Kayla estava em ótima forma, mental e física, e disse que gostava da sua vida lá mais do que tinha esperado. Ela me contou que iria ficar em Raleigh.

— Há muitas pessoas para ajudar aqui na Carolina do Norte, Alex — disse ela. — E a qualidade de vida, pelo menos para mim, é melhor que em Washington. Fique um pouco e veja.

— Foi um convite que Kayla fez a você? — pergunta Adele após um silêncio entre nós.

— Talvez tenha sido. Um convite que ela sabia que eu não iria aceitar — digo.

— Por quê?
— Por quê? Porque... eu sou Alex Cross.
— E isso não vai mudar, não é? Estou apenas perguntando. Não como terapeuta, Alex, como sua amiga.
— Não sei se é assim. Eu quero mudar algumas coisas em minha vida. Por isso estou aqui. Além do fato de que eu acho que gosto de partilhar a brisa com você. Tudo bem, a resposta é não, eu não vou mudar tanto assim.
— Porque você é Alex Cross?
— Sim.
— bom — diz Adele. — É um começo. E, Alex... — Sim?
— Eu também gosto de partilhar a brisa com você. Você é único.

120

MAIS UM MISTÉRIO A RESOLVER.

Certa noite de primavera, Sampson e eu caminhávamos pela Fifth Street, simplesmente passeando juntos. De modo agradável, como sempre foi conosco. Estávamos com duas cervejas em sacos de papel. Sampson usava óculos de sol Wayfarer e uma velha boina Kangol que eu não via na sua cabeça grande havia anos.

Passamos por velhas casas de tábuas que estavam lá desde que éramos garotos e não pareciam muito diferentes, embora boa parte de Washington tivesse mudado enormemente, para o bem e para o mal, e algo entre os extremos.

— Eu estava preocupado com você lá no hospital — disse ele.

— Eu estava preocupado comigo. Estava começando a adquirir o sotaque de Massachusetts. Todos aqueles 'W' abertos. E estava me tornando politicamente correto.

— Tem uma coisa que preciso falar com você. Tem estado muito na minha cabeça.

— Estou escutando. Bela noite para uma conversa.

— Difícil entrar nela, começar. Isso aconteceu, talvez, dois ou três meses depois de Maria ter sido morta — continuou Sampson.

— Você se lembra de um camarada da vizinhança, Clyde Wills?

— Lembro-me muito bem de Wills. Traficante de drogas com grandes ambições. Até ser morto e jogado num contêiner de lixo atrás de um

Popeyes Chicken, se bem me lembro.

— Isso mesmo. Wills era informante de Rakeem Powell quando Rakeem era detetive na 103.

— Ora, ora. Não me surpreende Wills jogar de ambos os lados da rua. Aonde isso vai levar?

— É o que eu vou te contar, docinho. É o que estou tentando fazer. Clyde Wills descobriu algumas coisas sobre Maria, como, por exemplo, quem poderia tê-la matado — continuou Sampson.

Ele não disse nada, mas eu senti um frio na espinha. Continuei andando, as pernas um pouco inseguras.

— Não foi Michael Sullivan? — perguntei. — Exatamente como ele disse.

— Naquela época ele tinha um parceiro — disse Sampson. — Um cara durão de sua antiga vizinhança no Brooklyn chamado James "Hats" Galati. Galati foi quem atirou em Maria. Sullivan não estava lá. Ele pode ter mandado Galati fazer. Ou talvez Galati estivesse atirando em você.

Não disse nada. Para ser honesto, não podia. Ademais, queria deixar Sampson terminar o que ele tinha vindo fazer. Ele estava olhando diretamente para frente enquanto andava e falava, sem olhar uma só vez para mim.

— Rakeem e eu investigamos. Demorou algumas semanas, Alex. Demos duro no caso. Chegamos mesmo a ir ao Brooklyn. Mas não conseguimos encontrar nenhuma prova contra a Galati. Mas nós sabíamos que ele tinha feito. Ele tinha falado sobre o assassinato com alguns amigos em Nova York. Galati tinha feito treinamento de atirador de elite no exército, em Fort Bragg.

— Você conheceu Anthony Mullino naquela época, não é? Por isso ele se lembrava de você.

Sampson anuiu.

— Então eis a coisa, a coisa que eu tenho carregado desde então. Eu tenho muita dificuldade só para dizer isto agora. Nós pegamos o 248 vagabundo, Alex. Rakeem e eu matamos Jimmy Galati certa noite no Brooklyn. Nunca fui capaz de lhe dizer isso, até agora. Tentei na época. E quis novamente quando começamos a procurar por Sullivan. Mas não consegui.

— Sullivan era um assassino, era muito mau — eu disse. — Ele precisava ser apanhado.

Sampson não falou mais nada, nem eu. Caminhamos mais um pouco; depois ele se afastou e foi para casa, acho, pelas mesmas ruas nas quais crescemos juntos. Ele tinha a cuidado do assassino de Maria por mim. Tinha feito o que achava certo, mas sabia que eu não poderia viver com isso. Então ele nunca me contou, nem mesmo quando estávamos caçando Sullivan. Eu não entendi muito bem a última parte, mas você nunca entende tudo. Talvez eu pergunte a John sobre isso algum dia.

Naquela noite, em casa, não consegui dormir, e não conseguia pensar direito. Até que entrei e fiquei novamente com Ali. Ele dormia como um anjo, sem nenhuma preocupação no mundo.

Fiquei deitado ali, e pensei no que Sampson tinha me contado e em como eu o amava, não importava o que tinha acontecido. Então pensei em Maria e em quanto a amara.

Você me ajudou muito-, sussurrei para minha lembrança dela. Você me tornou menos agressivo. Me ensinou como acreditar no amor, a saber que isso existe, não importa como seja difícil encontrar. Então, me ajude agora, Maria... Preciso superar você, minha querida. Você sabe o que quero dizer. Eu preciso superar você para poder recomeçar a minha vida.

De repente ouvi uma voz no escuro, e isso me assustou, porque eu estava em algum outro lugar na minha mente, longe do presente.

— Papai, você está bem?

Abracei Ali levemente junto ao meu peito.

— Agora eu estou bem. Claro que estou. Obrigado por perguntar. Eu te amo, garoto.

— Eu te amo, papai. Eu sou seu rapazinho — disse ele. É. Isso é o que importa.

EPÍLOGO

DE ANIVERSÁRIO DE ALGUÉM

121

ENTÃO É ASSIM QUE MINHA nova vida começa, ou talvez apenas como ela continua, de história a história. Basicamente está bastante bom e agradável hoje, porque é o aniversário de Nana, embora ela se recuse a dizer qual, ou mesmo sobre qual década estamos falando.

Seja como for, decididamente é a noite dela, sua semana de aniversário, como diz, e pode fazer o que quiser. Assim como em todos os outros dias do ano, penso comigo mesmo — e guardo para mim.

A determinação de sua alteza é que "os rapazes" preparem o jantar, portanto Damon, Ali e eu vamos ao mercado e passamos a maior parte da tarde fazendo dois tipos de frango frito, biscoitos caseiros, milho cozido, feijão-manteiga, galantina de tomate.

O jantar é servido às sete, e inclui um belo Bordeaux, com um gole até para as crianças.

— Feliz cem anos — digo, erguendo a taça.

— Tenho meus próprios brindes a fazer — diz Nana, se erguendo. — Olho ao redor de nossa mesa, e tenho de dizer que amo nossa família mais que nunca, e me sinto orgulhos a e sortuda de fazer parte dela. Especialmente em minha idade. Qualquer que seja ela, mas que não é cem anos.

— Ouçam, ouçam — concordamos todos, e batemos palmas como aqueles macaquinhos de brinquedo com os pratos.

— Este é para Ali, que está lendo livros sozinho e já consegue amarrar os cadarços como um verdadeiro campeão — continua Nana.

— Ao Ali! Ao Ali! — canto eu. — Amarrando aqueles cadarços.

— Damon tem muitas opções maravilhosas nas quais pensar na vida. Ele é um belo cantor, um excelente aluno; quando se dedica. Eu te amo, Damon.

— Eu te amo, Nana. Você esqueceu a NBA — disse Damon.

— Eu não esqueci a National Basketball Association — acena Nana na direção dele. — Você tem a mão esquerda fraca. Trabalhe nisso como um demônio, se quiser jogar numa categoria melhor.

Então continua:

— Minha menina, Janelle, é outra aluna excelente, e não faz isso por mim ou pelo pai; faz por conta própria, por si mesma. Me orgulho em dizer que Janelle governa a Janelle.

Então Nana se senta e ficamos todos um tanto surpresos, mas especialmente eu, já que não fui sequer mencionado. Eu nem mesmo sabia que estava na lista negra dela até então.

— Ah, quase esqueci alguém. Alex passou pelas mudanças mais profundas entre todos este ano, e sabemos como é difícil um homem mudar. Ele tem seu consultório novamente, e está se dando aos outros. Trabalhando na cozinha do St. A, também, embora seja difícil fazê-lo entrar em minha cozinha.

— Quem preparou este jantar?

— Os rapazes fizeram um ótimo trabalho. Estou muito orgulhosa de nossa família, e sei que estou me repetindo, Alex. Estou muito orgulhosa de você. Você é um enigma.

Mas é sempre uma grande alegria para mim. Deus abençoe os Cross.

— Deus abençoe os Cross! — concordamos, em uníssono. Mais tarde, naquela noite, eu coloquei Ali para dormir, como tinha passado a fazer, e fiquei na cama dele mais alguns minutos. O garoto teve um grande dia, e apagou imediatamente.

Então o telefone tocou, eu pulei e corri para o corredor. Eu o tirei da base.

— Residência da família Cross — atendi, no clima do dia.

— Houve um assassinato — ouço, e sinto um nó no estômago. Espero um pouco antes de dizer algo.

— Por que está telefonando para mim? — pergunto.

— Porque você é o Cross, e eu sou o assassino.